AVIVAMENTO

D. Martyn Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 São Paulo - SP

Título original:
Revival

Editora:
Crossway Books
(Primeira edição em inglês - Pickering and Inglis Ltd.)

Copyright:
Lady E. Catherwood

Tradução do Inglês:
Inge Koenig

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:
1992
Segunda edição:
1993

Composição e impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Prefácio J. I. Packer 09
1. A Urgente Necessidade de Avivamento Hoje em Dia 11
2. Obstáculos ao Avivamento 25
3. Incredulidade 37
4. Impureza Doutrinária 47
5. Ortodoxia Defeituosa 59
6. Ortodoxia Morta 72
7. Inércia Espiritual 85
8. Esperando Avivamento 97
9. Características do Avivamento 110
10. O Propósito do Avivamento 123
11. Os Efeitos do Avivamento 137
12. Como o Avivamento Acontece 153
13. Oração e Avivamento 166
14. Pelo Que Devemos Orar num Avivamento 178
15. As Verdadeiras Razões para Avivamento 191
16. O que Acontece num Avivamento 203
17. A Glória de Deus Revelada 216
18. A Bondade de Deus Manifesta 229
19. A Glória de Deus na Face de Jesus 241
20. Um Fardo por Avivamento 254
21. Deus Rompe as Barreiras 267
22. A Grande Oração por Avivamento 281
23. O Profundo Fervor da Oração por Avivamento 294
24. Avivamento: A Presença do Espírito de Deus entre Nós 307

Nota dos Editores

Os capítulos deste livro foram originalmente apresentados pelo Dr. Lloyd-Jones na forma de uma série de mensagens por ocasião do centenário do avivamento que ocorreu em 1859 no País de Gales. O Avivamento Galês foi um grande derramamento do Espírito Santo que teve um profundo impacto no País de Gales e em toda a Inglaterra. Foi paralelo a eventos similares que aconteceram na metade do século dezenove na América e em outras partes do mundo. De muitas formas esse avivamento oferece um modelo ou padrão ideal para avivamentos que venham a ocorrer em qualquer outra época ou lugar, através da operação do Espírito Santo.

Nos capítulos que seguem, quando o Dr. Lloyd-Jones fala do avivamento como tendo ocorrido "há cem anos atrás," ele está referindo-se, naturalmente, aos eventos de 1859, cem anos antes destas mensagens terem sido pregadas.

Crossway Books

Ao considerarmos a condição espiritual do mundo – e especialmente a do Brasil – nesta última década do século vinte, não hesitamos em afirmar que a profunda convicção dos responsáveis desta editora é que não há assunto de maior importância e urgência do que o deste livro.

Não vemos nenhuma possibilidade de uma mudança radical, benéfica e duradoura neste grande país à parte de uma visitação poderosa do Espírito Santo. Portanto, é com fervorosa oração que lançamos este novo título por Dr. Lloyd-Jones, na esperança que seja um instrumento nas mãos de Deus para nos conduzir àquela atitude de coração e mente que abrirá o caminho para o avivamento que tanto necessitamos.

Publicações Evangélicas Selecionadas

Prefácio

É um grande privilégio para mim, apresentar aos leitores americanos os sermões do falecido Dr. Martyn Lloyd-Jones sobre avivamento. Nenhum outro assunto era mais chegado ao seu coração, nem ao meu, e creio que não houve, em nossa época, alguém que tratasse do assunto mais profundamente do que o Dr. Lloyd-Jones fez através desta série de mensagens pregadas na Capela de Westminster, em Londres, durante o centenário do avivamento britânico de 1859. "O Doutor" ansiava que Deus usasse a celebração do centenário para despertar no Seu povo uma renovada sede por avivamento, e aqui ele prega com este propósito. Apesar de ter falecido em 1981, ele ainda prega através de suas palavras em forma impressa - e com a mesma relevância, eu creio, como quando as mensagens foram pregadas originalmente.

O Dr. Lloyd-Jones foi um pregador assíduo, e um pregador extraordinário. Por mais de quarenta anos ele produziu dois sermões por semana, cada um deles com a duração de quarenta a sessenta minutos; e houve uma época em que produziu até três. Seu método invariável era uma exposição das Escrituras em larga escala, mas ele insistia em afirmar que era, acima de tudo, um evangelista. A proclamação, defesa e aplicação do evangelho do Novo Testamento como a última e mais profunda palavra a respeito de Deus e do homem era, de um ponto de vista, o escopo do seu ministério.

Ele apresentou o evangelho em majestosa escala, relacionando-o a todo o conjunto da verdade bíblica, a todos os aspectos da vida humana e expressou ao máximo o talento do evangelista ao apresentar a "velha, velha história" de forma nova e vigorosa através das intermináveis variações de um grupo de temas que, em sua opinião, revolviam em torno das realidades centrais da expiação de Cristo na cruz e da regeneração pelo Espírito. Entre esses temas estavam a loucura da sabedoria e da imprudência do mundo; a inadequabilidade de uma religião do coração sem a mente, ou da mente sem coração, ou palavras sem obras, ou forma exterior sem mudança interior; a condição alquebrada da Igreja atual, e o efeito enfraquecedor da confiança em técnicas evangelísticas e pastorais (tecnologia religiosa, poderíamos dizer); e a necessidade de avivamento - ou seja, uma visitação divina

vivificadora - como o único evento que pode, em última análise, evitar desastre espiritual. A urgência dos sermões deste livro dá testemunho da profundidade de sua convicção de que sem avivamento na Igreja, não há qualquer esperança para o mundo ocidental.

Avivamento, para "o Doutor", significava mais do que evangelismo que resulta em conversões, mais do que entusiasmo, animação e um orçamento equilibrado na igreja local. O que ele estava buscando era a nova qualidade de vida espiritual que vem através do conhecimento da grandeza e da proximidade do nosso santo, gracioso Criador - algo que em outra época seria chamado *expansão do coração*, o que em geral começa com um senso mais profundo do poder e da autoridade de Deus na pregação da mensagem bíblica. Ele tinha experimentado isso num certo nível em sua congregação no sul do País de Gales, e o estudou no ministério de homens como Whitefield e Edwards, nos anais do avivamento no País de Gales em 1859 e novamente em sua infância em 1904; todavia o percebeu de forma suprema no testemunho do Novo Testamento a respeito da intensidade e profundidade da era pós-pentecostal da qual advieram os escritos apostólicos. Isso, e nada menos do que isso, era o que avivamento significava para ele.

A visitação divina que vivifica, argumentava ele, não pode ser precipitada por esforços humanos, embora nossa indiferença possa apagar o Espírito e bloquear o avivamento. Reconhecer nossa presente incapacidade e clamar a Deus por tal visitação é, do ponto de vista dele, uma prioridade suprema para a Igreja hoje em dia. Mas não pensaremos nisso enquanto não captarmos a necessidade de avivamento, e isso não acontecerá até que compreendamos que nada mais pode nos ajudar. Auto-confiança, contudo, atualmente oculta isso de nós. Será que isso vai mudar?

Foi um desapontamento para "o Doutor" ter visto tão poucas manifestações de avivamento durante a sua vida. Foi um desapontamento para ele que tantos daqueles que se entusiasmaram com estes sermões quando ele os pregou, logo voltaram sua atenção para outras coisas, colocando de lado a idéia de avivamento. Será sua mensagem levada mais a sério agora que está impressa? Eu creio que deveria ser. Pergunto-me se será; e espero que seja.

J. I. Packer

1

A Urgente Necessidade de Avivamento Hoje em Dia

E quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram à parte; por que o não pudemos nós expulsar? E disse-lhes: esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum (Marcos 9:28-29).

Quero chamar sua atenção para estes dois versículos, e para o segundo em particular, para que juntos possamos considerar o grande tema do avivamento, e da necessidade, da urgente necessidade de um avivamento na Igreja de Deus na época atual, pois estou convencido que esta é uma questão de grande urgência. Num sentido, é claro, toda pregação deveria promover avivamento, e é somente à medida que nós, como cristãos, entendemos as doutrinas da fé cristã, que poderemos realmente esperar ver a necessidade de avivamento e, portanto, orar por ele. Parece-me, porém, que há certas considerações que exigem um tratamento especial, direto e explícito, deste assunto no momento.

A primeira destas considerações é a tremenda necessidade. Mas também tenho uma razão subsidiária para chamar sua atenção para esta questão - ou seja, que estamos no ano de 1959, um ano em que muitos estarão lembrando e celebrando o aniversário do grande avivamento, o grande despertamento religioso, o notável derramamento e manifestação do Espírito de Deus, que ocorreu há cem anos atrás, em 1859. Naquele ano houve um avivamento, primeiro nos Estados Unidos da América, depois na Irlanda do Norte, no País de Gales, em partes da Escócia, e até mesmo em certas partes da Inglaterra. E este ano muitos irão lembrar e comemorar aquele grande e memorável movimento do Espírito de Deus. Creio que é apropriado que participemos disso, que entendamos a razão disso, e por que a Igreja de Deus deveria preocupar-se com isso, neste momento crítico. Isto é obviamente uma questão para a Igreja como um todo, e não somente para alguns dos seus líderes. Os avivamentos através da história demonstram isso claramente, pois Deus muitas vezes age de forma muito incomum, e

produz avivamento, e o promove e mantém não necessariamente através de ministros, mas através de pessoas que talvez tenham se considerado a si mesmas como membros humildes e sem importância da Igreja Cristã.

A Igreja é constituída de tal forma que cada membro é importante, e sua importância é vital. Por isso também chamo sua atenção para este assunto, em parte porque sinto que há uma curiosa tendência, hoje em dia, de membros da Igreja Cristã sentirem e pensarem que podem, por si mesmos, fazer muito pouco, e assim tendem a depender de outros para fazerem tudo por eles. Isto, naturalmente, é algo que é característico da vida moderna. Por exemplo, homens e mulheres não participam mais de esportes como costumavam. Em vez disso, hoje ficam na audiência, assistindo, enquanto outros jogam. Houve uma época em que as pessoas providenciavam seu próprio entretenimento, porém hoje dependem do rádio e da televisão para se distraírem. E receio que esta tendência está se manifestando até mesmo na Igreja Cristã. Dia a dia é mais evidente que a grande maioria está simplesmente cruzando os braços e esperando que uma ou duas pessoas façam tudo que é necessário. Ora, obviamente isso é uma negação completa de tudo que o Novo Testamento apresenta a respeito da doutrina da Igreja como o Corpo de Cristo, em que cada membro tem responsabilidades, tem uma função, e é de importância vital. Vocês podem ler a grande exposição desta doutrina pelo apóstolo, por exemplo em I Coríntios, capítulo 12, onde ele declara que nossos membros menos decorosos são tão importantes quanto os mais atraentes, que cada membro do corpo deve operar, deve estar preparado para ser usado pelo Mestre, e estar sempre pronto para ser usado.

Essa é a razão porque eu creio que esta é uma questão que realmente merece a urgente atenção de cada um de nós. Na verdade, não hesito em afirmar que, a não ser que nós, individualmente como cristãos, sintamos uma preocupação séria acerca da condição da Igreja e do mundo hoje em dia, então somos cristãos muito medíocres. Se nos associamos com a Igreja Cristã simplesmente para recebermos ajuda pessoal, e nada mais, então somos meras crianças em Cristo. Se experimentamos crescimento em nossa vida cristã, então devemos ter uma preocupação a respeito da situação, uma preocupação a respeito da condição da sociedade, uma preocupação a respeito da condição da Igreja, e uma preocupação a respeito da armadura do Deus Todo-poderoso. Esta é, repito, uma questão que deve atingir a todos nós.

Vamos então começar considerando este incidente em Marcos, capítulo 9, e especialmente estes dois versículos no final do texto que

constituem uma espécie de epílogo da história. No início do capítulo lemos que nosso Senhor chamou a Pedro, Tiago e João, e subiu a "um alto monte para estar a sós" com eles. E naquele Monte da Transfiguração eles testemunharam os incríveis eventos que sucederam ali. Mas quando desceram da montanha, encontraram uma multidão rodeando os outros discípulos, discutindo e argumentando. Eles não entenderam o que estava acontecendo, até que um homem veio a eles e disse, "De certa forma sou eu o responsável por tudo isso. Eu tenho um filho, um pobre menino que desde a infância tem sido sujeito a ataques e convulsões." (Não é importante o que eram esses ataques.) E ele continuou, "E eu o trouxe comigo para que o curasses. Trouxe-o aos Teus discípulos e eles nada puderam fazer. Eles tentaram, mas falharam."

Nosso Senhor, vocês se lembram, fez algumas perguntas ao homem, obteve certas informações e simplesmente passou a expulsar o demônio do menino, e ele foi curado e restaurado num instante.

Tendo feito isso, nosso Senhor entrou na casa, e os discípulos entraram com Ele. E quando estavam na casa, os discípulos se voltaram para o Senhor e perguntaram: "Por que nós não pudemos expulsá-lo?" É fácil entender seus sentimentos. Eles tinham tentado, tinham feito o melhor que podiam, mas falharam. Eles tinham sido bem sucedidos em muitos outros casos. Todavia neste falharam completamente. No entanto, num instante, e com muita facilidade, nosso Senhor falou apenas uma palavra e o menino foi curado. "Por que não pudemos nós expulsá-lo?" eles perguntaram, e nosso Senhor respondeu, "Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum."

Quero tomar esta história e usá-la como uma perfeita representação da nossa condição atual. Aqui, neste menino, vejo o mundo moderno, e nos discípulos vejo a Igreja de Deus, como está nesta hora presente. Acaso, não é óbvio para todos nós que a Igreja está falhando, que não tem o mesmo impacto que tinha em tempos passados, como muitos de nós podemos lembrar? Certamente ela não tem o impacto que tinha setenta, oitenta ou cem anos atrás. A situação atual é um testemunho eloqüente deste fato. E aqui está a Igreja, certamente tentando, como os discípulos, fazer o melhor possível, talvez, num sentido, mais ativa do que nunca, e no entanto claramente falhando em tratar da situação. E assim podemos entender muito bem os sentimentos dos discípulos: conscientes do seu fracasso, cientes de certas coisas que aconteceram anteriormente e que indicavam a possibilidade de sucesso, e contudo não alcançando sucesso. Devido a isso, a pergunta que fazemos, ou

que certamente deveríamos fazer, e com urgência, é: "Por que nós não podemos expulsá-lo? Qual é o problema? Qual é a causa deste fracasso? Qual é a explicação desta situação que estamos confrontando?"

Aqui, nesta história, parece-me que nosso Senhor está tratando dessa questão. E os princípios que Ele apresentou nessa ocasião são tão vitais e importantes hoje quanto eram quando Ele os estabeleceu naquele dia. Felizmente para nós, eles se dividem de forma muito simples em três categorias principais. Por que não pudemos nós expulsá-lo? A primeira resposta é: "esta casta". Aqui temos uma declaração muito significativa. Por que não pudemos expulsá-lo? "Oh", diz nosso Senhor, "esta casta não pode sair senão por jejum e oração." Ele lhes está dizendo, em outras palavras, que a primeira coisa que precisam aprender é a diferenciar entre um caso e outro. Claramente o que estava subentendido na pergunta dos discípulos era: nosso Senhor os havia enviado a pregar e expulsar demônios, e eles tinham ido e tinham pregado e expulsado muitos demônios. Na verdade, lemos em Lucas, capítulo 10, que numa ocasião eles tinham sido tão bem sucedidos e regressaram com tanto entusiasmo, ao ponto de se tornarem culpados de orgulho. Nosso Senhor teve que repreendê-los, dizendo, "Mas não vos alegreis por que se vos sujeitam os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus" (Lucas 10:20). Estavam cheios de júbilo e exultação. Disseram que até os demônios se submetiam a eles, e tinham visto Satanás cair diante deles.

Então, nesta ocasião, quando este homem lhes trouxe o seu menino, eles encararam o problema com grande confiança e segurança. Não tinham dúvida alguma de que seriam bem sucedidos. E no entanto, apesar de todos os seus esforços, o menino não melhorou, e sua situação continuou tão desesperadora como quando o pai o trouxe a eles. Assim, naturalmente, eles estavam em apuros, e nosso Senhor os ajudou neste ponto. Ele disse: "Esta casta." Há uma diferença entre "esta casta" e a casta com a qual vocês trataram até agora, e com a qual foram tão bem sucedidos.

Este é um princípio que não podemos deixar de notar em nossa leitura do Novo Testamento. Em última análise, é claro, o problema é sempre o mesmo. Este, como os demais, era um caso de possessão demoníaca. Ah, sim, mas há uma diferença, por assim dizer, entre demônio e demônio. Naquele reino maligno há graus, há uma espécie de hierarquia. Vocês se lembram como o apóstolo Paulo o explicou em Efésios, capítulo 6: "Porque não temos que lutar contra a carne e o

sangue..." Contra o quê, então? "...contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Há uma escala, e no topo de tudo está Satanás, o "príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Ef. 2:2). Ali está ele, com todo o seu grandioso poder. Debaixo dele, porém, estão todos estes vários outros espíritos, que variam muito em força e poder. Portanto, os discípulos podiam cuidar com facilidade dos demônios menos poderosos, dominá-los e expulsá-los. Mas aqui, diz nosso Senhor, está um espírito de poder superior. Ele não é como esses outros espíritos mais fracos, que vocês foram capazes de dominar. Esta casta é diferente, e portanto constitui um problema muito maior.

É importante que compreendamos este princípio, pois ele é tão verdadeiro hoje como outrora. A primeira coisa, portanto, que devemos considerar é este problema de diagnóstico. "Esta casta." O problema com os discípulos era que eles tentaram tratar do problema antes de compreenderem a natureza do mesmo. E aqui está a lição que a Igreja precisa aprender na época presente. Somos todos tão atuantes; estamos sempre tão ocupados. Afirmamos que somos pessoas práticas. Não estamos interessados em doutrina, e temos que estar constantemente fazendo alguma coisa; assim corremos para o nosso próximo compromisso. E talvez esta seja a razão principal do nosso fracasso. Não paramos para considerar "esta casta". Talvez não estejamos tão conscientes quanto deveríamos a respeito da verdadeira essência do problema que nos confronta. Mas é uma regra e princípio universal que é loucura, e desperdício de energia, tentar qualquer tipo de tratamento antes de termos primeiro estabelecido um diagnóstico correto. Naturalmente, é um alívio poder fazer alguma coisa. Lembro sempre de pessoas que, durante a última guerra, confessavam que o que realmente não podiam suportar era simplesmente ficarem sentadas num abrigo anti-aéreo. Sentiam que a pressão era intolerável, e que iam enlouquecer! Mas se tão-somente conseguissem se levantar e andar, ou fazer alguma coisa, imediatamente se sentiam melhor. É um grande alívio, ter alguma coisa para fazer. Mas nem sempre é inteligente simplesmente fazer alguma coisa. Há este perigo, de nos lançarmos numa atividade antes de compreender a natureza do problema que estamos enfrentando.

Assim, ao examinarmos a expressão "esta casta", eu me pergunto se, como cristãos, estamos conscientes da profundidade do problema que confrontamos, num sentido espiritual, na presente época. Faço esta pergunta porque me parece tão claro, a julgar pelas atividades de

muitos, que eles nem sequer começaram a entendê-lo. Eles continuam a usar certos métodos que foram bem-sucedidos no passado, e colocam toda a sua fé neles, sem compreender que, além de não serem bem sucedidos, eles não podem ser, por causa da natureza do problema que estão enfrentando. Não é suficiente que estejamos conscientes de uma certa necessidade geral, porque essa está sempre presente. Quando este homem trouxe o seu menino aos discípulos, a necessidade era óbvia, mas isso também fora o fato em outros casos em que eles foram bem sucedidos. A necessidade é comum a todos, portanto, o mero fato de termos consciência dela nada diz. Nosso problema é a natureza precisa desta necessidade; qual é o seu caráter, exatamente? E é aqui que devemos pensar e compreender que precisamos de certa perspicácia e compreensão em nossa aproximação, a fim de podermos fazer um diagnóstico.

Permitam-me dar uma ilustração para explicar o que tenho em mente. Imaginem que vocês estão andando ao longo de uma estrada rural, e de repente vêem um homem deitado à beira da estrada. Ele não se move quando vocês se aproximam, portanto, é óbvio que não ouviu vocês se aproximarem, e vocês chegam à conclusão de que esse homem está num estado de inconsciência. Muito bem, todos estão de acordo com isso. Sim, mas a questão que realmente importa é: por que esse homem está deitado ali num estado de inconsciência? Porque há muitas razões possíveis para isso. Uma delas é que o homem saiu para uma caminhada muito longa, e de repente sentiu-se tão cansado que não pôde prosseguir. Então ele resolveu descansar, e caiu no sono, e está dormindo tão pesadamente que não ouviu vocês se aproximando.

Mas há outras explicações possíveis. O homem talvez esteja nessa condição porque ficou doente subitamente. Talvez tenha tido uma hemorragia no cérebro, que o deixou inconsciente. Ou ele talvez esteja nessa condição inconsciente devido ao efeito de alguma droga. Ele talvez tenha tomado alguma bebida alcoólica em excesso, ou alguma outra droga. Ou está envenenado. Não preciso mencionar outras possibilidades. Meu ponto é que, se vocês quiserem ajudar esse homem, não é suficiente apenas dizer que ele está inconsciente. Vocês precisam descobrir exatamente a causa da sua inconsciência. Mesmo se for o caso de ele simplesmente estar dormindo, bem pode ser devido estar chovendo e ele correr o risco de se molhar e pegar um resfriado. Portanto, se vocês quiserem ajudá-lo, tudo que precisam fazer é sacudi-lo e gritar, e ele acordará. E quando lhe disserem que está pondo a sua saúde em risco por dormir assim na chuva, ele será muito grato a vocês e terão resolvido o problema sem ter que fazer mais nada. Mas

se o homem está drogado, ou se está sob a influência de algum veneno, então sacudi-lo e gritar não vai ajudá-lo. Se isso é verdade, então a situação é mais séria, e se vocês realmente vão fazer alguma coisa para ajudar o homem, precisarão tomar medidas para contra-atacar o veneno em seu sistema, e administrar certos antídotos, e proceder para com ele de acordo com a necessidade. Ou se ele está sofrendo de alguma doença, então o tratamento deverá ser diferente.

Aí, eu creio, vemos um quadro da importância de se estabelecer um diagnóstico claro. Oh, sim, todos estão conscientes de que há uma necessidade, porém a questão é: qual é a necessidade? É isto que demanda a nossa atenção urgente nesta hora, e me parece que, até que a Igreja Cristã, até que o povo cristão, como indivíduos na Igreja, se conscientize da natureza do problema, não poderemos começar a tratar dele como devemos. E aqui vejo uma diferença muito grande entre hoje e duzentos anos atrás, ou mesmo cem anos atrás. A dificuldade no passado era que homens e mulheres estavam num estado de apatia. Estavam mais ou menos adormecidos. Há duzentos anos atrás, certamente não havia uma negação geral da verdade cristã. O problema era que as pessoas não se preocupavam muito em praticá-la. Elas mais ou menos a assumiam. E, de certa forma, tudo que era preciso fazer com elas era despertá-las e perturbá-las para tirá-las de sua letargia. Esta também era a posição há cem anos atrás, e no fim da era vitoriana. Tudo que era necessário, naquela época, era uma campanha ocasional para despertar as pessoas. E isso parecia ser suficiente.

Entretanto, a questão é se esta ainda é a situação. Estamos certos se diagnosticamos ser essa a situação na época atual? O que é "esta casta"? Qual é o problema que está nos confrontando? Eu sinto que, ao examinarmos isto a fundo, veremos que o problema que enfrentamos é muito mais profundo e desesperador do que aquele que a Igreja Cristã enfrentou por muitos séculos. Digo isso porque o nosso problema não é apatia, não é uma simples falta de preocupação ou falta de interesse. É algo muito mais profundo. Parece-me que é uma completa inconsciência, até mesmo uma negação total, do espiritual. Não é somente apatia, não é que as pessoas no fundo realmente sabem o que é certo e verdadeiro mas não estão fazendo nada a respeito. Não, a própria idéia do espiritual desapareceu. A própria fé em Deus praticamente desapareceu. Não precisamos, neste ponto, buscar as causas disso, porém o fato é que, devido a certos supostos conhecimentos científicos, o homem comum hoje pensa que toda essa crença em Deus, religião, salvação, e tudo que pertence à esfera da Igreja, é algo

que deveria ser totalmente posto de lado e esquecido. Ele crê que isso tem sido um pesadelo para a natureza humana através dos séculos, algo que tem impedido o desenvolvimento e avanço da raça humana, e que deveria ser descartado. O homem moderno não tem paciência com tudo isso. Ele não gosta da idéia e a rejeita completamente.

Ora, certamente isso é algo que deveríamos reconhecer. É muito difícil para nós, por sermos cristãos e por estarmos interessados nestas coisas, compreender a mentalidade e a atitude daqueles que não pertencem à Igreja Cristã, porém isso, penso eu, é o que eles estão pensando. Não somente isso, a autoridade da Bíblia não é mais reconhecida. No passado as pessoas reconheciam a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Não a praticavam nem ouviam seus ensinos, mas se vocês lhes perguntassem o que pensavam dela, essas pessoas admitiriam que, sim, era um "bom livro", o livro de Deus, e, sim, elas sentiam que eram pecadoras. Contudo não é mais o caso. A Bíblia é considerada um livro comum, que deve ser tratado como qualquer outro livro. É somente literatura, que deve ser criticada, analisada, e sujeita ao nosso conhecimento histórico e científico - apenas um livro entre outros livros. A Bíblia não é mais reconhecida como a divina, inspirada Palavra de Deus.

Considerem as verdades essenciais relativas ao nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Já não crêem mais nelas como criam antigamente. Ele é considerado apenas um homem entre os homens, um grande homem, é claro, mas nada mais do que isso. Sua deidade é negada, Seu nascimento virginal é negado, e Sua morte expiatória é negada. Ele é apenas um reformador social, apenas um agitador político, simplesmente alguém que estabeleceu certos princípios éticos com respeito à vida, que faríamos bem em praticar. Deixem-me dar-lhes uma ilustração disso. Um homem como Bertrand Russell, por exemplo, afirmou que a Igreja Cristã deveria estar dizendo às nações e aos governos o que eles deveriam fazer e não fazer sobre bombas, e no entanto ele escreve um livro intitulado, "Por que não sou cristão". Esse é o tipo de coisa que encontramos hoje em dia. Tudo que realmente tem valor para nós quanto ao Senhor é negado, e Ele é reduzido à posição de um mero mestre humano, ou uma espécie de grande exemplo.

E então, acima e além de tudo isso, somos confrontados pela forma em que as pessoas vivem. Não é mais uma simples questão de imoralidade. Nossa sociedade tornou-se uma sociedade amoral, ou não-moral. A própria categoria de moralidade não é mais reconhecida, e homens e mulheres estão praticamente em posição de dizer, "Mal,

seja tu o meu bem." Certamente todos percebemos isso, se lemos o jornal inteligentemente. Encontramos uma defesa, por assim dizer, da imoralidade, uma justificação dela em termos de medicina, ou da constituição do homem, ou em termos de uma denúncia dos tabus do passado. E coisas que jamais deveriam ser mencionadas têm permissão de serem apresentadas nos palcos, desde que não violem certas normas de decência. Agora, certamente está na hora de nós, cristãos, termos uma compreensão viva da posição que nos confronta, ou seja, o estado da sociedade. Nossa terminologia deixou de ter significado para as multidões. Elas estão numa posição de fartura, fartura de dinheiro, capazes de obter tudo que querem, e estão despreocupadas quanto a coisas espirituais: não têm interesse na alma, nem nas coisas mais elevadas da vida, apenas comer, beber e gozar a vida. Conseguiram o que queriam e tudo que querem é segurar o que conseguiram.

Aqui, então, na minha opinião, está algo "desta casta" - o problema com o qual você e eu somos confrontados. Ora, é essencial que entendamos isso, porque em segundo lugar nosso Senhor continua dizendo que "esta casta não pode sair a não ser com..." Há certas coisas que são totalmente inúteis, quando aplicadas a "esta casta". Em outras palavras, o que nosso Senhor estava dizendo aos discípulos pode ser colocado nestes termos. Ele disse, com efeito, "Vocês falharam neste caso em particular porque o poder que vocês tinham e que foi suficiente e adequado para outros casos, é inadequado e sem valor aqui. Deixa vocês completamente incapazes e sem esperança, e deixa o menino nesta condição enferma e incapaz."

Certamente este é o segundo passo que devemos tomar nesta hora. Não está se tornando óbvio, finalmente, que tantas coisas em que colocamos a nossa confiança e em que depositamos a nossa fé estão provando não ser de nenhum proveito? Agora, não me entendam mal. Não estou dizendo que haja algo de errado nessas coisas em si. O poder que os discípulos tinham era um poder bom, e era suficiente para boas obras, para expulsar demônios mais fracos, mas não tinha nenhum valor no caso deste menino. Este é o argumento, então todas as coisas que eu vou mencionar são boas em si mesmas. Não estou dizendo que são erradas, o que estou dizendo é que não são suficientes, e até que vocês e eu vejamos isso, e até que compreendamos a necessidade maior, simplesmente continuaremos como estamos, em nossa total ineficiência, apesar de todos os nossos esforços, manipulações e projetos.

Quais são algumas destas coisas que estão provando ser inúteis? Permitam-me indicar algumas delas, porque estas são as coisas das

quais a Igreja Cristã ainda está dependendo. Estas são as coisas em que os cristãos ainda estão depositando a sua fé. Para começar, apologética - a crença de que o que realmente precisamos fazer é tornar a fé cristã aceitável e recomendável aos homens e mulheres de hoje. Livros são escritos com esse propósito, palestras são feitas, e sermões são pregados, num esforço de produzir e apresentar a fé cristã de uma forma filosófica ao homem moderno. E assim vocês examinam os livros que tratam da filosofia da religião, analisam as grandes obras dos filósofos do passado, os grandes filósofos gregos e outros, e dizem que o cristianismo se ajusta a isso, que ele é racional, e assim por diante, provando assim a total racionalidade da fé cristã. Isso é apologética, apresentando-se em forma de filosofia.

Em particular, nesta época atual, estamos interessados em fazer isso em termos da ciência, reconciliando a ciência com a religião. Argumentamos que o povo hoje em dia pensa em termos científicos, que tem uma perspectiva científica, e assim, é claro, não pode crer no evangelho ou nas Escrituras porque parecem discordar dos fatos científicos, especialmente no que se refere a milagres e coisas do gênero. A Igreja, portanto, argumenta que o que é necessário é reconciliar a ciência e a religião, e assim nos agarramos a qualquer cientista que sugira, mesmo de forma remota e muito vaga, que ele crê em Deus. Que entusiasmo vimos quando um cientista, preletor em Reith, pareceu indicar que ele acreditava que, no fim das contas, talvez haja um Deus que criou todas as coisas no princípio. E achamos isso maravilhoso! Notem a situação patética em que nos colocamos, ao ponto de ficarmos entusiasmados que um homem como esse, mesmo que seja um grande cientista, considere a possibilidade de que haja um Deus, e de que haja um Criador. Uma tal coisa nos agrada tanto, e o mencionamos uns aos outros, e dizemos: "Não é maravilhoso?" Mas isso apenas mostra que estamos ligando a nossa fé com esse tipo de coisa. O que realmente deveríamos dizer é: "Realmente? Que gentil da parte dele!" E então talvez devêssemos fazer uma pausa e dizer: "Por que ele demorou tanto tempo para chegar a essa nebulosa conclusão?" Isso, no entanto, é uma indicação de nossa atitude geral - que nos apeguemos a tais homens, quem quer que sejam, e às suas vagas declarações. Isso mostra que realmente cremos que a forma de tratar da situação moderna é através de apologética. Ah, queremos mostrar que a Bíblia não nega a ciência. A ciência é a autoridade, e a Bíblia tem que se ajustar a ela. E pensamos que, através desse tipo de esforço vamos tratar da presente situação.

Ou então, é feito em termos de arqueologia. Não me entendam mal,

a arqueologia é muito valiosa - graças a Deus por tudo que ela produz, que confirma a história bíblica - mas se vamos depender da arqueologia, bem, então que Deus nos ajude! Há diferentes escolas entre os arqueólogos, e eles têm suas diversas interpretações, porém parece haver essa tendência de agarrar cada palha, sentindo que isso é o que vai provar que a Bíblia é verdadeira. E da mesma forma nos agarramos a homens famosos. Que comoção houve quando o falecido professor Joad escreveu um livro em que reconheceu que a guerra o havia levado a crer no mal e a crer em Deus! Mas, por que essa comoção? Ela indica nossa patética fé nesses métodos, que são nada mais que apologética.

Foi exatamente assim no começo do século dezoito, quando muitos estavam colocando a sua fé no Bispo Butler e sua grande analogia da religião, nas palestras de Boyle, e assim por diante. Eles nos ensinaram que estas eram as coisas que iriam mostrar a verdade do cristianismo, mas não fizeram isso. "Esta casta" não pode sair através de nenhuma dessas coisas.

Então vamos tratar dos métodos. Como é trágico ver a forma em que os homens estão colocando a sua fé em certos métodos. Um deles é o entusiasmo por novas traduções da Bíblia. Isso se baseia na crença de que o homem de hoje, que não é cristão, está fora da Igreja porque não pode entender a Versão Autorizada. * Seus termos técnicos, sua linguagem elizabetana, justificação, santificação: isso nada significa para o homem moderno. O que ele quer é uma Bíblia em linguagem moderna, em gíria moderna, num idioma moderno, e então ele a lerá. Então ele dirá: "Isso é cristianismo," e o aceitará. E assim estamos tendo novas traduções, uma após outra. Todos as compram porque tudo que precisamos é a Bíblia em linguagem moderna, atualizada. Isso não é trágico? É isso que está impedindo pessoas de virem a Cristo? Vocês acham que pessoas, há duzentos anos atrás, sabiam mais a respeito de justificação e santificação do que sabem hoje? Eram esses os termos comuns de um milênio atrás? É essa a dificuldade? Não, é o coração do homem, é a maldade que está nele. Não é uma questão de linguagem, não é uma questão de terminologia, e no entanto colocamos a nossa fé nisso. Não me entendam mal, pode haver algum valor nas traduções modernas, ainda que não tanto quanto muitos pensam. É preciso muito para poder melhorar esta Versão Autorizada, e precisamos tomar cuidado com as traduções modernas, elas podem se desviar teologicamente. Mas, qualquer que seja o seu valor, isso não vai resolver o problema.

---

* Ou seja, a versão Revista e Corrigida, no Brasil

O que mais temos, então? Oh, a fé no rádio e na televisão. Devemos usar estes meios de comunicação, dizemos. Todos estão ouvindo. Levem o evangelho aos seus lares. Dêem-lhes estas mensagens curtas e animadas, esta é a forma de fazê-lo. Então colocamos a nossa fé nisso. E também temos a propaganda. Grandes negócios são bem sucedidos porque fazem propaganda, por isso devemos fazer propaganda da Igreja, e estabelecer as nossas agências de publicidade na Igreja. Desta maneira, vamos dizer às pessoas o que a Igreja é e o que está fazendo, na crença de que se tão-somente lhes dissermos a verdade, elas serão atraídas e quererão o "produto", assim como querem os vários produtos e serviços que são anunciados dessa forma. E as pessoas parecem acreditar nisso. Pensam que "esta casta" pode sair por métodos como esses. O que precisamos, dizem, são novas revistas, nova literatura, novos folhetos, e lá vamos nós, distribuindo-os. Escrevemos artigos em forma semi-popular - agora as pessoas receberão a mensagem, dizemos.

Demais disso, é claro, temos o evangelismo popular, em que tudo isto é posto em prática. Tudo que possa atrair o homem moderno é usado, a última palavra em apresentação, na crença de que quando isto é feito, e feito através de técnicas modernas, então teremos conquistado o homem moderno. Entretanto, creio que a hora chegou de se fazer uma simples pergunta: quais são os resultados? O problema moderno está sendo afetado? Naturalmente todos estes vários métodos, a apologética e os demais, podem levar a conversões individuais. Todos estamos conscientes disso. Quase qualquer método que se empregue terá esse resultado. Naturalmente, há conversões individuais, mas a minha pergunta é - e a situação, e a maioria dos homens e mulheres, as classes trabalhadoras deste país, elas estão sendo persuadidas, estão sendo influenciadas? Alguém está sendo influenciado além daqueles que já estão na Igreja ou pelo menos em sua periferia? E quanto à condição espiritual e religiosa do país, e a situação geral da sociedade - estão sendo influenciadas por nossas atividades?

Bem, minha resposta seria que tudo isso parece nos colocar na mesma posição dos discípulos que tentaram expulsar o demônio do menino, aqueles homens que tinham sido tão bem sucedidos em muitos outros casos, mas que não conseguiram resolver este caso. E nosso Senhor lhes explica a razão. "Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum." De fato Ele estava dizendo aos discípulos: "Vocês falharam aqui porque não tinham poder suficiente. Vocês estavam usando o poder que têm, e estavam muito confiantes. Vocês o fizeram com muita segurança, sentiram-se senhores da

situação, pensaram que teriam sucesso imediatamente, porém não foi assim. Está na hora de pararem para pensar um pouco. Foi a sua ignorância acerca destas gradações de poder entre os espíritos malignos que os levou ao fracasso, e à condição abatida em que se encontram no momento. Vocês não têm poder suficiente. Eu fiz o que vocês não puderam fazer porque Eu tenho poder, porque estou cheio do poder que Deus me dá pelo Espírito Santo, porque Ele não me dá o Espírito por medida. Vocês nunca serão capazes de lidar com "esta casta" até que tenham buscado de Deus o poder que só Ele pode lhes dar. Vocês têm que se conscientizar de sua necessidade, de sua impotência, de sua incapacidade. Vocês precisam compreender que estão confrontando algo que é profundo demais para ser resolvido pelos seus métodos, vocês precisam de algo que pode atingir esse poder maligno e abalá-lo, e há somente uma coisa que pode fazer isso - é o poder de Deus.

E nós também precisamos nos conscientizar disso, precisamos sentir isso até ao ponto do desespero. Precisamos nos perguntar como podemos ser bem sucedidos se não temos essa autoridade, essa comissão, essa força e poder. Precisamos nos convencer de forma absoluta da nossa necessidade. Precisamos parar de ter tanta confiança em nós mesmos, e em todos os nossos métodos e organizações, em toda a nossa sofisticação. Precisamos compreender que necessitamos ser cheios do Espírito de Deus. E precisamos estar igualmente convencidos de que Deus pode nos encher do Seu Espírito. Precisamos compreender que, não importa quão poderosa "essa casta" seja, o poder de Deus é infinitamente maior, e que o que precisamos não é mais conhecimento, mais compreensão, mais apologética, mais reconciliação entre filosofia, ciência, religião e todas as técnicas modernas - não, precisamos de um poder que pode entrar nas almas dos homens para quebrantá-las, esmagá-las, humilhá-las e então restaurá-las. Precisamos do poder do Deus vivo. E devemos estar confiantes de que Deus é tão poderoso hoje como era há cem anos atrás, ou há duzentos anos atrás, e assim devemos começar a buscar esse poder e a orar por ele. Devemos começar a clamar e ansiar por ele. "Esta casta" precisa de oração.

Ora, esta é apenas a introdução do assunto que vamos considerar, mas leva-me a fazer esta pergunta: vocês estão realmente preocupados com a atual situação? Estão desesperadamente preocupados com ela? Estão orando a respeito? Vocês oram que o poder de Deus toque a Igreja atual? Ou se satisfazem com a leitura dos jornais que nos informam sobre todos esses esforços, dizendo: "Tudo está bem, o mundo continua"? "Esta casta não sai senão por oração e jejum." Esta

palavra "jejum" não está em todos os manuscritos mais antigos, mas significa não somente jejum físico, literal, como também concentração. O valor do jejum é que ele nos capacita a dar atenção exclusiva a um certo assunto. Então o que nosso Senhor estava dizendo aos discípulos é isto: vocês só poderão tratar deste tipo de problema depois de orarem, concentrarem em oração, esperando em Deus, até que Ele os tenha enchido do Seu poder. Quando tiverem certeza de que têm esse poder, então vocês sairão com autoridade. Este é o caminho, e é o único caminho. Certamente ninguém negaria, hoje, que nada além de um poderoso derramamento do Espírito de Deus é adequado para tratar da situação que enfrentamos nesta segunda metade do século vinte. Vocês ainda estão confiando nestas outras coisas? Esta é a questão crucial. Vocês vêem a desesperada necessidade de oração, de oração por parte de toda a Igreja? Eu não vejo esperança até que membros da Igreja estejam orando por avivamento, talvez se reunindo em lares, ou em grupos de amigos, ou se reunindo em igrejas, ou em qualquer outro lugar, orando com urgência e concentração por um derramamento do poder de Deus, semelhante ao que aconteceu há cem e há duzentos anos atrás, e em todos os outros períodos de avivamento e despertamento. Essa é nossa única esperança. Mas, no momento em que começamos a fazer isso, a esperança ressurge. Oh, quando Deus manifesta o Seu poder, repete-se o que aconteceu com aquele pobre menino. Com aparente facilidade, quase sem esforço, o demônio é expulso, e o menino é curado e restaurado ao seu pai. Quando Deus Se levanta, Seus inimigos se espalham; esta é a história de todos os grandes avivamentos. Mas não vamos nos interessar por avivamento até que compreendamos a necessidade "desta casta", a futilidade de todos os nossos esforços e empreendimentos, e a absoluta necessidade de oração e de buscar o poder de Deus, e nada mais.

2

Obstáculos ao Avivamento

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Este incidente na vida de Isaque tem muito a nos ensinar em nossa consideração de toda a questão de avivamento. O quadro nos mostra Isaque enfrentando um problema, uma dificuldade. Se vocês lerem o contexto, verão que ele tinha vivido em outra parte do país, e Deus o tinha abençoado sobremaneira. Abençoado tanto que Isaque se tornou alvo de inveja por parte daqueles que viviam ao seu redor, e eles o forçaram a mudar. "Disse também Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós; porque muito mais poderoso te tens feito do que nós..." (26:16). E assim Isaque foi forçado a se mudar com sua família e todos os seus servos, possessões e bens. Então ele chegou a este vale de Gerar e decidiu habitar ali. Naturalmente, no momento em que chegou ali, ele enfrentou uma necessidade urgente e desesperada - a necessidade de água. Quero enfatizar isso, porque a necessidade, em outras palavras, era por algo que é absolutamente essencial à vida, além de ser essencial ao seu bem-estar. Ele não estava simplesmente enfrentando o problema de buscar um lugar agradável onde armar as suas tendas, ou erigir uma moradia para si mesmo. Ele não estava em busca de entretenimento, ou luxos, nem em busca de qualquer tipo de "acessório" para a sobrevivência. A chave desta história é que ele estava em busca de algo que é absolutamente essencial, e sem o quê a vida não pode ser mantida.

Enfatizo isso porque, como já mencionei, a primeira coisa que precisamos compreender a respeito da situação em que nos encontramos hoje é a sua natureza desesperadora. É urgente. Em outras palavras, creio que o problema com a Igreja hoje em dia é que ela não compreende, como deveria, que sua necessidade primária, sua urgente necessidade do momento, é a necessidade de *vida*. O problema que nos confronta não é um problema de métodos ou de organizações, ou de

fazer leves adaptações aqui e ali, ou melhorar as coisas um pouco, ou mantê-las atualizadas, ou qualquer coisa assim. Creio que estamos reduzidos à questão básica. O problema da sociedade hoje em dia não é um problema superficial; é um problema muito profundo, radical. Toda a perspectiva da vida está envolvida. E aqueles que observam a situação com seriedade, como vocês sabem, estão assustados com o que está realmente acontecendo. Um profissional médico de renome, acusado de ser retrógrado e antiquado, afirmou recentemente que ele quase desejaria estar morto ao contemplar certas coisas que estão acontecendo. Tão assustado estava o homem diante da tendência e direção que a vida está assumindo, que ele expressou seus sentimentos desta forma drástica. Ora, essa é a situação, e é a situação que a Igreja está confrontando. Não há dúvida de que temos vivido do prestígio do passado. Viajando pelo país e observando as congregações, vocês poderão notar isso imediatamente. É possível levarmos as coisas por um certo período de tempo na base da tradição, ou costume, ou hábito, mas o ponto vai chegar em que não teremos mais reservas sobrando e então compreenderemos que estamos enfrentando algo absolutamente básico e fundamental. E essa, como eu disse, é a situação da Igreja Cristã hoje. Realmente estamos na posição deste homem, Isaque. O problema que enfrentamos é a necessidade de vida em si, a necessidade desse poder e vigor fundamental em cada atividade da Igreja, que realmente pode exercer um impacto sobre o mundo, e fazer algo vital e drástico em relação à direção e tendência que vemos na época atual; a necessidade de vida, a necessidade de poder, a necessidade do Espírito Santo.

Há épocas na vida da Igreja em que somente um ajustamento aqui e ali é o que é preciso, mas esse não é o problema hoje. Esta não é uma questão insignificante, não é uma questão secundária que está em jogo no momento. É a própria vida da Igreja. É a questão de uma perspectiva espiritual sobre a vida, em contraposição a tudo que é representado pelo mundo.

Pois bem, a grande lição que nos é ensinada aqui é esta. O que Isaque fez quando se viu frente a frente com esta necessidade? Aqui está nossa mensagem. E observem, antes de tudo, o que ele *não* fez. É tão significativo, e tão importante que entendamos isto. Ele foi forçado a sair de onde estava, foi forçado a se mudar. Ele tem família, possessões, servos e animais, e se eles não encontrarem água logo, então sua vida vai chegar ao fim. Eles perecerão. O que, então, faz ele quando se encontra face a face com esta necessidade? Notem que ele não manda buscar exploradores, não manda buscar adivinhos, ou

homens que são peritos em descobrir novas fontes de água. Não, a mensagem é que "Isaque cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai". Aqui, novamente, está uma mensagem que certamente é muito necessária. Porque quando olhamos para a Igreja em geral o panorama parece ser exatamente o contrário do de Isaque.

O tipo de coisa que vocês podem ler constantemente nas revistas e livros religiosos é este. O que precisamos, eles dizem, é uma mensagem para esta idade atômica, ou uma mensagem para este segundo período elizabetano. E, portanto, precisamos nos dedicar a uma busca pela verdade, uma busca pela mensagem necessária nesta hora. Então chamamos os exploradores, buscamos os cientistas, olhamos para os filósofos, e a psicologia também tem uma contribuição a fazer. Buscamos as mais recentes revelações do conhecimento, queremos os últimos avanços da ciência e da cultura em todas as formas. A idéia é que o mundo está numa situação muito séria, e portanto convém a todos os homens de entendimento que se reúnam e combinem os seus recursos, convoquem um congresso das religiões do mundo, congreguem todos que tenham uma religião e adorem a um deus - qualquer tipo de deus. Na época atual, a coisa que é mais óbvia a respeito da vida da Igreja em geral é a multiplicidade de consciências, e aí estão, tentando encontrar a fórmula. Tentando descobrir alguma palavra, tentando descobrir alguma mensagem. "Estamos na era atômica," dizem, "e precisamos de uma mensagem para ela." E assim por diante. Em vez de fazermos o que Isaque fez, estamos chamando os exploradores, os adivinhos, tentando ver se conseguimos descobrir uma fonte de suprimento de água em algum lugar que nos capacite a sobreviver.

Não, a ênfase nestes versículos é, eu repito, que Isaque não fez nada disso. Mas o que ele fez foi isto: "Isaque cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai." Por que ele fez isso? Bem, eu acho que a sabedoria disso está perfeitamente clara e é bem óbvia. Isaque compreendeu que sua situação era tal que não havia tempo para experiências. A situação era tão urgente que se eles não tivessem água e não a tivessem logo, todos iriam perecer. E nessa posição, seu argumento foi o seguinte: "Não há necessidade de explorarmos e mandar buscar adivinhos. Meu pai, Abraão, habitou nesta área antes, e se havia uma coisa que o caracterizava acima de tudo, foi que ele era um perito nesta questão de achar água e cavar poços." Se vocês lerem a história de Abraão nos capítulos anteriores de Gênesis, entenderão exatamente o que quero dizer com esta declaração. Isaque sabia que Abraão tinha encontrado água em todos os lugares por onde passou; ele sempre fora bem sucedido e cavou os seus poços, e sempre teve

abundância de água. Então Isaque disse: "Minha responsabilidade imediata é assegurar que tenhamos um suprimento de água. Assim que tivermos um suprimento, e um suprimento certo e seguro, então se quisermos poderemos explorar, poderemos procurar outras fontes de suprimento, poderemos experimentar." Mas o homem que faz experiências em meio a uma crise é um tolo. A primeira coisa a fazer é certificar-se que vocês têm um suprimento garantido, que têm esta fonte vital que os capacitará a sobreviver, e então talvez possam fazer todas estas outras coisas. Creio que este foi o raciocínio de Isaque. Ele disse: "Ah, meu pai esteve aqui. Agora, onde foi que ele cavou esses poços? Vocês podem ir lá com confiança, porque acharão água ali." Então ele foi até os poços de água que tinham sido cavados nos dias de Abraão, seu pai.

Isto, então, inevitavelmente nos traz ao nosso tema. Gostaria de apresentar como um princípio que há grande valor na leitura da história da Igreja e no estudo do passado, e nada, certamente, é mais importante para nós no momento do que ler a história do passado e descobrir sua mensagem. Sugiro que deveríamos fazer isso pelas mesmas razões que levaram Isaque a abrir novamente os poços que tinham sido cavados nos dias de Abraão, seu pai. Ignorar o passado é uma atitude muito tola. O homem que ignora o passado, e presume que nossos problemas são novos, e que o passado, portanto, nada tem a nos ensinar, é um homem que não somente é ignorante quanto às Escrituras, ele também é ignorante quanto a algumas das maiores lições da história secular. No entanto, eu acho que vocês concordam que esta é a mentalidade que está governando a perspectiva da vasta maioria das pessoas na época atual. A pressuposição básica é que nossos problemas são novos, que eles são singulares, e que a Igreja e o mundo nunca foram confrontados por tais problemas antes.

Agora, há uma coisa muito interessante a respeito do ano de 1959. Ele é, como eu mencionei, o centenário do poderoso derramamento do Espírito de Deus que foi experimentado nos Estados Unidos, na Irlanda do Norte, no País de Gales, na Escócia, e até mesmo em partes da Inglaterra, mas também é o centenário da publicação do famoso livro de Charles Darwin, intitulado *Origem das Espécies*. E não há dúvida de que é o livro de Darwin que está governando a perspectiva da vasta maioria hoje em dia, não só no mundo, e sim também na Igreja.

A filosofia darwiniana, naturalmente, em sua essência é a questão da evolução, que dizem afetar todos os aspectos da vida. O próprio Darwin não estava muito preocupado com isso, porém os seus cotutores, pessoas como Huxley, e ainda mais, talvez, o filósofo Spencer,

apropriaram-se desse princípio. Eles disseram, na verdade: "Isto se aplica a todos os aspectos da vida, este progresso, este desenvolvimento, este avanço. Tudo está se movimentando em direção ascendente, movendo-se para a frente, e portanto, em qualquer ponto específico você está, necessariamente, numa posição superior à que estava antes." É evidente que a Igreja se apropriou desta idéia, e portanto ela tende a argumentar que nossa posição no século vinte é essencialmente diferente de qualquer posição em que estivemos antes. Então, à vista disso, devemos ignorar o passado, podemos esquecê-lo, ele não pode nos ajudar. O passado não foi confrontado por nossos problemas e dificuldades, ele não tem o nosso conhecimento, e assim por diante. Por isso a perspectiva e mentalidade hoje em dia é uma de oposição a voltar atrás, a "abrir novamente os poços que cavaram nos dias de Abraão..."

Ora esta é, de todas as falácias, a mais fatal. E por estas razões. Deus ainda é o mesmo. Deus é o mesmo hoje como foi há cem anos atrás. De fato, Deus ainda é o mesmo que era há mil anos atrás, e há dois mil anos atrás, e há quatro mil anos atrás no tempo de Abraão. Deus é de eternidade a eternidade. Ele não muda. Mas não só isto é verdade; também é verdade que o homem ainda é o mesmo. Se pudesse ser estabelecido que Deus é, de certa forma, diferente, e que o homem igualmente é diferente, de certa forma, eu estaria pronto a atentar para este argumento que presume que nossos problemas são singulares, e que, portanto, não devemos olhar para trás. Contudo o homem ainda é precisamente o mesmo que sempre foi.

Para mim é quase inacreditável e incompreensível que alguém que tenha lido a Bíblia, ou mesmo a história humana, pudesse contestar isso, por um segundo que fosse. Como somos superficiais em nosso pensamento! Presumimos que, porque o homem pode viajar de avião, e dividir o átomo, ele é de alguma forma diferente dos seus antepassados que não podiam fazer estas coisas. Mas o homem em si não mudou. O homem em si pode ser descoberto se examinarmos como ele pensa, pelo que ele realmente se interessa, como ele age. E o homem hoje em dia está, primária e fundamentalmente interessado nas mesmas coisas que o interessavam há quatro mil anos atrás, na época de Abraão. Se tão-somente lermos os jornais veremos que os interesses principais do homem ainda são comer, beber, guerras, sexo, e prazeres de vários tipos. Todos estão ali no Velho Testamento, e o homem ainda está fazendo as mesmas coisas. Vejam os grandes problemas sociais que estamos enfrentando hoje em dia, e vocês encontrarão todos eles na Bíblia: roubo, violência, ciúme, inveja, infidelidade, divórcio,

separação, perversão, todas estas coisas estão na Bíblia. Estes são os problemas do homem hoje, como sempre foram.

Então não estamos enfrentando um problema novo. Abraão tinha o problema de ter que encontrar água, e Isaque tinha precisamente o mesmo problema. As diferenças são superficiais, são irrelevantes, e são imateriais. Deus permanece o mesmo, o homem permanece o mesmo, sim, e o Novo Testamento nos lembra que a solução do problema permanece a mesma: "Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre" (Hebreus 13:8). Por essa razão, a mim me parece que não há nada tão irremediável como esta tácita pressuposição do homem moderno, em seu arrogante orgulho e presunção, de que ele é de alguma forma diferente, e que seus problemas são novos, e total e essencialmente diferentes daqueles enfrentados por seus antepassados. Não, ouçam a sabedoria de Isaque, vejam a urgência da situação, e lembrem-se que Abraão era um homem que sabia o que ele estava fazendo. A história do passado tem muito a nos dizer.

O que, então, ela nos diz? O primeiro princípio é este: se vocês olharem atrás, através da história da Igreja Cristã, vocês imediatamente descobrirão que a história da Igreja não tem sido uma linha reta, um registro horizontal de realizações. A história da Igreja tem sido uma história de altos e baixos. Está ali, bem na superfície, para todos verem. Quando lemos a história do passado descobrimos que tem havido períodos na história da Igreja quando ela foi cheia de vida, de vigor e de poder. As estatísticas provam que as pessoas lotavam a casa de Deus, multidões de pessoas ansiosas e ávidas por pertencer à Igreja Cristã. No entanto a Igreja era cheia de vida, e tinha grande poder; o evangelho era pregado com autoridade, grandes números de pessoas se convertiam regularmente, dia após dia e semana após semana. Os cristãos se deleitavam na oração. Não era necessário empurrá-los para as reuniões de oração; na verdade, não era possível mantê-los longe delas. Ninguém queria ir para casa, e ficavam orando a noite inteira. Toda a Igreja estava cheia de vida, de poder, de vigor e de força. Homens e mulheres relatavam ricas experiências da graça de Deus, visitações do Seu Espírito, um conhecimento do amor de Deus que os emocionava, os comovia, e os fazia sentir que isso era mais precioso do que o mundo todo. E, em conseqüência de tudo isso, toda a vida do país foi afetada e transformada.

Eu poderia dar-lhes exemplos intermináveis disso, mas vou mencionar apenas um, que é talvez o mais notável de todos; refiro-me ao despertamento evangélico de duzentos anos atrás. Muitos historiadores seculares concordam que foi o despertamento evangélico da época

de Whitefield e dos Wesleys que provavelmente salvou este país de uma experiência semelhante à da França durante a Revolução Francesa. A Igreja estava tão cheia de vida e de poder que a sociedade inteira foi afetada. Além do mais, a influência daquele despertamento evangélico na vida do século passado é algo que também é admitido livremente por todos que estão cientes dos fatos. De fato, a mesma coisa aconteceu há cem anos atrás, no avivamento ao qual tenho me referido. E o mesmo sucedeu em cada avivamento.

Isso é o que encontrarão se voltarem atrás na história. A Igreja não foi sempre como ela é hoje. Lemos a respeito desses tremendos períodos de vida, de vigor e de poder. Ah, sim, mas o que também percebemos - e é por isso que é tão encorajador olhar atrás - é que esses gloriosos períodos de avivamento e de despertamento muitas vezes se seguiram a períodos de grande secura, indiferença, apatia e entorpecimento na história da Igreja. Em cada caso, quando encontramos estes grandes picos, também encontramos as depressões. Fica evidente que a Igreja muitas vezes foi o que ela é hoje, influenciando tão pouco a vida da sociedade e do mundo; tão destituída de vida, de vigor, de poder, de testemunho, e de tudo que o acompanha. Vocês descobrirão que isso aconteceu muitas vezes antes. Tem havido a mesma desesperada e urgente necessidade que nos confronta hoje. E então, depois disso, veio um poderoso revigoramento, um derramamento do Espírito de Deus. Aí está uma boa razão para voltar atrás, à história do passado, em vez de apenas olharmos para os nossos próprios problemas, dizendo: "Muito bem, o que poderíamos fazer para melhorar a técnica e os nossos métodos acerca disso ou daquilo?" Devemos voltar atrás e aprender esta lição da história, a existência destas terríveis depressões, e a única maneira em que a Igreja pode ser elevada acima delas novamente.

Meu segundo princípio é este - e creio que até mesmo uma leitura superficial da história da Igreja vai demonstrar este princípio de forma clara - que cada vez que aparece um destes grandes, gloriosos e poderosos períodos, descobrimos que, em cada caso, parece ser um retorno a algo que a Igreja experimentou antes. Na verdade, vou mais longe - vocês descobrirão que cada um deles parece ser um retorno ao que lemos no livro dos Atos dos Apóstolos. Sempre que a Igreja é avivada desta forma, ela parece fazer o que Isaque fez; ela volta a algo que aconteceu antes, tornando a descobri-lo, e encontrando a antiga fonte de suprimento. Não conheço nada mais notável na história da Igreja do que esse princípio. Leiam a história dos grandes avivamentos com os quais Deus visitou a Igreja através dos séculos, e vocês

descobrirão que sempre parece ser quase precisamente a mesma coisa.

Então, examinem-no de outra forma. Depois de examiná-lo historicamente, investiguem-no geograficamente. Leiam a história dos avivamentos na Inglaterra, na Grã-Bretanha, na América, na África, na China, na Manchúria, na Coréia, na Índia, não importa onde vocês vão, qualquer parte do mundo que escolham. Não importa onde vocês estão, nem quando, descobrirão cada vez que o que aconteceu, e o que está acontecendo, parece ser uma repetição exata do que sempre aconteceu em tais períodos, e em tais ocasiões. Ora isto certamente é algo que não podemos ignorar. Em nossa desesperada necessidade na época atual, nesta urgente necessidade de vida e de poder, desta água sem a qual nada podemos realizar, e sem a qual nem sequer podemos sobreviver, aqui está um grande registro e testemunho que nos vem do passado. Deus tratou de tais ocasiões no passado, e Ele ainda é o mesmo. Há um suprimento disponível, se tão-somente formos a ele e o buscarmos. Essa é a mensagem.

Isso, então, leva-me ao meu princípio seguinte. Isaque, em sua sabedoria, decidiu voltar. Ele queria assegurar um suprimento certo. Por conseguinte ele mandou que seus homens voltassem àqueles velhos poços que tinham sido cavados por seu pai Abraão. E quando eles voltaram aos velhos poços, descobriram que os filisteus os haviam entulhado depois da morte de Abraão. Lemos exatamente a mesma coisa no versículo 15: "E... lhe entulharam todos os poços que os servos de seu pai haviam cavado, nos dias de Abraão, enchendo-os de terra." Em outras palavras, eles voltaram aos velhos poços, sim, mas embora a água ainda estivesse ali, eles não podiam vê-la. A água não estava disponível, e eles não podiam usá-la.

Este é um quadro maravilhoso, não é mesmo? Ali, nas profundezas, está aquele antigo, puro suprimento de água, e aqui estão homens em desesperada necessidade. Eles dizem: "Ora, a água está aí. Todavia o problema é, como podemos ter acesso a ela? O que aconteceu aqui? O que saiu errado? Por que não estamos vendo a água? Por que não podemos tirar água com nossas jarras?" E a resposta é que os filisteus tinham entulhado os poços. Eles tinham entulhado os poços com terra, lixo e refugo, de forma que, embora a água estivesse ali, ela não estava disponível e nem sequer visível. Se há uma coisa que quero enfatizar mais do que qualquer outra é este princípio. Meus caros amigos, há somente uma explicação para a situação da Igreja Cristã hoje. É obra dos filisteus. A água está ali, então por que não a vemos? Por que não podemos bebê-la? Os filisteus estiveram aqui e entulharam os poços com terra, lixo e refugo.

Essa é a questão imediata que nos confronta; e uma coisa que me tenta às vezes a me impacientar é que a Igreja parece não ver ou compreender isto, e não está disposta a enfrentá-lo. O que me impacienta ainda mais é que tantos evangélicos não estão prontos a enfrentar isto. "Não sou um polemista," diz um homem. "Gosto de pregar um evangelho positivo. Devemos ser gentis e amorosos. Não devemos ser críticos nestes dias, o problema é tão urgente. Devemos todos estar lado a lado. Se um homem se declara cristão, vamos todos nos reunir sob o mesmo teto."

Ora, eu insisto que enquanto vocês favorecerem esse tipo de pensamento e mentalidade, o problema irá de mal a pior. *A* causa do problema é a obra dos filisteus e nada mais do que isso.

Portanto permitam-me enfatizar isso, colocando-o da seguinte forma. O problema que confronta a Igreja hoje não são as novas circunstâncias em que nos encontramos. Todavia é isso que sempre estão nos dizendo (não é mesmo?) até ao ponto de estarmos todos cansados de ouvi-lo. O rádio, a televisão, o automóvel, e todas as coisas que estão sendo oferecidas ao homem moderno - estas, dizem-nos, são o problema. A Igreja nunca travou em sua vida uma batalha como a que está enfrentando na atualidade, contra todas essas coisas que levam as pessoas a afastarem-se dela. Pensamos que somos tão peritos nessas coisas, não é mesmo? E no entanto elas são completamente irrelevantes, cada uma delas. Permitam-me dizer-lhes por que. Essas coisas sempre existiram, embora em formas diferentes. E é por isso que é tão importante conhecer a história. Antes do despertamento evangélico de duzentos anos atrás, as igrejas estavam tão vazias como estão hoje, ou talvez ainda mais, e não conseguiam fazer com que as pessoas viessem para ouvir a pregação do evangelho. Por que? Porque estavam interessadas em outras coisas. "Mas," dirá alguém, "não tinham televisão naquela época!" Eu sei. Entretanto gostavam de brigas de galos, e jogos de cartas; gostavam de jogar e de beber. O mundo nunca padeceu de falta de desculpas para não ir à Igreja ouvir a pregação do evangelho. O pensamento de hoje em dia é monstruosamente superficial. Só porque há uma mudança na forma dos prazeres, pensamos que a situação é completamente nova, e falamos a respeito deste problema do século vinte, e todas as coisas que estão contra nós. O inferno e o diabo sempre estiveram contra nós. O mundo sempre odiou a mensagem, e as pessoas do mundo sempre encontram uma desculpa para evitá-la. Este argumento não tem qualquer base.

"Ah, mas espere um momento," alguém dirá. "E quanto aos avanços na ciência? Talvez você esteja certo no que diz sobre os

pecados de duzentos anos atrás, e de quatro mil anos atrás, porém, meu caro senhor, o que diz acerca dos avanços no conhecimento? Aqui está o nosso problema, aqui está algo peculiar que se aplica somente ao século vinte. Um decreto foi aprovado em 1870 com respeito à educação popular, e se ignorar isso, estará contradizendo os fatos. Todos hoje têm acesso à educação, todos têm acesso ao conhecimento, e assim aprendem desses grandes homens fatos relacionados com a ciência e com o átomo. O homem moderno é culto e tão sofisticado, e temos todos esses tremendos avanços na ciência em todas as áreas. Você quer que creiamos que o problema e a situção ainda são exatamente os mesmos?"

Sim, quero, e por uma boa razão: é que todos esses tremendos avanços no conhecimento científico não têm absolutamente nada a ver com o problema. *Absolutamente nada.* Se vocês pudessem me mostrar como este avanço no conhecimento em qualquer nível pode fazer uma diferença diante de Deus, eu estaria pronto a escutar. Mas não faz diferença. Ele é o Deus que criou a terra. O homem está apenas começando a descobrir o que Deus fez, o que Deus tem feito, e o que Deus ainda está fazendo. Portanto, como vêem, não faz qualquer diferença para Deus. Que vislumbre do conhecimento humano pode influenciar ou afetar este problema de Deus e o homem - e da alma do homem em relação a Deus? E o Senhor Jesus Cristo, quem é Ele e o que tem feito? O que tem o conhecimento moderno a ver com isso? Absolutamente nada.

Ainda mais do que isso, quero trazer outra coisa à sua atenção. Falamos a respeito do nosso conhecimento moderno como se ele tivesse mudado a situação toda. Se vocês lerem a história da Igreja duzentos e cinqüenta anos atrás, descobrirão que aquele foi o período do deísmo, o período que antecedeu o grande despertamento evangélico daquela época, o período em que as pessoas, como eu mencionei, não freqüentavam lugares de adoração. Por que? Por causa do seu conhecimento. E eles diziam exatamente a mesma coisa. Houve um grande despertamento científico na metade do século dezessete. Foi a época de Isaac Newton e outros. Harvey tinha descoberto a circulação do sangue. A Sociedade Real tinha sido fundada, como vocês devem lembrar, no começo do reinado de Charles II. O mundo todo tinha se tornado científico e racional. Leiam acerca da luta que a Igreja teve com o racionalismo. Vocês descobrirão que, no fim do século dezessete e no começo do século dezoito, as pessoas estavam dizendo exatamente as mesmas coisas que estão dizendo hoje. Tudo devido a esse novo conhecimento, essa nova sabedoria. A Física, a Astronomia, e muitas

outras ciências vieram à luz. E nisso, diziam, estava o problema. A verdade é que a Igreja sempre teve que confrontar este mesmo argumento. Isso é tão irrelevante e fútil hoje como foi nos séculos passados.

Permitam-me mencionar ainda outro argumento que está sendo levantado pela Igreja. Além das nossas circunstâncias singulares, e dos avanços no conhecimento, temos também a Igreja dividida. Oh, isto, somos informados, é *o* problema. "Naturalmente," dizem, "você está certo quando enfatiza que a situação é desesperada e que, a não ser que algo aconteça e aconteça logo, o futuro todo da Igreja está em risco. Mas," continuam, "há somente uma causa e explicação para tudo isso - a Igreja dividida."

Devido a isso, a questão que está sendo enfatizada acima de tudo o mais é a necessidade de união na Igreja. Devemos nos unir. Devemos todos ser uma unidade, numa grande organização, e então seremos capazes de enfrentar o problema. Dizem que nunca seremos abençoados enquanto a Igreja estiver dividida. Não podemos evangelizar enquanto a Igreja está dividida. Estas são suas declarações.

Qual é a resposta a tudo isso? Novamente, está tudo relacionado com a história da Igreja. Essas pessoas não a lêem. E se por acaso a lêem, logo esquecem o que leram. Estão tão cegas pelos seus próprios preconceitos que negam fatos óbvios. O primeiro destes fatos é que no passado, mesmo quando a Igreja estava severamente dividida, mais ainda do que está hoje, Deus enviou avivamento. A Igreja experimentou grandes bênçãos. Havia intermináveis divisões na Igreja há cem anos atrás, na América e na Irlanda do Norte. Os cristãos estavam divididos nas mesmas denominações que estão hoje, e até mais do que hoje. Todavia, embora esses fossem os fatos, Deus enviou Sua bênção e derramou o Seu Espírito. É uma mentira dizer que a divisão na Igreja é *a* causa da ausência de bênçãos. Não é assim. Porque a história revela, claramente, que Deus envia a Sua bênção mesmo quando a Igreja está dividida, e que a vinda do avivamento tem dois efeitos principais. Um, ele abençoa praticamente todas as denominações, independente de suas divisões, e por um tempo as congrega numa maravilhosa união. Nada promove unidade espiritual mais do que um avivamento.

No entanto, um avivamento invariavelmente tem outro efeito também. Ele cria uma nova divisão - porque aqueles que experimentaram a bênção e o poder de Deus unem-se de forma natural e tornam-se uma unidade. Mas há outros que não gostam do que está acontecendo, que o criticam e condenam, que estão do lado de fora, e é aí que acontece a divisão. João Wesley nunca quis abandonar a Igreja da

Inglaterra, todavia o Metodismo dele foi forçado a separar-se. A divisão foi causada pelo avivamento. E isso aconteceu sempre que houve um avivamento. Considerem a Reforma Protestante. Lutero não tinha intenção de dividir a Igreja Católica Romana, contudo a bênção do avivamento dividiu a Igreja de Roma entre Protestantismo e Catolicismo Romano. É sempre assim. É pura história. E no entanto dizem-nos que o obstáculo ao avivamento é a Igreja dividida. Isso é puro entulho, é o entulho dos filisteus. É uma das coisas, entre outras, que está se interpondo entre nós e a água, e o suprimento que necessitamos tão desesperadamente. Então devemos repudiar todas estas coisas, e compreender que estes não são os obstáculos, nem constituem o problema. O problema, como Isaque descobriu, é que esse abominável trabalho dos filisteus tem entulhado os poços, escondendo a água, e se interpondo entre o povo e as bênçãos de Deus.

Em seguida, então, devemos prosseguir considerando o que é esse trabalho dos filisteus. Devemos ser sinceros e abruptos. Devemos ser francos e claros, e devemos ser corajosos em nossas convicções. Precisamos do testemunho do Espírito Santo ao fazermos isso. Que oremos por isso, que Deus nos dê mentes honestas para enfrentar os fatos como são, para que possamos ver a causa real do problema; e para que, depois de a discernirmos, possamos seguir o exemplo de Isaque, e tirar o lixo dos filisteus para termos novamente acesso ao antigo suprimento da água de Deus, o poder do Espírito. Roguemos para que possamos entrar, com todo o povo de Deus, num período de rara bênção e um poderoso derramamento do Seu Espírito Santo.

3

Incredulidade

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Ao continuarmos nossas considerações a respeito das atividades dos filisteus, quero mostrar-lhes mais uma vez que a própria história da Igreja estabelece este princípio que apresentei no último capítulo. A história da Igreja demonstra, acima e além de qualquer dúvida, que o problema sempre tem sido que os filisteus entulharam os poços, jogando neles materiais que se interpõem entre o povo em sua necessidade e o suprimento de água que está ali no fundo dos poços.

Permitam-me apresentar a evidência. Creio que posso resumir a história da Igreja Cristã, neste aspecto, da seguinte forma. O encobrimento e a negligência de certas verdades, e de certos aspectos da verdade cristã, sempre tem sido a principal característica de cada período de decadência na longa história da Igreja Cristã. Esse é o meu primeiro ponto. Se vocês lerem a história da Igreja e examinarem esses períodos de decadência, quando a Igreja estava moribunda e não exercia influência alguma, descobrirão que, sem exceção, a coisa que mais caracterizou a vida da Igreja em tais períodos foi a rejeição, ou o encobrimento, ou a negligência de certas verdades vitais que são essenciais à posição cristã.

Eu poderia ilustrar este fato extensamente. Permitam-me citar apenas os exemplos mais notáveis. Considerem, por exemplo, a idade Média, que foi seguida pelo período que resultou na Reforma Protestante do século dezesseis. Qual foi a grande característica da Igreja daquela época? Foi exatamente o que acabei de mencionar; as verdades vitais da salvação não podiam ser percebidas, elas estavam completamente escondidas, confusas, cobertas por aquela profusão de ensinos que caracterizava a igreja católica romana daquela época. As pessoas não tinham vida espiritual, eram mantidas em trevas e em ignorância; não conheciam as grandes verdades do evangelho e da

salvação. Por que não? Porque estavam cobertas por todas essas outras coisas.

Mas então, vamos avançar para o século dezoito. Antes do grande despertamento evangélico do século dezoito, o avivamento que, particularmente neste país, associamos com os nomes de Whitefield e dos Wesleys, vocês encontrarão exatamente a mesma situação. Antes daquele grande avivamento, a condição da Igreja era, de novo, o que estou descrevendo a vocês. Ela estava moribunda; era inútil; a grande maioria das pessoas não freqüentava um lugar de adoração, e havia evidência mínima de um cristianismo vital. Qual era a causa disso? Bem, a situação geral da Igreja naquela época era novamente uma repetição, mais ou menos, daquela que existia antes da Reforma, com certas variações, naturalmente. Qual era ela? Era que as grandes doutrinas cardeais da fé cristã não estavam sendo pregadas. O povo não cria nelas. O clima predominante era o que chamavam de deísmo - o sistema de verdades que mais ou menos aliena Deus de um interesse ativo em Seu próprio universo. Deísmo e racionalismo predominavam. Havia certos homens a quem isso perturbava. Um deles foi o grande Bispo Butler, que escreveu uma famosa analogia da religião. Ele escreveu esse livro a fim de tentar combater a apatia do deísmo e do racionalismo. Todavia essa era a condição da Igreja. A água viva da salvação estava escondida, atulhada pelo racionalismo e outras filosofias.

E novamente, de forma muito interessante, quando vocês lêem a história que precede a erupção do grande avivamento de 1859, particularmente na Irlanda, encontrarão exatamente a mesma coisa. O período antes do avivamento foi caracterizado por esta mesma apatia, uma terrível indiferença, que assumiu uma forma particular. Anos antes desse avivamento (estou pensando de maneira especial nas décadas de vinte e trinta) a Igreja Presbiteriana da Irlanda do Norte tinha se desviado em suas doutrinas. Tinha adotado uma doutrina chamada arianismo, e o arianismo nega a eternidade e a deidade do Senhor Jesus Cristo. Arius ensinou que o Senhor Jesus Cristo foi um ser criado, que Ele não era um com o Pai, e que não era eterno como Deus é eterno. Negava a Sua deidade. Agora esta era a causa da condição da Igreja, a causa da sua apatia e inutilidade. E foi somente quando isso havia sido corrigido e posto de lado, e a Igreja voltou à verdadeira doutrina, que o avivamento irrompeu entre o povo. Esta, então, é a minha primeira evidência. O encobrimento e a negligência de certas verdades vitais sempre estiveram entre as características principais da vida da Igreja em cada período de apatia e de decadência.

Segundo, a história da Igreja não registra nenhum avivamento que negasse ou ignorasse certas verdades essenciais. Considero este um ponto de suprema importância. Vocês nunca ouvirão de um avivamento em igrejas que negam os artigos fundamentais e cardeais da nossa fé cristã. Por exemplo, vocês nunca ouviram falar de um avivamento entre os unitarianos, e nunca ouviram falar disso porque nunca houve um avivamento entre eles. Este é um simples fato histórico, e certamente convém que enfrentemos esse fato.

Terceiro, vocês verão muito claramente na história da Igreja que tais igrejas sempre se opuseram àqueles que tomaram parte num avivamento, e sempre os perseguiram. Isto, novamente, não é minha opinião - é um fato histórico. Há cem anos atrás, quando aquele grande avivamento irrompeu, os unitarianos se opuseram a ele nos Estados Unidos, na Irlanda do Norte, em todo lugar. Eles sempre se opõem ao avivamento. Eles pelo menos são consistentes! São racionalistas, e odeiam avivamento. Vocês também lerão na história da Irlanda do Norte, por exemplo, que há cem anos atrás a igreja católica romana daquela época estava pondo à venda a chamada água benta, e conclamando as pessoas a espargi-la sobre si mesmas, e até mesmo a bebê-la, a fim de evitar, e escapar dessa coisa que chamavam de avivamento. Eu me refiro a estas coisas, não porque sinto qualquer prazer em fazê-lo, mas por uma única razão, e é esta: se estamos realmente preocupados com avivamento, precisamos descobrir o que impede que ele aconteça. E é o encobrimento de verdades e doutrinas vitais que sempre tem sido a causa.

Meu último princípio relativo a este ponto é que, sem exceção, é a redescoberta dessas doutrinas cardeais que sempre tem levado ao avivamento. Um avivamento sempre tem uma preliminar. Parece surgir subitamente, e de certa forma é assim. No entanto, se vocês examinarem a história com cuidado, sempre descobrirão que algo estava acontecendo silenciosamente, houve uma preparação preliminar, que escapou à observação das pessoas. E a preparação, invariavelmente, tem sido a redescoberta dessas grandes, gloriosas verdades centrais. Considerem, por exemplo, a história da Reforma Protestante. Foi somente depois que Martinho Lutero subitamente descobriu a grande verdade da justificação unicamente pela fé que o avivamento protestante irrompeu. Foi o retorno a essa verdade, na Epístola aos Gálatas e aos Romanos, que preparou o caminho para o derramamento do Espírito. Isso aconteceu neste país e em todos os países onde a Reforma Protestante se espalhou. Foi o mesmo no século dezessete. Talvez não no mesmo nível, mas foi a ênfase nessas verdades que

levou à grande bênção experimentada na era puritana.

Daí todos saberem, com certeza, que foi isso o que aconteceu no século dezoito. A apatia estava presente. O Bispo Butler escreveu seu livro, *A Analogia da Religião*, e as "palestras de Boyle" foram iniciadas numa tentativa de combater o racionalismo, porém de nada adiantaram. Então, subitamente o avivamento pareceu explodir. Whitefield, os Wesleys, e outros como eles surgiram em cena. Sim, mas como foi que o avivamento veio através desses homens? Bem, a história é bem conhecida. O que realmente tornou possível para João Wesley ter a experiência que teve em Aldersgate Street, quando o seu coração foi "estranhamente aquecido" pelo Espírito Santo, foi algo que tinha acontecido três meses antes. Ele teve a experiência de Aldersgate Street no dia 24 de maio de 1738, sim, porém em março de 1738 seus olhos foram abertos à verdade da justificação unicamente pela fé. A famosa conversa, na viagem entre Londres e Oxford, entre Peter Bülow e Wesley, foi toda a respeito da justificação somente pela fé. Foi somente depois que Wesley compreendeu esta verdade, e ela o absorveu completamente, que o Espírito Santo veio sobre ele e começou a usá-lo.

E isso é verdade não apenas acerca de Wesley; a mesma coisa já tinha acontecido, de certa forma, com Whitefield. E certamente, se se voltarem para o País de Gales, encontrarão exatamente coisa idêntica. Naquela época o maior pregador ali era um homem chamado Daniel Rowland, e o Bispo Ryle se aventura a declarar que ele foi possivelmente o maior pregador desde os apóstolos. Sua experiência foi exatamente a mesma que a dos outros. Ele era um ministro, um pregador, entretanto o seu ministério era ineficaz e morto e nada acontecia.

Então um dia ele foi ouvir um pregador chamado Griffith Jones, e ficou convencido e convicto da verdade da justificação somente pela fé. E apenas alguns meses depois de descobrir essa verdade e entendê-la (embora ainda não tivesse sentido o seu poder) foi que subitamente um dia quando estava ministrando a Ceia do Senhor, o Espírito Santo veio sobre ele e o encheu, e um grande avivamento irrompeu no País de Gales no século dezoito. Na verdade, este é sempre o caso. E, como já mencionei, foi o mesmo há cem anos atrás, particularmente na Irlanda do Norte. Foi depois que eles se livraram do arianismo, e viram a importância da verdade completa a respeito da pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que a poderosa bênção desceu sobre eles.

Por isso, insto que há certas verdades que são absolutamente

essenciais ao avivamento. E enquanto estas verdades forem rejeitadas, ou forem negligenciadas, ou ignoradas, não teremos o direito de esperar a bênção do avivamento. Os filisteus continuam vindo, jogando terra e refugo, e a água da vida permanece escondida. Agora, confesso livremente que se eu consultasse minhas próprias inclinações, não estaria me referindo a estas coisas. Sei que estou me expondo à acusação de censura, e de criticar os outros de separatismo, de individualismo e de falta de cooperação, mas afinal, se um homem permite que seus próprios sentimentos e sua reputação afetem a sua declaração da verdade em que crê, ele deve manter a boca fechada. Não é uma tarefa prazerosa para mim, ter que referir-me a estas coisas. Faço-o somente porque tenho esta profunda convicção, baseada nas Escrituras (e confirmada em sua totalidade, como tenho lhes mostrado, pela história da Igreja Cristã) que enquanto estas verdades forem negligenciadas, negadas, ou mesmo ignoradas, não poderemos ter avivamento. Devemos começar com esta obra dos filisteus. Não adianta dizer: "Vamos orar por avivamento". Há algo que precisamos fazer antes disso. A obra dos filisteus tem que ser desfeita. Foi isso que Isaque fez. "E cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai." Eles removeram o entulho, o lixo e a terra, e ali estava a água, como antes. Cada avivamento mostra claramente a necessidade desta obra preliminar.

Há, portanto, certas coisas que preciso colocar diante de vocês, certas verdades em que vocês precisam crer. Avivamento não pode acontecer enquanto estas verdades forem rejeitadas, porquanto precisamos examiná-las, e devemos fazê-lo na ordem certa.

Quais, então, são as verdades que estão sendo negadas e escondidas pela abominável obra dos filisteus? Aqui está a primeira. A verdade quanto ao Deus vivo, soberano e transcendente que age, que interfere e que explode na história da Igreja e na vida de indivíduos. Devo começar com isto. É o fundamento de todas as doutrinas. Considerem, por exemplo, o que o apóstolo Paulo escreveu a Timóteo. As coisas estavam difíceis. Timóteo estava perturbado, estava perdendo a esperança, estava preocupado com o que o aguardava no futuro. Paulo estava velho, a ponto de morrer, e ali estava Timóteo, amedrontado e alarmado. Paulo lhe escreve, dizendo, "O que você está dizendo é verdade, eu estou ciente a respeito destas pessoas que estão negando a verdade e assim por diante." E então ele acrescenta, "Todavia o fundamento de Deus fica firme" (II Timóteo 2:19). A base de tudo é o Deus vivo, soberano e transcendente, que, em Sua eterna e gloriosa liberdade, age, intervém e interfere na vida da Igreja e na vida de

indivíduos. E se há uma coisa que é mais óbvia do que qualquer outra na vida da Igreja hoje, é que falhamos em começar com essa verdade e crer nela.

O que temos hoje? Temos o deus dos filósofos, e o deus dos filósofos não é o Deus vivo, soberano e transcendente; ele é uma abstração. Falam sobre a "causa sem causa". Que maneira de se falar a respeito de Deus! Deus não é uma abstração. Deus não é um conceito filosófico. Deus *é*, e somente Ele é. Ele é vida, é o autor de toda a vida e de todos os seres vivos. E argumentam acerca dEle com seus cachimbos na boca, e falam acerca dEle como se fosse um termo que podem discutir e debater. Vocês nunca terão avivamento sob tais condições. Deus não é uma abstração, alguém com quem argumentar, ou alguém que podemos ajustar aos nossos esquemas. A filosofia sempre foi uma maldição na vida da Igreja, e continua sendo uma maldição hoje.

Outra maneira em que esta gloriosa verdade sobre Deus está sendo escondida é pelo que as pessoas chamam "a filosofia de imanência". Deus em todas as coisas. Não Deus transcendente, mas Deus imanente. Dizem que Deus está em tudo, Ele está em toda a natureza. Não é precisamente um panteísmo, porém chega muito perto disso. Mas o argumento é que, devido Deus estar em tudo ninguém espera que Ele atue à parte, de fora. Deus está em todo lugar, em todas as coisas, tudo é sagrado, e eles têm aversão à distinção entre o sagrado e o secular. Esta é outra forma de negar a soberania e a eterna transcendência de Deus.

E então temos esta outra crença à qual me referi como deísmo. É muito comum hoje, apesar de freqüentemente não receber mais este nome. Era chamada deísmo há duzentos anos atrás, e deveria receber o mesmo nome hoje também. É uma crença a respeito de Deus que O vê como Criador apenas. Afirma que, tendo criado o mundo, Deus não tem mais interesse nele. O deísmo admite a existência de uma espécie de providência divina, porém somente na esfera das coisas materiais, não na esfera moral, e certamente não na esfera espiritual. É como se Deus estivesse trancado fora de Seu próprio universo. Ele o criou como um grande relojoeiro que monta um relógio, e uma vez pronto, põe o relógio de lado e deixa que continue funcionando por si mesmo. Não precisamos nos deter nisso, mas quero pedir que examinem até mesmo os seus pensamentos, e percebam as idéias que estão controlando tantos na Igreja Cristã hoje em dia. A idéia deles é que Deus não intervém mais. Ele é um Deus que não age, um Deus de quem eles precisam se aproximar; eles estão sempre se movendo, enquanto esse

Deus permanece distante numa eternidade longínqua, totalmente impassível e imóvel. Ele é um Deus remoto. E conseqüentemente tais pessoas não crêem em avivamento, porque isso essencialmente significa que Deus está agindo - Deus Se aproximando, Deus Se manifestando.

Assim, se temos o deus dos filósofos, ou o deus dos deístas e dos racionalistas, nunca teremos avivamento. Na verdade a oração se torna quase uma perda de tempo, até mesmo ridícula. E com que freqüência esta é precisamente a atitude de muitas pessoas quanto à oração. É algo formal e mecânico - ou lêem suas orações, ou se atrapalham com elas. Não há contato vivo, nada é esperado, Deus está banido em Sua própria eternidade, e o homem ocupa o centro do palco. O que importa são os seus pensamentos a respeito de Deus, não os pensamentos de Deus sobre ele. Qual é a sua crença em Deus? Vocês crêem no soberano, transcendente, eterno Deus do universo, que ainda age, que ainda é ativo? Nosso Senhor disse, "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5:17). Não um Deus imanente, não uma transcendência que quase O bane para fora do Seu universo; mas um Deus que tanto está no céu como conosco, ativo, interferindo, um Deus que visita Seu povo. Como podemos orar a Ele se não tivermos uma idéia clara e correta do Deus vivo e soberano? A obra dos filisteus tem sido obscurecer isso, e precisamos desfazer essa obra antes de podermos ter acesso à água novamente.

A segunda verdade que tem sido escondida procede da primeira. Envolve a autoridade deste livro - a Bíblia. A obra dos filisteus é invariavelmente esta - devemos considerá-la de forma geral porque há grupos de divisões até mesmo entre os filisteus - eles negam a revelação. Naturalmente, se a sua perspectiva de Deus é a que tenho descrito aqui, eles não podem ter revelação. Eles não crêem em inspiração. Eles realmente não crêem que Deus revelou a verdade a respeito de Si mesmo, em proposições e declarações como estão registradas na Bíblia. Qual, então, é a posição deles? Como chegam ao conhecimento da verdade? A resposta deles é que chegam ao conhecimento da verdade buscando-a, por seu raciocínio, por sua própria compreensão, e por suas especulações.

Ora, isso pode ser expresso de forma muito simples. A ênfase hoje em dia é sobre o homem buscando a Deus, como se Deus nunca tivesse Se revelado. Mas a Bíblia toda trata de Deus buscando ao homem, e de como Ele Se revelou ao homem, porque o homem não pode encontrar a Deus por mais que O busque. Esta é sua proposição fundamental. E é isso que está sendo negado. Tudo hoje em dia está

sendo governado e controlado pelos filósofos e pensadores, pelo que eles pensam acerca de Deus, pois eles desafiam a Deus e idealizam Deus conforme os seus próprios conceitos, e o que apresentam não é Deus - é uma mentira.

Pois bem, o meu argumento é que, enquanto for este o caso, não teremos o direito de falar sobre avivamento, ou esperar por ele, e ainda menos aguardá-lo. Qual é nossa autoridade final nestas questões? O que sei eu a respeito de Deus, e a possibilidade de bênção, à parte do que tenho na Bíblia? Posso alegar que minha mente e razão podem selecionar o que está certo, o que está errado nela, e que posso me apegar somente àquilo com que eu concordo? Isso me torna a autoridade, e não a Bíblia. Isso estabelece a minha razão, e não a revelação de Deus, como o padrão.

Se vocês lerem a história de todos os avivamentos do passado, verão que foram períodos em que homens e mulheres creram que este livro é a Palavra de Deus. Creram nela literalmente, consideraram-na a revelação de Deus e a verdade com respeito a Ele e ao relacionamento do homem com Ele, e tudo que está envolvido nisso. Creram que este livro foi escrito por homens divinamente inspirados. Submeteram-se a ela, não se colocando acima dela como juízes ou como autoridades que pudessem decidir o que está certo e o que está errado. Contudo, os filisteus têm estado terrivelmente ativos nos últimos cento e cinqüenta anos. E as condições são o que são hoje porque as pessoas não têm autoridade alguma. Elas rejeitaram a autoridade das Escrituras, e estabeleceram as suas próprias opiniões, filosofia, ciência, conhecimento - todas estas coisas. O elemento sobrenatural é ignorado, e os milagres são rejeitados porque são incompatíveis com a ciência. Todas estas coisas foram cobertas. Qualquer atividade direta da parte de Deus é suspeita porque não se adapta aos sistemas dos filósofos. Estas são questões urgentes. Eu lhes imploro, leiam a história do passado, e creio que descobrirão que nunca houve avivamento quando homens colocaram as suas idéias e opiniões acima da autoridade da Palavra de Deus.

O terceiro grande artigo cardeal da fé que tem sido ignorado, é que o homem é pecador e está sob a ira de Deus. Esta é uma doutrina que o homem natural detesta, e sente que é um insulto. Ele sempre sentiu assim. Examinem a história, e verão que em todos esses períodos de apatia e de decadência as pessoas não criam no pecado dessa forma. Elas não criam na ira de Deus. E creio que não há duas outras coisas em conexão com a fé cristã que são tão abomináveis à mente do homem moderno como a doutrina do pecado, e a doutrina da ira de Deus. As pessoas tentam explicar ou justificar o pecado em termos de psicolo-

gia. Dizem que é um insulto à humanidade, e quanto a essa idéia da ira de Deus - "Ora," dizem, "esse não é Deus. Esse é o Deus tribal do Velho Testamento." Não faz muito tempo que um pregador proeminente disse que ele não acreditava no "Deus do Velho Testamento, sentado no topo do Monte Sinai, proclamando Sua ira e Sua condenação." Ele declarou crer no Deus de Jesus. Eles dizem que a idéia da ira de Deus é incompatível com a doutrina do amor de Deus.

Classifico tais declarações como obra dos filisteus porque a mera história de cada avivamento revela isso imediatamente. Homens e mulheres em meio a um avivamento tomam consciência, a princípio, de duas coisas acima de tudo o mais. Uma é a sua própria inexprimível pecaminosidade. Num avivamento vocês vêem homens e mulheres gemendo, agonizando sob a convicção do pecado. Estão tão cônscios da sua própria indignidade, e da sua vileza, que sentem que não podem continuar vivendo. Não sabem o que fazer consigo mesmos. Não podem dormir. Estão em agonia de alma. Se lerem a história, verão que isso é o que se salienta. A Bíblia ensina que "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso: quem o conhecerá?" (Jeremias 17:9).

O apóstolo Paulo escreveu, "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum... Miserável homem que sou!" (Romanos 7:18, 24). E num avivamento homens e mulheres sentem o que Paulo sentiu. Vêem a sua própria pecaminosidade, ficam horrorizados, e clamam por libertação.

Mas isso, então, os coloca frente a frente com a ira de um Deus santo, e essa é a causa de sua intensa agonia. Sabem que merecem essa ira, e que Deus, sendo Deus, tem que odiar o pecado com toda a intensidade de Sua natureza divina. E eles sabem que é assim, pois Ele o declarou em Sua Palavra. Está no Velho Testamento, e no Novo também. O Jesus que as pessoas colocam contra o Velho Testamento ensinou a respeito da ira de Deus. Ele falou acerca do inferno, falou sobre o lugar "onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Marcos 9:44). Foi Ele quem proferiu estas palavras. Estes conceitos podem ser encontrados em todo o Novo Testamento, tanto quanto no Velho. E não sei de outra coisa que seja tão aterrorizante em toda a Bíblia como aquela declaração no último livro, em Apocalipse, capítulo 6, que nos fala a respeito daqueles homens e mulheres que, no fim, quando O virem, clamarão às montanhas e às rochas que caiam sobre eles e os escondam - do quê? Da ira do Cordeiro, o Cordeiro de Deus, a encarnação do Seu amor. Sua ira é a coisa mais aterrorizante que se possa imaginar. É isso que acontece em cada período de

avivamento e despertamento. Homens tremem na presença do Deus vivo e santo. E quando vêem sua própria indignidade, não sabem o que fazer, nem para onde se voltar. Eles agonizam, talvez por dias e dias.

É isso que significa ter um avivamento, e todavia não seria esta a verdade que está sendo negada e rejeitada na época atual? Não seria nisto, acima de tudo o mais, sobre o que os filisteus estão jogando a sua terra e o seu refugo? Oh, eu não estou simplesmente contendendo por doutrina, Deus não permita que eu faça isso; e não estou ansioso por lutar, entretanto quero enfatizar este ponto com urgência por causa da minha profunda convicção de que, até que homens e mulheres na Igreja Cristã se humilhem (não estou pensando nos que estão fora) e se prostrem diante deste Deus santo e justo, e sim para usar o termo de Jonathan Edwards, "irado", não vejo esperança de avivamento. É nossa arrogância, é o nosso orgulho, é a nossa tendência de nos exaltarmos e definirmos Deus conforme o nosso próprio conceito, em vez de nos prostrarmos diante dEle, é isso que se coloca como obstáculo entre nós e essas poderosas bênçãos.

Além do mais, se não tivermos este fundamento, não adianta prosseguirmos. Não basta dizer que vocês crêem no Senhor Jesus Cristo. Vamos considerar a doutrina da Sua pessoa e Sua obra, mas vocês não poderão verdadeiramente crer nEle a não ser que comecem com este Deus soberano, transcendente e santo, que é e que age. Se não se submeterem inteiramente à revelação que Ele nos deu, e se não estão conscientes da praga no seu próprio coração, e a infâmia da natureza que herdaram originalmente de Adão; se não virem a sua própria inutilidade e sua condição desesperadora diante desse Deus santo e justo, que odeia o pecado com todo o Seu ser, vocês não têm direito de falar a respeito de avivamento, ou de orar por ele. O que avivamento revela acima de tudo o mais é a soberania de Deus, a iniqüidade, a inutilidade, a incapacidade do homem pecaminoso.

Que Deus nos dê graça para meditar nestas coisas. O que vocês pensam de Deus? Como se aproximam dEle? Qual é a sua atitude na presença dEle? Comecemos conosco mesmos. Isto é pessoal, é para cada um de nós. Num avivamento Deus Se apodera de homens desconhecidos, de quem ninguém nunca ouviu falar, insignificantes membros da Igreja. E é através de tais pessoas que Ele muitas vezes opera as Suas obras mais poderosas. Pode ser alguém cujo nome jamais foi ouvido que venha a ser o instrumento de Deus no avivamento pelo qual estamos ansiando! Portanto, eu apelo a vocês, considerem estas coisas. Têm uma idéia clara a respeito delas? Há alguma evidência da obra dos filisteus em sua vida e em seu coração? Se houver, removam-na. Voltem aos fundamentos.

4

Impureza Doutrinária

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Temos considerado como a tarefa imediata da Igreja, se ela está genuina e verdadeiramente preocupada com avivamento, é a de se livrar do refugo e da terra que os filisteus jogaram nos poços, e que estancaram o suprimento de água. O caminho para o avivamento não é apenas dizer: "Vamos orar a respeito." É claro que devemos orar, e pretendo enfatizar isso, e enfatizá-lo vigorosamente. Contudo, o que estou dizendo é que há algo que devemos fazer antes de orarmos. Há certas condições preliminares ligadas à oração. Cair de joelhos e proferir palavras não é necessariamente orar. A Bíblia, do começo ao fim, deixa perfeitamente claro que somente podemos nos aproximar de Deus de certas formas, e sob certas condições. E se não observarmos essas condições, não estaremos orando, e nossos exercícios espirituais não terão valor algum. Permitam-me expressá-lo desta maneira. A necessidade, dizemos, é a necessidade de um derramamento do Espírito de Deus. Mas obviamente, por definição, o Espírito de Deus só pode ser derramado sobre, e só pode honrar, a Sua própria verdade. O Espírito Santo não pode honrar uma mentira. Ele não pode honrar uma negação da verdade. O Espírito que é derramado num avivamento é o mesmo que dirigiu aqueles homens a escreverem os livros da Bíblia. Foi Ele quem deu a verdade, e protegeu a sua escrita de uma forma infalível. Esta é a verdade do Espírito. Então, se queremos a bênção do Espírito Santo, é óbvio que devemos nos certificar que nossa posição concorda com Sua verdade. E não temos o direito de pedir por Sua bênção, a não ser que observemos as condições que Ele mesmo estabeleceu.

É por isso que digo que a primeira tarefa é nos livrarmos do refugo dos filisteus. É um processo doloroso. Admito livremente que eu preferiria não ter de fazer isso. Seria muito mais simples dizer: "Vamos

orar", e organizar reuniões de oração. Todavia, se realmente cremos na Bíblia, não podemos fazer isso. É uma contradição de termos. Devemos seguir a ordem bíblica. Até aqui temos considerado que as primeiras coisas de que precisamos nos livrar são dúvida ou negação das doutrinas vitais da fé. Ora, observem a minha ênfase aqui. Afirmo que a primeira obra dos filisteus é negar ou lançar dúvidas, ou negligenciar, ou ignorar, certas doutrinas vitais e essenciais. Não estou preocupado com quaisquer outras doutrinas. Há doutrinas, e então há doutrinas. Há doutrinas que são absolutamente essenciais à posição cristã. Há outras que cremos ser corretas, porém não podemos afirmar que são essenciais. E estou preocupado apenas com aquelas que são essenciais. Esta não é a hora de nos preocuparmos com refinamento, é hora de concentrarmos no que é fundamental. Daí termos considerado algumas dessas doutrinas. Examinamos as doutrinas da transcendência, da soberania de Deus, da autoridade da Bíblia, e a doutrina do homem em pecado e sob a ira de Deus. Mas isso nos conduz a outra doutrina, uma das mais essenciais. E é, naturalmente, a pessoa do Senhor Jesus Cristo. Ele é central, Ele é crucial. Ao lerem a Bíblia, vocês O encontram do começo ao fim. Ele está no Velho Testamento, que aponta para Ele: é um livro de promessas com respeito à Sua vinda, e o que Ele fará quando vier. Alguém que não encontra o Senhor Jesus Cristo no Velho Testamento é espiritualmente cego. E o Novo Testamento, é claro, é nada mais que uma exposição e delineação dEle. Os Evangelhos e o livro de Atos falam sobre esta bendita pessoa. Ele está no centro. Em última análise, a Bíblia toda fala a respeito dEle, porque é nEle, e através dEle, que Deus visita e redime o Seu povo, e providencia esta grande salvação.

Considerem também, a obra do Espírito Santo. Compreendemos a necessidade do poder do Espírito Santo, e sabemos que a Igreja deveria estar orando por uma visitação do Espírito. No entanto, a suprema obra do Espírito Santo, como o próprio Senhor declarou, é glorificar o Senhor Jesus Cristo. Ele disse: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (João 14:26). "Não falará de si mesmo" (João 16:13); não, "Ele me glorificará" (João 16:14). Assim a suprema obra do Espírito Santo é apontar para o Senhor Jesus Cristo e focalizar nossa atenção nEle.

Ainda mais, se vocês examinarem as evidências históricas e lerem os registros de todos os avivamentos de que se tem notícia na longa história da Igreja, descobrirão invariavelmente que o centro da vida da Igreja, em tais períodos, sempre foi o próprio Senhor Jesus Cristo. Ou

considerem os grandes hinos que foram escritos, e que se tornaram tão populares há duzentos anos atrás. Há tantos deles, escritos por Charles Wesley, Philip Doddridge, Isaac Watts, William Williams, e por muitos outros. Qual é o grande tema desses hinos? É o Senhor Jesus Cristo. Não há nada mais típico do avivamento e despertamento do século dezoito do que palavras tais como, "Jesus, amante da minha alma, quero me refugiar em Teu seio..." Em meio a todo o deísmo e pregações filosóficas que caracterizaram o fim do século dezessete e o começo do século dezoito, surgiu esta pregação devocional, espiritual, vital, acerca do Senhor Jesus Cristo e do conhecimento pessoal que as pessoas podiam ter dEle. Esses hinos estão repletos dessas verdades. E vocês descobrirão que foi o mesmo que aconteceu em todos os outros períodos de avivamento. Tudo se concentrava no Senhor Jesus Cristo. Os hinos favoritos que eram cantados há cem anos atrás, em todos os países que foram visitados por um avivamento, eram exatamente estes hinos sobre a pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. E tem sido assim em cada experiência de avivamento em todo lugar neste presente século.

Não seria óbvio, então, por todas estas razões, que se o Senhor Jesus Cristo não for crucial, central, vital, e não ocupar o centro das nossas meditações e da nossa vida, nosso pensamento e nossas orações, que realmente não temos o direito de esperar por avivamento? E no entanto, qual é a situação? Se forem falar com muitas pessoas, até mesmo na Igreja, sobre religião, vocês descobrirão que elas falarão por muito tempo, e com eloqüência, sem jamais mencionarem o Senhor Jesus Cristo. Não me canso de mencionar isto, porque é algo com que estou tão familiarizado em minha experiência pastoral. As pessoas vêm falar comigo a respeito destas coisas, e eu lhes faço a seguinte pergunta: "Esta é a maneira de saber se você não está feliz consigo mesmo. Como você se sentiria se soubesse que deverá morrer hoje à noite?"

"Oh," é a resposta, "eu creio em Deus."

"Muito bem," digo: "o que você dirá quando estiver na presença de Deus? No que está confiando?"

"Bem," dizem, "eu sempre tentei viver de forma correta, fiz o melhor que pude, tentei fazer o bem e evitar o pecado."

"Sim," eu digo, "isto é muito bom. Mas ainda assim, você pecou, não é mesmo?"

"Oh, sim, pequei."

"Então," eu pergunto: "O que você vai fazer sobre o seu pecado? O que vai dizer a Deus, na Sua presença, a respeito do seu pecado?"

"Bem," respondem, "eu creio que Deus é um Deus de amor."

"E como é que isso vai ajudá-lo?"

"Bem," é a resposta, "eu creio que, se eu confessar meu pecado a Deus e então pedir que Ele me perdoe, Ele vai me perdoar, e estou confiando nisso."

Então eu os pressiono e continuo com minhas perguntas e interrogação. E eles continuam dando-me o mesmo tipo de resposta.

O ponto que quero enfatizar é que eles jamais mencionam o nome do Senhor Jesus Cristo. Crêem no perdão, percebem a sua necessidade de perdão e querem ser perdoados, mas parecem pensar que podem obter o perdão de Deus à parte do Senhor Jesus Cristo. Não compreendem o sentido do pão e do vinho da Ceia, ou da morte e do derramamento do sangue de Jesus Cristo. Parecem não compreender isso. Parecem pensar que podem se aproximar de Deus diretamente, sem o Senhor Jesus Cristo. Temos muito cristianismo, assim chamado, porém sem Cristo. Ele não ocupa mais o pensamento de tais pessoas. Parece não ser mais absolutamente vital, e se O apagássemos da história, essas pessoas continuariam exatamente na mesma posição. Parecem estar vivendo no nível dos santos do Velho Testamento, e às vezes nem mesmo isso, porque aqueles santos pelo menos estavam aguardando a vinda do Messias, ao passo que essas pessoas parecem não ver qualquer necessidade dEle.

Isto é, claramente, obra dos filisteus. Qualquer coisa que encubra o Senhor Jesus Cristo, qualquer coisa que, de qualquer forma, O tira do centro e O coloca em qualquer outro lugar, é obra dos filisteus. Oh, como os filisteus têm estado ativos durante o presente século em particular! Há certas coisas, meus caros amigos, sobre as quais não deveria haver nenhuma discussão. E a primeira é a deidade singular do Senhor Jesus; a Sua eternidade. Leiam as descrições dEle feitas pelo apóstolo Paulo no primeiro capítulo de Colossenses. Ele é antes de tudo; nEle tudo subsiste; Ele é eterno, um com o Pai. Não pode haver discussão sobre isso. Não devemos perder tempo argumentando com pessoas que negam a deidade singular do Senhor Jesus Cristo, Sua eternidade, Sua igualdade com Deus, Sua encarnação, e a bendita verdade das duas naturezas em uma única pessoa. Voltem atrás, examinem cada período de avivamento, e verão que não há discussão a este respeito. Esta é a verdade em que se gloriam, é o que dá sentido à sua vida, e para mim estas coisas são absolutamente essenciais. Eu não compreendo como alguém pode dizer que crê nEle e no entanto não crê no nascimento virginal, ou em Seus milagres, e não crê em Sua ressurreição física e literal.

O apóstolo Paulo não argumenta acerca disso. Ele diz: "E se Cristo não ressuscitou logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé... e ainda permaneceis nos vossos pecados" (I Coríntios 15:14, 17). Paulo está falando sobre a ressurreição literal em I Coríntios, capítulo 15. Ele não está falando a respeito da permanência do Espírito de Cristo. Ele não está simplesmente argumentando que, apesar de morto, Ele ainda é capaz de nos ajudar. Não, ele está falando da ressurreição física e literal. E ele diz: "Se isso não é verdade, então tudo que eu tenho pregado está errado." Todavia, há pessoas que se consideram cristãs, e até mesmo pregadores cristãos hoje em dia, que negam a ressurreição física de nosso Senhor, e dizem que realmente não importa. Afirmo que, enquanto alguém mantiver tal posição, não tem o direito de orar por avivamento, nem esperar por ele. Isso porque o Espírito Santo é uma das testemunhas da ressurreição. Lembram-se como o apóstolo Pedro o expressa? Ele diz: "E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem" (Atos 5:32). O Espírito Santo é uma testemunha destas coisas, testemunha da Sua encarnação, testemunha do Seu ministério, Seus ensinos, Seus milagres, testemunha da Sua morte, testemunha da Sua gloriosa ressurreição física e literal, e testemunha da Sua ascenção. "Somos testemunhas... nós e também o Espírito Santo." Como, então, pode você pedir que o Espírito Santo o abençoe e derrame o Seu poder, se nega aquilo de que Ele dá testemunho, se nega a pessoa a Quem o Espírito Santo veio glorificar?

Então, de que adianta dizer "Vamos orar" se não temos uma idéia clara a respeito destas coisas? Vocês nunca chegarão à água dos poços enquanto não tirarem o entulho dos filisteus. Avivamento, acima de tudo o mais, é uma glorificação do Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. É a restauração de Jesus Cristo ao centro da vida da Igreja. É uma devoção profunda e pessoal a Ele. Revela-se nos hinos, nossos cânticos de louvor: Cristo, o centro da vida da Igreja. Vocês não percebem a necessidade de se livrarem dessa obra dos filisteus? Não há valor num chamado cristianismo que não exalta Jesus Cristo, que não vive para Ele, e que não vive para testemunhar dEle.

Isso, forçosamente, me leva à Sua obra; primeiro Sua pessoa, sim, mas agora a Sua obra. Que quero dizer com "Sua obra"? Bem, quero enfatizar especialmente a Sua expiação, Sua morte na cruz, Seu corpo quebrado e Seu sangue derramado. Novamente estou citando a vocês fatos que podem verificar por si mesmos. Vocês notarão que em cada período de avivamento, sem exceção, houve uma tremenda ênfase no sangue de Cristo. Os hinos mais cantados em períodos de avivamento

têm sido os hinos a respeito do sangue de Cristo. Eu poderia citá-los a vocês em vários idiomas. Não há nada mais característico do que isso. Mais uma vez descobrimos que o apóstolo o expressou para nós, em Colossenses, capítulo 1: "Havendo feito a paz..." - como foi que Ele fez a paz? - "...pelo sangue da sua cruz" (versículo 20).

É claro, sei perfeitamente bem, que quando faço uma declaração assim estou dizendo algo incomum e extremamente impopular na época atual. Há pregadores cristãos que pensam que estão sendo sagazes ao ridicularizar a teologia do sangue. Eles a repudiam com desprezo. "A religião do Velho Testamento," dizem, "chafurda em sangue. O sangue de novilhos e de bodes, e toda essa materialização e falatório a respeito do sangue de Cristo." Naturalmente dizem isso. E é por isso que a Igreja está na situação em que está. Mas em períodos de avivamento, ela se gloria na cruz, e gloria-se no sangue. Porque, como o autor da Epístola aos Hebreus o expressa, há somente um caminho pelo qual podemos entrar com confiança no santo dos santos, e é pelo sangue de Jesus (Hebreus 10:19). É isto que o Espírito Santo honra. É disto que Ele dá testemunho, que o Filho de Deus veio a este mundo e foi feito um pouco menor do que os anjos. Para quê? Para o sofrimento da morte, a fim de que provasse a morte por todos os homens.

O centro nervoso, o coração do evangelho cristão, é este: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue" (Romanos 3:25). "Para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26). "Em quem termos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas" (Efésios 1:7). "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). O coração do nosso evangelho é que "aquele que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (II Coríntios 5:21). Ouçam o que o maior pregador que a Igreja já teve dizia a respeito de si mesmo: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6:14). É nisso que ele se gloria e orgulha. Também, ele escreve aos Coríntios: "Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (I Coríntios 2:2).

No entanto, ainda há quem diga que a Sua morte na cruz foi um acidente , ou nada mais que a morte de um pacifista, ou algo desse gênero. Eles não vêem a sua centralidade; não entendem que foi por meio da Sua morte ali que Ele obteve a nossa salvação; que foi porque Deus colocou sobre Ele a iniqüidade de nós todos, que somos perdoados e libertados. "Ah," dizem, "é algo mecânico, é quase uma

negociação. Você está tornando isso em algo quase material. É simplesmente uma grande demonstração do amor de Deus." Mas não é. A cruz é o ponto em que o Deus santo, eterno, e eternamente justo, providenciou um caminho de salvação, ao derramar o castigo do nosso pecado sobre o Seu único, amado Filho. Não vejo esperança de avivamento enquanto homens e mulheres negarem o sangue da cruz, e zombarem daquilo em que deveriam se gloriar.

Quando contemplo aquela cruz maravilhosa,
Onde o Príncipe da glória morreu,
Meu maior lucro considero perda,
E desprezo todo o orgulho meu.

Isaac Watts

Lançaram o lixo, e a terra, e todo o refugo, sobre o bendito fato da morte e do sangue, e da cruz. E não é de surpreender que a Igreja esteja na condição em que se encontra atualmente. Não é de surpreender que o mundo esteja na situação em que está, quando a nossa mensagem central está escondida. O que temos? Não há esperança, eu afirmo, enquanto não nos livrarmos desta obra dos filisteus. Removam o entulho que está escondendo a mais preciosa de todas as verdades.

Isso, por sua vez, me leva à próxima doutrina, a qual é a pessoa e a obra do Espírito Santo. Aqui, de muitos modos, está a mais prática de todas as doutrinas de que estou tratando. E aqui, infelizmente, sinto-me compelido a dizer coisas que não somente se aplicam às pessoas que até aqui estavam em nossa mente, aqueles que negam a autoridade das Escrituras , e aqueles que rejeitam a doutrina do pecado e da expiação. Aqui somos compelidos a dizer coisas das quais, parece-me, muitos evangélicos também são culpados. Faço estas declarações, portanto, com muito pesar. Mas se estamos preocupados com avivamento, isto precisa ser dito. Os filisteus sempre cuidaram de esconder a pessoa e a obra do Espírito Santo, ou, se preferirem, eles têm sido culpados de várias formas de extinguir o Espírito. Como fazem isso? Bem, aqui estão algumas das formas. Uma delas é esquecê-lO, e ignorá-lO completamente. E há muitas pessoas que fazem isso. Naturalmente, se lhes perguntarem, dirão que crêem nEle, mas na prática esquecem-se dEle completamente.

Eu não paro aí. Há outros que, se por um lado não O esquecem, por outro lado O consideram apenas uma influência; não crêem nEle como uma pessoa. "Oh," dizem, "há uma influência do Espírito de Deus." Todavia não falam a respeito da pessoa do Espírito Santo, e isto deve

entristecê-lO terrivelmente. Nosso Senhor fala sobre o mandar *Ele*. Ele declarou, "Eu orarei ao Pai, e Ele vos enviará um outro Consolador"; "Não vos deixarei sem conforto"; "Ele vos guiará em toda a verdade". Jesus fala a respeito dEle. Sim, somos trinitarianos, cremos em Deus o Pai, o Filho, *e* o Espírito Santo. E como podemos esperar que Ele nos visite e nos abençoe, se falamos acerca dEle como uma "coisa"? Vocês gostariam que alguém os tratasse como uma "coisa"? Gostariam que pensassem a seu respeito como nada mais do que um agente de poder? Naturalmente que não. Não há nada que insulte uma pessoa mais do que se lançar dúvidas sobre a sua personalidade. E é isto que homens e mulheres estão fazendo com o Espírito Santo; estão falando dEle como uma "coisa", uma influência. Não - Ele é uma bendita pessoa.

Ou permitam-me colocá-lo desta forma. Ele não recebe o lugar que é indicado como Seu nos ensinos de nosso Senhor nos capítulos 14 e 16 do Evangelho de João. Leiam estes capítulos novamente. Não só o Senhor fala a respeito do Espírito Santo como sendo uma pessoa, uma bendita pessoa, mas Ele também descreve as funções do Espírito Santo. Ele nos diz o que o Espírito Santo vai fazer, e como Ele está ao nosso lado, como fala conosco, como Ele nos inspira, como nos conduz de volta à verdade e nos revela a verdade, como nos ilumina e nos dá compreensão, como Ele pode convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. É o ministério do Espírito Santo. Houve quem sugerisse que o livro que chamamos o livro dos Atos dos Apóstolos deveria ser chamado o livro dos Atos do Espírito Santo, e há muita verdade nessa declaração.

Devemos prosseguir, porém, para o que é, naturalmente, o ponto mais crucial de todos em conexão com a doutrina da pessoa e da obra do Espírito Santo nesta questão. E é o problema dos derramamentos do Espírito Santo, ou, se preferem, os batismos do Espírito Santo. Este é, obviamente, o ponto crucial em relação a toda esta questão de avivamento, porque creio que por definição um avivamento é um derramamento do Espírito de Deus; o Espírito de Deus vindo em poder sobre uma pessoa ou um número de pessoas ao mesmo tempo. Leiam as histórias dos avivamentos e é isso que descobrirão. Mas a obra dos filisteus, naturalmente, é negar e contestar isso. E está sendo feito por muitas pessoas e de muitas formas. Alguns o contestam por simplesmente rejeitá-lo como sendo histeria. "Ah," dizem, "o que vocês definem como avivamento é nada mais que histeria em massa. Pessoas simplórias se entusiasmando. É por isso que ouvimos falar de avivamentos hoje no Congo Belga *, ou talvez em certas ilhas do noroeste

* Zaire

da Escócia. Eles não acontecem em países como o nosso. São pessoas simples, histeria em massa." Imagino que estejam familiarizados com tais idéias. Isto é obra dos filisteus. E há pessoas que se consideram cristãs e que não hesitam em afirmar que os chamados grandes avivamentos da história foram nada mais que evidências de histeria em massa. Pode haver coisa que entristeça mais o Espírito de Deus do que isso? Tais pessoas dizem: "Não devemos esperar algo assim num país como este, com pessoas instruídas e sofisticadas. Isso só acontece entre povos primitivos." Não sei de outra coisa que chegue tão perto de ser blasfêmia contra o Espírito Santo. E quero adverti-los solenemente que o próprio Senhor ensinou que qualquer pessoa que falar uma palavra contra o Filho do homem, ou seja, contra Ele mesmo, será perdoada. Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, Ele disse, não será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo por vir. Sejamos cautelosos, meus caros amigos, para que não nos tornemos culpados desta terrível blasfêmia de atribuir a obra do Espírito Santo de Deus a algo psicológico, a uma manifestação histérica. Que sejamos cautelosos ao falar a respeito destas coisas.

Mas então, há outros que, se por um lado não classificam a obra do Espírito Santo como histeria, por outro lado são igualmente culpados de extinguirem o Espírito, porque argumentam nestes termos. Dizem: "O batismo do Espírito Santo é algo não-experimental. O batismo do Espírito Santo é algo que acontece a cada pessoa quando ela nasce de novo, quando é regenerada. Então todos somos batizados no Espírito Santo, todos recebemos esse batismo." Agora, lembrem-se, eles estão falando daquilo que é descrito no segundo capítulo de Atos. E dizem, "Sim, isso foi o batismo do Espírito Santo. Entretanto todos recebemos isso agora, e é inconsciente, não estamos conscientes disso, acontece conosco no momento em que cremos e somos regenerados. É um ato de Deus que nos une ao Corpo de Cristo. Isso é o batismo do Espírito. Por isso é inútil orar por algum outro batismo do Espírito, ou pedir a Deus que derrame o Seu Espírito sobre a Igreja, ou que batize a Igreja novamente com o Seu Espírito Santo, com um batismo de poder. Isso é não-experimental, e aconteceu com todos nós, não devemos pedir por ele."

Ou o argumento é apresentado de outra forma. É ensinado que o que aconteceu no dia de Pentecoste aconteceu de uma vez para sempre, que não pode ser repetido, e portanto é errado orar para que o Espírito Santo seja derramado. Os que defendem esta idéia dizem, "Deus, no dia de Pentecoste, derramou o Seu Espírito sobre a Igreja. E o Espírito Santo tem estado na Igreja desde então. Então," eles ensinam, "é realmente

errado orar por um derramamento do Espírito de Deus." Não é de surpreender que, à medida que esse tipo de pregação encontrou aceitação, as pessoas pararam de orar por avivamento, e a Igreja está na condição em que está hoje.

Há ainda outros, parece-me, que são culpados da mesma coisa, mas desta forma. Eles falam somente de estar cheios do Espírito. Eles dizem, "É nisto que devemos concentrar nossa atenção. Certamente tudo que é exigido de pessoas cristãs, e dos membros da Igreja, é que eles sejam continuamente cheios do Espírito, e enquanto forem cheios do Espírito, o que mais é necessário?" E acrescentam, "Não há necessidade de se orar por esses batismos e visitações de que estão falando. Por que não dizer às pessoas simplesmente que continuem sendo cheias do Espírito?" Assim, como vêem, chegamos a uma posição em que tudo que é necessário é que evangelizemos, e então ensinemos os convertidos sobre a importância de serem continuamente cheios do Espírito. Enquanto fizermos estas duas coisas, nada mais é necessário. Contudo eu estou sugerindo, e sugerindo seriamente, que essa é a razão principal porque as pessoas não têm orado por avivamento. Não vêem a necessidade. Nunca pensam em termos do Espírito vir repentinamente sobre a Igreja, por exemplo, como Ele veio não somente no dia de Pentecoste, e sim no dia seguinte também. Isso está registrado no capítulo 4 de Atos. Os membros da Igreja estavam todos reunidos, estavam orando a Deus, e lemos que subitamente, enquanto estavam orando o Espírito Santo veio sobre eles, e o prédio em que estavam se reunindo tremeu. Houve um outro batismo, um derramamento do Espírito, sobre Cornélio e sua casa, e aconteceu em muitos outros lugares também. Entretanto tudo isto é posto de lado, é esquecido. A crença hoje é que não precisamos deste tipo de coisa. Evangelizem e então transmitam esse outro ensino sobre ser cheio do Espírito; e não deixam lugar para um derramamento do Espírito, isso não é esperado, e não acontece.

Além disso, há um patético grupo de pessoas - de certa forma é o mais patético de todos - que não só dizem que não devemos orar por uma visitação do Espírito como essa, mas que não devemos orar por avivamento de forma alguma. Seus argumentos tomam esta forma: "Estamos vivendo nos últimos dias. O advento de Cristo está às portas. O Espírito Santo foi removido, e se Deus está removendo o Espírito Santo, que direito têm vocês de orar por uma vinda e um derramamento do Espírito? As profecias deveriam ser suficientes para tornar perfeitamente claro a vocês que não pode haver outro avivamento, porque Cristo está voltando tão em breve que não há tempo para um avivamen-

to. Por isso vocês nem deveriam estar orando nesse sentido."

Ora, eu afirmo que esta é a objeção mais patética de todas porque todo esse argumento está baseado numa tentativa de interpretar apenas um capítulo das Escrituras: II Tessalonicenses, capítulo 2. Está baseado na pressuposição de que o que eles crêem e ensinam é a única explicação possível para aquele capítulo. E, numa das exposições mais duvidosas possíveis de um capítulo extremamente difícil, tais pessoas afirmam categoricamente que, portanto, não devemos orar por avivamento, de maneira alguma - e imaginam que estão sendo muito bíblicas ao afirmar isso. Estabeleceram os tempos e as épocas. Mas as Escrituras nos dizem que não devemos nos preocupar com tempos e épocas. As Escrituras dizem que nem mesmo o próprio Senhor Jesus Cristo sabia o dia da Sua segunda vinda, que somente Deus sabia isso. Estas pessoas, porém, chegaram a esta conclusão, e estão tão convencidas que dizem que não devemos orar por avivamento porque o Espírito Santo está sendo retirado. Tais pessoas, parece-me, são culpadas deste terrível pecado de extinguir o Espírito, e são parcialmente responsáveis, portanto, pela secura espiritual e toda a condição da Igreja Cristã em nossa época atual.

Em outras palavras, eu diria que o que tantos estão contestando, negando e ignorando, é o que eu chamaria a imediata e direta ação do Espírito Santo. Eles dizem que o Espírito só opera através da Palavra, e que não devemos esperar nada do Espírito à parte daquilo que vem imediatamente através da Palavra. Assim, parece-me que estão extinguindo o Espírito, porque leio em Atos 13 que o Espírito Santo disse à igreja em Antioquia: "Apartai-me a Barnabé e a Saulo..." E leio no capítulo 15 que o concílio de Jerusalém declarou: "Pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós..." Leio no capítulo 16 que Paulo estava ansioso para pregar o evangelho na Ásia mas o Espírito "não lho permitiu". Ele queria pregar na Bitínia, e o Espírito Santo o impediu. A viva, poderosa atividade do Espírito; o Espírito vindo diretamente, por assim dizer, controlando, dirigindo, guiando, dando ordens e indicando o que deve ser feito; o Espírito descendo sobre eles; é isso que sempre temos num avivamento. Mas isso é o que está completamente ausente das mentes de homens e mulheres.

Ao encerrar este capítulo, permitam-me apresentar este fato novamente. Para mim é algo admirável e significativo. Verifiquem por si mesmos o que vou dizer agora. Examinem muitos livros que foram escritos neste século a respeito da doutrina do Espírito Santo e tentem encontrar um parágrafo, ou uma seção, ou um capítulo, acerca de avivamento. Há muitos livros escritos sobre a pessoa e a obra do

Espírito Santo, porém eles não mencionam avivamento. Não mencionam uma visitação do Espírito de Deus, um derramamento do Espírito de Deus, nem sequer fazem menção disso. Eu poderia citar os autores. Nenhuma palavra a respeito de avivamento. Por que não? Não há dúvida de que é por causa dos ensinos que acabei de salientar: eles não acreditam mais em avivamento. Tudo que vocês precisam fazer é continuar sendo cheios do Espírito, e exortar a Igreja toda a fazer isso. Não há qualquer idéia em suas mentes a respeito de uma súbita vinda do Espírito sobre as pessoas, da forma que sempre acontece num avivamento, operando obras maravilhosas. Agora, se vocês voltarem atrás e lerem livros que foram escritos sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo, digamos, por volta de 1860, por Smeaton, por exemplo, e outros, vocês encontrarão nesses livros trechos concernentes a despertamentos e avivamentos religiosos. Tratam deles de forma específica. No passado sempre fizeram isso, mas durante os últimos setenta ou oitenta anos toda essa noção de uma visitação, um batismo do Espírito de Deus sobre a Igreja, desapareceu.

Até mesmo escritores evangélicos não mencionam avivamento. Nem sequer pensam nisso. E isto certamente é extinguir o Espírito Santo de Deus, porque o Espírito Santo não só tem o que poderíamos chamar a Sua obra comum, Ele também tem o Seu trabalho extraordinário, que é o aviamento. É claro que devemos evangelizar, é claro que devemos pregar a respeito de sermos cheios do Espírito, sim, mas acima e além de tudo isso devemos clamar a Deus para que derrame o Seu Espírito sobre toda a Igreja. E isso é avivamento, a descida, o derramamento do Espírito acima e além da Sua obra comum, normal; algo espantoso, singular, extraordinário que Deus, em Sua soberania e infinita graça, fez na Igreja de tempos em tempos, através dos longos séculos da sua história.

Examinem novamente a sua doutrina do Espírito Santo, e em nome de Deus, sejam cautelosos para que, em sua doutrina bem organizada e ordenada, vocês não estejam excluindo e colocando de lado esta coisa notável que Deus faz periodicamente mediante o Espírito Santo, enviando-O sobre nós, visitando-nos, batizando-nos, e vivificando a Igreja toda de uma forma miraculosa e admirável.

5

Ortodoxia Defeituosa

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Ao retornarmos a esta passagem e lermos a respeito da necessidade de Isaque de limpar os poços de seu pai do lixo dos filisteus, não hesito em declarar que a causa principal da condição da Igreja Cristã hoje em dia, e em conseqüência disso, a causa do estado em que se encontra o mundo, é a terrível apostasia que tem cada vez mais caracterizado a Igreja nestes últimos cem anos. Portanto, temos que começar com isto: temos que nos livrar desse lixo. E assim, temos considerado quais são essas doutrinas vitais, cuja negligência, má interpretação, ou rejeição, é sempre uma marca da obra dos filisteus. Tratamos de várias grandes doutrinas, e há outras, duas especialmente, às quais quero chamar sua atenção. Obviamente a doutrina da justificação unicamente pela fé é absolutamente essencial. Jamais houve um avivamento que não desse ênfase a esta verdade. Esta doutrina significa o fim de quaisquer ilusões a nosso próprio respeito, a respeito da nossa bondade, das nossas boas obras, da nossa moralidade e de todos os nossos próprios esforços. Examinem as histórias dos avivamentos e encontrarão homens e mulheres em desespero. Sabem que toda a sua justiça é nada mais que trapos imundos, e toda a sua bondade não tem nenhum valor. E ali estão, sentindo que nada podem fazer, clamando a Deus por misericórdia e compaixão. Justificação pela fé. É um ato de Deus. "Se Deus não o fizer por nós," dizem eles, "então estamos perdidos." Assim esperam em total debilidade diante dEle. Não prestam atenção e não dão qualquer importância a toda a sua religiosidade passada, a toda a sua fidelidade em freqüência à igreja, e muitas, muitas outras coisas. Percebem que tudo isso não tem nenhum valor, até mesmo a sua religião não tem valor, não há nada neles que tenha qualquer valor. Deus tem que justificar o ímpio. E esta é a grande mensagem proclamada em cada período de avivamento.

Naturalmente, é importante por esta razão: apegando-se a esta doutrina, as pessoas sempre se conscientizam em tais ocasiões da imediata possibilidade de salvação. Isto, como sabem, é um notável aspecto em todos os avivamentos. Nas palavras de Goldsmith, "Os tolos que vieram zombar ficaram para orar." Homens que se aproximaram motivados por simples curiosidade foram subitamente tocados pelo Espírito, e ali, naquele momento, a grande transação aconteceu, e sairam de lá transformados. Agora, se não professamos a doutrina da justificação pela fé, não podemos crer numa obra tão imediata e em resultados tão imediatos. E na Igreja ainda há uma grande tendência, embora inconsciente, de se apegarem às obras, e considerarem toda esta questão da salvação como algo que resulta do que fazemos - como se pudéssemos nos "fazer" cristãos!

Por isso é essencial que tenhamos uma compreensão clara desta doutrina. Foi o que revolucionou a vida de Martinho Lutero e introduziu a Reforma Protestante; foi o que Whitefield, os irmãos Wesley, Rowland e Harris no País de Gales, e muitos outros que foram poderosamente usados por Deus, redescobriram no século dezoito. Foi a compreensão da justificação pela fé que realmente resultou no derramamento do Espírito. Sempre tem sido assim. Daí não podermos nos dar ao luxo de negligenciar ou ignorar esta doutrina crucial.

A outra doutrina é, naturalmente, a doutrina da regeneração. Suponho que esta foi, em particular, a grande doutrina de duzentos anos atrás. Novamente, a ênfase é a absoluta necessidade da obra do Espírito Santo. Traz à nossa memória que nada é adequado ou suficiente, exceto que a pessoa nasça de novo e receba uma nova natureza. Lembra-nos que não há qualquer valor numa decisão por parte do homem a não ser que seja uma indicação da mudança de sua natureza. Eu poderia facilmente elaborar este ponto. Sabemos que é psicologicamente possível fazer uma pessoa tomar uma decisão, ou persuadi-la a fazer quase qualquer coisa que queiramos. As seitas fazem isso, as religiões falsas fazem isso. Razão porque estão florescendo tanto hoje em dia. Novos movimentos religiosos que estão longe da ortodoxia obtêm resultados e estão crescendo. Estamos familiarizados com eles - todos quantos batem à nossa porta. Estes movimentos estão sendo bem sucedidos, têm reuniões em massa e grande número de decisões. Sabemos que tais coisas podem ser alcançadas através de pressão mental. Portanto, o fato de que um homem decide ser religioso e mudar sua vida de certas formas, não é prova que ele é um cristão.

O que nos faz cristãos? A obra da regeneração; o Espírito Santo de

Deus operando em nós, nas profundezas da nossa personalidade, e colocando ali um novo princípio de vida, algo absolutamente novo, de forma que resulta num "novo homem". Esta é uma doutrina que sempre é proclamada em todo período de avivamento e despertamento. E é assim, invariavelmente, que temos essas dramáticas e notáveis transformações. Homens além de toda a esperança, e que tinham sido abandonados até mesmo por seus familiares e amigos mais chegados; homens que já haviam abandonado a si mesmos, sentindo que nada podia ser feito a favor deles, sentindo-se completamente desesperados, rejeitados por seus semelhantes e por Deus. Subitamente esta obra acontece em sua vida, e eles descobrem que são novas criaturas, com uma perspectiva de vida completamente nova, e ansiosos por viver um novo tipo de vida. Regeneração! Salienta-se na história de cada avivamento que já houve na longa história da Igreja Cristã. Em outras palavras, tudo num avivamento enfatiza a atividade deste Deus soberano. Ele está intervindo. Ele está operando. Ele está fazendo algo. E isso é revelado claramente pelos resultados e os efeitos da obra de regeneração.

Essas, então, são algumas das doutrinas principais, ou o que eu chamaria de doutrinas essenciais e cruciais. Essas são doutrinas a respeito das quais não pode haver qualquer discussão. Sinto que temos perdido muito tempo argumentando com pessoas acerca destas doutrinas. São fundamentalmente essenciais, e sem elas não temos o direito de esperar ou de orar pela influência e a demonstração do Espírito Santo de Deus.

Ortodoxia, então, definida nestes termos, é absolutamente essencial, e negá-la é erro e heresia, é obra dos filisteus, uma obra que constantemente arruína a obra da Igreja e produz esses terríveis períodos de servidão espiritual, tais como o que estamos experimentando atualmente. Devemos começar, portanto, com a absoluta necessidade de ortodoxia nestes aspectos vitais.

Tendo dito isso, passo a um segundo grupo de considerações que se aplicam particularmente àqueles que professam ser evangélicos. É muito difícil fazer distinções rígidas nestas questões. Há certas coisas, talvez, que eu incluiria sob este próximo ponto que alguns de vocês prefeririam colocar sob o ponto que segue mais adiante. A classificação não é vital, todavia é bom que a façamos tanto quanto possível. Assim, meu próximo ponto é *ortodoxia defeituosa*. Começamos com ortodoxia, e nos ocupamos especialmente com pessoas que não são ortodoxas. Quero agora passar a considerar aqueles que são ortodoxos, mas cuja ortodoxia é defeituosa em certos aspectos. E para mim,

isto, novamente, é de suprema importância, porque todos estamos cientes do fato de que há muitos indivíduos e muitas igrejas que são ortodoxos, mas que parecem não ter vida alguma. Qual é a razão que o Espírito Santo não desce sobre toda igreja evangélica? Qual é o problema? Algo deve estar errado. Quero sugerir, portanto, algumas coisas que constituem ortodoxia defeituosa - ou, se preferirem, ortodoxia excêntrica.

O primeiro problema nesta questão é a preocupação sobre a pessoa, em vez de com a própria pessoa. O problema com pessoas que não são ortodoxas é que estão erradas em suas doutrinas a respeito de Deus, do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo. Mas agora estou indicando que há um terrível perigo de colocarmos nossas doutrinas, as verdadeiras doutrinas, sobre estas pessoas no lugar das pessoas. E isso é absolutamente fatal. Todavia é uma armadilha muito comum, que captura pessoas evangélicas, e pessoas ortodoxas. Você pode ser ortodoxo, porém morto. Por quê? Bem, porque está se limitando às doutrinas, está se limitando às definições, não compreendendo que o propósito da doutrina não é o de ser um fim em si mesma, e sim o de nos guiar ao conhecimento da pessoa, à compreensão da pessoa, e à comunhão com a pessoa.

O próprio Novo Testamento trata disto extensamente, em muitos lugares. E a história da Igreja certamente o revela muito claramente. De fato, há igrejas e denominações hoje em dia que são perfeitamente ortodoxas, no entanto são mortas. Não parecem ser usadas na salvação de almas, e não dão ao seu povo nenhuma certeza de salvação. Por quê? É porque permanecem no nível de doutrina somente - esta preocupação intelectual e essa precisão intelectual. É algo terrível substituir uma compreensão viva da pessoa por meras doutrinas - por mais verdadeiras que sejam.

Isto também se aplica à pregação. Naturalmente uma pregação que não é doutrinária é, em última análise, inútil. Sim, contudo lembremos que há uma diferença entre pregar acerca de doutrinas e pregar doutrinariamente. Com isso quero dizer que vocês podem pregar doutrinas de forma puramente intelectual e mecânica. Vocês podem começar com sua doutrina, expô-la e concluir com ela, e só terão pregado a respeito de uma doutrina. Esse não é o propósito da pregação. O propósito da pregação é pregar doutrinariamente sobre Deus, sobre o Senhor Jesus Cristo, e sobre o Espírito Santo e Sua obra em favor da nossa salvação. Esta vida cristã está cheia de armadilhas. Temos esse poderoso adversário, o diabo, que está constantemente tentado arruinar tudo que Deus faz, e ter domínio sobre nós; por isso

precisamos ser cautelosos. Não podemos passar nosso tempo simplesmente tratando de definições e declarações, e parar por aí, falhando assim em receber e viver a vida cristã ao máximo. Ortodoxia morta, na prática, é tão nociva quanto heterodoxia, porque é completamente inútil.

A próxima coisa que quero enfatizar, sob este ponto de ortodoxia defeituosa, ainda trata dela do ponto de vista das próprias doutrinas. É *uma falta de equilíbrio, uma falta de verdadeira proporção bíblica na compreensão das doutrinas, e na apresentação das doutrinas que são absolutamente essenciais à salvação.* Se temos uma falta de equilíbrio na proporção bíblica das doutrinas, acabaremos nos tornando secos, áridos e inúteis. Como disse o apóstolo Paulo, o conhecimento ensoberbece, mas o amor edifica (I Coríntios 8:1). E não há outro aspecto em que isso possa acontecer com maior probabilidade do que em falta de equilíbrio com respeito a doutrinas - numa ênfase excessiva em certos aspectos da verdade, de forma que monopolizem toda a nossa atenção.

Isto não é apenas a minha opinião. Leiam a história da Igreja e descobrirão que invariavelmente este erro levou a tal resultado. Leiam o Novo Testamento - não é este o problema de que o apóstolo trata em Romanos, capítulo 14? Havia certas pessoas que estavam dizendo que nada era mais importante do que a questão de comer carne. Falavam disso dia e noite, e onde quer que vocês se encontrassem, traziam o problema à baila. Era o assunto do momento. Estavam dividindo a igreja e condenando uns aos outros. No entanto, vejam, diz Paulo, isso não constitui o reino de Deus! "O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14:15).

Aqui, então, está algo de que precisamos estar cientes constantemente. Esta é a tentação sutil que o diabo sempre traz àqueles que estão espiritualmente vivos, alertas e preocupados corretamente com doutrina. Não hesito em afirmar que há um grande número de pessoas que tem se preocupado de tal forma com a questão profecia que se tornaram áridos e inúteis. E isso também acontece com igrejas. Passam o tempo todo tratando de profecia. E quando encontramos com essas pessoas, a primeira coisa que mencionam é: "Você viu isto nas notícias? Não vê que isto é o cumprimento de...?" Estão constantemente preocupados com tempos e épocas. A profecia absorve toda a sua atenção. Raramente falam do Senhor Jesus Cristo. Raramente falam das experiências que tiveram com Ele. Não dão a impressão de serem pessoas santas, santificadas. Não - são apenas peritos em tempos e épocas.

Lembro-me de um homem que encontrei numa das minhas viagens a caminho de um compromisso de pregação. Eu estava sentado no compartimento de um trem quando um homem entrou carregando um exemplar do jornal do dia, e uma Bíblia. Diagnostiquei exata e imediatamente o que ele era e o que ia fazer. E eu estava certo. Oh, sim, ele estava interessado em profecia, e nada mais; tinha tudo organizado e resolvido, e o jornal era simplesmente uma prova do que as Escrituras declaram. A atenção de tais pessoas está completamente absorvida com profecia, até ao ponto de, em alguns casos, negarem a possibilidade de um avivamento. Não sabem que outras pessoas já estavam dizendo tais coisas há séculos atrás, que os homens sempre declararam que a volta do Senhor estava próxima, e que, portanto, não devíamos orar por avivamento porque Ele está voltando. Dessa forma extinguem o Espírito, e o avivamento não vem.

Mas essa é apenas uma ilustração. Não seria verdade que há pessoas que realmente parecem exaltar o batismo, e certos modos de batismo em particular, a uma posição de suprema importância? E não haveria outros que parecem pensar que falar em línguas é a única coisa que realmente importa? Toda a sua doutrina do Espírito Santo é realmente uma questão de falar em línguas. Estão sempre falando a respeito disso; esse é o teste, e as outras pessoas são excluídas se não falam em línguas. Com outros é uma questão de ordem na igreja. Há alguns que ainda ensinam que o episcopado é absolutamente essencial à Igreja. E há os que diriam quase a mesma coisa acerca de presbitério. Assim, numa época de secura como esta, quando o nome de Deus está sendo violado e ignorado por outros, neste terrível período em que vivemos, há pessoas que ocupam todo o seu tempo com governo na igreja, ou formas de ministério, e outras coisas semelhantes.

Todos estes são meios de extinguir o Espírito. Jamais devemos elevar à posição central e primária questões que pertencem à periferia. Peço, portanto, que examine-se a si mesmo com relação ao seu interesse em doutrina. A sua doutrina esconde as Pessoas da Trindade? Você está mantendo um equilíbrio e uma proporção correta? Qual é a primeira coisa de que fala quando se encontra com outras pessoas? Você lhes dá a impressão de ser uma pessoa que tem uma única idéia e vive para uma doutrina somente, ou dá a impressão de que conhece a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, e está em comunicação com Eles? Você comunica a impressão de que há amor em seu coração, o amor de Deus que está atraindo pessoas a Ele, e deixando-as ansiosas por conhecê-lO da forma que você O conhece? Oh, não há nada tão trágico como essa tola falta de equilíbrio! A história da Igreja, a história dos

avivamentos, mostra tão claramente que quando as pessoas se desviam para tangentes, e são monopolizadas por uma coisa só, o Espírito é apagado e a Sua obra sempre é impedida. Vamos orar por equilíbrio. Vamos orar por sanidade mental. Não recebemos o espírito de temor, mas de poder, e de amor, e de moderação (II Timóteo 1:7). Disciplina, equilíbrio, ordem. Vamos, portanto, examinar-nos a nós mesmos ao considerarmos estas questões.

Portanto, o ponto seguinte é, de muitas formas, ainda mais importante - *uma doutrina defeituosa da Igreja.* Tenho a desagradável sensação de que isto, talvez, seja o problema específico daqueles que são ortodoxos e evangélicos. Há grandes reuniões públicas e concentrações em vez de uma reunião dos santos; movimentos, em vez de santos reunidos em comunhão. Todo o conceito da Igreja, como o encontramos no Novo Testamento, parece estar saindo de moda. E todos agora pensamos em termos de reuniões e concentrações gerais, especialmente se são muito grandes. Reunimo-nos de todas as partes, e viajamos em caravanas de ônibus, no sábado à noite, ou em qualquer outra noite, realmente não importa quando é. Não nos preparamos mais para a reunião da Igreja no domingo.

Sugiro que considerem esta questão com cuidado e seriedade. Creio que se estudarem a história descobrirão que à medida que aumentou a tendência de se pensar em termos de grandes reuniões e movimentos, em vez de em termos da igreja local, a freqüência dos avivamentos diminuiu. Esta é uma declaração baseada na história. Vocês encontrarão essa mesma ênfase em reuniões e concentrações fora da esfera da Igreja. "Vamos arranjar um local neutro," dizem, como se houvesse algo errado com a igreja. "Ah, mas é que o homem da rua não vai entrar numa igreja." Bem, isso talvez seja verdade até um certo ponto, mas permitam-me lembrá-los de que se vocês tiverem um avivamento na sua igreja o homem da rua, e todos os seus amigos, virão correndo. Sempre tem sido assim. O homem da rua sempre tem estado do lado de fora, e como foi que ele entrou no passado? Ele entrou porque de repente começou a ouvir falar que algo estranho e maravilhoso estava acontecendo naquela igreja. Ele responde como a igreja respondeu em Jerusalém no dia de Pentecoste. O Espírito Santo veio sobre os apóstolos e a notícia correu de que aquelas pessoas estavam falando em idiomas estranhos. E eles disseram, "O que é isto?" Então foram ver, motivados pela curiosidade. "Estes homens estão cheios de vinho novo," disseram. Mas foram atraídos, a notícia correu.

Foi assim que aconteceu no passado. Em última análise, o homem

da rua só é atraído por poder. E, na verdade, é de se questionar se o homem da rua *é* atraído por nossas bem organizadas reuniões em massa. Não seria verdade que o comum é ver evangélicos viajando de todos os pontos do país para tais reuniões, e isso acaba numa grande reunião evangélica, enquanto o homem da rua ainda continua do lado de fora? Vamos então examinar isto. O elemento através do qual Deus sempre operou é a Igreja. Leiam a história, e também a história de avivamentos. Leiam a história de 1859 em Ulster, e descobrirão que começou como uma pequena reunião de santos. Essa idéia parece ter desaparecido. Mas a Igreja, sabem, consiste de santos reunidos, o povo de Deus reunindo-se porque são o povo de Deus, e porque querem orar a Deus em conjunto. Vamos descartar esta noção de grandes concentrações "neutras", e compreender que o elemento de Deus é a Igreja, a assembléia dos Seus santos, do Seu povo. É para eles que Ele vem. Ele diz, "Onde dois ou três estiveram reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles." Nós dizemos: "Ah, mas precisamos ter dois ou três mil, pelo menos." Não, não! "Se dois ou três se reunirem em meu nome, ali estarei no meio deles". Por que permitimos que idéias de grandeza dominem nossos pensamentos e nossas estratégicas, em vez dos ensinamentos do Novo Testamento, como está exemplificado pela longa história da Igreja?

Eis aí, então, são o que eu chamaria os principais problemas com a ortodoxia defeituosa, no que se refere à própria doutrina. Passemos agora à prática. Infelizmente, devo considerar estas coisas em detalhe, porque estou convencido de que estas são as coisas que estão impedindo o povo de Deus de pensar em avivamento. Ficam tão entusiasmados com estas outras coisas que nunca consideram a situação toda, nem a necessidade de avivamento. Assim, ao considerarmos a prática, veremos que é uma extensão do que acabei de mencionar. Considerem o aumento do fator de entretenimento em relação ao trabalho religioso. Já observaram isso? Falam de programas, não de ordem do culto. E já notaram os itens desses programas? Ao ler e examinar os programas de certas reuniões, confesso que cada vez mais sou levado a pensar num show de variedades. E se prestarem atenção nas propagandas, perceberão que até os termos são os mesmos. Dizem "apresentado por" ou "patrocinado por", ou "apresentando" fulano ou beltrano. Já vi inúmeras propagandas como esta - uma reunião anunciada em tal lugar, e então, "apresentando..." Sabemos de onde veio essa terminologia, não é mesmo? Não veio da Igreja de Deus - toda essa idéia de entretenimento, usando filmes e outras coisas assim. Devemos voltar e examinar a história; não encontraremos esse tipo de coisa em

avivamentos, muito pelo contrário. Isso é do homem, isso é carnal. E sinto que devo acrescentar, com tristeza, que o mesmo acontece com a importância dada à música nestes dias.

Não tenho nada contra a música, devemos cantar louvores a Deus em salmos, hinos e cânticos espirituais. Sim, todavia deve haver um senso de proporção até mesmo nisso. Já observaram como a música está se tornando mais e mais proeminente? Cristãos reúnem-se para cantar e nada mais. "Oh," dizem, "mas também temos uma mensagem." Contudo a música é o mais importante. Numa época como esta, numa época tão assustadora como a atual, com tanto crime e violência, pecado e perversões, com o nome de Deus sendo profanado e tudo que é santo sendo escarnecido, a situação do mundo certamente deixa claro que esta não é hora de cantar, é hora de pregar. Lembro-me das palavras de Wordsworth sobre Milton: "Vida simples e pensamentos nobres deixaram de ser." Quase podemos dizer a mesma coisa a nosso respeito, que vida simples e pensamentos nobres deixaram de ser. Tudo que fazemos é cantar. Estamos flutuando numa atmosfera feliz. Cantamos juntos. Meus caros amigos, esta não é a hora de cantar. "Como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha?" (Salmo 137:4). Como podemos tomar as nossas harpas, quando Sião está na situação em que está?

Esta não é hora de cantar, é hora de pensar, é hora de pregar, é hora de convicção. É hora de proclamar a mensagem de Deus, a mensagem de Sua ira sobre o mal e sobre todas as nossas tolas aberrações. A hora de cantar virá um dia. Mas que o grande avivamento venha primeiro, que as janelas dos céus sejam abertas, que vejamos homens e mulheres sendo trazidos ao reino de Deus, e então será hora de cantar. Que nos acautelemos dessa sutil tentação de entreter as pessoas, pensando que desta forma vamos atraí-las e salvá-las, pensando que desta forma vamos ser felizes. Sei que esta tendência não é tão pronunciada neste país como é em outros países. Em alguns países ela é alarmante. Participei numa conferência religiosa - considerada a maior conferência evangélica dos Estados Unidos da América - em que, na abertura de cada culto, o qual tinha o propósito de ser bíblico, instrutivo e inspirador, eles gastaram quarenta minutos com música de todo tipo. Solos de xilofone, solos de órgão, pessoas cantando - por quarenta minutos! Então faziam uma breve oração, não havia nenhuma leitura bíblica, e só uma breve mensagem. Não é assim em tempos de avivamento, creiam-me. E não será mais assim quando Deus, graciosamente, tiver misericórdia de nós, e voltar os Seus olhos para nós e nos visitar novamente. Pergunto-lhes solenemente: é esta uma hora

para entretenimento? Não seria muito mais uma hora para jejum, cinzas e pano de saco, e busca de Deus em agonia de alma? Não podemos misturar isso com cânticos, os dois não combinam.

Permitam-me mencionar mais uma coisa, que num certo sentido é uma continuação do que estamos dizendo. Vocês acham que evangelismo é a coisa principal em nossos dias? Ou é a vida da Igreja? Podemos agir presumindo que tudo está bem com a Igreja e, portanto, podemos concentrar em trazer pessoas de fora? Peço novamente que examinem a história, e descobrirão que um avivamento sempre começa com algo que é feito na *Igreja*. Começa na Igreja. Não podemos avivar algo que não existe, só podemos avivar vida que está se apagando ou que está definhando. A ordem, historicamente, tem sido esta: que algo aconteceu a um homem ou a um grupo de pessoas numa igreja, e então, como resultado disso, bem como resultado de um derramamento de Deus, o evangelismo acontece com poder. Você começa com a igreja, e então isso se espalha para fora dela. Parece-me, porém, que hoje em dia estamos ignorando a Igreja completamente, que toda a energia, todo o dinheiro, todo o entusiasmo, estão sendo concentrados em evangelismo e a Igreja permanece onde estava, senão que esteja ficando pior. É porque ela não está sendo alimentada, sua vida não está sendo nutrida, e porque ela está sendo estimulada externamente, na superfície o tempo todo, mas não está sendo aprofundada, sua vida espiritual não está sendo fortalecida. Examinem novamente a história e verão que a Igreja, a unidade local, a assembléia dos santos de Deus, é sempre o lugar onde o avivamento começa. E é somente quando temos uma Igreja verdadeiramente avivada que o evangelismo pode acontecer com poder. Essa é a história dos avivamentos.

Isso leva-me a um outro aspecto deste assunto geral de ortodoxia defeituosa. E agora me refiro, não tanto à doutrina diretamente, nem sequer diretamente à prática; estou pensando no espírito. O espírito. É algo terrível, porém você e eu podemos estar absolutamente corretos e ortodoxos em doutrina, e no entanto estarmos errados no espírito. Quais são as manifestações de um espírito errado? Antes de tudo, orgulho, a soberba da vida. Haveria coisa mais terrível do que ser arrogante e dar proeminência ao orgulho de posição, ao orgulho de nascimento? Poderiam tais coisas ter lugar na Igreja de Deus? Leiam o segundo capítulo da Epístola de Tiago, onde ele repreende severamente os cristãos primitivos por tratarem o homem com um anel de ouro no seu dedo de forma diferente de como tratam o homem em andrajos. Orgulho. Soberba da vida. Não há nada mais oposto ao

espírito do humilde e manso Jesus de Nazaré do que isso. Deus tenha misericórdia de nós.

Todavia não se limita à soberba da vida. Orgulhar-se de seus conhecimentos é igualmente mau. "Ah, sim, sou um cristão que lê muito. Conheço as doutrinas. Li todas as obras de todos os autores puritanos. Aquela pessoa ali, ela não sabe nada a respeito destas coisas." Isso é orgulho de conhecimento. "Sou um grande teólogo. Não sou como aquele publicano ali, que não tem a inteligência, nem a compreensão, para captar estas coisas." Orgulho de conhecimento - como isso é repulsivo! "O conhecimento ensoberbece" - é claro que ensoberbece. Que Deus nos preserve disso. Se somos orgulhosos nesse sentido, tanto quanto no outro, não temos o direito de esperar manifestações do Espírito de Deus.

Há também o orgulho de compreensão. "Eu compreendo tudo. Tudo está claro para mim, sem problemas. Essa outra pessoa não entende nada." Muito bem, sei que preciso considerar ambos os lados. Aquela outra pessoa freqüentemente quase que se orgulha da sua falta de compreensão. Quando digo algo assim, sempre penso num homem que encontrei em certa ocasião. Eu ia pregar numa certa cidade num fim de semana, e ele veio me encontrar na estação, e antes que eu tivesse oportunidade de dizer uma palavra, ele disse: "Bem, é claro, não sou um dos grandes líderes desta igreja, sou apenas um homem muito simples, muito humilde. Não sou um grande teólogo, nem um grande orador. Não participo nas reuniões de oração, sou apenas a pessoa que carrega as malas dos pregadores que nos visitam." "Oh, que pessoa maravilhosa eu sou!" foi o que pensei. Orgulhar-se de sua ignorância é tão errado quanto orgulhar-se de seu conhecimento e compreensão. Orgulho em qualquer forma é odioso e ofensivo aos olhos de Deus.

Outros problemas nesta questão do espírito são estes. Inclinação para censurar. Devemos falar a verdade em amor. Devemos ser guiados por I Coríntios, capítulo 13. Somos todos terríveis pecadores, não somos? Todos somos culpados neste respeito. Somos todos inclinados a censurar. Há uma grande diferença entre o homem que está desempenhando sua função apostólica de repreender, bem como de exortar, e o homem que simplesmente censura. Não devemos ser dados a censuras.

Nem devemos ser contenciosos. Um espírito contencioso é fatal. A história dos avivamentos prova isso de forma conclusiva. Mesmo em meio a um avivamento, se um espírito contencioso penetrar, se as pessoas começarem a se dividir quanto a doutrinas que não são

absolutamente essenciais à salvação, o Espírito é apagado. Vocês podem ver isso no século dezoito, na disputa entre Wesley e Whitefield, e os seus seguidores. A obra foi impedida por algum tempo. Aconteceu também no País de Gales. Houve uma disputa entre Daniel Rowland e Howell Harris, que se estendeu de 1751 a 1763, e foi um período árido e estéril. Posteriormente eles se uniram de novo, e o Espírito Santo desceu outra vez. Um espírito contencioso é do diabo.

Sejamos, portanto, cautelosos. A Epístola de Judas nos exorta a batalharmos pela fé, e devemos fazer isso. Se não o fizermos, estaremos pecando. Devemos nos ocupar com a defesa do evangelho tanto quanto com a sua propagação. Devemos defendê-lo, e batalhar por essas doutrinas que enumerei, até ao ponto de darmos nosso sangue, se necessário. Todavia isso não é ter um espírito contencioso. O que é fatal é ser contencioso, ter um espírito faccioso, e colocar rótulos e então nos preocuparmos mais com os rótulos do que com o próprio Senhor Jesus Cristo. Isso é ser contencioso, como o homem que sempre traz o mesmo assunto à baila, no momento em que você o encontra. Não importa o que você diga a respeito da glória de Deus e do sangue de Cristo, ele dirá, "Ah, mas você não enfatizou isto..." - algo em que ele tem um interesse particular, e que não é absolutamente essencial à salvação. Isso é ser contencioso.

Devemos sempre ser cautelosos acerca destas coisas. É porque nos preocupamos com a verdade que o diabo, para destruir tudo isso, tentará nos pressionar sem medida para levar-nos ao ponto de apagar o Espírito. Eu poderia acrescentar a esta lista coisas como mesquinhez, rixas, presunção. A Igreja Cristã está saturada de tais coisas. Como podemos esperar a bênção de Deus sobre ela? Conheço igrejas, igrejas pequenas, lutando para sobreviver, no entanto seus esforços são arruinados por mesquinhez, ciúme, inveja, e presunção. Posso acrescentar a isso trivialidade e agitação, em vez de santidade e prontidão para ser usado por Deus. Nada é mais característico de cada período de avivamento do que uma grande e profunda seriedade.

Não aceitem simplesmente minha palavra a esse respeito; leiam os fatos por si mesmos. Leiam sobre o santo Robert Murray McCheyne, como ele subia ao seu púlpito em Dundee, e antes que abrisse a boca para pregar, as pessoas começavam a chorar, quebrantadas. Por quê? Porque havia uma solenidade nesse homem. Ele tinha estado na presença de Deus. Não subia ao púlpito levianamente, nem começava seus sermões contando piadas para colocar as pessoas à vontade e preparar a atmosfera. Não, havia uma radiância nele que vinha de Deus. Havia uma profunda seriedade nele. E se cremos num Deus

santo, se cremos na ira de Deus sobre o pecado, se cremos que, sem o evangelho, homens e mulheres irão para inferno, como podemos gracejar, como podemos ser frívolos e jocosos? Não, não há nada tão característico de um avivamento quanto uma grande e profunda seriedade a respeito das coisas de Deus.

Por último, podemos ser perfeitamente ortodoxos, e ainda assim a nossa ortodoxia será inútil se estamos falhando em nossa vida, se somos desobedientes às santas leis de Deus, se somos culpados de pecado, se conscientemente continuamos pecando. Se colocamos nossos próprios desejos antes dEle, não temos o direito de esperar por avivamento, não importa quão ortodoxos e corretos sejamos em nossas doutrinas e em nossa compreensão. Vocês descobrirão que, invariavelmente, quando um avivamento acontece, homens e mulheres são profundamente convictos de pecado. Sentem que Deus não pode perdoá-los. Têm sido parte da Igreja, sim, mas têm vivido em pecado, conscientemente, sem fazer coisa alguma a respeito. Quando o avivamento acontece, é como se sentissem estar no inferno, e ficam horrorizados e alarmados. Muitas vezes sentem-se tão mal a respeito do seu pecado que levantam-se e o confessam. Isso nem sempre acontece, mas de qualquer forma, sentem profunda convicção. Pecado em qualquer forma ou manifestação é sempre um dos maiores obstáculos à visitação do Espírito de Deus.

Tenho tratado do que chamo ortodoxia defeituosa ou excêntrica. Que Deus nos dê graça para ponderarmos nestas coisas, meditar a respeito delas, considerá-las à luz das Escrituras, à luz da história dos avivamentos, e aplicar estas verdades à nossa vida.

6

Ortodoxia Morta

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Passamos agora para outro passo desta questão de obstáculos ao avivamento, um aspecto que, infelizmente, somos obrigados a considerar. Não posso pensar numa descrição melhor para isto do que o termo "ortodoxia morta", e creio que a história da Igreja através dos séculos indica claramente que isso, de todos os perigos, é talvez o maior. Certamente é o maior perigo que confronta muitos de nós nesta época. É o maior perigo confrontando o indivíduo que é evangélico em sua perspectiva, como na verdade é o maior perigo confrontando qualquer igreja individual, ou grupos de igrejas que podem ser descritas como evangélicas. É apavorante pensar que possa haver ortodoxia morta, contudo é verdade.

Vamos analisar o que queremos dizer com isso. É uma análise dolorosa, todavia é essencial. Quais são as manifestações desta condição? Primeiro, sugiro que examinemos a questão de forma geral, como uma atitude, uma condição geral. E acho que a palavra que resume esta condição perfeitamente é a palavra "contentamento". Hesito usar a palavra "complacência", mas talvez possamos colocar as duas juntas, e falar de um "contentamento complacente". O que quero dizer com esta expressão é algo assim: é a condição de pessoas que crêem na verdade, e sabem que crêem na verdade. Não há nenhuma dúvida quanto a isso. Se as questionarmos, se as catequizarmos, descobriremos que são ortodoxas. Não encontraremos nenhuma falha em seu credo, ou em suas crenças. Mas há este elemento de contentamento, porque elas não só crêem nessas coisas, mas também estão satisfeitas consigo mesmas - satisfeitíssimas. São pessoas que crêem na verdade, mesmo em oposição àquelas que não crêem na verdade e que não são ortodoxas, os liberais, aquelas que costumavam ser chamadas de modernistas. Naturalmente, é certo ser ortodoxo, e os não ortodoxos

estão errados, porém a forma em que nós nos vemos pode ser tão terrivelmente triste. Pode arruinar até mesmo a exatidão das nossas crenças, se este elemento de presunção se faz presente, esse sentimento de contentamento, de complacência. Como Jó não pôde evitar dizer àqueles amigos que vieram confortá-lo: "Sem dúvida vocês são as pessoas" (Jó 12:2). Vemos esta atitude ilustrada com perfeição nos amigos de Jó. Oh, tudo que disseram estava certo, mas de nada adiantou ao pobre Jó, na verdade estava piorando a sua condição. E a objeção de Jó a respeito deles era justamente essa satisfação complacente que estou tentando descrever.

Uma outra forma em que esta atitude se manifesta é que a preocupação principal é defensiva. Vendo que estamos corretos, como certamente estamos, a única coisa que precisamos fazer é defender nossa posição. Assim vocês verão que um indivíduo, ou uma igreja, que é culpada desta posição, gasta a maior parte do seu tempo somente na defensiva. O que chamamos de apologética torna-se proeminente. Torna-se o interesse principal. Os livros que são publicados e lidos por tais pessoas são, quase invariavelmente, apologéticos. Livros que defendem sua posição. Ora, eu creio que esta é uma questão muito séria e importante, e se me pedissem que eu desse uma opinião concernente ao estado do evangelicalismo nos últimos oitenta anos, eu diria que esta tem sido sua maior característica. Ela se retraiu e, por assim dizer, edificou uma espécie de cortina de ferro, um mecanismo protetor, e a maior parte da sua energia tem sido dedicada à defesa, à apologética. E é tão patético observar a forma em que quase tudo é agarrado e usado. Se um homem que é proeminente na sociedade insinua vagamente que crê na fé cristã, ele é agarrado imediatamente - ele se torna um grande cristão - e comentários circulam a respeito de profundas experiências espirituais na família real e outras. Sempre estamos defendendo a nossa posição. Dedicamos grande interesse, entusiasmo e energia a isso. É uma atitude defensiva e negativa, e é parte desta ortodoxia morta que se contenta simplesmente em manter sua posição.

As Escrituras usam ainda outro termo para definir isso. É a condição de estar "repousando em Sião" - lembram-se desta expressão no livro do profeta Amós, capítulo 6, versículo 1? Esta é a descrição, parece-me, de pessoas que estão ansiosas por ter religião suficiente para fazê-las se sentirem seguras, porém que não exige nada mais além disso. Estão à busca de certeza, e querem alguma forma de segurança. Há sempre, afinal das contas, a grande realidade da morte à distância, e o que está além dela. E há muitas pessoas que se interessam em religião unicamente por esta razão. Não estão interes-

sadas na fé, não têm um desejo real e positivo de conhecer a Deus, mas têm esse interesse muito definido, e negativo, em segurança. São as pessoas que estão interessadas em religião apenas como uma espécie de pára-quedas. Você nunca sabe quando vai precisar dele, acidentes podem acontecer. Então é muito conveniente ter esse mecanismo à mão. Ah, mas não devemos passar o tempo todo pensando a respeito disso. Não devemos ser sérios demais, não devemos nos preocupar demais com isso, embora seja bom termos essa segurança. Assim, enquanto vocês dão a maior parte de sua vida e seus interesses a coisas que pertencem a este mundo, por outro lado asseguram-se desta provisão em caso de necessidade. Religião suficiente para dar segurança, entretanto não mais do que isso.

Então, naturalmente, isso leva à outra coisa. E acho que irão reconhecer a descrição à medida que prossigo. Tais pessoas são muito chegadas ao que podemos descrever como "mensagens gerais". Não querem nada muito específico, querem apenas uma mensagem inspirativa geral. Querem alguma coisa que as ajudará de forma geral. Daí quererem algo que seja interessante. Estão interessadas em idéias gerais. Sentem que a religião provê uma boa perspectiva de vida. É verdade - porém não querem religião demais, portanto limitam-se a pensamentos e idéias gerais. Dizem: "Que interessante. Que mensagem inspiradora." E então, é claro, gostam de citações da literatura. "Como é lindo, como é maravilhoso." Estou tentando dar-lhes uma descrição do que eu chamaria de religião vitoriana ou eduardiana, falando de forma muito geral. E, infelizmente, ela tem persistido. "Temos a nossa religião; sentimos que tudo está bem."

Conseqüentemente, o que fazemos quando vamos à casa de Deus? Bem, não pregamos sobre as grandes doutrinas da salvação. "Não," dizem, "estamos interessados em estudos de personalidades - é algo tremendamente interessante. Examinamos estas personalidades bíblicas pausadamente, e como são interessantes! Quase tão interessantes quanto uma novela. Nada que nos perturbe, naturalmente. Estudamos a vida de Abraão ou Isaque. É interessante examinar suas personalidades, suas diferenças, e assim por diante." Se examinarem a literatura do final do século passado e do começo deste século, verão que inúmeros livros foram publicados em torno desse tema. Estudos de personalidades, estudos disso e daquilo, são típicos dessa aproximação ociosa da Bíblia. E é tudo tão geral e tão remoto, tão interessante, não obstante tão desligado de nossa vida e de nossos problemas. É esse tipo de coisa que tem sido tão comum.

Contudo, ao lado disso, vejo-me obrigado a mencionar uma aver-

são por sermos investigados ou perturbados. O ensino sempre tem que ser geral, sempre tem que ser remoto. Sempre deve estar longe de nós, em algum lugar distante que não nos afeta. Não deve chegar muito perto de nós. Mencionei repetidas vezes uma declaração de Lord Melbourne, o primeiro ministro da Rainha Vitória, que expressou isto tudo com tanta perfeição quando disse: "Podemos saber que as coisas estão se tornando sérias se a religião começar a se tornar pessoal." É isso. Não há nada de errado com a religião, é algo geral, é algo presente na periferia, a que posso recorrer e usar quando tenho necessidade, entretanto não deve me perturbar. Oh, isso tudo está no Velho Testamento. O povo clamou aos profetas, dizendo: "Falem-nos de coisas agradáveis."

Leiam o Velho Testamento e descobrirão que os falsos profetas sempre foram muito mais populares que os profetas verdadeiros. Pobre Jeremias, como ele sofreu nas mãos deles! E ele não foi o único. Por que eram os falsos profetas tão populares? Bem, não é óbvio? A mensagem deles era esta: "Paz, paz," quando não havia paz. A acusação trazida contra eles era que "curam a ferida da filha do meu povo superficialmente, dizendo: paz, paz; quando não há paz" (Jeremias 6:14). Pregadores e profetas que deram ao povo a impressão que tudo estava bem com eles, que eles eram o povo de Deus, que não havia razão para se preocuparem. Mas então veio o profeta verdadeiro, e ele investigou, esquadrinhou, condenou e censurou. E o povo disse: "Quem é este?" Quero dizer de passagem que a coisa que me dá grande prazer e que me encoraja tremendamente, de todas as coisas que pessoas me disseram a respeito do meu ministério, é algo que foi dito por uma senhora, que protestou: "Este homem prega a nós como se fôssemos pecadores!" Exatamente. No entanto o povo hoje não quer ser examinado, não quer ser investigado, quer ouvir que tudo está bem. É claro que devemos denunciar aqueles pecadores que estão do lado de fora, ou os liberais, mas não nós - nós somos o povo ortodoxo! Não precisamos disso, o que precisamos é instrução. Queremos estas mensagens gerais, estas preleções, estes estudos de personalidades. São tão interessantes, tão instrutivos. Todavia não devemos ser incomodados. Não há nada de errado conosco. E tais pessoas, como vocês podem ver em todo lugar na Bíblia, e na história da Igreja, sempre tiveram aversão por qualquer coisa que as examine, ou as faça sentirem-se incômodas, ou que as esquadrinhe.

Finalmente, trago-os a este ponto. Não há nada vital na religião e na adoração de tais pessoas. Elas nada esperam, nada recebem, e nada acontece com elas. Vão à casa de Deus, não com o propósito de terem

um encontro com Deus, não com o desejo de esperarem nEle, isso nem passa por suas mentes, nem entra em seus corações que algo possa acontecer num culto. Não - é que sempre fazemos isso no domingo de manhã. É nosso costume. É nosso hábito. É uma coisa certa a fazer. Mas a idéia de que Deus possa subitamente visitar Seu povo e descer sobre ele, a emoção de estar na presença de Deus, e sentir Sua proximidade, e Seu poder, nunca entra em sua imaginação. É tudo uma questão de formalidade, revestida de satisfação complacente. Ouvi um homem certa vez descrevendo tais pessoas desta forma: "Elas me dão a impressão que, ao irem à igreja, estão simplesmente fazendo uma visita matinal ao Deus Altíssimo." É a coisa certa e correta a fazer. Elas acreditam que deve ser feita. Ah, sim, mas não há qualquer conceito de que Deus possa subitamente encontrar-Se com elas, e que algo tremendo possa acontecer. Devemos examinar-nos a nós mesmos. Será que vamos à casa de Deus esperando que algo aconteça? Ou vamos simplesmente para ouvir um sermão, cantar nossos hinos, e encontrar amigos? Com que freqüência esta idéia vital entra em nossas mentes - de que estamos na presença do Deus vivo, que o Espírito Santo está na Igreja, e que podemos sentir o toque do Seu poder? Com que freqüência pensamos em termos de nos reunirmos para encontrar com Deus, para adorá-lO, estar em Sua presença e escutar o que Ele tem a nos dizer? Não estamos correndo o incrível risco de nos contentarmos simplesmente porque nossas crenças são corretas? Nossas crenças podem ser corretas, e ainda assim podemos perder a vida, a parte vital, o poder, aquilo que realmente faz da adoração o que ela deve ser - algo no Espírito e na verdade.

Bem, essas são algumas das manifestações desta ortodoxia morta que resumi sob o título geral de contentamento, um contentamento complacente.

Mas vamos agora examiná-lo de um ângulo um pouco diferente. A segunda característica desta ortodoxia morta - e, naturalmente, é conseqüência da primeira - é uma aversão a entusiasmo. Agora, este é um assunto de grande importância. Se o quiserem expresso em termos mais bíblicos, eu poderia colocá-lo desta forma: é ser culpado de extinguir o Espírito. Aversão a entusiasmo é extinguir o Espírito. Os que estão familiarizados com a história da Igreja, e em particular com a história dos avivamentos, saberão que esta acusação de entusiasmo é uma que sempre é levantada contra pessoas que foram ativas em períodos de avivamento. Alguns de vocês talvez tenham lido o livro escrito por Ronald Knox, intitulado *Entusiasmo*. A tese desse livro é que temos períodos de entusiasmo, os quais ele considera

aberrações! Com seu frio desligamento intelectual, ele não gosta de entusiasmo.

Ora, como eu disse, essa tem sido uma acusação comum através da história. Leiam, por exemplo, a história dos homens do século dezoito. Uma acusação que George Whitefield tinha que responder constantemente, e que teve que repelir diante dos bispos era essa acusação de entusiasmo. Eles diziam: "Não temos tanta objeção à sua doutrina, é à forma como a está pregando, é à maneira como a está fazendo." João Wesley enfrentou esta acusação constantemente, até mesmo por parte da sua própria mãe, Susannah Wesley. Por que ele não podia pregar como os outros? Por que ficava tão entusiasmado? Por que todo esse tumulto? Susannah Wesley era uma mulher muito piedosa, contudo não conseguia entender esse filho que subitamente tinha se tornado tão entusiástico. Uma das coisas que se revela claramente quando lemos a literatura do século dezoito em termos da Igreja Cristã, é que esta acusação era levantada constantemente.

À luz disso, devemos examinar este assunto porque claramente esta oposição ao "entusiasmo" pode ser um dos maiores obstáculos ao avivamento. E é um perigo enfrentado particularmente por pessoas que estão num estado de ortodoxia morta. Admito que é um assunto extremamente difícil. Há certos limites que são muito difíceis de demarcar. Todavia, é necessário que o façamos. A Bíblia nos compele a isso, e também a história da Igreja. Felizmente para nós, é um assunto que é abordado nas Escrituras, de modo que não fomos deixados sem orientação ao estabelecer nossas opiniões. Leiam I Coríntios, capítulo 14, porque este é o assunto do qual o apóstolo Paulo estava tratando ali. E no momento que temos um avivamento, este capítulo assume grande importância, e devemos ir a ele imediatamente, porque vida está se manifestando e temos o problema de exuberância, ou manifestações excessivas de vida e entusiasmo fora de controle.

Assim, ao examinarmos o estado e a condição da Igreja hoje em dia, devemos considerar este ensino e avaliar a nossa posição. De acordo com minha compreensão deste assunto, há dois grandes princípios estabelecidos pelo Novo Testamento para nos ajudar e guiar. O limite é um pouco difícil de ser demarcado, mas está ali. O primeiro princípio é que tudo deve ser feito com decência e ordem (I Coríntios 14:40). Contudo, temos outra declaração: "Não apagueis o Espírito" (Tessalonicenses 5:19). Então devemos examinar estas duas posições, delineadas tão claramente no Novo Testamento, e ver o que caracteriza cada uma delas.

Primeiro, então, "Que tudo seja feito com decência e ordem." Isso

foi escrito a pessoas que eram culpadas de certas coisas, uma delas sendo confusão. Havia muita confusão na igreja em Corinto, e surgiu como resultado do fato de que muitas vezes todos estavam falando ao mesmo tempo. Tinham ficado entusiasmados com essa questão de falar em línguas, não estavam examinando o assunto de forma bíblica, e estavam todos falando ao mesmo tempo. Estavam profetizando, dois ou três falando ao mesmo tempo. E o apóstolo declarou que isso estava errado: "Deus não é Deus de confusão, senão de paz" (I Coríntios 14:33). Ele disse que se estranhos entrassem na igreja, e os vissem daquela forma, chegariam a uma única conclusão. Lembram-se como ele o expressou? "Não dirão porventura que estais loucos?" (I Coríntios 14:23). Isso não é um bom testemunho do evangelho. Se todos estão falando ao mesmo tempo, e as pessoas não sabem como escutar de forma controlada, então, disse o apóstolo Paulo: "Isso é pura confusão, e traz desonra ao evangelho. Vejam a natureza e a criação, e o que verão acima de tudo o mais é ordem. Deus não é o autor de confusão, e sim de paz."

No entanto, há cristãos genuínos, que sem dúvida tiveram uma experiência real do poder do Espírito, que parecem ter chegado a uma posição em que consideram confusão como a característica autêntica do cristianismo, e sentem que, se não estiverem todos gritando ao mesmo tempo, o Espírito não está presente. Mas isso é pura confusão. Tais pessoas precisam ler I Coríntios, capítulo 14, e observar como o apóstolo os instrui a falar um de cada vez. E se o primeiro homem percebe que outro irmão tem algo a dizer, ele deve parar e dar ao segundo irmão a oportunidade de falar.

"Ah", essas pessoas sempre replicarão, "mas não podemos nos controlar. É o Espírito que está em nós. Não podemos controlar isso". E então o apóstolo lhes dá esta profunda palavra. Ele diz: "...os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (14:32). Então, se um homem disser que está tão cheio do Espírito que não pode se conter, mas tem que estar constantemente gritando, devemos dizer: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas." E se um homem pode se controlar, ele deve fazê-lo, e deve esforçar-se para fazer isso. Não deve haver confusão. Confusão sempre traz desonra ao evangelho.

Em seguida, devo mencionar um segundo elemento que acompanha o primeiro, e é excitamento, ou um falso senso de alegria. Ora, isso pode ser puramente carnal. Há muitas coisas que podem excitar as pessoas. Ouçam a transmissão de um jogo de futebol, e poderão ouvi-lo: excitação, uma emoção quase animal. A gritaria, ao ponto de

perderem a voz. É inteiramente carnal. Agora isso pode se insinuar na esfera de adoração e religião. E novamente, há pessoas que parecem pensar que isto é necessário, e deliberadamente o provocam, e tentam produzi-lo. Levam as pessoas a um estado de excitação em que nem sabem o que estão fazendo, imaginando que estão muito felizes, porém é tudo da carne. É uma falsa alegria. E assim o apóstolo deu essa injunção aos membros da igreja em Corinto, que eles deviam fazer essas coisas decentemente. Um tem um salmo, outro tem um hino espiritual, e outro uma palavra de profecia. "Que tudo seja feito com decência e ordem," diz o grande apóstolo.

O terceiro elemento a considerar é emocionalismo. Notem que não estou dizendo emoção, estou dizendo emocionalismo. Há uma tremenda diferença entre os dois. Emocionalismo é um estado e uma condição em que as emoções estão descontroladas. As emoções estão no controle. Estão numa espécie de êxtase. E se emocionalismo é ruim, muito pior é a tentativa deliberada de produzi-lo. Portanto, qualquer esforço que deliberadamente tenta estimular as emoções, seja através de cânticos, ou fórmulas, ou qualquer outra coisa, ou, como vemos nos povos primitivos, através de danças e coisas assim - tudo isso, naturalmente, é condenado pelo Novo Testamento. Jogar com as emoções é errado. É algo que é condenado através da Bíblia toda. As emoções devem ser constatadas através da compreensão, através da mente, pela verdade. E qualquer assalto direto sobre as emoções é, necessariamente, falso e inevitavelmente resultará em problemas. Desse modo emocionalismo, e especialmente emocionalismo produzido artificialmente, é sem dúvida um grande obstáculo ao avivamento, porque traz desonra sobre ele.

A história dos avivamentos é muito interessante neste aspecto. É em geral a primeira coisa dita contra um avivamento: "Isso é puro emocionalismo. Vejam a confusão, isso é puro excitação animal, as pessoas estão fora de si, isso é histeria em massa." Estas são as acusações que sempre foram levantadas, e sempre serão levantadas, contra avivamentos. É por isso que o Novo Testamento nos diz que devemos provar todas as coisas, e reter somente aquilo que é bom. Estou novamente citando I Tessalonicenses 5:21. O mesmo problema estava presente na igreja em Tessalônica. Havia pessoas ali que tinham sido cheias do Espírito, e estas coisas estavam se manifestando. Espero, mais adiante, tratar das razões porque isso tende a acontecer. No momento estou apenas citando-o como fato. Por isso o apóstolo diz, "Examinem todas as coisas, provem os espíritos," testem-nos, certifiquem-se de que isto é do Espírito Santo, que não é simplesmente

a carne, ou o diabo operando na carne para falsificar o que é verdadeiro, e assim trazendo desonra sobre o movimento todo aos olhos das pessoas. Aí, de forma geral, eu creio, está a interpretação da injunção: "Que tudo seja feito com decência e ordem." É uma injunção apostólica, e devemos seguí-la, aconteça o que acontecer.

Também devemos obedecer a seguinte injunção: "Não apagueis o Espírito." O que significa isso? Muitas pessoas na Igreja têm uma idéia clara a respeito do significado da primeira injunção, que tudo seja feito com decência e ordem. De fato, são peritas no assunto! O problema é que tem um conceito tão claro dessa primeira injunção, que acabam sendo culpadas de apagarem o Espírito. Em sua reação ao que é falso elas foram ao outro extremo, que também é uma posição falsa. Que quero dizer com isso? Bem, tomemos esse medo de confusão, por exemplo. Isso não é um perigo para estas pessoas. Certo? Sua posição é que tudo deve ser perfeitamente controlado, muito organizado, correto, formal, e acima de tudo, respeitável. Se vocês examinarem certas igrejas à luz das igrejas do Novo Testamento, perceberão a diferença. Elas não precisam dessas orientações do Novo Testamento porque suas igrejas estão nessa posição formal, morta, e muito respeitável. É muito interessante observar certas coisas de uma perspectiva histórica. Vocês constatarão que quando a ordem do culto se torna formal, o Espírito não está tão em evidência, e a igreja pouco a pouco se distancia do Novo Testamento. A característica da Igreja do Novo Testamento era esta espontaneidade, esta vida, esta qualidade viva, esta vivacidade. Mas, à medida que nos desviamos do Espírito e da Sua influência, tudo se torna formal. Daí termos formas de culto. Vocês notarão que a Igreja, em cada período de decadência, torna-se muito mais formal em seus cultos, adota formas de culto e tende a se voltar à liturgia, e a rituais. Tudo isso é parte da religião formal.

Por outro lado, sempre que temos um avivamento, tudo isso acaba. As igrejas voltam à simplicidade do Novo Testamento. O contraste, se posso dizê-lo sem ofender, é entre um culto numa catedral e um culto com o Senhor Jesus Cristo sentado num barco à beira do lago, ou aquelas pessoas reunindo-se umas nas casas das outras em Corinto, Tessalônica, Roma, e em outros lugares. Esse é o contraste. Sem pompa, sem cerimônias, sem rituais, sem procissões, sem vestes eclesiásticas, sem formalidade. Em vez disso, liberdade do Espírito, coisas acontecendo e as pessoas cantando com todo o coração. É isso que vocês vêem em cada período de despertamento e de avivamento. Quando a Igreja não está experimentando avivamento, há uma ênfase em corais, e não somente em corais, mas corais remunerados, como

também em quartetos e solistas nos coros. E a congregação fica sentada, ou se põe de pé e escuta, o coro canta para ela, e até mesmo por ela. Isso é apagar o Espírito. Não há necessidade de se dizer a tais pessoas: "Que tudo seja feito com decência e ordem." Essa é a sua preocupação principal.

Além disso, vocês perceberam a consternadora tendência na vida da Igreja atual, de concentrar em programas? Tudo é planejado de antemão. Sei que estas coisas devem ser feitas até um certo ponto, mas certamente corremos o risco de apagarmos o Espírito. Cada item é anotado, bem como a sua duração. Um homem começa num ponto indicado e termina noutro. Meus amigos no ministério dizem-me que notam isto com cada vez maior freqüência ao pregarem em diferentes igrejas domingo após domingo. Ouvi dizer que até mesmo em igrejas evangélicas o pregador convidado recebe um papelucho com a ordem do culto, e tem que seguí-la. Às onze horas, leitura bíblica, e daí para a frente, a lista continua cronometrando tudo até ao meio-dia - daí a bênção final. Considero isso sério. Sei que não há nenhum mérito especial em longos sermões e coisas assim. Não há significado especial na duração de um sermão, mas esse não é o ponto. O ponto é, estaríamos dando uma oportunidade ao Espírito Santo? Ou estaríamos tão amarrados ao nosso programa que O excluímos? Por que essa formalidade? Por que limitarmos tudo dessa forma? E se o Espírito subitamente quisesse manifestar-Se? Recomendo que considerem esta questão com muita seriedade.

Tenha o valor que tiver, se for de interesse para alguém, essa é a razão principal porque não prego no rádio. Perguntei certa vez a um dos diretores religiosos: "O que aconteceria com seus programas se o Espírito Santo de repente resolvesse assumir o controle?" E ele foi honesto o suficiente para admitir que a questão realmente nunca tinha lhe ocorrido. Claro que não. Eles estão amarrados aos seus programas. Posso entender isso quando se trata de uma questão oficial quando é necessário que observemos um horário estabelecido. Mas o que me preocupa é que este elemento insinuou-se na Igreja Cristã. Está chegando a este país. Existe há anos nos Estados Unidos da América - tudo é programado até ao último minuto, a técnica, tudo produzido de encomenda. Como eu disse antes, isso nos lembra uma performance, efetuada com primor, tudo planejado até o mínimo detalhe, ponto por ponto. Pergunto, em nome de Deus, estão deixando lugar para a liberdade do Espírito? Não, desta forma estamos controlando nossa religião, em vez de sermos controlados por ela. E creiam-me, quando um avivamento vier, nós experimentaremos o que sempre experimen-

taram no passado: seremos removidos da dimensão do tempo, esqueceremos do tempo. Talvez comecemos o culto na hora habitual, porém só Deus sabe quando terminará. A liberdade do Espírito! Temendo confusão, podemos ir ao outro extremo de apagarmos o Espírito Santo de Deus.

E agora, considerem essa questão do medo de comoção artificial e falsa alegria. Novamente, podemos ter tanto medo destas coisas, que podemos nos tornar culpados de apagarmos o Espírito. Permitam-me colocar isto em termos de um incidente que aconteceu em minha própria experiência. Durante as minhas férias, há alguns anos atrás, fui a um culto numa certa igreja no domingo de manhã. Boa congregação, povo devoto, absolutamente ortodoxo, com um homem de Deus pregando. Seu texto era: "O arco-íris na nuvem." Glorioso - "o arco-íris na nuvem." Mas aquele pobre homem estava com tanto medo de falsa alegria que o seu sermão todo foi dedicado à falsa alegria e aos perigos de uma falsa paz. Não estou criticando meu irmão, todos somos falhos. Todavia o efeito que a mensagem teve sobre mim foi que não havia nada nela além da nuvem, e não podíamos ver o arco-íris. Ele estava com tanto medo do falso gozo que apagou o verdadeiro. Somos criaturas de extremos, e oscilamos o pêndulo violentamente. E há igrejas que são ortodoxas, porém completamente mortas, porque têm tanto medo de falso entusiasmo e dos excessos de certos movimentos espirituais, que apagam e impedem a atuação do Espírito e negam o que é verdadeiro.

Meu último ponto é que, em nosso medo do emocionalismo, alguns de nós corremos o grave risco de banir emoções completamente. Oh, pode haver abundância de sentimentalismo, mas não estou falando de sentimentalismo. Sentimentalismo é fraco e frouxo. Sentimentalismo é o que um homem duro assume para persuadir-se a si mesmo de que ainda tem sentimentos. Não, não queremos sentimentalismo doentio e piegas; queremos emoção, essa qualidade dada por Deus. Quando foi a última vez que vocês verteram lágrimas por causa da distância que se encontram de Deus? Alguns de nós não lembramos mais como chorar, meus amigos. Quando foi a última vez que choramos de alegria, de pura alegria por causa do senso da presença de Deus? Muitos de nós temos medo das nossa emoções. Todo nosso treinamento, a maneira como fomos criados, toda a nossa atitude diante da vida, é uma forma de reprimir as emoções. Sentimos que não é muito respeitável, que não é de bom gosto. Estamos insensibilizando nossas emoções, reprimindo este dom de Deus. Isto é fato em muitos níveis de vida hoje em dia. Talvez seja esta a razão porque não existem

atualmente muitos grandes pregadores. Eloqüência é suspeita. Tudo é casual, conversacional, não devemos ter fervor, não devemos nos comover, não devemos permitir que ninguém nos emocione, e ninguém deve se emocionar. Tudo deve se limitar a uma tranqüila declaração. Até mesmo devemos falar a respeito da cruz de Cristo placidamente. Devemos falar a respeito da glória do Senhor, e a respeito de sermos cheios do Espírito, placidamente, com uma ausência de emoção. Há pessoas que têm tanto medo do emocionalismo, que suas vidas são vazias de emoções verdadeiras e sadias, dadas por Deus.

A que devemos atribuir tudo isso? Creio que é devido a um pseudointelectualismo, um falso senso do que é respeitável, e estou profundamente convencido de que isso pode ser um dos maiores obstáculos ao avivamento. Ocorre que nos orgulhamos dos nossos conhecimentos intelectuais. Pensamos: "Nossos antepassados tiveram avivamentos porque não tinham nosso controle, e nossa disciplina, não tinham o nosso nível de educação. Eram rudes e primitivos. Por isso pode haver avivamento entre tais pessoas, mas não entre nós. Somos intelectuais." Deus tenha misericórdia de nós. Um dos maiores intelectos que este mundo já conheceu foi o apóstolo Paulo. Todavia, observem-no movido por uma grande onda de emoção. Ele começa num certo ponto, contudo subitamente menciona Cristo, e então se perde. Esquece o que estava dizendo, explode em sua magnífica eloqüência, e depois volta ao seu ponto novamente. Desordem, inconsistências, supressões, usem o termo que preferirem. Sim, mas é a glória do homem; este gigante intelectual, que podia ser movido pela verdade, comovido até às lágrimas. Li a respeito de George Whitefield, pregando sobre as glórias da graça e da salvação, as lágrimas correndo dos seus olhos, e os que estavam ouvindo sua pregação chorando também. Isso foi verdade acerca de todos esses homens, todavia nós podemos ser tão duros, tão intelectuais e tão controlados. Este não é um apelo por emocionalismo, o qual eu denunciei; é um apelo por emoção. Deus nos preserve de termos tanto medo do falso que apaguemos o Espírito de Deus e nos tornemos tão respeitáveis, e tão pseudointelectuais, que o Espírito de Deus é impedido, e prosseguimos em nossa sequidão e aridez, em nossa comparativa futilidade, inutilidade e incapacidade. Oh, consideremos estas duas grandes proposições do Novo Testamento. Que tudo seja feito com decência e ordem, certamente, mas em nome de Deus, que não apaguemos o Espírito, que não desprezemos profecias, e que venhamos à casa de Deus em liberdade, esperando que o poder desça sobre nós, esperando ter uma experiência com Deus e com Cristo que nos derreta, nos comova, nos quebrante e

faça com que nos esqueçamos de nós mesmos. Que nos aproximemos um pouco mais da Igreja como é descrita nas páginas do Novo Testamento. "Não apagueis o Espírito." Não desprezem profecias, porém ao mesmo tempo provem todas as coisas, e apeguem-se àquilo que é bom e verdadeiro.

7

Inércia Espiritual

Então Isaque foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá. E tornou Isaque, e cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes que os chamara seu pai (Gênesis 26:17-18).

Continuamos com o relato de Isaque e os poços porque temos nesta história um quadro muito vívido e verdadeiro da nossa busca pela água viva do avivamento. Como resultado da obra dos filisteus os poços estão entulhados, e tratamos de grande parte do lixo dos filisteus - falta de ortodoxia, ortodoxia defeituosa, e agora, permitam-me lembrá-los, estamos examinando o problema de ortodoxia morta.

Quais são, então, as outras manifestações desta condição? Uma delas é o fracasso em colocar a verdade em prática. É uma coisa acreditar na verdade, porém é outra coisa bem diferente colocá-la em prática. Nós ouvimos, e colocamos a verdade em prática no princípio, ou não seríamos cristãos. Mas é possível para nós, uma vez que demos o passo inicial, prosseguir contentando-nos simplesmente em ouvir ou ler a verdade, sem aplicá-la às nossas vidas, ou examinar-nos a nós mesmos à luz da verdade. Não seria esta uma das possibilidades mais alarmantes da vida cristã? Podemos freqüentar a igreja regularmente, domingo após domingo. Podemos ler a Bíblia, e podemos ler livros que nos ajudem a entender a Bíblia. E de vez em quando isso nos perturba, e temos um senso de convicção, sentimos que o que é colocado à nossa frente é certo e correto, e estamos conscientes de que somos inadequados, entretanto infelizmente nada fazemos a respeito. O sentimento vem e vai. Conforme o profeta Oséias o expressa: "Vosso amor é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa" (Oséias 6:4) - aparece e então se desfaz. Este, eu creio, é um dos mais terríveis perigos em conexão com a vida cristã como um todo; que nos contentemos com uma perturbação superficial, sem nunca realmente a enfrentarmos, sem nunca realmente irmos ao fundo da situação e do problema. Nunca nos detemos para considerar esse incomodo, nem para dizer: "O que é isso, e que posso

fazer a respeito?"

Creio, também, que este é um dos maiores perigos afligindo todas as congregações. Talvez sintamos algo durante um culto, e talvez digamos, "Vou tratar disso". Mas então, saindo do culto, começamos a conversar com as pessoas, falamos a respeito de outras coisas, o que sentimos no culto se desvanece e nunca volta. Assim passamos a nossa vida, conscientes de perturbações superficiais temporárias, que nunca levam a nada permanente. Não quero me deter nisso; porém parece-me que este foi o problema essencial dos filhos de Israel, segundo o quadro apresentado pelos profetas do Velho Testamento. Sentiam leves perturbações, e os falsos profetas os curavam rapidamente demais - e todos somos falsos profetas quanto a nós mesmos. Esta é uma manifestação do fracasso em aplicar a verdade.

Contudo, eu o colocaria de outra forma. Não haveria uma tendência geral de negligenciarmos a arte da meditação, a arte de realmente pensar? Ao lermos a história da Igreja, e especialmente ao lermos a história da Igreja em épocas melhores, quando o povo de Deus e a causa de Deus tinham peso neste país, ao lermos a respeito da Igreja em geral e as biografias de indivíduos cristãos, não podemos deixar de nos impressionar com o extraordinário contraste entre eles e nós. Meditação era uma parte tão importante de suas vidas. Passavam horas pensando, meditando, "ruminando", poderíamos dizer, sobre a Palavra. No entanto, isso é algo que praticamente desapareceu. E nossa desculpa, é claro, é que estamos ocupados demais. E *estamos* ocupados demais. Nossas vidas estão atulhadas de coisas que, em última análise, não têm importância. Nossas agendas estão lotadas. "Não temos tempo", dizemos. E você pode estar tão ocupado, até mesmo com o trabalho da Igreja Cristã, que acaba prejudicando a sua alma. Pode tornar-se superficial, seco, e finalmente inútil. Não, meditação é absolutamente essencial. Uma linha de um hino muito conhecido expressa isso de forma perfeita: "Tome tempo para ser santo..." Devemos tomar tempo para sermos santos. Todavia hoje em dia estamos correndo daqui para lá, cheios de atividades, e nossa vida espiritual é muito superficial. Naturalmente no papel tudo parece maravilhoso. E as revistas religiosas refletem isso. Estão interessados unicamente em atividades, porque é o que chamam de "notícias". Alguém está fazendo algo, isso é notícia. Meditação é algo que não pode ser colocado numa coluna noticiosa; é algo muito profundo, não é suficientemente espetacular. Mas o modo de avaliar a vida cristã é por sua profundidade, é por verdadeira compreensão, a qual somente é obtida pela meditação, que só vem pelo pensamento. Isso faz parte

da disciplina da vida cristã. E vocês perceberão que invariavelmente está presente em tempos de verdadeiro avivamento.

Passemos agora a considerar uma outra questão, a qual procede desta que acabamos de tratar. Meditação sempre leva a um auto-exame. Mas hoje em dia auto-exame não é popular. Há até mesmo os que ensinam que auto-exame é errado. "Não", dizem, "não devemos fazer isso, devemos sempre olhar para o Senhor e buscá-lO." Todavia, dizem isso com uma perspectiva errada. Naturalmente, toda a nossa vida, em última análise, deve ser buscar ao Senhor, porém não às custas de examinar-nos a nós mesmos. As Escrituras nos exortam a que nos examinemos a nós mesmos, e que provemos a nós mesmos. Devo dizer mais uma vez que a literatura do passado revela isto de forma tão clara. Leiam a biografia de qualquer homem que foi usado por Deus de maneira incomum em conexão com um avivamento, e verão que invariavelmente ele era um homem que havia examinado a si mesmo, e ficou alarmado com o que viu em si. Sempre foi o elemento que o levou a Deus e à oração - este alarme a respeito de si próprio. Entretanto se não nos examinarmos a nós mesmos, nunca vamos realmente orar, e viveremos nossas vidas inteiramente na superfície. Ora, como é raro ouvirmos a respeito de um exame consciêncioso hoje em dia! Oh, acreditamos em manter uma hora silenciosa, com uma breve leitura da Bíblia, uma rápida oração, e cumprimos nossa responsabilidade. Contudo onde está o auto-exame?

Quanto se fala acerca da mortificação da carne, e da mortificação dos nossos membros aqui na terra? Estas são as injunções apostólicas: "Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra" (Colossenses 3:5). "Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo..." (Romanos 8:13). Estas são as instruções de Paulo, porém nunca ouvimos falar a respeito destas coisas. É porque temos uma noção falsa sobre a santificação e, novamente, dizemos, "Estamos olhando para o Senhor". Assim nossa vida é vivida inteiramente na superfície. Não só há uma carência de profundidade, há também uma carência de santidade verdadeira e vital em nossa vida. Estes são apenas alguns aspectos do fracasso em colocar a verdade em prática.

Não obstante, para equilibrar a verdade das coisas, e para ser justo, devo acrescentar que, se por um lado provavelmente é verdade a respeito da maioria que não crê em auto-exame, e não o pratica, há os que são culpados de fazê-lo de forma incorreta. E isso também pode ser mau. Há os que são culpados de uma ortodoxia morta devido ao mau uso do auto-exame. Há um modo incorreto de nos examinarmos a nós mesmos, bem como um modo correto. O modo correto, é claro,

é o que é indicado nas Escrituras, e sempre tem bom resultado; o modo incorreto, porém, leva à morbidez e a uma falsa introspecção. Esta é uma questão muito sutil, mas há muitas pessoas boas, hoje, na Igreja Cristã, que são absolutamente ortodoxas, que tomam o tempo para exame de consciência. Sim, todavia acabam completamente paralisadas, e inúteis, porque, de certa forma, não fazem outra coisa. Passam o tempo todo examinando-se a si mesmas. São cristãos introspectivos, e repisam a sua própria indignidade, estão tão conscientes de todos os seus pecados e de sua indignidade que nunca fazem coisa alguma a respeito. Seu tempo todo é ocupado com sua condição. Na verdade, estão tão ocupados examinado a si mesmos, e ficam tão deprimidos como resultado de fazer isso, que não têm tempo de orar por avivamento ou por qualquer outra coisa. Estão sempre orando por suas próprias almas e por sua própria condição pessoal.

Obviamente isso está errado, e é tão prejudicial quanto o tipo de cristão superficial que nunca se examina a si mesmo. Portanto, podemos estabelecer como um princípio que o cristão nunca deve estar espiritualmente deprimido e miserável, nunca. Um cristão miserável é uma contradição de termos. O cristão não tem o direito de ficar deprimido dessa forma. Então por que temos tantas pessoas nessa condição? Parece-me que a resposta é que não estão examinando-se a si mesmas à luz das Escrituras, porque se vocês seguirem o método bíblico, farão algo assim: permitirão que a verdade os esquadrinhe; colocá-la-ão em prática; pregarão a si mesmos; falarão consigo mesmos; meditarão a respeito destas coisas. Colocar-se-ão sob convicção, e não se permitirão escapar. Mas não se limitarão a isso. Tendo assim descoberto sua verdadeira condição, permitirão que as Escrituras os guiem ao Senhor Jesus Cristo, e à purificação pelo Seu sangue. Em outras palavras, um cristão deprimido, mórbido e introspectivo está realmente fracassando em aplicar a doutrina da justificação somente pela fé. Se permanecerem em seus pecados, se permanecerem nas cinzas e no pano de saco, declaro que não estão seguindo a orientação bíblica. Devem deixar isso para trás, olhar para Ele e aplicar novamente a verdade às suas vidas. Devem certificar-se de chegar a uma condição de ação de graças e louvor, compreendendo que seus pecados foram cobertos e apagados, que vocês foram renovados, e que agora podem ir em frente.

Percebem como isso é sutil? Entretanto não seria a realidade desta época presente? Há muitos que não estão orando por avivamento porque vivem uma vida muito superficial. Nem sequer percebem a necessidade de avivamento. Estão ocupados e ativos, correndo de lá

pra cá. Não têm tempo de pensar em avivamento. Tudo está bem, dizem. Olhem à volta - vejam a aparência, a superfície. Não estão cientes da sua verdadeira convicção, como vou demonstrar. Por outro lado, há aqueles outros que são tão morbidamente egocêntricos, e tão introspectivos, que realmente não têm tempo de pensar em mais ninguém. Dessa forma, como vêem, a ausência de auto-exame, ou um modo errado de fazê-lo, ambos podem resultar nessa condição de ortodoxia morta.

Pois bem, volvamos-nos para algo mais positivo, algo que desejo enfatizar neste ponto. Coloco-o, por conseguinte como um subtítulo. Ortodoxia morta em geral é culpada de um fracasso em compreender as gloriosas possibilidades da vida cristã, e conseqüentemente leva a um fracasso em compreender nossa própria pobreza. Estou falando a respeito do fracasso em compreender as possibilidades da vida cristã neste mundo presente. Refiro-me ao tipo de coisa sobre a qual o apóstolo Paulo escreveu no final do capítulo 3 da carta aos Efésios. Leiam estes grandes versículos. O apóstolo diz que ele está orando pelos efésios. Eles tinham crido no evangelho desde há algum tempo, e tinham sido selados pelo Espírito.

Eram bons cristãos, mas Paulo ora por eles neste termos:

> *"Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de que, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus" (Efésios 3:16-19).*

É isso que estou dizendo.

Também me refiro ao que Paulo tinha em mente em Filipenses, capítulo 3. Aqui está sua posição. Ele declara que sua preocupação é que ele seja:

> *"achado nele, não tendo justiça própria, que procede da lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer (diz este homem que O conhecia tão bem) e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte". (Filipenses 3:9-10).*

Existe o que podemos chamar de as alturas e profundezas desta vida cristã - as possibilidades disponíveis ao cristão neste mundo presente. E vocês descobrirão que não só nas Escrituras, mas, repito, ao ler as biografias dos santos e a história do que acontece ao povo em tempos de avivamento, vocês estão lendo a respeito de pessoas que compreenderam essas possibilidades. Chegaram a um conhecimento íntimo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, sabendo o que é ser visitado por Eles, sabendo o que é ser arrebatado por Sua presença. Há uma história de um velho puritano que teve uma experiência certa vez, ao andar por uma montanha. Era uma estrada estéril, e ele sentou-se junto a uma fonte para tomar água e comer o pão que levava consigo como refeição. E aí, subitamente, o Senhor Jesus Cristo veio a ele, e manifestou-Se a ele. E esse homem declarou que aprendeu mais durante aquela breve experiência do que tinha aprendido em cinqüenta anos de leitura, estudo e meditação. Isso é sempre uma possibilidade.

Encontramos isso novamente ao lermos a história dos avivamentos. Encontramos referência a pessoas que falam a respeito dessas comunicações, e acerca de suas experiências com Deus e com o Senhor Jesus Cristo, a compreensão de Sua presença, a manifestação do Seu amor; sendo quase consumidos pelo senso da proximidade do Senhor Jesus Cristo, estando bastante cônscios da glória de Deus e do Seu amor. Encontramos isto na vida de pessoas como Jonathan Edwards e, como menciono constantemente, de cristãos de todos os níveis de opinião teológica. Podemos encontrá-lo em Whitefield, em Wesley; percebemos isso na vida de homens como Finney e Moody, e na vida de muitos outros santos.

Estaríamos experimentando tais coisas em nossa própria vida? Compreendemos que são possibilidades? Avivamento, como veremos mais e mais, é Deus manifestando-Se desta forma viva. Mas isto é possível à parte de avivamento. Isto pode acontecer ao indivíduo. Por que não temos conhecimento destas coisas? Por que não estamos sedentos, por que não anelamos e ansiamos por elas? Acho que posso dar uma explicação parcial. É porque somos tão semelhantes às pessoas da igreja de Laodicéia. Lembram-se das palavras do Senhor ressuscitado a essa igreja? "Como dizes: rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu" (Apocalipse 3:17). E esta é a condição da Igreja de hoje. Estou falando, inclusive, de muitas pessoas evangélicas, e igrejas evangélicas. Somos pobres, nus, desgraçados, miseráveis, cegos, e não o sabemos. Dizemos, com efeito, "Somos evangélicos, tudo está bem conosco". Será mesmo? Não adianta nos examinarmos

à luz daqueles que estão obviamente errados, é fácil fazer isso, e pode nos persuadir de que tudo está bem conosco. Como os de Laodicéia, temos fartura. Contudo o que realmente temos? Não - temo que o problema conosco é que estamos cegos à nossa verdadeira condição e situação espiritual. Infelizmente, insistimos em nos examinarmos à luz de atividades. E se estamos ocupados, imaginamos que tudo está bem. Mas, meu caro amigo, o teste de um cristão não é quão ativo ou ocupado ele esteja; é o seu conhecimento de Deus, o seu conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Não é difícil ficarmos ocupados, mas quando realmente queremos a presença de Deus, descobrimos logo que precisamos dedicar tempo a isto.

Ou, para colocá-lo em outros termos, creio que isso é devido em parte ao fato de que estamos preocupados demais conosco mesmos para nos preocuparmos com Ele. Há um ensino que tem sido muito popular por vários anos, e que é expresso com perfeição no título do famosos livro, *O Segredo de uma Vida Cristã Feliz* *. Essa é a perspectiva, controladora. Que devo fazer para ser feliz? Oh, mas esta não é a questão. O título deveria ser *O Segredo do Cristão, Uma Vida com Deus*, o segredo cristão do conhecimento de Deus. Meu alvo deve ser não somente que eu seja liberto de certos pecados que me preocupam. É claro que devo livrar-me deles, porém esta não deve ser minha maior preocupação. Deve ser esta: "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos..." (Filipenses 3:10). Sim, diz Paulo, "Não que eu já o tenha alcançado..." (versículo 12). *Paulo* dizendo isso? Ele está insatisfeito porque seu padrão não era a sua felicidade, mas a possibilidade de conhecer o Senhor, o poder de Sua ressurreição, e a comunhão dos Seus sofrimentos. Somos muito subjetivos, egocêntricos, preocupados apenas conosco mesmos, querendo nos livrar dos nossos insignificantes problemas. Você pode sentir que está livre de problemas, no entanto a pergunta que quero lhe fazer é esta: até que ponto você O conhece? Quanto sabe a respeito da largura, do comprimento, da profundidade e da altura do Seu amor? É o seu maior desejo conhecer o amor de Cristo, que ultrapassa o entendimento, e ser cheio de toda a plenitude de Deus? Quando foi a última vez que testou a si mesmo de acordo com tal padrão? Essa é a questão. Se não estamos testando a nós mesmos por este padrão, ainda que sejamos ortodoxos, nossa ortodoxia é morta.

E outro elemento disso, parece-me, é a forma extraordinária em que excluímos a experiência. O lema é: "Aceite-o pela fé". Naturalmente

---

* Pela Sra. Pearsall Smith

isso é essencial na conversão - justificação pela fé somente. E está certo dizer a alguém, nesse ponto, "Creia nesta Palavra. Confie a sua vida a ela, arrisque tudo por ela." Essa é uma afirmação correta a fazer no princípio, porém não devemos nos limitar a isso. Devemos então dizer à pessoa: "Isso é tudo que você precisa fazer no momento. Todavia, se fizer isso você terá uma experiência, uma segurança, e você saberá com certeza." Mas tantas vezes esse segundo passo é deixado de fora, e muitas pessoas estão ensinando que experiência não tem importância. "Não se preocupe com seus sentimentos", dizemos, através de toda a nossa vida cristã. Do começo ao fim, é: "Aceite-o pela fé, não se preocupe a respeito de suas experiências." Dizem isso de forma quase condescendente. "Há certas pessoas," acrescentam, "que falam de grandes experiências, mas isso não é grande fé. Fé real é quando a pessoa crê mesmo embora não sinta coisa alguma".

Bem, como eu disse, isso é apropriado num estágio preliminar, porém se você nunca sentiu nada, se nunca teve uma experiência, eu digo que isso não é fé, é mera concordância intelectual, é uma crença intelectual. Porque a Bíblia toda ensina a respeito de experiências com Deus. Fomos destinados a experimentar Deus. Fomos destinados a *conhecê-lO*, não simplesmente crer nEle e continuar "mantendo a nossa fé" e "aceitando-O pela fé". Isso é apenas o primeiro passo, e deve ser seguido por uma compreensão, um entendimento. E sinto que é este erro neste ponto que explica a razão por tanta ortodoxia morta, e é um obstáculo tão grave ao avivamento.

Permitam-me resumi-lo desta forma: não estou interessado em experiências em si. Não estou dizendo que homens e mulheres deviam simplesmente buscar experiências. Não, o que estou dizendo é, busquem a Deus, busquem o conhecimento de Deus, busquem conhecer Seu amor, ser cheios do Seu conhecimento, e de toda a plenitude de Deus. Não, não a experiência em si, mas ter experiência com Ele, e conhecê-lO. Esses homens da Bíblia O conheciam. Falavam acerca dEle. Tinham experimentado a Sua presença. Assim também foi o caso de todos os outros cujas vidas eu tenho mencionado aqui. Mas isso parece ter desaparecido da nossa concepção de cristianismo, e sugiro que a razão talvez seja que ficamos tão temerosos de falsas experiências que nos esquivamos completamente de qualquer tipo de experiências. Temos tanto medo de certos excessos que somos culpados até mesmo de apagarmos o Espírito. É uma questão dolorosa - digo isso a mim mesmo também - mas o problema com todos nós é que estamos "sadios" demais.

Humildade não é uma qualidade encontrada com freqüência na

Igreja hoje em dia. Uma auto-confiança superficial é a ordem do dia, em vez de mansidão, humildade, tristeza pelo pecado, e uma consciência de indignidade e imperfeição. Não, estamos descansados, estamos satisfeitos.

Oh, como somos diferentes do apóstolo Paulo. Lembram-se do que ele disse? "Esquecendo-me das coisas que para trás ficam..." Eram coisas maravilhosas. Leiam a sua história novamente, recordem-se dos detalhes. Mas o que ele disse? "Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3:13-14). Ele está prosseguindo. Conheço muito poucos crentes que me dão a impressão de estarem prosseguindo. Reclinar é mais comum hoje em dia. Não vejo pessoas forçando os limites, ansiando por mais, desejando, buscando, esforçando-se, orando por mais. "Prossigo para o alvo," Paulo disse. Os cristãos não parecem estar vivendo dessa forma. Ao invés disso, parece-me que em vez de prosseguir para o alvo, estão simplesmente andando em círculos. Não vejo muita evidência de avanço e de crescimento. Pessoas são salvas, recebem tarefas, são levadas aqui e ali, e continuam dessa forma o restante de suas vidas. Muito ocupadas, muito ativas, algumas delas, tanto que têm esgotamentos nervosos, tornam-se pessoas cansadas, esgotadas.

Qual é o problema com elas? Estão andando em círculos, não estão prosseguindo para o alvo. Não há crescimento, não há desenvolvimento. E você pode gastar cinqüenta anos de vida ativamente pregando o evangelho, ou organizando isto ou aquilo, mas sem conhecer Deus melhor no fim dos cinqüenta anos do que O conhecia no princípio.

Isso está errado. Fomos destinados a crescer na graça e no conhecimento do Senhor. Fomos destinados a prosseguir para o alvo, esquecendo o passado, desejando o que Ele está nos oferecendo. "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos." É uma coisa terrível, todavia o problema conosco é que nossas vidas não estão centralizadas nEle. Não são dominadas por Ele. Dizemos, "Ah, sim, estamos trabalhando para Ele." E então O deixamos sozinho, e vamos em frente com nossas incessantes atividades. Pedimos a Sua bênção sobre o que nós estamos fazendo, porém com que freqüência buscamos a Ele pessoalmente? Deus, e o Senhor Jesus Cristo, e a presença do Espírito Santo em nossas vidas, isso é verdadeiro cristianismo. Foram os homens que buscaram tal experiência que sempre foram usados por Deus no avivamento. Leiam suas histórias. Não aceitem simplesmente minha palavra a esse respeito.

Estas sempre são as preliminares do avivamento. Essas pessoas que foram poderosamente usadas sempre sentiram que eram como os cristãos de Laodicéia - miseráveis, pobres, cegos e nus.

Eles diziam: "Não temos coisa alguma. Oh, como estamos despidos." E foram a Ele, e O buscaram.

Outra manifestação de ortodoxia morta, e que se segue às demais, é uma falta de verdadeira preocupação pela glória de Deus. Seria isso verdade a nosso respeito? Teríamos uma verdadeira preocupação pela glória de Deus nesta época ímpia? Não estou perguntando se o pecado desta época o irrita. Esta não é minha pergunta. É simples e fácil ficar irritado e ofendido com a blasfêmia, o pecado, o vício, a obscenidade, as perversões e tudo que vemos em nossas ruas e nos jornais. É fácil ficar irritado e ofendido com isso. Entretanto você não precisa ser um cristão para ficar irritado. Os fariseus ficaram irritados dessa forma. Qual é o teste de um cristão? É a presença de tristeza e contrição no coração, devido os homens não estarem glorificando a Deus. Leiam o salmista, voltem ao Velho Testamento, observem o salmista de coração quebrantado ao ver homens ignorando a Deus, proferindo blasfêmias a respeito dEle, profanando o que Ele santifica. Isso quebrantou o coração dos salmistas, entristeceu seus espíritos, eles não conseguiam dormir, era um fardo e uma preocupação para eles.

Esta moderna geração nos afeta dessa forma? Entristecemo-nos diante da condição da causa de Deus? Estamos preocupados com a Sua glória, e Sua honra entre os povos? Até que ponto anelamos e desejamos ver a manifestação de Deus em Sua glória? Quantas vezes dizemos a nós mesmos, "Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos" (Salmo 68:1). Com que freqüência temos tais sentimentos em nós? Ou estamos simplesmente pensando em termos de nossas atividades, o sucesso da nossa igreja, ou alguma organização em que estamos interessados? Temos um anelo centralizado em Deus, uma tristeza em consideração a Deus, um desejo que Ele manifeste novamente a Sua glória? É isso que sempre aparece em tempos de avivamento. Não que a Igreja seja beneficiada, nem mesmo que as multidões venham correndo para a Igreja; não, a coisa principal é que Deus e Sua glória sejam conhecidos. Essa deve ser a preocupação principal.

E isso, então, leva-nos ao ponto seguinte, que é uma falta de preocupação pelas almas daqueles que estão do lado de fora. "Ah", você diz, "mas estou muito interessado em trabalho missionário. E sou muito ativo em relação a tais coisas." Não é isso que estou perguntando. Não estou perguntando se você está fazendo o que "deve" ser feito,

como parte de sua vida cristã, ou seja, sustentar atividades missionárias, quer sejam locais ou internacionais. Estou perguntando se você tem uma genuína tristeza em seu coração e em sua mente por causa da condição dos incrédulos? Sabemos algo sobre aquilo que os pais da Igreja denominavam de "um fardo pelas almas"? A questão pesa em nossa mente? Deveria pesar, irmãos, se realmente cremos no que afirmamos crer. Se realmente cremos que tais pessoas estão desonrando a Deus, e que irão para o inferno, isso deveria ser um fardo para nós; mas não é, devido estarmos tão ocupados, devido não pararmos para pensar e considerar a questão; devido não a analisarmos; por causa da nossa inadequada noção de Deus e da Sua glória, e da real condição dessa pessoas. Acaso não há entre nós uma ausência dessa preocupação piedosa, desse fardo pelas almas dos perdidos?

Acho que poderia provar isso a vocês, se necessário. Muitos pastores, em várias partes do país, disseram-me ter experiências como esta. Dizem, "Temos muitas pessoas nas nossas igrejas, que frequentam com regularidade exemplar, especialmente se temos grandes concentrações, porém que simplesmente nunca comparecem às reuniões semanais de oração." Ora, isso é o que deve ser explicado. Se tivessem um verdadeiro fardo pelas almas, estariam ali orando regularmente, na prosaica reunião de oração. Esse é o teste. O homem que realmente tem um fardo pelas almas é um homem que se sente pressionado por esse fardo, e o fardo o pressiona a cair de joelhos e buscar a presença de Deus. Sua atividade suprema é a oração. Ele faz outras coisas, é claro, porém a coisa principal e vital para ele é a oração, pois ele compreende que esta é uma área com a qual só Deus pode tratar. Ele conhece o fardo. E um homem que tem um fardo é um homem que ora.

A falta de fardo e preocupação pelas almas dos perdidos, então, leva a uma falta de oração, ou de oração realmente urgente. Leva a uma falta de oração caracterizada por esperança e expectativa. Há orações e orações. E verdadeira oração só é possível quando homens e mulheres têm uma consciência de Deus, quando sabem o que é experimentar a presença do Deus santo, quando começam a ter um zelo por Seu santo nome e por Sua causa, e sentem uma compaixão pelas almas perdidas e a pressão do fardo de sua condição em seus espíritos. É então, e só então, que podemos realmente orar. Oh, podemos ser constrangidos a orar, todavia isso não é oração autêntica. As pessoas sempre estão prontas a serem organizadas, porque é tão mais fácil fazer coisas quando nos ordenam o que fazer e explicam como fazê-lo, do que estarmos realmente sozinhos com Deus, só Deus e nós enfrentando a

questão - enfrentando-a continuamente. Assim é como se ora. Esse é o único caminho para a oração. Parece-me que o diagnóstico da condição, portanto, é que hoje em dia nosso problema essencial é que estamos nos contentando com um conhecimento muito superficial e preliminar de Deus, Seu ser, e Sua causa. E, contentes com isso, passamos a nossa vida ocupados com ativismo, em vez de pausarmos para compreender as possibilidades, em vez de compreendermos nosso próprio fracasso, e compreendermos que não estamos atraindo ninguém para Cristo, e que provavelmente os outros nada vêem em nós que os faça desejar conhecê-lO. A preliminar inevitável e constante ao avivamento sempre tem sido uma sede por Deus, uma sede viva por um conhecimento do Deus vivo, um anseio e um ardente desejo de vê-lO atuando, manifestando-Se a Si mesmo, como também o Seu poder, levantando-Se e espalhando Seus inimigos.

Deus nos conceda a graça de enfrentarmos estas questões e continuarmos a enfrentá-las. Até que ponto conhecemos a Deus? Até que ponto podemos dizer honestamente que estamos esquecendo das coisas que para trás ficam e que estamos avançando para o alvo; que nosso supremo desejo é conhecê-lO, e o poder de Sua ressurreição, e a comunhão dos Seus sofrimentos, conformando-nos com Ele em Sua morte? "Para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos" - até que ponto conhecemos a plenitude de Deus e este amor de Cristo que ultrapassa todo o entendimento? Até que ponto estamos experimentando estas coisas? Elas são uma realidade para nós? A sede por Deus e o anseio por uma manifestação de Sua glória são preliminares essenciais ao avivamento.

8

Esperando Avivamento

E falou aos filhos de Israel, dizendo: quando no futuro os vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: que significam estas pedras? Fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Porque o Senhor vosso Deus fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis: como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos. Para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte: para que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias (Josué 4:21-24).

Temos, até este ponto, considerado os obstáculos e impedimentos ao avivamento, porque obviamente é daí que devemos começar. Mas isso não é suficiente. Embora comecemos com isso, e compreendamos que há certas condições e certas regras que sempre devem ser observadas, isso não basta e não devemos parar aí. Devemos ir além desse ponto, pois se não o fizermos acabaremos deprimidos e desencorajados. Tendo nos examinado a nós mesmos, e tendo considerado a situação, vemos que o problema certamente não pode ser tratado ou resolvido através de poder ou recursos humanos. É porque tantos falham em compreender isso que eles continuam ocupando-se com suas várias atividades e organizações. Não há esperança até que cheguemos ao fim disso. A situação é tal que o homem é incapaz de tratar dela. E é por isso que digo que devemos nos regozijar no fato de que podemos continuar, agora, examinando este assunto de forma direta e mais positiva.

Quero lembrá-los novamente que esta questão da necessidade de um avivamento é de importância vital para a Igreja Cristã, e os pensamentos e as orações de cristãos ao redor do mundo deviam concentrar-se na questão dessa urgente necessidade. Vou citar algumas palavras de Albert Barnes, um famoso expositor do século passado, pois sinto que elas expressam esta questão de forma perfeita. Eis o que ele escreveu:

Esse dia que convencerá o grande corpo de cristãos professos da realidade e da vantagem de avivamentos constituirá uma nova era

na história da religião e precederá manifestações de poder semelhantes às do dia de Pentecoste.

Tenho certeza que isso está absolutamente certo. O maior problema confrontando-nos na Igreja hoje é que a vasta maioria dos cristãos professos não está convencida da "realidade e vantagem de avivamentos". Como já realcei, este é um assunto que é raramente mencionado. Homens e mulheres têm estado tão ocupados em outras direções que nem sequer têm pensado nisso, e muito menos orado com urgência a respeito. No entanto, como Albert Barnes diz, é certamente de suprema importância que façamos isso, e portanto qualquer coisa que nos ajude a fazê-lo é de grande valor, e uma das coisas que mais ajudam neste respeito, que eu saiba, é considerar a história dos grande avivamentos do passado.

É por isso que, neste anos de centenário, estamos relembrando o que aconteceu em 1859, aquele ano maravilhoso na história do povo de Deus.

Mas sejamos claros a respeito disso. Não estamos interessados em tudo isso meramente do ponto de vista histórico. Nosso interesse nunca deve ser meramente um interesse arcaico. Não faz sentido ler sobre avivamentos simplesmente pela leitura em si, para ler as histórias das pessoas incluídas nos relatos. Não, nosso motivo e nosso interesse deve ser o de ler, estudar e considerar o que aconteceu no passado a fim de descobrirmos os grandes princípios subjacentes a esta questão, para que, em outras palavras, possamos descobrir o que é que devemos estar buscando e pelo que devemos estar orando em nossa própria época e geração. Deveríamos ser governados por um interesse utilitário, em vez de um interesse arcaico. Em outras palavras, sugiro que deveríamos usar tudo que pudermos encontrar nesses relatos de há cem anos atrás, exatamente da mesma forma que Deus planejou que os filhos de Israel usassem as doze pedras que Ele ordenou que tirassem do meio do rio Jordão e colocassem em Gilgal.

Quero chamar sua atenção para este interessante incidente porque parece-me que fala diretamente a nós nesta hora presente. Aqui Deus fez uma coisa incomum, algo estranho, algo maravilhoso e miraculoso. Ele libertou os filhos de Israel antes de tudo dos seus inimigos, os egípcios - Ele dividiu o Mar Vermelho, e eles o atravessaram em terra seca. E aqui estavam eles, tinham vagueado pelo deserto por quarenta anos, e ali, do outro lado do Rio Jordão, estava a Terra Prometida, Canaã, o lugar que buscaram, e pelo qual ansiaram, a terra de bênçãos, a terra que manava leite e mel. Que contraste com o deserto!

Sim, mas a questão era: como é que eles iam atravessar o rio? E a resposta foi que Deus dividiu as águas do Jordão, e eles o atravessaram - novamente em terra seca. E Deus, lembrem-se, deu este mandamento a Josué, e Josué, por sua vez, deu-o ao povo. Tirem, ele disse, doze pedras do lugar onde os sacerdotes pararam com a arca. Peguem doze pedras e então as coloquem ali em Gilgal. Por quê? Bem, a razão nos é explicada neste texto.

Creio que para nós lembrar do avivamento de 1859 é comparável àquelas doze pedras levantadas ali em Gilgal. Nossa posição é esta, e meu propósito ao estudarmos este assunto é, num sentido, levantar esta pergunta em suas mentes: "Que significam essas pedras?" Que é isso de que está falando? Que são esses livros e folhetos? Que são essas reuniões? O que é isso? Nada sabemos a respeito. Como os filhos dos israelitas, naquela época, iriam perguntar: "O que significam estas pedras?" assim eu espero que o maior resultado de nosso estudo seja que ele leve homens e mulheres da nossa época a perguntarem: "O que é isso, e qual é sua importância para nós?"

Continuemos, então, com nossa consideração destes versículos. A coisa que nos impressiona imediatamente, é claro, é que esse tipo de coisa seja necessário. Não seria de se imaginar que, com um evento como esse em sua história, não haveria necessidade de lembrar as futuras gerações dos filhos de Israel desse fato? Esses dois incidentes são tão notáveis - a travesseia do Mar Vermelho e a do Rio Jordão - são eventos tão salientes que imaginaríamos que jamais haveria necessidade de trazê-los à memória das pessoas através de um meio visível, externo e objetivo. No entanto, Deus deu essa ordem porque Ele conhece a natureza humana tão bem, e o que Ele sabe a nosso respeito é que é incrível com que rapidez nós esquecemos. Até mesmo um evento tão memorável como este podia ser esquecido muito em breve, apagado completamente da mente e da memória das gerações subseqüentes dos filhos de Israel. Portanto, "Levantem essas pedras", Deus diz, para que elas sejam um memorial, que chame a atenção das pessoas, e elas perguntem: "Que são estas pedras? Que significam?" E então a resposta lhes será dada.

Por conseguinte, esta é uma das primeiras coisas que todos precisamos compreender a respeito de nós mesmos, essa tendência de esquecer. Sim, de esquecer até mesmo as coisas maiores e mais maravilhosas. Isso é verdade em todas as esferas. Suponho que, em última análise, um dos efeitos mais devastadores do pecado é a forma como ele paralisa a nossa mente e até mesmo a nossa memória. Isso não se limita à religião, é verdade em todas as esferas. Com que rapidez

grandes homens são esquecidos! Homens que dominaram a cena em sua época e em sua geração nada significam para as gerações subseqüentes que, se de repente vêem um monumento, perguntam: "Quem foi ele? O que ele fez?" Embora esses homens tenham feito coisas extraordinárias e seus contemporâneos pensaram que nunca seriam esquecidos, o tempo passa, outras gerações surgem, e eles são prontamente esquecidos. "Levantou-se uma geração que não conhecera a José". Não há nada mais transiente do que reputação, nesse sentido. Entretanto, isso é verdade não só acerca de grandes homens, e sim também de grandes eventos. Alguns dos eventos mais extraordinários da história são logo esquecidos. Uma geração se levanta que esquece de todos os sacrifícios de seus antepassados, que muitas vezes lutaram até à morte por algum grande princípio ou por alguma grande liberdade. Gerações se levantam que nada sabem a respeito e nem sequer estão interessadas. Recebem todos os frutos e todos os benefícios, e nunca se preocupam em perguntar: "Como foi que tudo isso veio a ser nosso?" Ora, isso é próprio da natureza humana, não é mesmo? Qual é a causa disso, e particularmente, qual é a causa disso na esfera da religião? Por que se torna possível que gerações venham a se levantar que esquecerão uma coisa como esta, de forma que Deus precisa ordenar o levantamento dessas pedras? Permitam-me sugerir ligeiramente algumas respostas a esta pergunta.

Talvez as causas principais sejam absorção conosco mesmos, com nossa época e geração, e especialmente nossa absorção com nossas próprias atividades. Somos tão egocêntricos, estamos tão ocupados com o que estamos fazendo. Parecemos estar inconscientes do fato de que pessoas viveram neste mundo, em épocas e séculos passados, antes mesmo que viéssemos a existir. É um mórbido egocentrismo e concentração em nós mesmos. As vidas das pessoas estão completamente absorvidas por seu próprio círculo, e quão raramente estendem a vista além dele. Cortinas de várias descrições não constituem nada de novo. Sempre houve cortinas de ferro e de bambu, e outras. É incrível observar como a vida pode ser pequena. Vivemos nossa existência limitada e circunscrita, com nossas insignificantes atividades, nunca estendemos a vista além, e não tomamos consciência de nada além do nosso círculo. Naturalmente, acrescido a isso, há um sentimento que é particularmente característico desta época, de que o passado não pode nos ajudar, por causa de todos os nosso avanços tecnológicos, nosso maravilhoso conhecimento, nossas técnicas e nossa incrível capacidade. Nós somos os mestres. O que é que o passado tem a nos dizer? Esse sentimento é muito prevalente, e tem

sido assim, é claro, em cada geração que nos precedeu, e será verdade sobre as gerações que nos seguirão. Olharão para nós (se o fizerem) e simplesmente nos porão de lado. Somos meros principiantes nessas questões.

Em última análise, porém, creio que a explicação é - reitero - este nosso subjetivismo. E este subjetivismo contamina até mesmo nossa leitura e estudo da Bíblia. Estamos tão morbidamente concentrados em nós mesmos e nossos próprios problemas que até mesmo nos aproximamos da Bíblia como um livro que pode nos ajudar em nossos problemas. Queremos ajuda, queremos isso e aquilo, e vamos à Bíblia como se ela fosse um dispensário que trata do que podemos chamar de "a caxumba e o sarampo da nossa alma". Até nossa *aproximação* da Bíblia é subjetiva em vez de ser objetiva. Quantas vezes, eu me pergunto, vamos à Bíblia dizendo a nós mesmos: "Vou ler a Bíblia porque quero ver o que Deus fez; vou ler a minha Bíblia para que possa ver Deus agindo e intervindo na história"? Mas a Bíblia não é apenas um livro que responde minhas perguntas e me diz várias coisas que eu quero saber; a Bíblia é o registro das atividades de Deus, das manifestações de Deus, dos poderosos atos e obras de Deus. Vou continuar examinando, vou me colocar de lado e ver o que Deus, o Senhor, fez, "para que todos os povos da terra conheçam que a mão do Senhor é forte" (Josué 4:24). Os atos de Deus. Todavia receio que não lemos mais a Bíblia desta forma. Ou lemos? Queremos apenas uma palavra que nos ajude. Queremos um pensamento que nos ajude a começar o dia. Queremos alguma coisa antes de proferir a nossa breve e apressada oração antes de prosseguir com as atividades do dia. Lindos pensamentos. Não me entendam mal. Vou dizer uma coisa que pode ser seriamente mal compreendida. Eu realmente creio que o principal problema da maioria dos evangélicos hoje em dia é que lêem as suas Bíblias "devocionalmente" demais, quero dizer, subjetivamente. E este poderoso panorama dos atos do Deus vivo é algo de que parecemos estar inconscientes, e o resultado é que precisamos ser lembrados do que Deus fez. Está tudo aqui para nós, mas passamos sem perceber, daí precisarmos levantar algumas pedras, um memorial, algo que chame a atenção.

Este é um princípio que pode ser encontrado em muitos lugares na Bíblia. Vejam a Ceia do Senhor, por exemplo. O princípio é exatamente o mesmo. Somos tão obtusos e tão estúpidos como resultado do pecado, que podemos até mesmo esquecer a morte do Filho de Deus por nós, Sua agonia e a vergonha que Ele sofreu, bem como tudo que suportou na cruz. E Seu eterno amor por nós, poderíamos até esquecer

disso! Por isso o próprio Senhor ordenou e mandou que devíamos nos reunir para partir o pão e beber o vinho: "Isto fazei em memória de mim." É o levantamento das pedras em Gilgal mais uma vez. Somos assim - e sofremos tanto por causa dessa letargia espiritual, que precisamos memoriais objetivos, precisamos constantemente de lembretes tangíveis, algo fora de nós mesmos, que nos leve a perguntar: "Que significa esta mesa?" "Que singnificam estas pedras?" Deus condescende com nossa fraqueza, nossa letargia, nossa estupidez, providenciando memoriais externos de Seus poderosos atos e obras. Por isso dou graças a Deus por 1959. Simplesmente porque marca o centenário de 1859. Vocês estão percebendo que estou me detendo neste ponto, e o faço por esta razão. Esta é nossa oitava consideração desta questão do avivamento, e se ainda não consegui despertar sua atenção para perguntar - "Que significa isso?" - se ainda não se levantou em vocês um novo interesse e curiosidade, então tudo tem sido em vão. Não basta estudar tudo isso e ter consciência de *alguma coisa*. Estamos realmente nos preocupando com o sentido de tudo isso? Que significa todo este registro? E espero mostrar que a resposta completa e real é dada nestes versículos no fim do capítulo 4 de Josué. Tudo está ali. Deus nos deu Sua própria explicação, e não posso fazer outra coisa senão expô-la a vocês.

Em primeiro lugar, significa que somos lembrados de *fatos*. "Que significam estas pedras?" Gerações subseqüentes vão fazer essa pergunta. Estarão andando despreocupadamente, talvez numa caminhada ou jornada, e de repente verão essas doze pedras e perguntarão: "Qual é o significado disso?"

E a resposta, disse Josué, será: "Estas pedras estão aqui como um memorial de algo que aconteceu no passado."

História, não teorias; não idéias, mas fatos. Qual é o significado do pão e do vinho? Oh, o fato que Ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos. Toda a nossa posição depende de fatos. Gostaria de poder parar aqui e tratar somente disto, porque estamos vivendo uma época em que há um ensino teológico extremamente sutil que tenta nos levar a crer que podemos dispensar os fatos e nos limitar ao ensino. Isso é mentira! "Que significam estas pedras?" Fatos! Atravessando o Mar Vermelho, atravessando o Jordão, daquela forma miraculosa. Fatos, fatos de Deus.

E é exatamente o mesmo com o que estamos celebrando este ano. É um simples fato real da história que algo notável e maravilhoso aconteceu há cem anos atrás. Algo literalmente aconteceu em 1859 que foi um fato tão real que até mesmo foi registrado nos jornais. E eles

raramente relatam qualquer coisa que não seja política. Os únicos sermões em que estão interessados são sermões que apresentam política em alguma forma. Não estão interessados em questões espirituais, mas eles estavam relatando o que aconteceu em 1859. Tornou-se manchete de primeira página. Isso era fenomenal! Fatos. Atos. Algo sólido, que pertence à esfera da história.

Mas, como a explicação aqui demonstra, isso não é algo singular que somente acontece uma vez. Vocês perceberam? "Fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Porque o Senhor vosso Deus fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis: como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos". Quero enfatizar este ponto. O que aconteceu em 1859 é apenas um acontecimento de uma grande série. É somente *um* exemplo, porém é uma ilustração de algo que tem acontecido periodicamente na história da Igreja Cristã através dos séculos. É um exemplo do que chamamos "avivamento", um "avivamento da religião", e é somente *um* exemplo. Tem havido muitos outros.

Permitam-me citar algumas ilustrações de passagem. Muito antes da Reforma Protestante, houve um avivamento religioso neste país associado com o nome de John Wycliffe e com os Lollards. Foi um avivamento tão definido como o que aconteceu em 1859. Então, claro, o mesmo aconteceu no continente europeu com o grande John Huss. Na Morávia, que hoje é chamada Checoslováquia, houve um verdadeiro avivamento, associado com seu nome, e Deus o usou como um instrumento e um canal. Foi um movimento extraordinário do Espírito de Deus. O mesmo aconteceu entre os Valdenses no norte da Itália. Foi um avivamento real. Aconteceu com aquele grande homem chamado John Tauler *, que era um sacerdote da igreja católica romana. O Espírito de Deus veio sobre ele, o que levou a um avivamento em sua área. Foi exatamente a mesma coisa.

Ademais, houve a Reforma Protestante. Não nos esqueçamos que foi um avivamento bem como uma reforma. Não devemos pensar na reforma como um simples movimento teológico. Era isso, mas além disso houve um avivamento, o Espírito de Deus foi derramado e as pessoas estavam prestando atenção à pregação. Pregação e a leitura da Bíblia eram de suprema importância. Isso é um despertamento religioso. E é isso que queremos dizer por avivamento. Vocês encontram isso no século dezessete, e também, de forma extraordinária, há

---

* John Tauler, 1300-1361

duzentos anos atrás, no grande despertamento evangélico associado com os nomes de Whitefield e os irmãos Wesley, e muitos, muitos outros. Encontramos isso novamente no fim do século dezoito e no começo do século dezenove. E então houve o notável, admirável evento que sucedeu entre 1857 e 1859 na América, na Irlanda do Norte, no País de Gales, na Escócia, na Suécia, e em outras partes do mundo.

Este, no entanto, é apenas um entre uma série de eventos que têm acontecido através da longa história da Igreja Cristã. E vocês perceberão, ao lerem a história de cada um deles, que eles têm certas coisas em comum. Têm as mesmas características gerais. Deus operou no Jordão, declarou Josué, da mesma forma que tinha operado antes, no Mar Vermelho. Certas características gerais são comuns a todas essas experiências, apesar do tempo, apesar do país, apesar da civilização, apesar de tudo o mais.

Pois bem, o que foi que aconteceu há cem anos atrás? O que foi esse evento que faz parte desta série? O que é avivamento?

Podemos defini-lo como um período de bênção incomum e atividade na vida da Igreja Cristã. Primariamente, é claro, e por definição, um avivamento é algo que acontece primeiro na Igreja e entre os cristãos, entre crentes. Isso, repito, é verdade por definição. É *avivamento*; algo é avivado e quando dizemos isso, queremos dizer que algo está presente que tinha vida. Todavia a vida estava começando a se desvanecer, a murchar, e tinha se tornado quase moribunda, e houve pessoas que disseram: "Isso está morto, está acabado," porque não podiam ver muitos sinais de vida e atividade. Avivamento significa despertamento, estimulando a vida, trazendo-a à tona novamente. Acontece primariamente na Igreja de Deus, e entre pessoas crentes, e é somente em caráter secundário que afeta também aqueles que estão de fora. Ora, este é um ponto extremamente importante, porque esta definição nos ajuda a diferenciar, de uma vez por todas, entre um avivamento e uma campanha evangelística. Confundir estas duas coisas resulta em prejuízo. Não há nada que seja tão tolo quanto pessoas anunciando que vão organizar um avivamento. Estão se referindo a uma campanha evangelística. Infelizmente esta confusão foi introduzida por Finney e tem persistido desde então. Não obstante, é um grande equívoco, é uma confusão de propósitos. Permitam-me mostrar-lhes a diferença.

Uma campanha evangelística é a Igreja decidindo fazer algo com respeito àqueles que estão do lado de fora, perdidos. Um avivamento não é a Igreja decidindo fazer algo e fazendo-o; é algo que é *feito à*

Igreja, algo que acontece com a Igreja. As duas coisas são essencialmente diferentes. Vocês podem ter uma grande campanha evangelística, a qual pode deixar sua igreja exatamente como era antes, se não pior. Acrescento isso porque ouço constantemente que as igrejas estão sofrendo do que chamam de "exaustão pós-campanha evangelística", que como resultado de campanhas, as reuniões de oração e as reuniões regulares baixam em freqüência. E o mesmo é verdade a respeito de várias outras organizações, que promovem tais atividades. Campanhas evangelísticas, então, referem-se principalmente àqueles que estão do lado de fora, mas a essência do avivamento é que é algo que acontece à Igreja, às pessoas da Igreja. Elas são tocadas e influenciadas, e coisas tremendas acontecem.

Pergunto então, o que é que acontece? O que é isto? Que significam estas pedras? Que aconteceu há cem anos atrás em todos esses países? A melhor forma de responder a esta pergunta é dizer que, num sentido, foi uma repetição do dia de Pentecoste. É algo acontecendo com a Igreja, que inevitavelmente e quase instintivamente nos leva a olhar atrás e pensar novamente no que aconteceu no dia de Pentecoste, como está registrado em Atos, capítulo 2. Permitam-me mencionar algumas das características gerais.

A essência de um avivamento é que o Espírito Santo desce sobre um número de pessoas reunidas, ou sobre toda uma igreja, ou sobre um número de igrejas, e distritos, ou talvez um país inteiro. Isso é o que significa avivamento. Se preferirem, é uma visitação do Espírito Santo, ou outro termo que tem sido freqüentemente usado é este - um derramamento do Espírito Santo. E os termos são interessantes porque podemos ver que as pessoas estão cônscias de que é como se algo subitamente veio sobre elas. O Espírito de Deus veio sobre elas. Deus desceu e está em seu meio. Um batismo, um derramamento, uma visitação. E o efeito disso é que imediatamente essas pessoas se conscientizam de Sua presença e do Seu poder de uma forma que nunca conheceram antes. Estou falando sobre cristãos, membros de igreja reunidos como tinham feito tantas vezes antes. Subitamente estão conscientes de Sua presença, estão conscientes da majestade e da grandiosidade de Deus. O Espírito Santo literalmente parece estar presidindo sobre a reunião, assumindo o controle dela, manifestando o Seu poder, guiando-os, dirigindo-os e liderando-os. Essa é a essência do avivamento.

E o que significa isso? Bem, há características gerais que vocês encontrarão em cada avivamento de que temos notícia. O efeito imediato é que as pessoas presentes começam a ter uma consciência de

coisas espirituais e uma perspectiva tão clara delas, como nunca tiveram antes. De novo estou falando acerca de crentes, membros da Igreja Cristã que subitamente tornam-se cônscios da presença de Deus e de Seu poder, e o primeiro efeito é que coisas espirituais se tornam realidades. Ouviram falar destas coisas antes, talvez ouviram falar delas milhares de vezes, mas dão este testemunho: "Sabem, tudo de repente se tornou claro para mim. Fui subitamente iluminado, coisas com as quais eu estava tão familiarizado de repente foram realçadas como se estivessem escritas em letras de ouro. Eu compreendi; vi tudo de uma forma como nunca tinha visto antes em toda a minha vida." É isso que dizem. O Espírito Santo ilumina a mente e o entendimento. Eles começam não só a ver estas coisas claramente, e sim a sentir o seu poder.

Que são estas coisas das quais nos tornamos conscientes? Antes de tudo, a glória e a santidade de Deus. Vocês já perceberam, ao lerem suas Bíblias, o que acontecia com essas pessoas quando elas subitamente tinham consciência da presença de Deus? Como Jó, punham a mão sobre a boca, ou como Isaías, clamavam: "Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros." O que aconteceu? Oh, elas acabaram de alcançar uma compreensão da santidade, da majestade e da glória de Deus. Isso sempre acontece num avivamento. Mas nem sempre acontece em campanhas evangelísticas, acontece? Pode haver muito riso, alegria e organização em campanhas evangelísticas. Nunca num avivamento; pelo contrário, reverência, santo temor, uma consciência de Deus em Sua majestade, Sua glória, Sua santidade, Sua absoluta pureza.

E isso, como vimos, leva inevitavelmente a uma profunda e terrível percepção de pecado, e um tremendo senso de culpa. Leva homens e mulheres a sentirem que são vis, impuros, absolutamente indignos e, acima de tudo, leva-os a compreenderem sua completa incapacidade face a face com um Deus tão sublime. Ou, como o publicano descrito por nosso Senhor na parábola, estão tão cônscios de tudo isso que nem sequer se mostram ou levantam o rosto. Ficam atrás, em algum lugar perto da porta, batendo no peito e dizendo: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador." Eles percebem a santidade de Deus, sua própria pecaminosidade e miséria, sua indignidade; compreendem que nunca fizeram o bem. Antes, pensavam que tinham feito muito, porém agora vêem que é nada - é inútil. Como Paulo, começam a falar de esterco e panos imundos. Em sua total incapacidade e desespero, prostram-se e se lançam sobre o amor, a misericórdia e a compaixão de Deus.

Isso é o que sempre acontece nos avivamentos. Leiam os relatos por

si mesmos. Qualquer que seja que vocês leiam, sempre encontrarão isso. Esta é a obra convencedora do Espírito que assume controle da situação. E algumas pessoas permanecem nesse estado e condição por algum tempo. Há ocasiões em que permanecem nesse estado não só por horas, mas por dias, semanas, meses e ficam quase desesperadas. Então recebem uma visão clara do amor de Deus e do Senhor Jesus Cristo, especialmente da Sua morte sobre a cruz. Finalmente compreendem! Oh, sempre creram nisso teoricamente, e tinham participado da Ceia do Senhor, contudo nunca tinham sentido coisa alguma, e nada disso tinha verdadeiramente se tornado real para elas. Criam nessas verdades. Sim, e estavam confiando nelas, todavia nunca tinham sentido o poder delas, nunca tinham sentido o que é ser tocado e quebrantado por elas. Nunca tinham experimentado o que é prantear com um senso de indignidade, e então de amor e alegria ao compreenderem que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Subitamente isso se torna real para essas pessoas, e elas compreendem que o Filho de Deus ama a elas e deu-Se a Si mesmo *por elas*. Torna-se uma questão individual e pessoal: "Ele morreu por *mim*, os *meus* pecados estão perdoados", e paz invade seus corações; alegria entra em suas vidas, e elas se perdem em amor e um senso de adoração a Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo.

E isso passa a absorver toda a sua vida. Se encontram alguém imediatamente começam a falar disso, todos estão falando a respeito disso, é o tópico principal de conversação, é o que absorve todo o seu interesse. Querem se reunir e falar sobre estas coisas, então planejam reuniões. Congregam-se todas as noites e começam a falar sobre estas coisas. Começam a louvar a Deus e a cantar hinos para Sua glória. Então começam a orar, e ficam ali, hora após hora, noite após noite, ansiando que seu dia de trabalho termine logo para que possam congregar-se com outras pessoas que também experimentaram este movimento do Espírito de Deus. E isso, claro, leva tais cristãos a ter uma grande preocupação a respeito daqueles que estão do lado de fora e que não têm conhecimento destas coisas.

Estou lhes dando um resumo do que podem ler nos livros. Começam a se preocupar com os membros de suas próprias famílias - marido, esposa, pai, mãe, filhos, irmão, irmã - que não sabem que estão do lado de fora. Compartilham com eles, sentem que precisam fazer isso. São constrangidos a fazer isso. Falam a respeito disso com pessoas, amigos e conhecidos, e começam a orar por eles. A oração é sempre um grande elemento de cada avivamento, grandes reuniões de

oração, intercessão por horas e horas. Oram por essas pessoas por nome, e imploram, e não deixam Deus em paz, por assim dizer. Concentram nisso com uma estranha urgência.

E então, depois de algum tempo, ouvindo tudo isso e vendo as mudanças em pessoas que conheceram por tanto tempo, os outros que estão de fora começam a comparecer às reuniões, dizendo: "O que é isso?" Eles vêm, e passam pela mesma experiência. E assim milhares e milhares são convertidos. Na verdade, a vizinhança toda parece estar cheia do Espírito Santo. Ele parece estar em todo lugar. Pessoas não apenas são convertidas em reuniões, algumas são convertidas a caminho das reuniões, antes mesmo de chegarem lá. Alguns são convertidos no trabalho, numa mina de carvão, ou no topo de uma montanha. Alguns são despertados no meio da noite. Foram para a cama normalmente, mas acordam com uma terrível sensação de pecado, e sentem que tem que se levantar, orar e clamar pela misericórdia de Deus. Ninguém falou com eles naquele momento - é o Espírito de Deus que está agindo. Ele esta dominando a área toda. Está enchendo as vidas de todas as pessoas.

Isso é o que acontece num avivamento, e assim temos esta curiosa, estranha mistura, de grande convicção de pecado e grande alegria, um grande senso de temor do Senhor, ações de graças e louvor. Sempre, num avivamento, há o que alguém definiu como uma divina desordem. Alguns estão gemendo e agonizando sob convicção, outros estão louvando a Deus por Sua grande salvação. E tudo isso leva a reuniões lotadas e prolongadas. Todos parecem esquecer do tempo. As pessoas parecem entrar na dimensão da eternidade. Uma reunião pode começar às seis e meia da tarde, e não terminar antes da madrugada do dia seguinte, sem que ninguém perceba a passagem do tempo. Nem sequer tiveram que providenciar café. Quando o Espírito Santo é responsável pela organização, o tempo, o corpo e as necessidades da carne são esquecidos.

Um avivamento, então, realmente significa dias de céu sobre a terra. Permitam-me dar-lhes uma das maiores descrições já dadas do que acontece numa localidade quando há tal avivamento ou visitação do Espírito de Deus. Esta descrição foi escrita pelo grande e santo Jonathan Edwards, a respeito da pequena cidade de Northampton, no Estado de Massachussetts, em 1735.

A obra prontamente operou uma gloriosa alteração na cidade. De forma que, na primavera e verão que se seguiram, ela parecia (refiro-me à cidade) estar cheia da presença de Deus. Nunca tinha

sido tão cheia de amor ou cheia de alegria, e ao mesmo tempo tão cheia de aflição, como então. Houve admiráveis indicações da presença de Deus em quase cada casa. Foi um tempo de alegria para famílias como resultado de salvação ter chegado a elas. Pais regozijando-se pelo novo nascimento de seus filhos, maridos a respeito das esposas e esposas a respeito dos maridos. As obras de Deus foram vistas em Seu santuário. O dia de Deus era um deleite, e Seus tabernáculos amáveis. Nossas assembléias públicas eram maravilhosas. A congregação estava ativa no serviço de Deus. Todos concentrando intensamente na adoração pública. Cada ouvinte estava ansioso por beber as palavras do ministro à medida que saíam de sua boca. A assembléia em geral, de tempos em tempos, dissolvia-se em lágrimas enquanto a Palavra era pregada. Alguns choravam de aflição e pesar, outros de alegria e amor, outros com compaixão e preocupação pelas almas de seus semelhantes.

Jonathan Edwards: *Obras*, Londres, Vol. I, pág. 348)

Esse, então, é um esboço do que acontece num avivamento. "Que significam estas pedras?" Bem, isso foi exatamente o que aconteceu há cem anos atrás em todos esses vários países. Foi a obra de Deus — essas visitações do Espírito de Deus. Vocês têm conhecimento destas coisas? Estão interessados nelas? Estão preocupados? Isso os comove? Percebem que, se tão-somente isso acontecesse novamente em nossos dias, resolveria nossos problemas? Isso é Deus visitando Seu povo. Dias de céu na terra, a presidência do Espírito Santo na Igreja, vida abundante dada ao povo de Deus sem medida. Espero que vimos e sentimos algo que criou em nós não só o desejo de dizer: "Que é este fervor? Oh, se pudéssemos experimentá-lo. Oh, se pudesse acontecer conosco", mas que sintamos isso de tal forma que comecemos a clamar a Deus que tenha compaixão e misericórdia de nós e nos visite dessa forma com Sua grande salvação.

9

Características do Avivamento

E falou aos filhos de Israel, dizendo: quando no futuro os vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: que significam estas pedras? Fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Por que o Senhor vosso Deus fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis: como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos. Para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte: para que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias (Josué 4:21-24).

Já consideramos algumas das características gerais do avivamento - um senso da majestade de Deus, de pecaminosidade pessoal, da maravilha da salvação através de Jesus Cristo, e um desejo de que outros O conheçam. E vimos, também, que em tempos de avivamento, as pessoas estão conscientes da presidência do Espírito Santo sobre todas as coisas e sobre a vida da comunidade toda.

Agora devemos prosseguir enfatizando certos aspectos especiais a respeito do avivamento, que parecem a mim ser de grande significação. Em primeira lugar, é característico de um avivamento que pessoas de todas as classes sociais são afetadas por ele, pessoas de todas as idades, pessoas de todos os temperamentos, pessoas de todos os níveis intelectuais. Este é um ponto digno de ser elaborado, embora não o façamos aqui, mas quero enfatizá-lo por esta razão. Aqui está uma das respostas finais a todos aqueles que querem rejeitar a conversão evangélica em termos de psicologia. Não está confinado a tipos especiais, os chamados "tipos religiosos". Uma das coisas mais marcantes na história dos avivamentos é o fato de que sempre temos uma representação de todos os grupos e níveis da sociedade, independente de classe, idade, temperamento e tudo o mais: uma característica assombrosa, mas que é encontrada com estranha regularidade em todas as histórias.

Ainda outra característica é que o avivamento é algo que acontece, dura por algum tempo, e então passa. Isto é muito interessante porque enfatiza que o avivamento é uma ação definida de Deus. Começa

subitamente ou gradualmente, expande-se até um grande clímax, e depois termina, talvez subitamente, talvez gradativamente. Há algo discreto num avivamento. Às vezes podemos citar a data exata quando começou, e a data em que terminou, e isso, como eu disse, é significativo porque estabelece mais uma vez que o avivamento é uma obra de Deus e que não é algo que pertence à esfera de mera experiência psicológica. Com tal experiência, enquanto tivermos o estímulo e os fatores, continuaremos a ter resultados, porém num avivamento não é este o caso.

Isso nos leva ao próximo ponto, o qual é que os resultados de um avivamento são permanentes. Há exceções. Há os que se desviam. Todavia um grande elemento do avivamento é que os homens e mulheres convertidos por este poder que penetrou na vida da Igreja, continuam fiéis. Não é que eles fazem profissão de fé como resultado de um apelo, e você imagina que grandes coisas estão acontecendo, até que descobre, mais tarde, que somente dez por cento deles permanecem firmes, segundo as estatísticas calculadas, de acordo com o que me diz a maioria dos evangelistas. Não é o que acontece num avivamento. Num avivamento é algo excepcional quando as pessoas não crescem espiritualmente. Elas permanecem e continuam firmes.

Vocês descobrirão que a literatura dá testemunho disso. Tenho me recordado disso ultimamente. Tenho lido a descrição dada por alguns ministros há cem anos atrás, e cada uma deles menciona este mesmo ponto, ou seja, que as pessoas permaneciam firmes. Não era algo que só durava uma noite. É claro que eles não pediam que as pessoas se manifestassem quanto à sua condição espiritual, não chamavam as pessoas à frente. Esta é outra interessante diferença entre uma campanha evangelística e um avivamento. Numa campanha evangelística você tem que chamar as pessoas para que venham à frente; num avivamento não precisa fazer isso - elas vêm sem que seja preciso chamá-las. Isso foi expresso muito bem por um homem que esteve no avivamento que aconteceu no Congo * há alguns anos atrás. Ele escreveu um pequeno livro a respeito de suas experiências, em que fala disso com muita eloqüência. Eu o cito aqui:

> *Ali estava eu, depois de ter pregado por vinte anos naquela área, implorando às pessoas que se decidissem por Cristo no fim das reuniões, tentando persuadi -las a virem à frente, sem sucesso. Mas então isso aconteceu, e agora nem era preciso convidá-las a virem à frente.*

---

* Zaire

Num certo sentido, a dificuldade era tratar com os que vinham à frente. Vinham até mesmo enquanto ele estava pregando, ele não podia impedi-los. Isso é algo que acontece quando temos um avivamento. E os resultados são permanentes.

Há certos fatos concretos que podem ser mencionados. Permitam-me citar alguns números. Tenho hesitado em fazê-lo porque números já tornaram-se um tanto irreais nesta era que lhes empresta tanto significado. As pessoas não esperam para ver se são corretos, estão tão ansiosas por proclamá-los imediatamente. Todavia, os números são interessantes. Não estou enfatizando que um certo número veio à frente no fim da reunião. Vou citar números de pessoas que se uniram à Igreja Cristã, e que continuam sendo membros ativos e dedicados.

Dizem que de 1730 a 1745 nos Estados Unidos, durante o grande despertamento que aconteceu sob Jonathan Edwards, e os Tennants e outros, que cerca de cinqüenta mil pessoas uniram-se às igrejas. De 1857 a 1859, no grande avivamento que varreu os Estados Unidos, calcula-se que meio milhão de pessoas uniram-se à Igreja Cristã. Notem a minha ênfase - *uniram-se à Igreja Cristã.* Não foram admitidas imediatamente. Foram examinadas; foram instruídas como catecúmenos, e foram treinados. Não estou falando a respeito de decisões. Estamos tão acostumados com isso, e eles não faziam esse tipo de coisa naquela época. Vamos tirar isso da nossa mente. Estou me referindo a pessoas que, tendo dado evidências claras de sua conversão e regeneração, foram admitidas à comunhão da Igreja Cristã. Meio milhão, há cem anos atrás nos Estados Unidos. Cem mil uniram-se às igrejas em Ulster, e cinqüenta mil no País de Gales durante aquela mesma época. E se considerarem os números que constituíam a população da época, perceberão o significado deste fatos notáveis.

Devemos também enfatizar que um grande zelo por Deus e por santidade invariavelmente se manifesta nos membros das igrejas e nesses novos convertidos. As reuniões ficam lotadas. As pessoas estão ansiosas por trabalhar. Cada empreendimento em conexão com a Igreja recebe um poderoso estímulo. Podem ler, por exemplo, o livro de Edwin Orr sobre o "Segundo Despertamento Evangélico", que lhes dará fatos notáveis a esse respeito. Esse livro lhes mostrará quantas coisas resultaram daquele avivamento há cem anos atrás. Não foi um caso de emoções passageiras, e sim algo tão profundo que as pessoas foram consumidas de zelo por Deus, por Seu nome e por Sua causa. Além disso, não só as igrejas existentes se tornaram pequenas demais, mas também tiveram que construir um grande número de novos templos. Porquanto, quando há um avivamento, ele começa, como

demonstrei, na Igreja, e a Igreja é edificada, enquanto que muitas vezes quando temos campanhas evangelísticas, as igrejas continuam exatamente como eram antes.

O número de homens chamados ao ministério também aumenta grandemente. Isto também é algo que sempre acontece em períodos de avivamento. E então, falando ainda de forma geral, em tempos de avivamento vocês descobrirão que o clima moral e o nível moral, não só da Igreja mas também do mundo fora da Igreja, é influenciado e elevado visivelmente. Vocês podem ler estatísticas providenciadas pelas autoridades públicas com respeito a processos em cortes policiais e outras cortes, por embriaguez e várias outras coisas, e os números são de pasmar. Assim pode-se constatar como práticas malignas que tinham caracterizado a vida de uma cidade ou distrito, subitamente desaparecem. Temos um exemplo famoso deste fato. Houve um grande pregador no norte do País de Gales, há cerca de cento e cinqüenta anos atrás, chamado John Elias. Ele pregou um sermão em uma famosa feira, uma feira bem conhecida por sua libertinagem, vício, pecado e devassidão. Esse homem, através da pregação de um sermão, pôs fim àquela feira de uma vez por todas. Ele acabou com ela, e nunca foi reinstituída.

Esse é o tipo de ocorrências que encontramos em tempos de avivamento. Podemos, no entanto, ter grande campanhas evangelísticas e podemos pensar, a julgar pelos relatórios que lemos, que o país todo se tornou religioso. Contudo, se verificarmos os números de crimes, veremos que não houve efeito algum. Isso nunca acontece num avivamento. Até mesmo pessoas não convertidas são influenciadas e afetadas. Uma sobriedade entra na vida de toda a comunidade e os efeitos gerais do avivamento durarão por anos depois do avivamento ter terminado.

Até agora examinamos o fenômeno do avivamento de forma geral. Mas quero referir-me abreviadamente a variações específicas, que aconteceram em diferentes avivamentos, em diferente lugares e épocas. Embora todos tenham certas características gerais em comum, também encontramos estas interessantes e, para mim, fascinantes variações. Há diferenças, por exemplo, na maneira como um avivamento começa; como eu já disse, pode ser súbito ou pode ser gradual. Um avivamento pode começar inesperadamente, ou pode ser o caso que um número de pessoas sentiram o fardo e se preocuparam e oraram, talvez por meses ou até mesmos anos. Às vezes é apenas um grupo pequeno de pessoas que sentiram o fardo e a preocupação, e Deus responde. Vocês leram estas histórias? Imploro que o façam.

Leiam os fatos e verão como eles ilustram alguns destes pontos.

Por outro lado, um avivamento pode começar em diferentes tipo de reuniões. Às vezes um avivamento irrompe numa reunião de oração, não numa grande concentração, porém talvez numa pequena reunião de oração com apenas poucas pessoas. Na Irlanda do Norte, foram três homens que se encontraram regularmente para orar, apenas três homens. Às vezes foram apenas dois. Não importa. Em Nova Iorque há cem anos atrás, foi *um* homem que orou sozinho por algum tempo naquela famosa reunião de oração do meio-dia. Assim, pode começar numa reunião de oração, ou pode começar num culto. Pode até mesmo acontecer quando um evangelista está conduzindo uma série de reuniões. Ele pode ter planejado uma campanha evangelística, mas repentinamente ela se transforma em avivamento, uma coisa totalmente diferente. Não há limite para os meios em que pode começar. Jonathan Edwards nos diz que ele não tinha dúvida alguma de que a súbita, trágica morte de uma pessoa na cidade de Northampton, onde ele estava ministrando, foi provavelmente o que provou ser *o* fator que Deus usou. Uma calamidade, um acontecimento estranho, algo que alarma as pessoas ou as assombra, algo que as leva a compreender o caráter transitório da vida neste mundo, todas estas são coisas que Deus muitas vezes tem usado.

Então pode acontecer com um pequeno grupo ou pode acontecer em meio a uma multidão. Deus não está limitado a números, ou a qualquer outra coisa. A Bíblia está cheia de exemplos disso. Os maiores atos de Deus foram realizados através de grupos pequenos, de "remanescentes". Todavia pode acontecer igualmente com uma multidão. E é por isso que pessoas que tentam estabelecer regras e regulamentos - pensando que, se aconteceu uma vez desta maneira, vai acontecer novamente da mesma forma - estão completamente equivocadas a respeito das leis da esfera espiritual. Há intermináveis variações na maneira em que um avivamento pode começar.

Considerem, também, as variações no tipo de pessoa que Deus usa num avivamento. Este é outro tema fascinante. Houve ocasiões em que Deus usou grande homens, homens como Jonathan Edwards, um dos maiores filósofos de todos os tempos, possivelmente o maior filósofo que os Estados Unidos já produziram. Todos concordam a respeito da sua importância, até mesmo homens que não estão primariamente interessados em religião. Esta é a razão porque ainda estão imprimindo as suas obras. E ele foi o homem que Deus usou acima de todos os outros, há duzentos anos atrás, nos estados da Nova Inglaterra. Whitefield, também, por todas as avaliações, foi um grande homem,

e um grande orador. João Wesley demonstrou ser um homem extraordinário, um gênio em organização, e um grande intelectual. Todos estes homens do século dezoito foram sem dúvida homens de capacidade extraordinária, e foram os homens que Deus usou para trazer este grande avivamento entre as massas, entre o povo comum.

Aqui, no entanto, está o fato interessante. Deus nem sempre usa pessoas assim. Ele o faz às vezes, e esta parece ser a regra geral, porque Lutero foi um grande homem, assim também foi Calvino, John Knox e outros. Mas Ele nem sempre usa homens deste calibre. Quando consideramos o que aconteceu há cem anos atrás, encontramos algo completamente diferente. Vemos Deus usando homens simples, ignorantes, desconhecidos e comuns. Vemos isso nos Estados Unidos, e também em Ulster. Quantos de vocês já ouviram o nome de James McQuilkin? Ele foi o homem usado por Deus há cem anos atrás na Irlanda do Norte. James McQuilkin foi um homem comum, porém Deus o tocou e começou a usá-lo. O mesmo aconteceu no País de Gales, e o nome do homem que foi usado ali era David Morgan. Ele era um ministro do evangelho, entretanto um ministro muito comum, simples, um homem sem qualquer talento especial. Mesmo assim, Deus tocou esse homem e usou-o como um leão por quase dois anos. Isso não seria algo digno de nossa cuidadosa reflexão? Não deveríamos refletir a respeito? Deus toma as coisas simples do mundo para confundir as coisas que são poderosas. Faz parte de um princípio. Pode ser um grande homem, ou pode ser alguém totalmente desconhecido. Não importa.

Pensem, em seguida, na área em que um avivamento acontece, e por onde se espalha. Pode ser local e continuar assim. Mas pode envolver o distrito todo. Pode envolver todo o país, ou, como vimos há cem e há duzentos anos atrás, pode envolver vários países ao mesmo tempo. Todos esses fatos são significativos, especialmente quando consideramos os ataques dos psicólogos que pensam que podem explicar fenômenos religiosos em termos de psicologia. Espero tratar disso mais adiante.

Voltemo-nos agora, porém, a uma questão perturbadora, a questão dos chamados "fenômenos" que às vezes são evidentes durante um avivamento. Esta é a outra área em que há grandes variações. Um avivamento muitas vezes pode ser poderoso, todavia comparativamente calmo. Pode haver uma grande e profunda a emoção. Há grande número de conversões, mas tudo acontece quietamente. Contudo, nem sempre é assim. De fato, é quase a norma, em avivamentos, que certos fenômenos começam a se manifestar - fenômenos tais como estes:

homens e mulheres não somente são convictos de pecado, e sim são convictos por uma agônia com relação ao pecado. Não é apenas que compreendem que são pecadores e que precisam crer no Salvador; isso os assalta com uma força tão poderosa que ficam fisicamente doentes. Sofrem, literalmente, agonia de alma. Lembram-se da história de John Bunyan? Ele conta em *Graça Abundante* como tinha tal agonia de convicção por quase dezoito meses que numa ocasião chegou a sentir inveja dos gansos que via no campo. Chegou a desejar que não tivesse nascido como homem. Esta agonia, esta terrível convicção - podemos ter isso num avivamento. As pessoas estão em agonia de alma, gemendo. Chegam a chorar, soluçar e agonizar audivelmente. Entretanto nem sempre se limita a isso. Há ocasiões em que as pessoas estão tão convictas e sentem o poder do Espírito de tal forma que desmaiam e caem no chão, e têm até convulsões, convulsões físicas. E às vezes as pessoas parecem cair num estado de inconsciência, numa espécie de transe, e podem permanecer assim por horas.

Ora, o que estou ansioso por fazer neste ponto é lembrá-los dos fatos. Eles são variáveis. Estas coisas podem estar presentes, ou podem não estar, porém em geral num avivamento vemos coisas deste gênero. Devemos tratar deste ponto mais adiante, porque se torna o ponto central das críticas que em geral são levantadas contra toda a noção de avivamento.

Então, "Que significam estas pedras?" Que estão nos dizendo? Esta é a pergunta que estou respondendo. Este é o tipo de coisa que aconteceu em 1859, o tipo de coisa que sempre acontece num avivamento. Há características gerais, e também há características variáveis. Está claro, portanto, que o que precisamos considerar é este extraordinário evento que acontece de tempos em tempos na história da Igreja Cristã.

No entanto, permitam-me estender isto um pouco além. Se esses são os fatos, qual é o caráter ou natureza real dos fatos? Devemos voltar ao nosso texto. Aqui estão pessoas, um dia, passando por Gilgal, e vêem essas pedras levantadas ali e perguntam: "Que significam estas pedras?" E esta é a resposta que lhes deve ser dada: "O Senhor vosso Deus fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis: como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos." Os filhos de Israel deviam responder dessa forma aos que perguntassem - que as pedras tinham sido levantadas "para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte".

Tais pedras lembram-nos de fatos, fatos miraculosos. E se isso era

verdade a respeito daquelas pedras, é igualmente verdade a respeito de cada avivamento que já aconteceu. Um avivamento é um milagre. É algo miraculoso, um fenômeno excepcional. É a mão do Senhor, e ela é poderosa. Um avivamento, em outras palavras, é algo que só pode ser explicado como uma ação e intervenção direta de Deus. Só Deus podia ter dividido o Mar Vermelho. Só Deus podia dividir as águas do Rio Jordão. Estes foram milagres. Por conseguinte, temos o memorial da ação singular de Deus, dos Seus poderosos atos. E avivamentos pertencem a essa categoria. Vamos examinar isso. Tais eventos pertencem a uma ordem de coisas que homens não podem produzir. Homens podem produzir campanhas evangelísticas, mas não podem produzir e nunca produziram um avivamento. Oh, tentaram fazê-lo muitas vezes, e ainda estão tentando. Infelizmente, Finney levou a Igreja toda a se desviar neste ponto ao ensinar que se você tão-somente fizer certas coisas, pode ter um avivamento quando quiser. A resposta a isso é um eterno NÃO! E esta não é apenas minha opinião pessoal. É um fato. Acaso todos não conhecemos, observamos e vimos homens que tentaram produzir avivamentos? Introduziram todos os métodos de Finney, leram o seu livro, sabem-no de cor, e tentaram fazer o que ele ensina, tentaram levar as pessoas a confessar os seus pecados, tentaram fazer com que se conformassem, tentaram fazer tudo que Finney afirmou que devia ser feito, esperando avivamento como resultado. Fizeram tudo e exerceram grande pressão, entretanto não têm visto avivamento. Um avivamento, por definição, é a poderosa ação de Deus, e é um ato soberano de Deus, é algo independente. O homem nada pode fazer. Deus, e Deus somente, é quem o faz.

"Levantem estas pedras." Por quê? Bem, é para lembrar a todos que a mão do Senhor fez isso, e Sua mão é poderosa; é um soberano ato de Deus, à parte do homem. E todos os detalhes que eu mencionei ajustam-se a isto e o ilustram.

Mas não só homens não podem produzir avivamento, eles nem sequer sabem explicá-lo, e isso também é muito importante. Afirmaria isso como parte da definição. Se vocês podem explicar o que está acontecendo numa igreja, à parte deste ato soberano de Deus, então não é avivamento. Se vocês podem explicá-lo de qualquer outra forma, então não é avivamento. Isso é verdade sobre milagres. Se podemos explicar um milagre, então não é mais um milagre. Esta é a razão porque é tão patético ver pessoas ficando tão entusiasmadas quando um homem publica um livro com o título *A Bíblia é verdade*. O escritor vai nos provar que os milagres do Velho Testamento realmente aconteceram. E o que ele afirma então? Bem, ele diz que tais coisas

aconteceram naturalmente e com freqüência. Quero mencionar uma ilustração para provar o meu ponto. Lembram-se quando Moisés feriu a rocha e água jorrou dela? "Ah," diz este homem, "estamos agora numa posição muito feliz, podemos realmente crer nisso". Em que base? Durante a última guerra, ele continua, um grupo de soldados sob as ordens de um sargento estava trabalhando num certo lugar, mas não estava fazendo um trabalho satisfatório, na opinião do sargento. Então ele disse: "Dêem-me essa picareta." E ele pegou a picareta, e acidentalmente removeu um pouco de argila da sebe, e água começou a correr. Podemos crer, portanto, que quando Moisés feriu a rocha, água jorrou. Assim podemos crer em milagres. Isso não é patético? Se podemos explicar algo, então não é um milagre. Um milagre é uma ação direta, soberana, imediata e sobrenatural de Deus, e não pode ser explicado. E esta é a verdade essencial acerca de um avivamento. Não podemos explicá-lo.

Não há métodos num avivamento. Se métodos são usados, podemos entender os resultados, não é mesmo? Se fizermos certas coisas, obteremos determinados resultados. Os anunciantes sabem tudo a respeito disso. Se usarmos os métodos corretamente, obteremos os resultados esperados. As pessoas são muito crédulas, podemos levá-las a fazer quase qualquer coisa que quisermos. Estamos vivendo numa era de propaganda, uma era muito sugestionável. Mas métodos nunca são usados em avivamentos. Nunca. Leiam por si mesmos. Nada de multidões, banda, coro, nada disso. Nada de propaganda preliminar. Nada dessas coisas. E no entanto avivamento acontece! Não pode ser explicado em termos de métodos que tenham sido usados, porque não foram usados.

Além disso, olhem novamente para os homens que foram usados. Quantas vezes tem sido o caso em avivamentos que ocorreu a mesma coisa que vemos em Atos, capítulo 4? Este foi o problema para as autoridades religiosas de Jerusalém. Alí estava um homem, conhecido por todos, que costumava ficar sentado junto à porta Formosa do templo pedindo esmolas - um homem de quarenta anos de idade que nunca tinha caminhado na vida. Subitamente eles vêem esse homem andando, pulando e correndo pelo templo, louvando a Deus, de forma que todos viram o que aconteceu com ele. E quem tinha feito isso? Dois homens chamados Pedro e João. Quem eram eles? Esse era o problema - homens ignorantes e simples! Contudo as autoridades foram obrigadas a dizer: "Não podemos negar que um notável milagre aconteceu, e todos estão sabendo. No entanto aqui está o enigma: homens iletrados e incultos são responsáveis por isso - pescadores! Será

possível? Como podem ter feito isso? Eles não têm instrução, não têm treinamento, não têm nada, e no entanto fizeram isso. Que podemos fazer?" Homens não podem entendê-lo, não podem explicá-lo. Os resultados não combinam com os recursos envolvidos. A resposta é que é Deus quem está usando estes homens.

Mencionei que foi assim em 1858 e 1859, como também em 1904 e 1905, o último grande avivamento nas Ilhas Britânicas. Deus usou um homem chamado Evan Roberts nesse avivamento. Era um homem muito comum. No entanto, ele foi o homem que Deus usou, e esse avivamento não pode ser explicado por termos humanos. Tal explicação é totalmente inadequada. Considerem mais outro argumento. Observem a mudança nesse homem. Vejam estes apóstolos a respeito de quem temos lido. Observem como eram antes do Pentecoste - fracos, incapazes. Vejam-nos depois do Pentecoste, cheios de um poder ardente. Vejam a coragem com que Pedro, que tinha negado o Senhor, intrepidamente enfrenta a multidão hostil e as autoridades que têm o poder de executá-lo. Vejam João Wesley antes de 24 de maio de 1738, completamente fracassado no ministério. Mas vejam-no depois disso. O mesmo homem, com as mesmas capacidades, o mesmo poder, tudo o mesmo - como podemos explicar essa mudança? Não podemos explicá-la em termos de Wesley. O que é isso? Oh, é o Espírito Santo que veio sobre eles. É um milagre.

E assim foi há cem anos atrás na Irlanda do Norte e no País de Gales. Mencionei um homem chamado David Morgan, um pastor muito comum, desempenhando as suas funções e nada mais. Ninguém jamais ouviu falar dele. Nada tinha feito que fosse digno de nota. Subitamente este poder veio sobre ele, e por dois anos, como eu disse, ele pregou como um leão. Então o poder foi retirado, e ele voltou a ser David Morgan outra vez. O mesmo homem. Não podemos explicar isso em termos humanos. Há somente uma explicação - "a mão do Senhor, que é poderosa". Pode tomar coisas que nada são para confundir as que são, e reduzi-las a nada.

Considerem os lugares onde acontecem avivamentos. Às vezes têm origem numa grande cidade, porém muitas vezes começam numa vila ou povoado. Enfatizo este ponto porque é para mim o mais glorioso de todos. Quando o homem faz algo, ele gosta de fazê-lo nas grandes cidades, não é mesmo? Planeja-o de forma grandiosa e pensa que isso é essencial para o sucesso. Quando consideramos os avivamentos de 1857-59, no entanto, posso usar a expressão "humor divino"? Onde começaram aqueles avivamentos? Não foi em Belfast, a capital da Irlanda do Norte, mas numa vila da qual nunca ouviram falar, chamada

Connor. Essa é a forma pela qual Deus opera. Quando Ele enviou Seu Filho a este mundo, Ele não nasceu em Jerusalém, e sim em Belém, a menor das cidades da Judéia. Assim Deus, para que demos a honra e a glória a Ele, faz com que seja impossível que possamos explicá-lo em termos humanos. É nas Beléns, nas Connors, nas pequenas vilas desconhecidas, que muitas vezes acontecem as coisas mais poderosas. E foi exatamente o mesmo há duzentos anos atrás. Foi naquela pequena cidade de Northampton, na Nova Inglaterra, que o avivamento começou. Foi numa pequena vila chamada Trevecca, no País de Gales, que Howell Harris foi tocado subitamente, e em outra igualmente desconhecida vila que Daniel Rowland foi chamado por Deus - lugares dos quais vocês nunca ouviram falar. Essa é a forma pela qual Deus opera.

É maravilhoso pensar que o próximo avivamento possa irromper numa pequena vila da qual nenhum de nós ouviu falar. Nós cidadãos destas grandes metrópoles podemos ser ignorados e Deus pode nos omitir e operar de forma poderosa em algum obscuro lugar, com um pequeno grupo de pessoas. Isso pode acontecer num avivamento. Pode acontecer em qualquer lugar. Graças a Deus! Isso é o que torna a vida tão romântica e tão auspiciosa ao mesmo tempo. Não há limites. E por quê? Para mostrar, novamente, que é a obra soberana de Deus. Não podemos explicá-la.

Em terceiro lugar, os homens não podem controlar um avivamento. O começo é repentino. E o fim é repentino. Temos variações durante o avivamento, e os homens parecem totalmente incapazes. Embora seja verdade que podemos apagar o Espírito e ser um obstáculo, não é verdade dizer que, se observarmos todas as regras e condições, podemos produzir avivamento. Não. Deus o mantém em Suas próprias mãos, do começo ao fim. Em tudo somos dependentes do Espírito Santo e do Seu poder.

Por último, irmãos, pensem em sua qualidade dominante. "Que significam estas pedras?" Estas pedras estão ali para declarar "a mão do Senhor, que é poderosa." Um avivamento é algo que, quando acontece, leva as pessoas a dizer, como o povo disse em Jerusalém no dia de Pentecoste: "O que é isto? Que é isto?" É algo que vem como um furacão. É quase como uma maré transbordante, como uma enchente. Coisas assombrosas acontecem, e de tal magnitude que deixam os homens pasmados e surpreendidos. Permitam-me dar-lhes uma ilustração que é das mais líricas e maravilhosas. Houve um pregador na Escócia há trezentos anos atrás, chamado John Livingstone, de Kilsyth. Houve um dia maravilhoso na vida de John Livingstone.

Ele nos diz em sua autobiografia que era um pregador muito comum. Todavia, escrevendo no fim de sua vida, ele olhou para trás e disse: "Sabem, houve um dia, eu nunca o esquecerei, em junho de 1630..." Ele estava num culto de celebração da Ceia, num lugar chamado Shotts. Vocês já leram a respeito do avivamento em Kirk de Shotts? Leiam-no, meus amigos, isto foi o que aconteceu. Eles haviam realizado os cultos; tinham durado por todo o fim de semana. John Livingstone e alguns outros vinham passando o domingo à noite depois dos cultos em oração e em conferências, como eles diziam, conversando entre si sobre estas coisas. Segundo-feira de manhã chegou, e tinham pedido à John Livingstone para pregar. Ele estava no campo, meditando, e de repente sentiu que não podia pregar, que estava acima dele e que ele era inadequado. E sentiu vontade de fugir. Todavia subitamente a voz de Deus pareceu falar com ele, não audivelmente, mas em seu espírito, dizendo-lhe que não fizesse isso, que Deus não operava dessa forma, e fez com que ele sentisse que devia voltar. Ele pregou, ele nos conta, sobre Ezequiel, capítulo 36. Ele diz: "Eu tinha pregado por mais ou menos uma hora e meia. Então," diz ele, "comecei a aplicar minha mensagem." E ao começar a aplicar a mensagem, subitamente o Espírito de Deus veio sobre ele e ele continuou por mais uma hora em sua aplicação. Ao fazer isso, as pessoas estavam literalmente caindo ao chão, e quinhentas pessoas foram convertidas naquele culto.

Oh, povo moderno, infelizmente eu preciso dizer isto: ele não chamou as pessoas a demonstrarem sua condição espiritual. Não estou dizendo que quinhentos "vieram à frente" no fim; ele não fez esse tipo de coisa. Quinhentos foram convictos, alguns caindo ao chão, tendo que ser carregados para fora. Outros ficavam gemendo em agonia, e ficaram nessa agonia por dias. Mas como resultado de um sermão, quinhentas pessoas foram acrescentadas às igrejas - verdadeira e permanentemente convertidas. Esse é o tipo de coisa que acontece num avivamento. E o pobre John Livingstone, disse que isso só aconteceu a ele em uma outra ocasião. Numa longa vida apenas esses dois dias, porém que dias! Não John Livingstone, mas "a mão do Senhor", operando em e através de John Livingstone. Um caso, também, é contado sobre um homem pregando numa pequena cidade chamada Llanidloes, no País de Gales, que pregou um sermão, e durante os seis meses seguintes mil pessoas foram acrescentadas às igrejas no distrito ao redor daquela pequena cidade.

Que é isto? É "a mão do Senhor, que é forte". No Pentecoste houve milagres, falar em línguas e muitas outras coisas. Há variações, e nem

sempre tudo isso acontece. Mas coisas poderosas acontecem. Coisas miraculosas acontecem, coisas além da explicação e da sabedoria do homem. E de fato, se consultarem homens a quem Deus usou em tais ocasiões, eles lhes dirão a mesma coisa. Repentinamente, como John Livingstone, tomaram consciência de um poder caindo sobre eles. Não era deles mesmos. Era algo fora deles. Receberam liberdade. Receberam autoridade. Receberam intrepidez. Falaram como homens de Deus, com a coragem dos apóstolos originais. Tiveram consciência quando o poder veio, e também quando se retirou. Vocês podem ler isso nos diários de Whitefield, dos Wesley, e de todos os demais. Esta é a mão do Senhor. Esta é a demonstração do Espírito e de poder. Foi porque ele sabia tanto a respeito disso que o apóstolo Paulo disse: "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (II Coríntios 10:4-5).

Finalmente, vejam como isso é descrito em Atos, capítulo 2. Ali estão os apóstolos reunindo-se para oração no cenáculo. Vinham fazendo isso por dez dias. Subitamente um som veio do céu, como de um vento impetuoso, e encheu o lugar onde estavam sentados. É isso. Nem sempre o som, mas sempre a consciência de um vento impetuoso de Deus. O Espírito de Deus desce sobre o pregador, sobre as orações, sobre as pessoas que estão orando, os que estão reunidos em conferência. O som de um vento impetuoso. A mão de Deus, que é forte. Sabemos alguma coisa acerca disso, meus amigos? Vocês crêem nisso? Cremos nos fatos? Cremos na explicação? Nós que declaramos crer em Deus e no Senhor Jesus Cristo, ainda cremos em milagres? Na possibilidade de milagres? Cremos em Deus vindo e fazendo coisas que não só não podemos fazer, mas que nem podemos entender, controlar ou explicar? Sim, eu pergunto, vocês anseiam por ver tais coisas? Ver tais coisas acontecendo novamente em nossos dias? Vocês estão orando por tal visitação? Creiam-me, irmãos, quando Deus ouvir nossas orações e fizer tais coisas novamente, será um fenômeno tal que não só assombrará e espantará a Igreja, mas até mesmo aqueles que estão fora serão compelidos a ouvir e prestar atenção, de uma forma que não estão fazendo no momento, e de uma forma que homens por si mesmos jamais poderiam persuadi-los a fazer.

Esse é o significado das pedras. Essa é a razão porque estou chamando sua atenção ao avivamento. Isto é o que Deus pode fazer. Isto é o que Deus tem feito. Vamos decidir juntos a suplicar a Ele, a implorar que faça isto novamente. Não para que tenhamos a experiência ou a emoção, mas para que Sua mão forte seja conhecida e Seu grande nome seja glorificado e magnificado entre o povo.

10

O Propósito do Avivamento

E falou aos filhos de Israel, dizendo: quando no futuro os vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: que significam estas pedras? Fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Porque o Senhor vosso Deus fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis: como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos. Para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte: para que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias (Josué 4:21-24).

Estivemos examinando este entrecho no livro de Josué, o qual é uma ilustração perfeita da razão porque é importante que tenhamos monumentos e memoriais das grandes coisas que Deus tem feito. Vimos que os princípios baseados nos quais Deus age nunca variam. Somos desafiados a considerar os fatos históricos, fatos miraculosos e significativos, e agora devemos prosseguir examinando um outro aspecto deste grande assunto do avivamento. Qual é o objetivo e o propósito de tudo isso? Aqui temos esta coisa miraculosa que aconteceu. Mas por que, por que isto aconteceu? Ou, colocando a pergunta de forma diferente, eu pergunto com reverência, por que Deus faz isso de tempos em tempos? Porque temos nos lembrado de que o que aconteceu há cem anos atrás é apenas um de uma série de eventos similares. Tais visitações, tais derramamentos do Espírito de Deus ocorreram de tempos em tempos na longa história da Igreja. Nada é mais evidente do que isso na história da Igreja. Na verdade, essa parece ser a história da Igreja. Houve um grande derramamento do Espírito no dia de Pentecoste. Essa visitação persistiu por algum tempo, mas então começou a desvanecer-se, e finalmente desapareceu. A Igreja perdeu o poder, tornou-se ineficaz, tanto que houve quem pensasse que o fim havia chegado. Então, subitamente, Deus derramou o Seu Espírito novamente, e a Igreja foi levantada às alturas mais uma vez. Isso persistiu por algum tempo, mas então também passou gradualmente. Por isso a história da Igreja é uma espécie de gráfico cheio de altos e baixos. Isso tem acontecido através dos séculos.

Ora, a questão que nos preocupa no momento é esta: por que Deus faz isso de tempos em tempos? E a resposta nos é dada muito claramente nestes versículos que estamos examinando. A primeira razão dada no versículo 24 é esta - "Para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte." Esta, então, é a primeira razão que é dada. Deus faz isso de tempos em tempos, Deus envia avivamento, como bênção, sobre a Igreja, para que Ele possa fazer algo a respeito daqueles que estão do lado de fora. Ele está fazendo algo que vai chamar a atenção de todos os povos da terra. Aqui, precisamos entender, está a razão principal para considerarmos esta questão. Esta é minha razão principal para chamar sua atenção a este assunto do avivamento, para encorajar todos a orarem por avivamento, a buscá-lo e a ansiar por ele. Esta é a razão - a glória de Deus. No passado, somente Israel representou Deus e Sua glória. Todas as outras nações do mundo eram pagãs, tinham os seus vários deuses, e não criam no Deus de Israel nem O adoravam. Mas Deus tinham escolhido Israel. Tinha formado uma nação para Si mesmo para, através dessa nação, manifestar a Sua glória e para que eles (os israelitas) dessem testemunho a todos as nações do mundo. Essa foi a real função dos filhos de Israel, e as outras nações os observavam, e estavam sempre prontas a escarnecer deles e a ridicularizá-los. Sempre que a nação de Israel era derrotada, ou parecia ser indefesa ou estava enfrentando problemas, as outras nações sempre diziam: "Onde está o Deus deles, o Deus de quem falavam tanto e em quem se gloriavam tanto, onde está Ele? Onde está o Seu poder?"

Assim, a primeira razão para este ato miraculoso é - que todos esses povos e nações "conheçam a mão do Senhor, que é forte." Deus está Se vindicando, está afirmando Sua própria glória e Seu poder. Ele está fazendo isso a fim de que aqueles que estão de fora, que zombam e escarnecem, possam ver algo que os atraia, que chame sua atenção e que os assombre. Agora, não podemos perder de vista este fato, pois é a razão principal para nos preocuparmos com o avivamento. Não devemos buscar um avivamento a fim de termos experiências. Descrevi experiências que acontecem em avivamentos, mas não devemos buscar avivamento com esse motivo. Há muitas pessoas que fazem isso. Há pessoas que estão sempre correndo para reuniões onde qualquer tipo de experiência é prometida, e fazem as rondas de uma reunião para outra, pessoas que estão sedentas e comichando por experiências, sempre pensando em si mesmas. Entretanto esta não é a forma em que isso é apresentado aqui, porque a razão primária é a glória de Deus, Seu poder, o nome de Deus, e a honra de Deus.

Precisamos tornar isto perfeitamente claro.

Há pessoas que estão prontas a aceitar qualquer coisa que resolva seu problema ou o problema da Igreja. Há alguns anos atrás, os setores principais da Igreja Cristã não estavam interessados em evangelismo. Desprezavam a idéia e a rejeitavam com escárnio. Mas hoje todos os setores da Igreja estão falando, e muito, a respeito de evangelismo. E a razão é que estão vendo as igrejas esvaziando-se; daí estarem prontos a aceitar qualquer coisa que os ajude a resolver o problema de freqüência à igreja ou mesmo das finanças da igreja. Sem dúvida fariam o mesmo com respeito ao avivamento, mas isso é algo terrível de se fazer. Não, nossa razão dominante e suprema em nos interessarmos nestas questões devia ser a glória de Deus. Vocês se entristecem, meus amigos, que o nome de Deus está sendo tomado em vão e profanado? Vocês se entristecem que estavamos vivendo numa era ímpia - uma era em que homens são tão arrogantes que falam com zombaria, em público e em particular, do registro das poderosas obras e atos de Deus?

Entretanto estamos vivendo numa era assim, e a razão principal porque devíamos estar orando por avivamento é que devíamos estar ansiosos por ver o nome de Deus vindicado e Sua glória manifesta. Devíamos estar ansiosos por ver algo acontecendo que chame a atenção das nações, de todos os povos, e os leve a parar e reconsiderar seus caminhos. Então este é o primeiro ponto. Vocês o encontrarão constantemente nas Escrituras. De muitos modos, é um dos temas principais, se não *o* tópico principal, no livro dos Salmos. Leiam os Salmos e observem esses homens orando por uma visitação do Espírito de Deus. Sempre é para que os pagãos que estão zombando sejam silenciados. O Salmista clama a Deus que faça algo que os silencie. Estão sempre esperando por isso, que Deus faça algo e fale de tal forma que leve todos a aquietarem-se e saberem que Ele é Deus (Salmo 46:10). Esse é o grande tema do Salmo 46. O Salmo é dirigido às nações e aos seus príncipes; essas pessoas que estão argumentando contra Deus e discutindo se tal Deus realmente existe. "Ouçam", diz o Salmista, "aqui está o Deus que faz cessar as guerras; este é o Deus que Se levanta e Se vindica." Então, tendo apresentado o seu caso, ele diz: "Aquietai-vos" - desistam, entreguem-se, admitam "que Eu sou Deus".

Esse é o ponto do qual somos lembrados aqui. O próprio Deus ordenou que Josué explicasse ao povo a razão primária para levantarem aquele memorial - para que Ele possa assim manifestar a Sua glória e silenciar aqueles que estão de fora. E isso, invariavelmente, foi

alcançado pelos avivamentos. Levou aqueles que estão fora da Igreja e aqueles que são hostis ao cristianismo a prestarem atenção. Trata-se, realmente, de um fenômeno. Concordamos que é algo miraculoso, algo que os assombra e os faz parar, olhar e considerar. Naturalmente, sua razão para parar e considerar talvez não seja boa, pode ser pura curiosidade, porém seja qual for, não importa, desde que os faça parar e pensar. Temos um exemplo clássico disso em Atos, capítulo 2. É o relato do que aconteceu no dia de Pentecoste, quando o Espírito Santo foi derramado, e lemos que o povo de Jerusalém, e todos os estrangeiros que estavam reunidos ali, ficaram assombrados e perguntaram: "Que é isto?" Um fenômeno. Algo estava acontecendo, e eles foram obrigados a prestar atenção, e Pedro teve que se levantar e explicar o que acontecia. Um avivamento sempre provoca isso, e afirmo que somente um avivamento pode ter tal efeito. Tentamos quase tudo o mais, sem sucesso. As multidões talvez demonstrem um interesse temporário, mas não passa disso. Não, os homens não podem jamais fazer algo que produza tal efeito. Isto é sempre resultado da operação de Deus. Se posso expressá-lo de forma abrupta e clara, o que precisamos não é uma proeza humana, e sim uma ação de Deus que atordoe as pessoas. Essa é a diferença. O homem pode produzir proezas. E é muito hábil em fazer isso. Pode pensar em algo novo e diferente, e o promove, porém as pessoas sabem o tempo todo que é obra humana. "É uma proeza", dizem. Todavia proezas nunca levarão a esta desejada condição. Por outro lado quando Deus Se levanta e age, então algo está acontecendo que vai chamar a atenção das pessoas. Não podem entendê-lo. Os psicólogos não têm explicação. Podem explicar proezas sem qualquer dificuldade, mas não podem explicar isto. Essa é a diferença entre o homem organizando algo, e Deus manifestando a Sua mão direita e mostrando que é de poder.

Certamente esta é a necessidade premente desta hora. Estamos cientes da condição da grande maioria das pessoas deste país; somente cinco por cento da população freqüenta a igreja. E embora estejamos pregando, jejuando, suando, orando e fazendo todo o possível, todos os nossos esforços parecem não ter resultado algum. O que precisamos é uma poderosa demonstração do poder de Deus, uma manifestação do Todo-poderoso, que leve as pessoas a prestar atenção, a olhar e escutar. E a história de todos os avivamentos do passado indica claramente que isso é invariavelmente o efeito de um avivamento, sem exceção. Essa é a razão porque estou chamando sua atenção ao avivamento. Essa é a razão porque os estou encorajando a orar por isso. Quando Deus age, Ele pode fazer mais em um minuto do que o homem

consegue fazer em cinqüenta anos, com toda a sua organização. Que compreendamos esta tremenda possibilidade, portanto, e clamemos a Deus para que revele o Seu poder e manifeste a Sua glória em meio a uma geração pervertida e corrupta - uma geração que até mesmo blasfema o Seu santo nome e nega a Sua existência. Pelo amor de Deus, pela glória do Seu nome, vamos interceder e orar por uma visitação do Espírito de Deus.

Essa, então, é a primeira grande razão - "Para que todos os povos da terra conheçam a mão do Senhor, que é forte." A segunda razão é "para que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias". Isso é o que eu tenho enfatizado, que avivamento é de grande valor para a Igreja, bem como para o mundo. Para que *nós* conheçamos, para que *nós* temamos o Senhor nosso Deus todos os dias. Então, o que o avivamento faz pela Igreja? Permitam-me enumerar algumas das coisas que são ensinadas aqui claramente.

A primeira coisa que faz, é dar à Igreja uma rara consciência da presença do poder de Deus. "Para que (vós, os filhos de Israel) temais o Senhor vosso Deus todos os dias." E no versículo dez do capítulo anterior é expresso de forma muito mais explícita e poderosa: "E Josué, disse, através disso sabereis que o Deus vivo está entre vós." É isto. Isto vai acontecer, disse Josué ao povo, para que vocês saibam que o Deus vivo está entre vocês. Quando lemos a história dos filhos de Israel, vemos claramente que eles tinham que ser lembrados desse fato. Embora fossem o povo de Deus, embora Ele tivesse feito tantas coisas por eles e para eles, ainda que os tivesse tirado do Egito, e os tivesse levado através do Mar Vermelho, embora os tivesse guiado através do deserto onde os seus pés não incharam e nunca lhes faltou alimento porque Ele os alimentou com o maná, o pão do céu, eles estavam constantemente murmurando, obstinados, olhando para as outras nações e povos e os seus deuses, hesitantes e duvidosos. Comportavam-se de uma forma que depreendemos que eram um povo que não tinha uma compreensão de seu relacionamento com Deus. E Deus fez isso à beira do Rio Jordão para que eles soubessem que o Deus vivo estava entre eles.

De fato, esta é a suprema necessidade da Igreja hoje. Por um lado, o problema principal da Igreja, como ela é neste momento, o problema principal com cada um de nós em nossa vida diária, é que falhamos em compreender que o Deus vivo está entre nós. O que é a Igreja? A Igreja é uma instituição, o corpo em que Deus habita. Ele prometeu isso. "Eu estarei em vocês. Eu habitarei em vocês. Eu andarei com vocês." Isto é o que Ele diz. Foi o que Ele disse aos filhos de Israel (Êxodo 29:45-

46). E isso foi transferido exatamente da mesma forma à Igreja Cristã. A Igreja Cristã não é uma organização ou instituição humana. Ela é, como o apóstolo Paulo diz no fim do capítulo 2 de Efésios, um grande edifício em que Deus habita, uma habitação de Deus.

Este argumento é desenvolvido em muitos trechos das epístolas do Novo Testamento. Mas a Igreja parece não compreender isso hoje. As pessoas persistem em considerar a Igreja Cristã como uma mera instituição, uma instituição entre outras, nada mais que uma organização humana. No entanto, isso não é a Igreja, a Igreja é este corpo em que o próprio Deus habita. E o que Ele faz num avivamento é lembrar-nos disso. Quando Deus age num avivamento, todos os presentes sentem e sabem que Ele está ali. Naturalmente cremos nisso; cremos nisso pela fé. Sim, mas devíamos *sabê-lo*. Devíamos ter uma compreensão deste fato. Devíamos estar conscientes de Sua proximidade. E é isso que o avivamento faz por nós. "Eu vou fazer isto," Deus diz, "então todos vocês compreenderão que Eu estou entre vocês, estou agindo em seu meio. Eu, o Deus vivo, vim até vocês. Estou em vocês. Vocês são o Meu povo, e Eu habito em vocês e anda com vocês." Isso é o que a Igreja precisa compreender hoje em dia.

Mas, é claro, é justamente o que ela não compreende. É o que estamos sempre esquecendo. Todavia, embora eu tenha colocado isso em primeiro lugar, devemos lembrar que Deus, ao mesmo tempo, lembra-nos que o poder que deve ser manifesto na Igreja é o Seu poder, que tudo que a Igreja faz deve ser uma manifestação do poder de Deus. O que é o evangelho? Lembram-se da resposta de Paulo? "É o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16). Como é fácil esquecer isso! Como é fácil pregar como se ele fosse um sistema, pregar como se fosse uma coleção de idéias, ou simplesmente pregá-lo como uma verdade. Ah, mas você pode fazer isso sem poder. Há pessoas, diz o apóstolo Paulo, que "têm forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (II Timóteo 3:5). O cristianismo é, antes de tudo, vida, poder e uma manifestação de energia. Quando compreendemos que o Deus vivo está entre nós, compreenderemos este poder mais e mais.

Isso, por sua vez, nos levará a compreender que a única coisa que importa é que tenhamos um relacionamento correto com Deus, sempre confiando em Seu poder. A grande reivindicação do apóstolo ao escrever aos coríntios, como lembram, é esta - que quando estivera entre eles, ele não tinha pregado com a sabedoria dos homens, não foi com "palavras persuasivas de sabedoria humana" (I Coríntios 2:1-4).

Ele podia ter feito isso. Era um homem muito capaz, muito culto e instruído. Não obstante, embora ele estivesse indo a um centro de cultura - havia uma universidade em Corinto - e embora conhecesse a mentalidade dos gregos, ele não os abordou de tal maneira. Ele lhes diz mais tarde que tinha se tornado um tolo por amor a Cristo, e muitos deles o desprezaram por causa disso. Contudo, diz o apóstolo, não cheguei a vocês desta forma. De que forma, então? Oh, ele diz, "em demonstração do Espírito e poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (I Coríntios 2:5).

Todos precisamos ser lembrados disso. Permitam-me fazer uma confissão, em nome de todos os pregadores. A tentação dominante - o pecado inveterado - de cada pregador, inclusive eu, é que depois de termos preparado nossos sermões, sentimos que tudo está bem. Temos nossos dois sermões prontos para o domingo. Bem, isto está certo. Temos as nossas anotações, podemos falar e entregar a mensagem. Contudo isso não é pregar! Isso pode ser totalmente inútil. Oh, pode ser interessante, pode haver um certo estímulo intelectual e proveito, porém isso não é pregar. A pregação é demonstração do Espírito e de poder. E o ministro precisa entender, depois de ter preparado seus sermões, que por mais perfeitos que sejam, tudo é inútil e sem sentido a não ser que o poder do Espírito Santo venha sobre ele e sobre suas palavras. Ele precisa orar por isso.

Sim, mas não somente ele. Aqueles que o escutam também devem orar por isso. Quantas pessoas oram antes de irem a um culto, para que o Espírito de Deus venha sobre o pregador e o use, e à sua mensagem? Os ouvintes, tanto quanto o pregador, devem orar por isso, de outra forma estarão olhando para ele e sua mensagem. Não, todos devem olhar para Deus e compreender sua completa dependência do poder que somente Ele pode dar. E quando há um avivamento e o poder de Deus é manifesto, vocês não precisam incentivar as pessoas a orarem, elas oram. Elas querem mais e mais daquilo. Avivamento, então, encoraja-nos a orar, e é por isso que é bom que leiamos esses registros e olhemos atrás, para o que Deus tem feito, a fim de podermos compreender que o Deus vivo está entre nós. E precisamos orar a Ele para que manifeste o Seu poder.

Negativamente, significa que isso nos liberta de qualquer forma de auto-confiança, que é a maldição na Igreja. Não é difícil explicar o estado da Igreja Cristã hoje, é tão perfeitamente simples. Vou dizer-lhes porque a Igreja está na condição em que se encontra hoje; é auto-confiança, manifesta nas seguintes formas.

Em primeiro lugar, auto-confiança em nossa instrução e cultura.

Isso começou mais ou menos na metade do século passado*. "Ah", as pessoas começaram a dizer, "estamos nos tornando mais educados e mais avançados. Naturalmente não queremos o tipo de coisa que tinham nos séculos passados, sob Whitefield, Wesley e outros. Agora queremos sermões intelectuais." E assim começaram a tê-los. Muita atenção foi dedicada à forma, ao estilo e à dicção. Sermões foram publicados e era obvio que o homem que os estava escrevendo tinha em mente publicação e não o culto em que ia pregar o seu sermão. Tudo se tornou intelectual, erudito, filosófico, e grandes sermões eram apresentados. Essa é uma das causas e explicações principais da condição da Igreja hoje. Depositaram confiança na instrução, na sabedoria e no conhecimento humano.

Em segundo lugar, é claro, a confiança em organização. Nos últimos cem anos a Igreja multiplicou suas organizações e instituições de uma forma como nunca fez antes em toda a sua longa história. Nunca antes houve tantas subdivisões na Igreja Cristã como no presente século. Tudo está sendo organizado; grupos de idades, e tudo o mais. E há escritórios centrais que lhes enviam literatura explicando como fazer o que quer que seja que vocês estejam interessados em fazer, como tratar de crianças, como ministrar aos jovens, e conselhos a respeito disso e daquilo. Tudo perfeitamente organizado, e no entanto, vejam o estado da Igreja. Estão confiando em organização.

Outros confiam em suas próprias atividades. Enquanto estão ocupados, eles acham que grandes coisas estão acontecendo. E, naturalmente, se vocês organizam e se estão ativos, isso aparecerá nos jornais - eles precisam ter algo a relatar. E as pessoas dirão: "Coisas tremendas estão acontecendo. Olhem só!" Mas o que está acontecendo? Observem a Igreja, essa é a resposta. Não, meu caros amigos, precisamos aprender outra vez a diferença entre alvoroço e atividades, e "a mão do Senhor, que é forte."

Entretanto quando Deus age, e quando as pessoas compreendem que o Deus vivo está entre elas, elas se humilham, elas se rebaixam. Os homens não são os agentes principais. E os relatórios não são a respeito do que os homens fizeram, e sim sobre o que Deus tem feito e o que acontece aos homens como resultado da operação de Deus. Um avivamento sempre humilha os homens, rebaixa-os, lança-os ao chão, faz com que se sintam totalmente incapazes, enche-os de um senso de reverência e de santo temor. Oh, como isso está ausente entre nós! *Homens* estão em evidência. Mas quando um avivamento vem, os

---

* Século dezenove

homens são postos de lado, são humilhados até o chão, e toda a glória é dada a Deus, porque é o poder de Deus que está em evidência.

Meu próximo ponto, então, é óbvio, é uma seqüência lógica. Quando tudo isso acontece, o medo do homem é eliminado de nós em todas as suas formas. Em Josué 3:10 lemos: "Disse mais Josué: Nisto conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós: e que de todo lançará de diante de vós aos cananeus, e aos heteus, e aos heveus, e aos fereseus, e aos girgaseus, e aos amorreus, e aos jebuseus."

Os filhos de Israel estavam por entrar na terra prometida e tinham ouvido falar a respeito de todas essas tribos. Os espias que tinham sido enviados anos antes voltaram com este relatório: "Há gigantes nessa terra, e nossa aparência diante deles era como de gafanhotos." E estavam tremendo, estavam com medo desses grandes poderes que teriam que enfrentar quando entrassem na Terra Prometida. Aqui está a resposta: quando vocês sabem que o Deus vivo está com vocês, quem são os heteus, quem são os girgaseus, e os jebuseus, quem são todos eles colocados juntos? Tornam-se como nada. O temor do homem é removido imediatamente quando compreendemos que o Deus vivo está entre nós. E se já houve uma época em que a Igreja precisou disso, é hoje. A Igreja está tão temerosa. Teme o pecado organizado, e seu argumento é: "Precisamos fazer alguma coisa, porque, olhem para o mundo. Está atraindo os jovens, oferecendo-lhes alegres e agradáveis programas para os sábados à noite, e os diverte, e os ensina a cantar, e a fazer isso e aquilo. Então, precisamos fazer a mesma coisa. Tragam o seu grupo popular, ou seja o que for, para seu culto de domingo à noite, pois é disso que eles gostam." O mundo está fazendo isso e os jovens dizem que gostam, e a Igreja, porque está com tanto medo de perder seus jovens, pensa que deve fazer a mesma coisa. Oh, que tragédia, que desvio dos caminhos de Deus!

A Igreja tem estado temerosa dos jovens há muito tempo, e esta é a razão porque vem multiplicando estas instituições, tentando atraí-los. E ela também tem medo das atrações do mundo moderno. As pessoas dizem: "Que podemos fazer? Estamos competindo com a televisão hoje em dia. Não havia televisão há duzentos anos atrás. Eles não tinham rádio, não tinham cinema. *Aí* está nosso problema. Precisamos fazer alguma coisa," dizem. Estão com medo dessas organizações e desses poderes. E também têm medo da ciência e do conhecimento. "Escutem o que esses peritos estão dizendo nos vários programas de rádio e de televisão," dizem. "E nosso povo escuta essas coisas. Será que ainda é intelectualmente respeitável ser um cristão? Ainda

podemos falar sobre milagres? E a respeito da divisão do Mar Vermelho e do Rio Jordão? Certamente que as pessoas não vão acreditar nisso!" Então podamos e modificamos nossa evangelho, porque estamos com medo da instrução, do conhecimento e da ciência. Isso é o que a Igreja tem feito há cem anos, e é por isso que está na situação em que está hoje. As pessoas dizem que o comunismo está se espalhando, e se parece que está sendo bem sucedido devido aos vários métodos que usa, então deveríamos usá-los também. Dizem também que devemos tornar nossa literatura mais eficaz. Muito bem, continuem fazendo essas coisas, mas se confiarem nelas então vocês já estão derrotados.

Não precisamos ter medo desses poderes, eles sempre existiram. Não há nada de novo nisso. A Igreja Cristã sempre teve que lutar contra o mundo, a carne e o diabo. Teve que lutar contra o Império Romano no começo. Teve que lutar contra a calúnia dos judeus. Ela sempre teve inimigos decididos a exterminá-la. E a Igreja sempre tremeu e temeu, mas nunca em tempos de avivamento, porque então ela sabe que o Deus vivo está com ela, e Ele "de todo lançará de diante de vós aos cananeus, e aos heteus, e aos heveus, e aos fereseus, e aos girgaseus, e aos amorreu, e aos jebuseus." Ele os nomeia, um a um, como eu tenho me esforçado por fazer. Que temos a temer de todas estas coisas quando o Deus vivo está entre nós? Oh, que sejamos tocados por Seu poder! Oh, que a Igreja compreenda que esta é a resposta; o temor de todos os nossos inimigos e oponentes desapareceria como o orvalho da manhã. "Temam-nO, vós santos, e não haverá outra coisa a temer." Essa é a forma em que o escritor do hino o coloca, e como ele está certo! Avivamento faz isso por nós.

Então, para resumi-lo, somos levados a buscar, e continuar buscando a Ele, e a depender dEle. Nossa necessidade suprema, e nossa única necessidade, é conhecer a Deus, o Deus vivo, e a força do Seu poder. Não precisamos nada mais além disso: o poder do Deus vivo, e saber que o Deus vivo está entre nós, e nada mais importa. Então esperamos nEle. Olhamos para Ele. Clamamos a Ele, como Moisés fez quando estava parado diante do mar Vermelho, sem saber o que fazer, e com o povo murmurando e reclamando. Deus respondeu ao clamor de Moisés dizendo: "Por que clamas a mim? dize aos filhos de Israel que marchem" (Êxodo 14:15). E assim eles marcharam.

Permanecei firmes em Seu grande poder,
Revestidos de toda a Sua força;

E tomai, para armar-vos para a luta,
A panóplia de Deus.

Charles Wesley

É disso que precisamos, meus amigos. E é por isso que os encorajo a orarem por avivamento. Precisamos olhar para Ele. Deus faz isso a fim de nos encorajar. Para nos mostrar que Ele está entre nós. E a lembrança do que aconteceu há cem anos atrás deveria nos levar a voltar para Ele. Eu digo, esqueçam tudo o mais. Esqueçam *tudo* o mais. Precisamos compreender que a presença do Deus vivo está entre nós. Que tudo o mais permaneça em silêncio. Esta não é a hora para argumentarmos a respeito de nossas pequenas diferenças. Todos precisamos experimentar o toque do poder do Deus vivo. E que continuemos firmes, esperando até que Ele nos toque.

Então, naturalmente, Deus faz isso a fim de nos libertar dos nossos inimigos; inimigos do lado de fora, inimigos do lado de dentro. Sim, Deus fez tudo aquilo para tirar o Seu povo do Egito, e do deserto, e levá-lo à bendita terra de Canaã. Ele o faz, repito, a fim de nos levar à terra da bênção - Canaã, uma terra que mana leite e mel. Que significa isso para a Igreja? Significa que todo avivamento sempre resultou em louvor e ação de graças, e ao usufruto das riquezas da graça de Deus. A grande característica de um avivamento é, em última análise, louvor, adoração, e alegria completa, pura e eterna.

No entanto, em conclusão, permitam-me dirigir sua atenção a mais uma coisa. Temos considerado este grande fato do que acontece num avivamento. Consideramos a natureza dos fatos, o miraculoso poder de Deus. Perguntamos: "Por que Deus faz isso?" Mas quero fazer uma última pergunta: "Quando Deus faz isso?" Vocês quererão saber a resposta, espero. Se vocês estão ansiando por avivamento, tenho certeza de que estão perguntando: "Oh, quando Deus vai fazer isso? Temos orado, muitos de nós por anos. Nada parece estar acontecendo. Quando Deus vai enviar avivamento?" Bem, a resposta está aqui, nesta história de Josué, e é confirmada pela história da Igreja.

Parece-me que há dois fatores principais aqui. O primeiro é este. Deus sempre parece fazer isso após um período de grande tribulação e desânimo. O texto, como vimos, lembra-nos de duas ocasiões: a travessia do Mar Vermelho, e a travessia do Rio Jordão. Quando é que Ele fez estas coisas maravilhosas? Oh, Ele as faz depois de vocês terem estado no Egito por algum tempo, em escravidão, em cativeiro na crueldade do Egito, sob os capatazes e seus chicotes, tentando fazer tijolos sem terem palha suficiente. Escravidão, aridez, crueldade,

perseguição, e tribulação. Ele o faz depois do Egito. Ele o faz depois de um período no deserto. Ali estão os filhos de Israel diante do Jordão. Sim, mas eles tinham acabado de passar quarenta anos no deserto, sem um lar, na horrível esterilidade do deserto, com suas tempestades e tribulações, seus testes e sua provações - tudo que tinha acontecido com eles ali. Leiam a história. E que história triste que é! Sim, eles tiveram uma experiência de deserto.

E além de tudo, eles tiveram mais uma calamidade, a qual, para muitos deles, devia parecer o fim de tudo: Moisés, seu grande líder, havia morrido. Tinha subido a uma montanha e não tinha voltado. O homem que tinha vindo a eles no princípio com uma mensagem de Deus, trazendo-a a eles em sua servidão, quando estavam tão abatidos. O homem que os liderara através de tantas experiências. Ele já não estava mais com eles. E agora um homem chamado Josué seria o seu líder. Quem era ele e o que era ele? A situação parecia ser profundamente desanimadora. Quarenta anos no deserto, e agora sem um líder.

Ah! Graças a Deus por isso. É depois de tais experiências que Deus manda avivamento. Depois do Egito, depois da experiência do deserto. Deus sabe que a Igreja Cristã tem estado neste deserto há muitos anos. Se lerem a história da Igreja antes de 1830 ou 1840, descobrirão que havia avivamentos periódicos em muitos países de dez em dez anos, ou algo assim. Não tem sido assim. Tivemos somente um grande avivamentos desde 1859. Oh, passamos por um período estéril, com a devastação da alta crítica e o mal que ela provocou nos púlpitos, nos bancos da igreja, em todo lugar. As pessoas perderam a fé neste Deus vivo, na expiação, na reconciliação, e voltaram-se para a sabedoria, filosofia e intelectualismo. Passamos por um dos períodos mais estéreis da longa história da Igreja. Temos sido como o filho pródigo no país distante, vivendo nos campos com os porcos e comendo as bolotas que eles comiam. Sim, temos vivido em escravidão e temor, temos sofrido perseguição e escárnio, e isso continua. Ainda estamos no deserto. Não creiam nos que dizem que saímos dele, porque não é verdade. A Igreja está nos deserto. Mas graças a Deus é sempre depois de um período assim que Deus age e opera Suas obras poderosas e manifesta a Sua glória.

O segundo fator nesta história também é muito importante. Não é só depois do Egito, ou depois do deserto, que Deus age. O verdadeiro momento de crise é quando vocês estão em frente ao Mar Vermelho, ou quando estão à beira do Rio Jordão. É então que Ele opera. Porque podemos passar quarenta anos no deserto, porém o simples fato de estarmos no deserto não produz avivamento. Não, não é apenas no

deserto, e sim quando chegamos a esta situação crítica. Para usar a terminologia moderna, Deus sempre parece fazer isto quando estamos enfrentando a crise face a face, e temos tanta coisa contra nós, e estamos desesperados e totalmente incapazes. Lembram-se do cenário do Mar Vermelho? Os filho de Israel tinham recebido a ordem de irem em frente. Contudo, ir para onde? Bem, eles foram levados a um ponto em que, de um lado estava Pi-Hairote, e do outro lado estava Baal-Zefom, duas montanhas, uma de cada lado. Atrás deles estava Faraó com seus soldados e carruagens, o exército do Egito. E ali estavam os filhos de Israel, desprotegidos, sem nada para defendê-los - uma montanha aqui, outra montanha ali, o inimigo atrás deles, e o Mar Vermelho na frente. Era uma situação de total e completo desespero, com o povo murmurando e reclamando, perguntando a Moisés o que significava tudo aquilo; e Moisés nada podia fazer senão prostrar-se diante de Deus. Então a resposta veio e o Mar Vermelho foi dividido.

Foi exatamente o mesmo aqui no Jordão. Temos até mesmo este interessante detalhe, de que o Rio Jordão transbordava por meses naquela época do ano. Não era possível cruzá-lo. Ali estavam eles, enfrentando uma enchente. Como poderiam passar? Foi então que Deus Se levantou e manifestou a mão direita do Seu poder e demonstrou a Sua glória. Apresento isto a vocês na forma de um desafio. Leiam as histórias e os relatos de cada avivamento que já ocorreu, e invariavelmente verão isto, que a pessoa ou o grupo, o pequeno grupo de pessoas, que foi usado dessa forma por Deus para trazer avivamento, sempre experimentou um senso de completa inutilidade e desespero. Cada um deles. Leiam os diários de Whitefield e Wesley. Leiam a história da vida de todos esses homens. Todos eles chegaram a esse ponto em que compreenderam a sua completa e absoluta incapacidade - sua completa paralisia. Ali está o Mar Vermelho. Ali está o inimigo. Ali estão as montanhas. Eles estão confinados, estão esmagados, de joelhos. Isto é sempre necessário, uma condição prévia ao avivamento. E é sempre o momento em que Deus opera.

É isso que, eu confesso, perturba-me e me desanima hoje. A Igreja Cristã ainda está tão saudável, tão confiante em si mesma, tão segura de que tudo que precisa é organizar outro programa, outra atividade. Ela não chegou ao Mar Vermelho. Ela nunca esteve entre Pi-Hairote e Baal-Zefom. Ela não está tendo essa experiência, e enquanto não a tiver, não temos muita razão para esperar um avivamento da religião e um derramamento do Espírito de Deus. Pode ser que coisas infinitamente piores do que as que já experimentamos tenham que acontecer. Seria de se imaginar que duas guerras mundiais teriam sido

suficientes, porém não foram. Seria de se imaginar que a presente situação teria sido suficiente, contudo não é. Deus tenha misericórdia de nós! Até que cheguemos a Pi-Hairote, Baal-Zefom, Migdol, com o inimigo, o Mar Vermelho, incapacidade total, o Jordão transbordando, absoluta impossibilidade, e finalmente ao desespero. Que Deus nos traga a esta compreensão. Que Ele revele a Sua glória e santidade a nós dessa forma. Que nos revele a nossa total incapacidade e inutilidade. Que vejamos estas coisas de tal forma que cessemos de olhar para o homem e busquemos somente o Deus vivo. E então não há dúvida de que Ele nos ouvirá e manifestará a Sua glória e Seu poder.

11

Os Efeitos do Avivamento

"E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: estão cheios de mosto" (Atos 2:12-13).

Em nossas considerações a respeito do avivamento até este ponto, temos o examinado como o vemos descrito nas Escrituras. Examinamos o seu caráter de forma geral, e consideramos o seu objetivo e propósito. Vimos claramente que é um grande e notável fenômeno, designado primariamente para avivar a Igreja e, segundo, para chamar a atenção do mundo, a fim de que homens e mulheres sejam levados à salvação. É um tipo de sinal que Deus dá desta forma para confirmar Sua obra na Igreja e estabelecer o Seu povo, edificá-lo e encorajá-lo, e ao mesmo tempo, como eu digo, para transbordar em poderosas bênçãos sobre aqueles que estão do lado de fora.

Agora, tendo descrito avivamento desta forma, e tendo visto seus aspectos e características principais, e especialmente tendo considerado seu objetivo e propósito, parece-me lógico que o passo seguinte é fazer esta pergunta: que efeito, então, tem o avivamento, especialmente sobre aqueles que estão do lado de fora? O avivamento foi designado para proclamar a todas as nações do mundo que "a mão do Senhor é forte", como vimos no livro de Josué. No entanto, voltamos à pergunta: ele tem esse efeito? Todos são convencidos por ele? E é com o propósito de considerar essa pergunta que vamos examinar este famoso e conhecido texto do capítulo 2 do livro dos Atos dos Apóstolos. Encontramos neste texto uma resposta a essa pergunta, que é de grande valor para nós, e deveria ser de interesse urgente para todos os que buscam e anseiam por avivamento. Aqui, de qualquer forma, temos uma possível reação. E a encontramos não só aqui, porém, em várias partes da Bíblia. Ao lermos a história da Igreja e de avivamentos através dos séculos, vemos que esse tipo de coisa se repete constantemente. Lemos que "todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: que quer isto dizer?" O que é isto? Vocês

se lembram como o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos e sobre os que estavam com eles, 120 pessoas, ali no cenáculo. E como resultado desse poderoso derramamento do Espírito que veio sobre eles, começaram a falar em outras línguas, e sem dúvida houve muitos outros fenômenos semelhantes. À medida que a notícia correu, as pessoas começaram a vir de todos os lados, e observando e ouvindo aquilo tudo, disseram: "Que significa isso?" Estavam assombrados, alguns duvidaram, e outros zombaram, dizendo: "Esses homens estão cheios de mosto." Ou seja, "Estão bêbados." Aí vemos uma reação por parte de certas pessoas com respeito a este poderoso fenômeno que acontece quando Deus derrama o Seu Espírito.

Esta é uma reação, como explicamos aqui claramente pelo contexto, devida a certos fenômenos que de vez em quando acompanham avivamentos. Não há dúvida de que foi o falar em línguas e os outros fenômenos que acompanharam o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste que provocaram esta reação. Foi isso que atraiu a atenção, que levou algumas pessoas a duvidarem, a ficarem assombradas, e que levou alguns a zombar e a dizer que isso era apenas um resultado do fato desses homens estarem cheios de "mosto" (vinho novo). Pois bem, na história dos avivamentos vocês descobrirão, praticamente sem exceção, o mesmo tipo de reação. Há pessoas que desaprovam a idéia de avivamento. Há pessoas assim tanto dentro da Igreja Cristã como fora dela. Assim, parece-me que é muito importante que tratemos desta questão dos fenômenos.

Eles podem ser subdivididos em vários grupos. Primeiro, há uma tendência, sem dúvida na maioria dos avivamentos, a um elemento emocional. Não creio que tenha havido um avivamento sem que este elemento estivesse presente. Certas pessoas têm sido tocadas profundamente, e às vezes outras se comportam de forma muito entusiasmada durante um avivamento. Esse é o fato que quero lhes apresentar. Vou tratar de algumas possíveis explicações para isso, mas neste ponto estou simplesmente apresentando os fatos. Todavia há outros fenômenos também. E são esses outros fenômenos que em geral são objeto da maioria das críticas. Quando digo fenômeno, refiro-me a coisas que acontecem acima e além do fato de que muitas pessoas são despertadas e convertidas e muitos membros da Igreja são despertadas e avivados. Os fenômenos a que me refiro são adicionais a isso. E esta questão dos fenômenos adicionais é muito importante, e extremamente fascinante.

Permitam-me esclarecer isto. Estes fenômenos nem sempre se manifestam num avivamento. Considerem, por exemplo, um fato muito interessante a respeito do avivamento de cem anos atrás.

Mencionei repetidamente que este avivamento aconteceu nos Estados Unidos da América, na Irlanda do Norte, no País de Gales, na Escócia, e até certo ponto em outros países. Agora, é interessante observar que houve pouca evidência desses fenômenos adicionais que vamos considerar nos Estados Unidos, ou no País de Gales, e foram praticamente inexistentes na Escócia, mas houve uma extraordinária evidência deles na Irlanda do Norte. Antes de continuarmos, isto, por si, é um fato interessante, porque estabelece o fato de que esses fenômenos não são essenciais para um avivamento. Precisamos manter isso em mente. Podemos ter um avivamento sem estes fenômenos, porém por outro lado, é verdade que eles tendem a estar presentes sempre que há um avivamento, embora o nível em que se fazem presentes varie bastante de região em região e de país em país.

O que são, então, estes fenômenos aos quais estou me referindo? Parece-me que o melhor modo de classificá-los é colocá-los sob duas divisões. Primeiro, há certos fenômenos físicos. Sob a influência deste tremendo poder, há pessoas que literalmente caem prostradas ao chão sob a convicção de pecado, ou até mesmo desmaiam, e permanecem num estado de inconsciência, às vezes por considerável tempo. No avivamento de 1859 na Irlanda do Norte, o povo referia-se a este fenômeno como "ser golpeado" porque era exatamente como se a pessoa tivesse sido golpeada na cabeça, e como resultado caía ao chão num estado de completa inconsciência. Isso aconteceu com freqüência em avivamentos em outros locais, e em outras épocas. E então, há pessoas que parecem entrar em transe. Podem estar sentadas ou de pé, com um olhar distante, obviamente vendo algo, e no entanto completamente inconsciente do que se passa ao seu redor. Parecem incapazes de ouvir ou ver o que está acontecendo à sua volta. Estão evidentemente vendo algo com seus olhos espirituais, algo invisível aos demais, e um estado de transe é a única forma em que podemos descrever isso. Aí estão alguns dos fenômenos físicos. Há outros, mas realmente uma descrição completa e detalhada deles fugiria dos nosso propósitos. Há um vasto grupo de fenômenos que pertencem à esfera física, e que foram muitas vezes considerados nada mais que manifestações físicas e até mesmo foram tratados medicinalmente como puros fenômenos físicos. E, como eu disse, tais coisas foram um aspecto proeminente do avivamento na Irlanda do Norte em 1859.

Ainda mais, em acréscimo a esses fenômenos físicos, há também certos fenômenos mentais - coisas que não afetam tanto o corpo, mas de forma acentuada afetam a mente. Às vezes, por exemplo, um extraordinário dom de oratória é dado a certas pessoas num avivamen-

to. Pessoas que, se alguma vez expressaram-se verbalmente numa reunião de oração na igreja, fizeram-no de forma vacilante e muito hesitante, subitamente começam a orar com muita eloqüência, e com uma riqueza de linguagem extraordinária, da qual nunca antes foram capazes. Há muitos exemplos disso. Encontrei um homem certa vez que lembrava-se muito bem do avivamento de 1904 e 1905 no País de Gales, e ele me contou o que aconteceu com o seu próprio pastor. Ele tinha sido pastor daquela igreja por muitos anos, era um homem capaz, que sempre pregava o que descreviam como um sermão bom e sólido, mas sempre falava de forma vacilante e hesitante. Ele tossia muito e era um orador pobre em todos os aspectos, à parte do assunto sobre o qual pregava. Ora, esse homem compareceu a uma reunião do presbitério um dia, algo que havia feito em muitas outras ocasiões. Neste presbitério, vários outros pastores estavam dando relatórios dos eventos que estavam acontecendo em suas igrejas durante o avivamento. Este homem ouviu, e voltou para a sua igreja como um pregador completamente transformado. Subiu ao púlpito no domingo seguinte, e a congregação mal podia acreditar que era o mesmo homem. Toda a hesitação desapareceu, todos os impedimentos desapareceram. Ele falou com liberdade, com autoridade, e com um poder que eles nunca tinham visto nele antes.

Agora, este não foi um caso isolado, esse dom de oratória é muitas vezes dado em oração, ou em conversação, ou em descrição. Não somente isso, mas muitas vezes também é dado um dom de profecia. Refiro-me literalmente a uma capacidade de predizer o futuro. Precisamos enfrentar estas coisas porque parece-me que estamos em grave perigo, com todo o nosso conhecimento e sabedoria, de apagarmos o Espírito. Estou colocando fatos diante de vocês. Este fenômeno de profecia, esta capacidade de predizer o futuro, faz-se presente com muita freqüência. Assume muitas formas. Conheci um homem cujo pastor recebeu este dom no avivamento de 1904 e 1905. Desapareceu completamente mais tarde, mas enquanto o avivamento durou, ele recebeu de antemão a revelação de algo que iria acontecer em sua igreja, e não só uma vez, mas manhã após manhã. Ele era despertado de um sono profundo às duas e meia da madrugada, e recebia informação direta e exata de algo que iria acontecer durante aquele dia, e acontecia. Essa é outra parte deste fenômeno mental.

Também conhecimento é dado a pessoas, que não pode ser explicado. Houve casos na Irlanda do Norte, por exemplo, de pessoas que não sabiam ler nem escrever, pessoas que nunca tinham sido capazes de ler a Bíblia. Mas subitamente, embora ainda não soubessem ler,

receberam a capacidade de encontrar textos na Bíblia e explicar seu conteúdo. Há inúmeras ilustrações disso. Capacidades foram dadas - o dom de discriminação, o dom de compreensão, o dom de planejamente. Aqui, nesta esfera mental, poderes assombrosos foram dados a pessoas por um período temporário.

Eis aí, então, os fenômenos principais aos quais estou chamando sua atenção, o físico e o mental. Estas coisas ocorrem, ou podem ocorrer, durante um período de avivamento. E aqui está a pergunta que nos confronta. O que é isso? Como podemos explicá-lo? É por isso que o estou colocando no contexto de Atos, capítulo 2. O evento prometido aconteceu, o Espírito Santo foi derramado, os resultados se seguiram, e ali estavam essas pessoas em Jerusalém reunindo-se e perguntando o que tudo aquilo significava. Alguns disseram: "Por que estão perguntando isso? Não é óbvio? Esses homens estão cheios de mosto, estão bêbados." E pessoas continuaram a adotar essa atitude através dos séculos. Várias explicações foram dadas há cem anos atrás, como sempre aconteceu antes, em cada período de avivamento, e essas explicações ainda estão sendo apresentadas hoje em dia. Razão por que estou chamando sua atenção a isto. Há pessoas que rejeitam, e denunciam, a própria idéia de avivamento por causa desses fenômenos, e portanto, quando são exortadas a orarem por avivamento, elas dizem: "De jeito nenhum! Não queremos esse tipo de coisa. Não estamos interessados nesse tipo de experiência." Assim, sem perceberem, são muitas vezes culpadas de apagarem o Espírito.

Vamos então examinar algumas das explicações que são dadas, especialmente hoje em dia. E quero acrescentar que estou especialmente preocupado com isso porque, como vocês sabem, há grande interesse nesta questão no momento, e não conheço outra coisa que seja uma resposta mais completa para alguns destes psicólogos modernos que explicam conversão, e tudo o mais, como algo simplesmente físico. Vou explicar o que quero dizer. Há os que sugerem que tudo isso é apenas uma forma do que é conhecido atualmente como "lavagem cerebral". Comparam-no com um técnica que é empregada atualmente pelos comunistas, ou comparam-no com o que foi obviamente empregado por um homem como Hitler na Alemanha antes da guerra, e durante a guerra naquele país. "O que é isto?" as pessoas perguntam, e acrescentam: "A resposta é óbvia. O que está acontecendo aqui é que as mentes destas pessoas estão sendo bombardeadas. Elas estão sucumbindo gradualmente. Reúnem-nas em grandes grupos, ou então recebem um tratamento, são mantidas em celas, e não dormem nem comem o suficiente. Tudo é feito para minar a resistência

dessas pessoas. Eles falam com elas, gritam com elas e bombardeiam suas mentes. E então, quando as trazem ao ponto de colapso, aumentam ainda mais a intensidade da pressão, e as pessoas têm um colapso. E estando nesse estado de colapso, é a coisa mais simples do mundo doutriná-las. Vocês podem insinuar seus próprios ensinos em suas mentes, elas acreditarão neles e os aceitarão, se devotarão a eles, e sairão e tentarão converter outros."

O que podemos dizer diante de tal explicação? Vamos deixar isto bem claro. Isso pode ser feito, e está sendo feito. Não há qualquer sombra de dúvida de que foi exatamente o que Hitler fez. Não há dúvida de que é exatamente o que outros regimes estão fazendo atualmente. Através de certas técnicas podem minar a resistência mental das pessoas e introduzir nelas suas próprias doutrinas. Daí a sugestão apresentada na atualidade é que isso é exatamente o que acontece durante períodos de avivamento.

Como podemos lidar com isso? Permitam-me deixar uma coisa perfeitamente clara. Minha preocupação é tratar de avivamentos. Não estou tratando de campanhas evangelísticas. É muito importante estabelecer essa distinção. E a razão é esta: em campanhas evangelísticas técnicas são usadas, usadas deliberadamente; contudo não são usadas em avivamentos. Quero sublinhar e enfatizar essa diferença. Estou tratando exclusivamente de avivamento, em que técnica nenhuma é usada. Meu argumento refere-se unicamente a isso. Neste momento não estou preocupado em analisar o que acontece em grandes campanhas.

Então, coloco-o desta forma. Esta sugestão, com respeito à lavagem cerebral, para usar o termo geral, falha completamente na questão de avivamento porque não pode explicar o *começo* de um avivamento. Considerem, por exemplo, o que aconteceu na Irlanda do Norte. O que aconteceu ali começou com um homem. Foi exatamente o mesmo no Estados Unidos, tudo começou com apenas um homem. A mente desse homem não foi bombardeada, de forma alguma. Nenhuma técnica foi empregada, foi apenas um homem, o qual foi convencido do pecado, foi convertido, e então começou a sentir um impulso de que devia contar aos outros a respeito disso. Não houve multidões envolvidas, nem qualquer tipo de técnicas especiais. Isso é o mais assombroso nesta história, o fato de que foi apenas um homem, e então dois outros unindo-se a ele, orando juntos por meses. Apenas três homens numa reunião de oração! Assim prosseguiu por meses, e então aos poucos outros começaram a vir. Vejam como essa sugestão, essa tentativa de explicação do bombardeamento da mente, fracassa com-

pletamente em explicar o começo e a origem de um avivamento.

Outra coisa que tal sugestão falha em explicar é como isso acontece em vários países ao mesmo tempo. Isso não só foi verdade há cem anos atrás, e sim também há duzentos anos atrás. Quando aquele grande avivamento ocorreu sob Jonathan Edwards nos estados da Nova Inglaterra, também aconteceu na Inglaterra, no País de Gales, na Escócia, e em outros países. Essa sugestão não pode explicar tal fato. Como podiam todas essas coisas acontecer ao mesmo tempo em lugares diferentes, em que não havia nenhum contato ou conhecimento do que estava acontecendo nos outros locais? Esse fato eles não explicam.

Aqui está outro argumento. Muitas e muitas vezes os homens tentaram produzir um avivamento. Leram os relatos de outros avivamentos e disseram: "Ah, foi assim que aconteceu, um homem começou a orar e outros se uniram a ele. Ou talvez um grupo começou a orar a noite toda, e um avivamento irrompeu. Então," raciocionaram, "nós precisamos fazer isso." Em seguida, copiaram as mesmas coisas que foram feitas durante um avivamento. Repetiram-nas até ao último detalhe. Talvez tenham lido o livro de Finney sobre avivamento, seus sermões sobre o assunto, e colocaram em prática tudo que Finney aconselha que seja feito. Finney prometeu que, se fizessem tudo isso, teriam um avivamento. Eles fizeram tudo - entretanto não houve avivamento. Fizeram tudo que podiam com todas as suas técnicas e métodos, mas não houve avivamento. Talvez tenham acontecido algumas conversões, mas não houve avivamento. E assim vemos que essa explicação de lavagem cerebral falha completamente também neste ponto.

E por último, fracassa completamente em explicar estes interessantes e curiosos fenômenos mentais aos quais estou chamando sua atenção. Não consegue explicá-los de forma alguma. Explica como vocês podem doutrinar um homem, e como podem levá-lo a uma decisão. Explica como vocês podem influenciar a mente dos homens. Ah, sim, mas estamos tratando destes inexplicáveis fenômenos mentais, estas assombrosas profecias, esta espantosa capacidade que é dada e todas estas outras maravilhas. A explicação que eles oferecem nem sequer começa a desvendar tais fenômenos que temos em conexão com avivamentos.

A segunda explicação que é apresentada é que isso não passa de um caso de histeria em massa. "O que está acontecendo aqui," dizem, "é que estas pessoas ficaram histéricas. Sabem o que significa uma pessoa ficar histérica? Bem, às vezes isso se torna uma espécie de

epidemia, e muitas pessoas ficam histéricas ao mesmo tempo." Que acham desta explicação? Antes de tudo o mais, devo dizer, mais uma vez, que ela falha completamente em explicar a origem e o começo. Não houve qualquer evidência de histeria naquele primeiro homem, e no primeiro grupo de homens, na Irlanda do Norte; não houve qualquer tipo de fenômenos ali; e foi o mesmo na América e no País de Gales. Por que começou, subitamente? Não há explieação. Por que se espalhou? Novamente, não há explicação. E permitam-me apresentar como uma segunda resposta a essa acusação, uma série de pontos que foram apresentados por um doutor chamado Carson, que viveu na Irlanda do Norte há cem anos atrás. Ele era obviamente um médico cristão muito sábio, que achou-se no meio de todos aqueles fenômenos, os quais compilou cuidadosamente, analisou-os, e os examinou minuciosamente. Ele observou que havia cinco pontos que lhe pareciam mais do que adequados para excluir esse diagnóstico de histeria, e eu concordo com ele inteiramente. Aqui estão eles. São parcialmente médicos, porém creio que interessarão a vocês.

Primeiro, é quase sempre um sintoma invariável de histeria que as pessoas estão conscientes de um nó na garganta. Sentem que estão sufocando, que têm um aperto na garganta e que vão sufocar. É um sintoma quase sempre presente em histeria. Mas não houve evidência disso na Irlanda do Norte há cem anos atrás.

Segundo, é uma característica de histeria que as pessoas choram e riem quase ao mesmo tempo, ou passam rapidamente de um para o outro. Riso incontrolável, e então choro incontrolável. Às vezes manifestam-se ao mesmo tempo, ou seguem-se em rápida sucessão. Não houve nada disso na experiência do Dr. Carson.

Terceiro, em histeria quase sempre há movimentos convulsivos dos membros, das extremidades. Ele não viu um único caso de movimentos convulsivos durante o avivamento.

Quarto, é um fato estritamente médico que histeria é quase totalmente limitada ao sexo feminino. Todas as autoridades médicas que vocês queiram consultar concordarão com isso. Ao passo que, na Irlanda do Norte, e em outros lugares onde esses fenômenos foram observados, eles se manifestaram com a mesma freqüência entre os homens.

Quinto, ele oferece um bom argumento, de que mesmo entre as mulheres, histeria em geral ocorre num certo tipo de mulheres, cuja saúde é fraca e frágil. Histeria é quase sempre limitada a tal tipo de mulheres. E mais uma vez, a resposta é que na Irlanda do Norte isso afetou todo tipo de mulheres, homens e jovens - pessoas fortes,

vigorosas.

Tudo isso, estes cinco pontos do Dr. Carson, são suficientes, eu creio, para excluir permanentemente a noção de histeria em massa. No entanto, além dessa evidência médica, quero acrescentar como meu terceiro ponto que o caráter dos homens que observaram estes fenômenos seria, em minha opinião, razão suficiente para excluir o diagnóstico de histeria. Se existiu um homem que era calmo, racional, intelectual, foi o grande Jonathan Edwards. Ele observou estes fenômenos há duzentos anos atrás, e cria que eram de Deus. Jonathan Edwards não era o tipo de homem que fosse enganado por histeria, muito pelo contrário. O mesmo era verdade a respeito de outros, como por exemplo Archibald Alexander que relataram tais fenômenos. E o mesmo pode ser dito de homens como o Dr. Carson e outros em 1859. Não somente as pessoas a quem, e em quem, tais fenômenos aconteceram, mas as pessoas que os descreveram e explicaram, são suficientes para colocar um fim em tais argumentos.

E por último, meu quarto argumento é este: os resultados que se seguiram. Histeria é completamente inútil, é enervante. Há algo quase repugnante nela. É um desperdício de energia e não tem nenhum propósito ou resultado benéfico. É algo de que a pessoa deveria se envergonhar, em todos os aspectos, e isso inclui os seus resultados. Ao contrário disso, já mencionei os assombrosos e surpreendentes resultados que invariavelmente acompanham no caso de avivamentos.

A terceira explicação dos fenômenos num avivamento é que são psíquicos. A primeira explicação parece-me que não tem qualquer base; e é o mesmo no caso de histeria. Mas considero a explicação psíquica muito mais séria, todavia psicólogos modernos raramente a mencionam. É interessante observar como suas tentativas de diagnóstico são superficiais. Quando digo "psíquica" refiro-me a coisas como telepatia. Refiro-me a fenômenos estranhos que não podemos entender, entretanto que sabemos ser verdadeiros: transferência mental, transferência de pensamento. Estou pensando em coisas como mesmerismo e hipnotismo. São fenômenos que não podemos contestar, porém que são muito difíceis de explicar. A capacidade de uma mente influenciar outra - há pessoas que nascem com a capacidade de ler a mente de outras pessoas. Considerem, por exemplo, um homem como o falecido professor Gilbert Murray que era um intelectual típico, não um cristão, mas um humanista clássico típico. O professor Gilbert Murray tinha o poder de ler a mente de outras pessoas. Foi testado muitas vezes. Ele ficava numa sala, e as outras pessoas ficavam em outra sala, e ele podia dizer o que estavam pensando. Tenho certeza

que vocês leram a respeito deste tipo de coisas, fenômenos extra-sensoriais, como são chamados. Fazem experiências com tempo, e fenômenos na esfera psíquica que não podem ser explicados. Agora, há os que diriam que é isso que acontece num avivamento. Todavia, aqui minha resposta seria questioná-los. Por que iria isso começar subitamente em pessoas que não tinham oferecido qualquer evidência de tais poderes antes? Por que deveria começar subitamente? Por que deveria ser tão comum? Por que deveria acontecer a grande número de pessoas ao mesmo tempo? Por que começa subitamente, como é sempre o caso num avivamento? E, novamente, eles têm que enfrentar o fato dos resultados espirituais que invariavelmente se seguem a um período de avivamento.

A quarta explicação que é dada é que isso é tudo obra do diabo. Foi o que os católicos romanos disseram acerca do avivamento na Irlanda do Norte há cem anos atrás. Foi o que os unitaristas disseram. Foi o que muitas pessoas na Igreja que na verdade não eram nada mais que unitaristas disseram também. E é o que muitas pessoas dizem ainda hoje. Dizem que é tudo obra do diabo. Mas há problemas insuperáveis com essa teoria. E aqui estão alguns deles. Por que começaria o diabo subitamente a fazer esse tipo de coisa? Que objetivo poderia haver em fazer isso? Aqui está a Igreja, num período de sequidão e de aridez; por que iria o diabo subitamente começar a fazer algo que chama a atenção à religião e ao Senhor Jesus Cristo? Quero expressar isso com veemência colocando-o em outros termos. Penso que os próprios resultados de um avivamento excluiriam totalmente a possibilidade do mesmo ser uma obra do diabo. O resultado principal de um avivamento, como mencionei repetidamente, é que milhares de pessoas são convertidas ao Senhor Jesus Cristo e tornam-se verdadeiros cristãos. As igrejas tornam-se muito pequenas e novas igrejas precisam ser construídas. Homens e mulheres lotam-nas e oferecem-se para o ministério, e o evangelho se espalha de maneira assombrosa. É viável que o diabo fosse fazer algo que resultasse nisso? Mas ouçam a resposta de nosso Senhor a esta acusação em Lucas, capítulo 11, versículos 15 a 18. Nosso Senhor, certa tarde, expulsou um demônio mudo:

Estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e maravilhou-se a multidão. Mas alguns deles diziam: ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu. Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: todo

o reino, dividido contra si mesmo, será assolado; e a casa, dividida contra si mesma, cairá. E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu (Lucas 11:14-18).

E essa é a resposta final. Se isso é obra do diabo, então o diabo é um tolo consumado. Ele está dividindo o seu próprio reino; ele está aumentando o reino de Deus e de Cristo; ele está trazendo pessoas à salvação; ele está operando contra si mesmo. Contudo o diabo não é tolo. Ele tem assombrosa sabedoria, sutileza e capacidade. Não há nada que seja tão ridículo quanto esta sugestão de que isto é obra do diabo. E João, em sua primeira epístola, capítulo 4, versículos 2 e 3, diz: "Nisto conhecereis o Espírito de Deus" - se vocês têm qualquer dúvida a respeito de que espírito está em ação - "Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir." Um espírito que leva homens e mulheres a confessar que Jesus é o Cristo não pode ser o espírito do diabo, é o Espírito do Deus vivo.

Aí, então, consideramos rapidamente todas essas explicações falsas. Qual é a explicação verdadeira? Ela está diante de nós, não está?

E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: estão cheios de mosto. Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras.

Em seguida, ele menciona o aspecto negativo. "Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia" (Atos 2:12-15). Ele trata primeiro das falsas explicações e as ridiculariza, mostrando como são totalmente impossíveis. Então prossegue apresentando a explicação verdadeira - "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel." A partir daí cita a profecia de Joel.

Qual seja, então, a verdadeira explicação? A primeira coisa que devemos fazer é lembrar que até mesmo piedosos ministros de Deus discordaram entre si sobre a explicação destes fenômenos. O reverendo J.H. Moore, o homem em cuja paróquia o avivamento começou na Irlanda do Norte há cem anos atrás, não gostava dos fenômenos, e os desestimulou, e eles praticamente não se fizeram presentes naquela

paróquia de Connor. Entretanto houve outros que não eram da mesma opinião. E sempre tem havido diferenças de opinião. Jonathan Edwards defendeu os fenômenos. Ele cria que, em sua maioria, eles eram do Espírito de Deus. Houve um homem chamado John Berridge, que pregou em Anglia do Leste há duzentos anos atrás, que até mesmo os incentivou. Ele cria que esses fenômenos eram um extraordinário sinal do Espírito de Deus. Wesley e Whitefield, por outro lado, não gostavam muito deles e estavam incertos quanto à sua origem. Menciono isto a fim de que vejamos que esta não é uma questão simples, e que devemos considerá-la com cuidado e, acima de tudo, com reverência e com santo temor, a fim de que não façamos declarações tolas das quais nos venhamos a arrepender mais tarde, e nos tornemos culpados de apagarmos o Espírito.

Como, então, devemos abordar esta questão? Vamos abordá-la do ponto de vista das Escrituras porque, é claro, as Escrituras têm muito a nos dizer sobre isto. Vamos examinar primeiro o Velho Testamento, e ler a respeito dos profetas. Como esses homens recebiam as suas mensagens, e como as comunicavam? Os registros dizem-nos que eles estavam no Espírito, ou que um espírito veio sobre eles. Estavam num estado de êxtase. Às vezes ficavam num estado de transe, numa disposição extática. Leiam as histórias sobre o rei Saul, por exemplo - como o dom veio sobre ele, e o povo fez uma pergunta que se tornou um ditado popular: "Está também Saul entre os profetas?" (I Samuel 10:11). Um espírito de profecia. Está perfeitamente claro nesse texto. Na verdade, há um outro fato que em geral é apresentado em conexão com este, e é que às vezes este espírito pode ser encorajado pela música. Como explicamos esta profecia? Pedro nos diz: "Nenhuma profecia da Escritura é de particular elucidação... mas homens santos de Deus falaram inspirados (movidos) pelo Espírito Santo" (II Pedro 1:20-21). Como foi que a profecia veio? Como foi que essa inspiração divina veio sobre o homem? Tenham cuidado, meus amigos, de não rejeitar, por causa do seu intelectualismo, os profetas e todo o fenômeno de profecia como o vemos no Velho Testamento. Eles certamente foram tocados. Eles sabiam o que era ter uma experiência extática.

Mas isso foi no Velho Testamento. Passemos agora para o Novo e vejamos o que aconteceu ali. Vejam em Atos, capítulo 2, o que aconteceu com os próprios discípulos, os apóstolos e todas aquelas outras pessoas. Algo aconteceu que era tão extraordinário que certas pessoas paradas ali pensaram que eles estavam embriagados, e disseram: "Isso não passa de embriaguez, isso é pura loucura." E essa acusação de loucura é levantada com muita freqüência. Entretanto

considerem a explicação do apóstolo para esses fenômenos. Ele disse: "Isto é o que foi dito pelo profeta Joel." Isso é o que Joel disse que iria acontecer. "E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne." O Espírito tinha sido dado antes, mas não tinha sido derramado antes. Um homem aqui, outro homem ali - e então, "derramarei". Será algo esmagador, será algo feito em massa, por assim dizer. "Do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias, e profetizarão." E isso aconteceu com as jovens operárias das fábricas na Irlanda do Norte. Jovens pobres, que tinham sido criadas em pobreza e penúria, ignorantes, que praticamente não tiveram educação alguma, subitamente começaram a profetizar. Começaram a demonstrar incrível conhecimento e foram capazes de falar de forma extraordinária. Porventura não parece que o profeta Joel tinha antecipado isso, e profetizou que iria acontecer? Rapazes e moças, visões, sonhos, profecias, velhos sonhando sonhos: "É isto que está acontecendo," disse Pedro. "É o derramamento do Espírito de Deus." E os resultados são exatamente o que foi profetizado.

Há ainda outros fatos. Lemos em Atos, capítulo 10:10-12 que o apóstolo Pedro estava no telhado de uma casa, num transe, e nesse transe ele teve uma visão de um lençol sendo baixado do céu, cheio de vários animais. Lemos também em Atos, capítulo 16, sobre o apóstolo Paulo, que quando quis pregar na Ásia foi proibido pelo Espírito. Então ele quis ir para a Bitínia, porém o Espírito não o permitiu. E a seguir ele teve uma visão, no meio da noite, de um homem da Macedônia, com seu apelo por ajuda. Também lemos em Atos capítulo 22 que ele diz, "Fui arrebatado para fora de mim." Sejamos cautelosos para que não nos unamos aos nossos amigos cientistas, negando as Escrituras. Quando o Espírito vem sobre um homem, ele pode estar num transe. Então basta que leiam I Coríntios, capítulos 12 a 14, para ver que havia todo tipo de fenômenos na igreja de Corinto, e o apóstolo teve que instruí-los, guiá-los, contê-los, e dizer-lhes que tudo devia ser feito com decência e ordem. Esse, irmãos, é o testemunho das Escrituras.

Qual é, então, a nossa explicação, e quais são nossas conclusões? Permitam-me colocá-las numa série de proposições. Acaso não parece claro e óbvio que Deus usa esses fenômenos para chamar atenção para Si mesmo e para a Sua obra? Não há nada que atraia tanta atenção como esse tipo de coisa, e é usada por Deus na extensão do Seu reino

para atrair a atenção das pessoas. Tenho certeza de que este elemento está envolvido. Mas, segundo, não podemos esquecer que o Espírito Santo afeta a pessoa integral. Outras influências também fazem isso; qualquer estímulo poderoso afeta a pessoa toda. Vocês já prestaram atenção na transmissão de eventos esportivos, ou compareceram a algum evento assim? Observaram pessoas sob a influência das emoções, gritando até perderam a voz, de pé e acenando com qualquer coisa que esteja à mão? Às vezes até batem em outras pessoas, sem perceber o que estão fazendo. E isso não é considerado estranho, ou incomum, quando acontece num evento esportivo, mas quando acontece num avivamento, as pessoas dizem: "Ah, é tudo psicológico." Será que vocês não observaram pessoas chorando em teatros ou em cinemas, comovidas sob a influência da música? Naturalmente. Porque o homem é corpo, alma e espírito, e eles não podem ser separados. E tudo que afete poderosamente qualquer parte do homem vai acabar afetando todas as outras partes do seu ser. Sabemos como nosso corpo pode afetar a nossa mente. Se você não está se sentindo bem, se está doente, sua mente não funciona muito bem. Por outro lado, se algo acontece à sua mente, isso também afeta seu corpo. Se você é subitamente estimulado, seu corpo todo parece forte, disposto e capaz. Devemos ser muito cautelosos para não violentar a natureza e a constituição da pessoa. O homem reage como um todo. E é tolice esperar que reaja na esfera espiritual sem que nada aconteça ao resto da sua pessoa, à sua alma e ao seu corpo.

Assim, devemos estar preparados para este tipo de reação num período de avivamento, e devemos esperar que pessoas diferentes reajam de formas diferentes. Temos prova disso, é claro, nas próprias Escrituras. O mesmo Espírito Santo inspirou Paulo, Pedro e João, e no entanto creio que, se vocês lessem alguns versículos para mim, eu poderia identificar, cada vez, qual dos três foi o autor. O mesmo Espírito Santo inspirou os três. Sim, mas a mensagem vem a nós através dos homens que foram usados, através do seu cérebro, através do seu temperamento, através da sua mentalidade. Isso não foi obliterado. Vocês podem perceber os estilos diferentes, as diferentes representações. O mesmo Espírito, porém as manifestações diferem. É o que acontece num avivamento. E assim, seria de se esperar que crianças reagissem com mais força do que adultos. Seria de se esperar que certos tipos de pessoas reagiriam com maior violência do que outras. De fato, é esse o caso. Tudo, portanto, que pode ser provado é que estes fenômenos são uma indicação do fato de que um estímulo muito poderoso está em operação. Algo está acontecendo que é tão

poderoso que até mesmo o aspecto físico está envolvido.

Eu diria mais, que devemos lembrar que os fenômenos em si não são importantes. Não devemos buscar os fenômenos, não devemos estimulá-los. E não devemos nos gloriar neles. Esses fenômenos, para usar um termo moderno, são "epifenômenos", são acompanhamentos incidentais e ocasionais, e não são de importância essencial. Isso explica porque os fenômenos tendem a desaparecer à medida que o avivamento prossegue. E também não hesito em acrescentar que às vezes há fenômenos associados com avivamentos que na verdade são um resultado de um colapso físico. Há pessoas que ficam histéricas, realmente histéricas, num avivamento. Há pessoas que manifestam outros fenômenos psíquicos. Não há dúvida quanto a isso, mas creio que não há problema em explicar isso. O corpo é fraco, e alguns corpos são mais fracos do que outros. Assim, quando este tremendo poder espiritual se manifesta, há certos corpos que sofrem um colapso, e tais pessoas devem ser ajudadas, devem ser tratadas de forma médica, devemos orar por elas, e acalmá-las. Foi assim que os grandes líderes de avivamentos sempre lidaram com tais casos.

Contudo, lembremos também que quando o Espírito de Deus está operando com grande poder, o diabo sempre procura uma oportunidade, tentando desonrar a obra. Ele sempre tentou fazer isso. Ele tenta insinuar suas imitações, tenta levar pessoas a excessos, e sempre teve sucesso com certos indivíduos. É por isso que a Bíblia fala tanto a respeito de provar os espíritos, e testar os espíritos. Não devemos nos deixar enganar. Há testes que podem ser usados, e é nossa obrigação usá-los.

Por conseguinte, quero concluir dizendo que os fenômenos não são essenciais ao avivamento, não são vitais ao avivamento, e não são religiosos em si. Creio que em sua origem eles são essencialmente do Espírito de Deus, porém devemos sempre tomar em consideração que, devido à imperfeição da natureza humana, e da nossa constituição física, sempre haverá a tendência de uma mistura, parte de origem psíquica, parte de origem física, e parte como resultado da atividade do diabo. Mas nada é mais tolo do que rejeitar o todo por causa de uma parte muitíssimo pequena. Se vocês começarem a fazer isso, terão de rejeitar todo o Novo Testamento, porque ele nos diz que as outras forças estão sempre tentando interferir, e que devemos nos conscientizar da existência do verdadeiro e do falso, compreendê-lo, e resistir o falso. O Novo Testamento nos ensina que devemos esperar isso, e estar preparados para resistir ao falso e ao espúrio.

Por isso, concluo afirmando que estes fenômenos podem se mani-

festar num avivamento, que, como diz o apóstolo Pedro, é resultado de um derramamento do Espírito de Deus. Entretanto, não devemos buscar fenômenos e experiências estranhas. O que devemos buscar é a manifestação da glória de Deus, do Seu poder e da Sua força. O que devemos buscar é avivamento. E quando ele ocorrer, será tão assombroso que coisas estranhas e incomuns podem acontecer, mas sempre saberemos que Deus está agindo entre nós, e estaremos prontos a identificar e reprimir o falso, o espúrio, e tudo o mais que pertence ao espírito maligno. Qualquer pessoa que tente forçar um fenômeno é um instrumento do diabo, e está se colocando na esfera do psíquico e do psicológico. Não, não devemos nos concentrar nestas coisas. Devemos deixar que Deus, em Sua soberana sabedoria, decida se deve conceder esses acompanhamentos ocasionais ou não. Não deveria haver dificuldade em distinguir entre a obra do Espírito e a obra de homens fanáticos, a obra destas forças e poderes invisíveis, ou a obra do próprio diabo.

Portanto, que sejamos cautelosos e não apaguemos o Espírito. Que mantenhamos nossos olhos na glória de Deus, e no derramamento do Seu Santo Espírito sobre nós.

12

Como o Avivamento Acontece

E ouvindo o povo esta má notícia, entristeceram-se, e nenhum deles pôs sobre si os seus atavios (Êxodo 33:4).

Este capítulo é um dos grandes capítulos do Velho Testamento. De qualquer ponto de vista que seja julgado e examinado, é um grande e glorioso capítulo. Certamente é um dos episódios cruciais da longa e tortuosa história dos filhos de Israel e, como nos diz o Novo Testamento, estas coisas foram escritas para nos servir de exemplo. Não há dúvida de que foi por esta razão que o Espírito Santo guiou a Igreja Primitiva, mesmo depois de se tornar essencialmente gentia, a incorporar as Escrituras do Velho Testamento com suas novas Escrituras. O Velho Testamento está repleto de ilustrações que são de grande e profundo valor para todos nós que vivemos a vida cristã, e professamos a fé cristã. É por isso que é sempre uma consumada tolice ignorar o Velho Testamento, e falhar em ver o evangelho e os princípios dos ensinos evangélicos no Velho Testamento, bem como no Novo. Os escritores do Novo Testamento constantemente referem-se ao que aconteceu aos filhos de Israel - a Igreja sob a velha dispensação.

Mas agora estou chamando sua atenção para isto em particular porque lança muita luz sobre toda esta questão que estamos estudando, de avivamento e despertamento espiritual na Igreja. Esta passagem, em muitos aspectos, é uma dessas perfeitas ilustrações do Velho Testamento, a respeito do que acontece à Igreja quando ela se encontra num período de aridez e sequidão, e então entra num período de despertamento e de avivamento. O que vamos considerar aqui é algo que tem sido repetido muitas vezes na longa história da Igreja Cristã. Pois bem, o aspecto peculiar deste relato é que ele nos capacita, talvez com maior clareza do que tudo o mais que consideramos até agora, a compreender como o avivamento acontece, o tipo de processo, o mecanismo, que pode ser visto tão claramente na vinda de um avivamento à Igreja. No entanto, quero deixar bem claro o seguinte: se por um lado estou principalmente tratando com a Igreja como um todo, e com a necessidade de avivamento na Igreja, obviamente ao mesmo

tempo é uma perfeita mensagem para o indivíduo. O que um avivamento realmente significa, é claro, é algo acontecendo ao mesmo tempo a um grupo de indivíduos. Todavia não há necessidade de esperarmos até que um avivamento aconteça para termos uma experiência individual. Assim, tudo que estaremos considerando tem uma aplicação imediata e direta a qualquer indivíduo que esteja na condição que vou descrever.

O que nos é apresentado aqui, de forma especialmente instrutiva, é que há, falando de modo geral, estágios, e passos, na vinda de um avivamento. Vocês raramente encontrarão, na história de todos os avivamentos, que a Igreja subitamente, num único passo, ou um único movimento, passou da sua condição de inércia, de um estado quase moribundo, para uma condição de poder, avivamento e influência. Não, em geral há certos passos e estágios nesse processo. E a glória deste incidente em Êxodo é que ele ajuda a trazer à luz de forma clara, e de modo anedótico, esses passos e estágios, de forma que tudo que preciso fazer é apresentar-lhes o relato. Na verdade, este texto é quase uma pregação em si. Nada poderia ser mais simples do que a exposição deste episódio na vida dos filhos de Israel.

Comecemos, então, com a posição e a condição do povo. O capítulo 33, versículos 1 a 11, dão-nos o contexto. Aqui estava um dos casos mais sérios de decadência registrado na história dos israelitas. Vocês se recordam como, quase que do momento em que foram libertados do cativeiro no Egito, eles começaram a murmurar, reclamar, e a se desviar de várias formas. Esta, porém, sem dúvida, foi a coisa mais séria que fizeram. Moisés tinha sido chamado ao topo da montanha de Deus para receber a Lei. E ali ele permaneceu por vários dias, deixando o povo sob a responsabilidade de Aarão. Entretanto, como o registro nos relata, o povo ficou impaciente. "Onde está esse Moisés?" perguntaram. "Esse homem que nos convenceu a sair do Egito, e que nos trouxe a este deserto? O que aconteceu com ele? Ele não se preocupa conosco? Onde está esse Deus de quem ele falou, que iria derramar tantas bênçãos sobre nós, e que iria nos levar a uma terra que mana leite e mel? O que aconteceu com esse sujeito Moisés?" Eles ficaram muito impacientes, e daí voltaram-se para Aarão e disseram: "Olhe aqui, estamos cansados disso. Não vamos esperar mais por ele, nem pelo Deus que ele afirma representar. Dá-nos um outro deus." Então Aarão, vocês se lembram, ordenou-lhes que trouxessem os seus brincos, ele os tomou e jogou-os no fogo, e quando o ouro derreteu, ele moldou o ouro na forma de um bezerro. A partir daí, eles passaram a adorar o bezerro de ouro, dizendo: "Estes são teus deuses, ó Israel, que te

tiraram da terra do Egito" (Êxodo 32:4). E não somente adoraram o bezerro de ouro, mas passaram à prática ostensiva de pecado, vício e maldade. Dançaram diante do ídolo, comportando-se de maneira totalmente ignominiosa. Esta é a essência do contexto. É uma história de desobediência e rebelião, a história de como eles criaram o seu próprio deus e passaram a adorá-lo. Aí, então, temos adoração falsa. O homem usurpando e conferindo a si mesmo o poder de decidir quem vai ser o seu deus, e isso, por sua vez, leva ao pecado, à imoralidade e a um comportamento vergonhoso.

Não vamos nos deter na aplicação destas coisas em detalhe. No entanto, certamente qualquer pessoa que possui sensibilidade espiritual, que tem conhecimento das Escrituras e da história da Igreja nos últimos cem anos, saberá que isto é, infelizmente, um quadro e uma representação muito real do estado da Igreja Cristã na época atual. A Igreja está repetindo isto, principalmente, é óbvio, na questão de estabelecer o seu próprio deus. E se alguém perguntasse como posso demonstrar isso, eu simplesmente chamaria a sua atenção para o que tem acontecido nos últimos cem anos, com a chamada "alta crítica" das Escrituras. Tem sido uma simples repetição desse pecado dos israelitas. O homem não tem mais aceito a revelação nem tem se submetido a ela. Ele tem se estabelecido a si mesmo como juiz da revelação, e tem determinado o que ela deve ser. Seu pecado tem sido como o estabelecimento de um bezerro de ouro. Ele tem estabelecido um novo deus. A Igreja, e estou falando especificamente da Igreja, estabeleceu-se a si mesma acima e além da Bíblia. A filosofia substituiu a revelação. E os homens não hesitam em expressar suas opiniões a respeito do Deus do Velho Testamento - ainda estão fazendo isso. Um proeminente líder da Igreja num outro país referiu-se ao Deus do Velho Testamento como um tirano em quem ele não acreditava. Há homens que se consideram pregadores cristãos neste país que dizem não crer "nesse Deus do Velho Testamento sentado no Monte Sinai proclamando Suas ameaças". Eles afirmam crer no Deus do Novo Testamento, o Deus do Senhor Jesus Cristo - como se o próprio Jesus não acreditasse no Deus do Velho Testamento!

Não há necessidade de nos demorarmos neste assunto. Não obstante, como vêem, tudo isso tem sido uma repetição deste relato em Êxodo. Os homens têm criado seu próprio deus. Têm feito o mesmo com o Senhor Jesus Cristo. Eles não crêem em milagres, portanto afirmam que os milagres não aconteceram, e que esses relatos não passam de mitos, que não se referem a fatos reais, porém representam apenas verdades espirituais. Eles negam o nascimento virginal de Cristo, os

milagres, a ressurreição literal e física, e assim por diante. Agora, tudo isso, é óbvio, é uma repetição do comportamento dos filhos de Israel. Em Êxodo, eles o fizeram de maneira muito grosseira. Eles literalmente moldaram um bezerro com o ouro dos seus brincos, e estabeleceram um deus visível. Entretanto, em princípio, realmente não há diferença. É o homem criando o seu próprio deus, decidindo e determinando como ele é, em quem deve acreditar, e no que deve acreditar. Após isso, passa a oferecer um tipo de adoração à sua própria criação. E, é claro, como invariavelmente acontece, uma vez que o homem começa a fazer isso, imediatamente temos uma decadência moral. Essas pessoas não se limitaram a fazer um bezerro de ouro e a adorá-lo; elas começaram a dançar, a beber e a pecar. Tornaram-se culpadas de flagrante imoralidade. E, naturalmente, temos testemunhado a mesma coisa. As sagazes pessoas que decidiram criar um novo deus, porque a velha religião evangélica não era ética, e não era moral nem social, essas pessoas que fizeram isso dessa forma produziram as condições morais que temos hoje. Não podemos ter moralidade sem santidade. Os períodos mais morais da história deste país têm sido os períodos que se seguiram a avivamentos e despertamentos espirituais. O que acontece com um novo deus é um declínio na ética, e um colapso da moralidade. Desse modo temos tido a mesma coisa na Igreja e no mundo. Adoração falsa, religião falsa, falsos deuses, e uma espantosa condição de perversão, pecado e vício.

E então o que acontece? Bem, lembram-se do que aconteceu com os israelitas? Deus os castigou, e Ele sempre pune o pecado. Reitero o que afirmei muitas vezes, que considero as duas guerras mundiais que tivemos neste século como o castigo de Deus pela apostasia do século passado. Não vejo outra explicação adequada. Deus puniu os israelitas de forma terrível. Moisés desceu do monte e viu a terrível condição do povo, e proclamou o seu grande desafio. Ele postou-se na porta do arraial e disse: "Quem é do Senhor, venha a mim" (32:26). E todos os filhos de Levi uniram-se a ele. Isso invariavelmente acontece em tais situações. A trombeta soa, e há uma espécie de separação. Graças a Deus que podemos ver algo assim. Há uma separação na Igreja atual, sejamos bem claros quanto a isso. Há aqueles, graças a Deus, que sempre têm protestado contra essa nova atitude para com as Escrituras. Têm havido aqueles que mantiveram a chama ardendo, que compreenderam que isso é a verdade, e nada além disso. E há um chamado hoje à separação. É a única distinção que reconheço na Igreja. Aqueles que se submetem à Palavra de Deus, à Sua revelação e ensinos, e aqueles que não se submetem. Não estou interessado em

denominações. Meu único interesse é nesta separação entre aqueles que estão "do lado do Senhor", e aqueles que adoram o seu próprio deus, as suas próprias idéias, e seus próprios pensamentos. Essa é a primeira coisa que aprendemos aqui.

No entanto - e isso nos traz ao assunto de nosso interesse imediato - Moisés intercedeu. É uma das declarações mais gloriosas encontradas nas Escrituras, oriunda dos lábios de um homem. "Assim tornou Moisés ao Senhor e disse: ora, este povo pecou pecado grande fazendo para si deuses de ouro. Agora pois perdoa o seu pecado..."; e aí ele fez uma pausa. Ele não prosseguiu imediatamente. Então continuou, depois de algum tempo: "Se não risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito" (Êxodo 32:31-32). Moisés tornou-se um intercessor. Ele tornou-se um tipo do Senhor Jesus Cristo. Tornou-se um mediador. Colocou-se entre o povo e a ira de Deus, dizendo: "Castiga-me." Ele não poderia ter carregado o castigo, é claro, era demais. Todavia, o espírito nobre de Moisés brilha fulgurante neste incidente. Mas o que estou ansioso por chamar à sua atenção é a resposta de Deus à intercessão de Moisés. E é o que temos nos primeiros três versículos do capítulo 33.

> *Disse mais o Senhor a Moisés: Vai, sobe daqui, tu e o povo que fizeste subir da terra do Egito, à terra que jurei a Abraão, a Isaque, e a Jacó, dizendo: à tua semente a darei. E enviarei um anjo diante de ti, (e lançarei fora os cananeus, e os amorreus, e os heteus, e os fereseus, e os heveus, e os jebuseus), a uma terra que mana leite e mel: porque eu não subirei no meio de ti, porquanto és povo obstinado, para que te não consuma eu no caminho.*

Agora, este é o fato significativo. A resposta de Deus a Moisés foi nestes termos: "Eu dei esta promessa a este povo, que eles iriam a essa terra de Canaã, que mana leite e mel. E, portanto, eu te digo agora, guia tu este povo, leva-o à terra da promessa. Diante do que fizeram, não subirei convosco. Tenho estado entre vós..." - a presença de Deus tinha sido representada, como lembram, pela nuvem de dia e a coluna de fogo à noite - "mas não subirei mais entre vocês. Na verdade," Deus estava dizendo, "não subirei convosco para que não os consuma. Vou enviar um anjo para guiar-vos e remover vossos inimigos de diante de vós. E assim," Deus disse a Moisés, "vai em frente. Eu te apontei como o líder, leva este povo, e entra na terra da possessão, a terra de Canaã, a terra que mana leite e mel. Eu não subirei convosco, mas enviarei um anjo que vos ajudará. Vai em frente."

Essa, então, é a situação. E o que é de tanto interesse para nós, é a reação de Moisés e da Igreja a isso. Este é sempre o primeiro estágio do avivamento. Vemos a situação em que se encontravam - seu pecado, o pronunciamento de Deus, e o julgamento de Deus sobre ele. E o primeiro estágio, o primeiro passo para o avivamento, como vemos aqui, é compreender a situação. Estas pessoas que tinham se rebelado e voltaram as costas a Deus, que tinham blasfemado Seu nome e criticado Seu servo Moisés, que tinham levado Aarão a moldar o bezerro de ouro e então o adoraram, e que tinham pecado, subitamente foram conscientizadas. De qualquer forma, compreenderam alguma coisa da situação em que se encontravam. Esta, obviamente, é uma questão de importância decisiva. Não há esperança de avivamento à parte disso. É um despertamento para a situação. É uma consciência da seriedade da situação. É uma percepção das implicações do que Deus disse: que Ele iria retirar-Se de entre nós, e que Ele o fez. A nuvem desaparece. A coluna de fogo não está mais em evidência. Deus disse que iria Se retirar, e Ele Se retirou. Os sinais visíveis e os símbolos da Sua presença se foram. E além do mais, o povo ficou consciente do Seu desagrado, os israelitas compreenderam que desagradaram a Deus.

Meus amigos, eu os desafio a ler a história de qualquer avivamento, qualquer registro que já foi escrito sobre qualquer grande movimento espiritual na história da Igreja, sem ver imediatamente que, sem exceção, isto sempre acontece. Lembram-se, no caso de Martinho Lutero, a crescente conscientização dos abusos da Igreja na Idade Média, a venda de indulgências, e outros abusos? Essa realmente foi a primeira questão que ele enfrentou. Antes mesmo de ter uma compreensão clara da doutrina da justificação pela fé, ele tomou consciência da espantosa condição da Igreja, o pecado da Igreja e sua condição vergonhosa, toda a idolatria que se havia infiltrado, que estava encobrindo a adoração do verdadeiro Deus e do Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Lutero conscientizou-se disso exatamente como estas pessoas. E este é, necessariamente, o primeiro estágio. Eu ficaria muito mais feliz se pudesse dizer com confiança que há evidência disto na Igreja hoje, falando de maneira geral. Eu daria graças a Deus se pudesse dizer que há alguma indicação de que homens e mulheres foram conscientizados e pausaram, começaram a enfrentar os fatos, e ver a verdadeira condição da Igreja Cristã. Haveria alguma evidência disso? Não há esperança de verdadeiro avivamento até que haja, pelo menos em certa medida. Este é o primeiro passo.

Poderia ousar dizer que não vejo muito disso nem mesmo no setor evangélico da Igreja? O perigo particular que enfrentamos, é claro, é

nos segregarmos em mente e pensamento, e então nos ocuparmos com nossas reuniões anuais, nossos aniversários, e os relatórios do que temos feito, nossas campanhas de verão, campanhas de inverno, e tudo isso... e é tudo tão maravilhoso e admirável. E parece que não compreendemos que algo está errado. Mas a forma de testar a situação da Igreja não é por compará-la e contrastá-la com o que está evidente e obviamente errado. A forma de testar a condição da Igreja é examiná-la à luz do quadro que o Novo Testamento apresenta da Igreja; ou examinar a Igreja à luz do que ela tem sido em cada grande período de reforma e de avivamento, períodos em que a presença de Deus está em seu meio, com grandes manifestações espirituais de Sua presença e de Sua glória. E pergunto-me: como se parece a Igreja ao comparar-se com isso, ao avaliar-se em termos de espiritualidade, em termos de seu conhecimento de Deus - até mesmo o setor evangélico. Não um conhecimento *sobre* Ele, e sim um conhecimento *dEle*, através de experiências diretas com Ele, e de Sua presença, as coisas que passaremos a considerar à medida que continuamos estes estudos.

Vocês estão satisfeitos com a condição da Igreja? Estão satisfeitos com sua própria condição? Vocês crêem na verdade, são evangélicos, não são liberais em sua teologia. Tudo isso é bom, mas seria suficiente? Qual é realmente nossa condição espiritual? O que sentimos quando lemos as experiências dos apóstolos, do apóstolo Paulo e dos outros? Podemos dizer sinceramente, com ele, que estamos numa condição de tensão, dizendo: "Para o conhecer e o poder da ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos... Não que eu o tenha já recebido... esquecendo-me das coisas que para trás ficam... prossigo para o alvo..." (Filipenses 3:10-14, Atualizada). Vocês sentem a tensão, a preocupação, a distenção, a pressão para prosseguir? Quanto conhecemos de tudo isso? Podemos dizer, sinceramente, que nos regozijamos no Senhor Jesus Cristo com "alegria indizível e cheia de glória"? Podemos dizer, com o apóstolo Paulo, que para nós o viver é Cristo e o morrer é ganho? Para que possamos estar com Cristo, o que é infinitamente melhor? Como vocês se sentem quando consideram a morte? Como se sentem quando ficam doentes, de cama, e começam a pensar na possibilidade de que vão morrer? Ora, estas são as formas em que devemos testar a nós mesmos. Não há esperança de verdadeira intercessão e oração por avivamento a não ser que compreendamos que há uma necessidade. Tudo está bem conosco? Podemos estar satisfeitos? Podemos nos recostar, cruzar os braços, e dizer: "As coisas estão indo maravilhosamente bem, basta ver os relatórios"? Somos como os israelitas neste ponto, ou somos como os de Laodicéia,

dizendo que somos ricos, que temos abundância, que tudo está bem conosco, falhando em compreender que somos pobres, miseráveis e cegos?

Que Deus nos dê a graça de nos examinarmos a nós mesmos, e de sermos sinceros. Compreendemos a diferença entre nós e a Igreja como está representada no Novo Testamento? Compreendemos que o desagrado de Deus está sobre a Igreja? Por que tem havido um intervalo tão grande desde a última vez que Deus desceu sobre o Seu povo num avivamento? Por que um intervalo tão incrivelmente longo? Por que as coisas estão nesta situação? Por que a Igreja está tendo uma influência tão medíocre? Por que é tão ineficaz? Por que é que homens e mulheres estão vivendo em pecado, como estão, e as coisas estão indo de mal a pior? Meus caros amigos, o primeiro passo é que vocês e eu precisamos compreender estas coisas. Precisamos ser despertados por elas, começar a pensar nelas, nos preocupar com elas, e ter uma consciência profunda da situação atual.

Entretanto, é claro, isso não é tudo. Isso não tem valor em si. Devemos prosseguir para o segundo estágio, o qual é mencionado no versículo 4 do capítulo 33. "Ouvindo o povo estas más notícias, pôs-se a prantear, e nenhum deles vestiu seus atavios." Aqui está o passo seguinte - arrependimento. Ora, é óbvio que não pode haver arrependimento a não ser que enfrentem os fatos. Contudo, uma vez que os enfrentarem, a pergunta é: vocês prosseguem para o arrependimento? Os fatos podem ser enfrentados de uma forma superficial que não tem nenhum valor. Não seria isso, realmente, a diferença entre arrependimento e remorso? O homem que sofre de remorso é um homem que, de certa forma, contempla os fatos mas não gasta muito tempo com eles. "Ah," ele diz, "eu fui um tolo, eu não devia ter feito isso, e agora estou sofrendo porque o fiz." Então esquece a questão e vai em frente. Isso é remorso, e não tem valor. Arrependimento é algo muitíssimo mais profundo. O apóstolo Paulo expressou-o de uma vez por todas no capítulo 7 de sua Segunda Carta aos Coríntios, onde ele faz a sua clássica declaração sobre o significado do arrependimento:

> *Porquanto, ainda que vos contristei com a minha carta, não me arrependo, embora já me tivesse arrependido por ver que aquela carta vos contristou, ainda que por pouco tempo. Agora folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus; de maneira que por nós não padecestes dano em coisa alguma. Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação,*

da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte. Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós, que segundo Deus fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo mostrastes estar puros neste negócio (II Cor. 7:8-11).

Essa é uma definição perfeita de verdadeiro arrependimento. Mas agora considerem-no no caso destes filhos de Israel, em que é ilustrado com tanta perfeição. Arrependimento não significa apenas que vocês são despertados, que tomam consciência de que as coisas não são como deveriam, e que algo está errado. Não, vocês prosseguem para a compreensão da seriedade do que está errado, e das suas horríveis características. Os filhos de Israel desprezaram-se a si mesmos por isso. Isso é o que Paulo está dizendo a respeito dos coríntios: "Vocês não se limitaram a uma olhada superficial: vocês examinaram-se a si mesmos. Vocês se castigaram, odiaram-se, e até vingaram-se de si mesmos." E isso é uma parte essencial do arrependimento. Um homem desperta para a seriedade do erro que cometeu. Estas pessoas estão dizendo: "Nós voltamos as nossas costas a Deus. Fizemos este deus, este bezerro de ouro, e o adoramos, e pecamos. Trouxemos desgraça sobre nós. Ali estávamos, em nossa nudez, dançando diante de um mero ídolo, criado por nossas próprias mãos." Eles compreenderam, e odiaram o que tinham feito, o abominaram e condenaram-se a si mesmos inteiramente. Ah, mas ainda mais importante do que isso, eles compreenderam a seriedade do seu pecado aos olhos de Deus. Disseram: "Se isso parece tão horrível aos nossos olhos, agora que recobramos o juízo, como não deve parecer aos olhos de Deus?"

O filho pródigo sabia disso, não sabia? Ele pensou que era maravilhoso, até que se encontrou nos campos com os porcos. Ele caiu em si. E a primeira coisa que lhe aconteceu foi que se viu a si mesmo e compreendeu como tinha sido tolo. E odiou-se a si mesmo e se condenou. Então pensou no seu pai: "Se eu o vejo desta forma, como não deve ter sido para o meu pai quando eu, na minha arrogância, pedi que ele me desse minha parte da herança, e saí de casa? Desprezei tudo que ele e o lar representavam para mim. Se é assim para mim, como será para ele? Como posso voltar e encará-lo? Oh, como ele deve ter sofrido!" Por acaso consideramos o que é o nosso pecado aos olhos de Deus? Sei que a compreensão do pecado é incômoda, e queremos superá-la rapidamente, por isso pedimos Seu perdão. Acaso passamos pelo estágio de considerar e compreender o que nosso pecado deve ser para Deus? Que nós, Suas criaturas, Seu povo, por quem Ele tudo fez,

possamos voltar as costas a Ele, e em nossa insensatez e em nosso egoísmo, fazer os nossos próprios deuses e seguir em nosso próprio caminho? Oh, voltem a ler as histórias dos avivamentos novamente. Observem os indivíduos no princípio. Esta é, invariavelmente, a primeira coisa que lhes acontece. Eles começam a ver como o pecado é terrível e pavoroso aos olhos de Deus. Até mesmo esquecem, temporariamente, a condição da Igreja, e esquecem a sua própria angústia. É a idéia do pecado aos olhos de Deus. Como deve ser terrível! Em todos os avivamentos houve indivíduos que, especialmente no começo, tiveram tais visões da santidade de Deus, e da vileza do pecado, que mal sabiam o que fazer consigo mesmos. Alguns o sentiram de forma tão aguda que até mesmo desfaleceram fisicamente, como vimos. Isso não importa. O que importa é a compreensão do que é o pecado na presença de Deus.

Outra coisa ainda, o que tais pessoas subitamente vieram a compreender foi que, por causa do seu pecado, e por causa da perspectiva de Deus em relação ao pecado, Deus estava retirando Sua presença do meio deles, e lhes estava dizendo que subissem à terra de Canaã sem Ele. Ele enviaria um anjo para ir com eles, mas Ele mesmo não iria. O Deus que tinha vindo habitar com eles, por assim dizer, no Egito, o Deus cujo poder eles sentiram ao viajarem em direção ao Mar Vermelho, o Deus que esteve com eles ali entre as montanhas de Pi-Hairote e Baal-Zefom, uma de cada lado, e os exércitos de faraó atrás deles, e o Mar Vermelho à frente, o Deus que tinha descido e dividido o mar; esta poderosa presença, este santo, glorioso Deus - Ele não estaria mais com eles. Isso os encheu de desalento. Foi este o fator que os alarmou e os levou a prantear. "E ouvindo o povo esta má notícia..." - e essa era a má notícia. "Eu não subirei no meio de ti, porquanto és povo obstinado, para que te não consuma eu no caminho." O que os perturbou não era a ameaça de serem consumidos, e sim que Deus tinha dito: "Não irei convosco. Deverão subir sozinhos. Enviarei um anjo, porém Eu não irei."

Oh, isto é uma coisa tremenda, este é o centro de toda a questão. Homens e mulheres, quando verdadeiramente são despertados, começam a compreender que não há nada mais sério do que estar sem a presença de Deus. Vocês captam isso em sua totalidade? Deus os estava enviando à terra prometida. Deus estava dizendo: "Prossegui. Prometi-vos a terra de Canaã, e vos será dada. Ireis à terra que mana leite e mel. E enviarei meu anjo diante de vós para destruir vossos inimigos os amorreus, os heteus, e os demais. Ide em frente, subi para a vossa terra prometida. Eu vos libertei do cativeiro do Egito, e vos

estou enviando. Prossegui. Moisés, lidera-os. Eu enviarei um anjo convosco."

Entretanto o povo disse: "Não. Se tu não fores conosco, não queremos ir."

Agora, essa é a essência da compreensão espiritual. E essa é a posição à qual vocês e eu devemos chegar. Ali estava o povo, que, subitamente despertado, chegou a esta tremenda, profunda compreensão de que todas as demais bênçãos não têm nenhum valor se Deus não está presente. Qual é o valor de Canaã? Qual é o valor de leite e mel? Qual é o valor de se ter possessões, se Deus não está presente? Eles compreenderam que a presença de Deus, que ter Sua companhia e andar em comunhão com Ele, era infinitamente mais importante do que tudo o mais.

Precisaria fazer a aplicação deste episódio à Igreja atual? Podemos ter vitória sobre nossos inimigos sem esta grande compreensão da presença de Deus entre nós. Oh, sim, há anjos que podem fazer isso por nós, que podem destruir alguns dos nossos inimigos e nos levar à terra prometida. Estamos em Canaã, temos o leite e o mel, tudo parece estar indo muito bem. Há um versículo alarmante no Salmo 106, onde lemos, a respeito dos filhos de Israel: "Satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar as suas almas." Vocês podem ter uma aparência externa de prosperidade e afluência, a Igreja pode parecer estar indo extraordinariamente bem, as finanças estão em condições, sucessos, conversões, o inimigo derrotado, tudo está indo bem, dizem os jornais cristãos. Tudo parece maravilhoso. Contudo, a temível pergunta que quero fazer é esta: Deus está presente? Ele realmente está entre nós? Estamos conscientes, como deveríamos estar, de Sua gloriosa presença? Foi isso que afetou este povo. E o que disseram, com efeito, foi: "Canaã não nos interessa, leite e mel não têm valor para nós, não estamos interessados nesses inimigos. O que queremos é Tua presença."

"Oh," clama o salmista, "é por ti que eu clamo. Como o servo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus"! (Salmo 42:1). Ele não está em busca de bênçãos, ele busca a Deus, o Deus vivo.

Sim, diz Paulo, tenho sido um evangelista bem sucedido. Tenho feito tanto, mas, oh, não estou satisfeito - "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos."

"Não," disse o povo de Israel, "não podemos prosseguir sem Ti. A presença de Deus é essencial." Eles compreenderam que nenhuma prosperidade externa, nenhum tipo de sucesso, pode compensar pela ausência de Deus. "Que aproveita ao homem se ganhar o mundo

inteiro, todavia perder a sua alma?"

Amados irmãos, não estou lhes perguntando se vocês vivem uma vida boa e correta. Não estou lhes perguntando se são felizes. Não estou lhes perguntando se lêem as suas Bíblias, ou se oram. Não estou lhes perguntando se são ativos no trabalho da Igreja, ou se estão envolvidos em algum outro tipo de atividade cristã. O que estou lhes perguntando é isto - vocês conhecem a Deus? Ele está com vocês? Está presente em suas vidas? Ele está presente em seu meio? Ou vocês estão prosseguindo com Deus à distância, dando-lhes força e poder através do Seu anjo, e do Seu líder? Mas a questão é: como está seu relacionamento pessoal, a sua comunicação pessoal com Deus? Os israelitas se arrependeram. E o propósito do arrependimento, o objetivo final do arrependimento, é justamente esse, compreender que nada importa exceto meu relacionamento com Deus. "Que nenhum prazer, que nenhuma dor, me separe de Ti, ó Senhor." Eles não somente enfrentaram a situação, eles se arrependeram.

Ademais - e como são perfeitas as Escrituras! - eles deram prova absoluta do seu arrependimento. E esta é outra diferença entre remorso e arrependimento, pois arrependimento não é apenas um sentimento temporário, passageiro; arrependimento é algo tão profundo que afeta a vontade do homem. Como o apóstolo novamente o expressa na Segunda Carta aos Coríntios, capítulo 7, ele conduz à ação. "Vocês corrigiram a situação," Paulo disse, "vocês fizeram algo a respeito." E uma pessoa só experimentou arrependimento real quando pôs em prática o que sentiu que devia fazer. Ora, este povo fez isso, pois lemos:

> *E ouvindo o povo esta má notícia, entristeceram-se, e nenhum deles pôs sobre si os seus atavios. Porquanto o Senhor tinha dito a Moisés: dize aos filhos de Israel: povo obstinado és; se um momento subir no meio de ti, te consumirei; porém agora tira de ti os teus atavios, para que eu saiba o que te hei de fazer. Então os filhos de Israel se despojaram dos seus atavios, ao pé do monte de Horebe.*

E não nos arrependemos verdadeiramente até que tenhamos feito isso, em qualquer forma ou maneira que se aplique a nós. Significa que, uma vez que chegamos à profunda compreensão da nossa pecaminosidade, especialmente aos olhos de Deus, nosso único desejo agora é fazer tudo que podemos que é agradável aos Seus olhos. Isso significa abandonar o pecado, e praticar os Seus mandamentos: "Tira de ti os teus atavios" - e os filhos de Israel tiraram os seus atavios. Sim,

foram esses adornos que os haviam levado à queda. Eram semelhantes aos objetos dos quais o bezerro de ouro fora feito. E a simples lembrança lhes era odiosa. E Deus disse: "Despojem-se deles." E eles o fizeram.

Basta que leiam biografias cristãs e a história dos avivamentos para compreenderem exatamente o que estou dizendo. Sempre existe este despojamento. Homens e mulheres estão conscientes de que fizeram coisas que não deviam ter feito. Talvez coisas não muito prejudiciais em si mesmas, mas coisas que se colocam entre eles e Deus, e portanto devem ser postas de lado. Os adornos desaparecem. Eles se despojam. E então entregam-se a Deus numa nova consagração, numa nova dedicação. Esta, reitero, é a essência do arrependimento. Todavia compreendemos que devemos agir. Devemos tomar certos passos. Não é minha responsabilidade dizer-lhes quais devem ser esses passos, pois se o fizer estarei falando com alguns e não com outros. Entretanto cada um de nós precisa despojar-se de alguma coisa. Cada um de nós, sem exceção. Não adianta simplesmente mencionar o fumo, ou a bebida, ou isso ou aquilo; há algo na vida de cada pessoa - um adorno ou atavio - que deve ser abandonado. Quando os homens compreendem sua pecaminosidade, e compreendem que a condição da Igreja é resultado do fato de que eles são tão pecaminosos, e o que isso significa aos olhos de Deus, verdadeiro arrependimento levará cada um deles a esse exame. E então cada um verá certas coisas, e as abandonará com presteza e regozijo. "Então... se despojaram dos seus atavios."

Isso, obviamente, não é tudo. Estes são apenas os primeiros passos, é o começo, a súbita compreensão de que algo está errado, profundamente errado, e que o chamado é um chamado a uma tristeza santa, uma profunda e íntima obra de arrependimento. Vocês estão felizes consigo mesmos? Estão felizes com a condição da Igreja? Tudo está indo bem? Podemos prosseguir tranqüilos? Reuniões, cultos, atividades - maravilhoso! Será mesmo? Onde está o conhecimento de Deus? Sua presença está em seu meio? Ele está presente em nossa vida? Qual é nosso relacionamento com Ele? Enfrentem essa questão, e ela os levará a esta tristeza santa e ao arrependimento, que então se manifestará de forma prática. Que Deus tenha misericórdia de nós, que abra os nossos olhos à situação, e nos dê mentes sinceras e honestas, e verdade em nosso íntimo.

13

Oração e Avivamento

E tomou Moisés a tenda, e a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação: e aconteceu que todo aquele que buscava o Senhor saiu à tenda da congregação, que estava fora do arraial. E aconteceu que, saindo Moisés à tenda, todo o povo se levantava, e cada um ficou em pé à porta da sua tenda; e olhavam para Moisés pelas costas, até ele entrar na tenda. E aconteceu que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem e punha-se à porta da tenda: e o Senhor falava com Moisés. E, vendo todo o povo a coluna de nuvem que estava à porta da tenda, todo o povo se levantou, e inclinaram-se cada um à porta da sua tenda. E falava o Senhor a Moisés cara a cara, como qualquer fala com o seu amigo: depois tornou ao arraial: mas o seu servidor Josué, filho de Num, mancebo, nunca se apartava do meio da tenda (Êxodo 33:7-11).

O último capítulo terminou mostrando-nos os filhos de Israel expressando verdadeiro arrependimento por sua pecaminosidade, e ansiando que Deus voltasse a habitar em seu meio. Vamos prosseguir daqui, pois esse é apenas o ponto preliminar. E nos capacita agora a passar para a próxima parte desta questão que estamos examinando juntos. Aqui somos lembrados de algo que é muito importante em conexão com todo este assunto. Há passos e estágios definidos neste processo de avivamento. Vocês nunca verão um caso, não importa que histórias leiam, em que a Igreja subitamente passa de um estado de pecado ou fracasso flagrante a um de poderoso avivamento. Não, há passos intermediários, e é importante que saibamos quais são, para que possamos reconhecê-los quando surgirem, se for a vontade graciosa de Deus que Ele tenha misericórdia de nós e nos avive novamente.

Por conseguinte, o próximo passo é este de oração e intercessão. Mas estou particularmente ansioso por enfatizar que de muitas formas a lição deste capítulo é que há passos e estágios até mesmo nisso. O primeiro estágio vai do versículo 7 ao versículo 11 do capítulo 33. Então há um segundo estágio, que vai do versículo 12 ao versículo 17. E depois há um terceiro estágio, o mais alto de todos, que encontramos

do versículo 18 ao fim do capítulo, no versículo 23.

Recomendo que estudem cuidadosamente estes trechos e estágios, pois aqui, eu creio, realmente somos levados ao centro nervoso de toda esta questão de avivamento. A confusão que existe na mente de tantas pessoas é muitas vezes devido ao fato que elas nunca compreenderam a possibilidade destes três estágios. Elas excluíram totalmente a noção de avivamento de seus pensamentos e de sua doutrina do Espírito Santo. Não deixaram lugar para um derramamento do Espírito Santo. Sua falta de compreensão da doutrina do batismo do Espírito Santo é tal que não deixam lugar para avivamento, ou para o extraordinário, que é, naturalmente, a grande característica do avivamento.

Ora os filhos de Israel foram interrompidos. Eles foram conscientizados. Tiveram essa súbita compreensão de sua pecaminosidade, e arrependeram-se. Mas isso não é suficiente, algo acontece além disso. Então, vamos examinar este primeiro estágio da oração. E começamos com o versículo 7, em que lemos: "E tomou Moisés a tenda, e a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação: e aconteceu que todo aquele que buscava o Senhor saiu à tenda da congregação, que estava fora do arraial" (Êxodo 33:7). Aqui está um ensino profundo. Mas é preciso esclarecer o que era esta tenda da congregação mencionada aqui. Não se trata do tabernáculo que viria a ser construído de acordo com as especificações dadas por Deus a Moisés no monte, o precursor do templo, sobre o qual tanto lemos nos livros do Velho Testamento. Esse viria mais tarde. Esta tenda da congregação era uma tenda que Moisés tinha feito e levantado no meio da congregação, no meio do acampamento de Israel, onde ele e outros oravam, uma "tenda de reunião" onde as pessoas podiam se reunir para encontrar com Deus. A tenda de reunião - quero me deter por um momento nisso, porque é um termo tão significativo e maravilhoso. Os antigos não-conformistas em geral referiam-se aos seus lugares de adoração como casas de reunião, e é um termo antigo e muito bom. É um lugar, não tanto para que as pessoas se encontrem, embora isto esteja incluído, mas o significado essencial é este - era o lugar onde se reuniam para encontrar com Deus. Que Deus conceda que, em nossas mentes e em nossos pensamentos, nossas igrejas tornem-se mais e mais casas de reunião, que, ao nos reunirmos ali, domingo após domingo, possamos dizer: "Vamos nos encontrar com Deus." A casa de reunião, o lugar de reunião.

É importante que compreendamos que Moisés foi obviamente dirigido a tomar este curso de ação. Ele tirou essa tenda do meio do

acampamento e a colocou fora do arraial, longe do acampamento. E neste ponto há várias coisas em que devemos nos deter. A primeira, é claro, é que este foi um curso de ação tomado por Moisés, somente por Moisés. E devo demorar aqui, porque vocês descobrirão, ao lerem a história dos movimentos do Espírito na longa história da Igreja Cristã, que em geral a primeira coisa que acontece, e que afinal leva a um grande avivamento, é que um homem, ou um grupo de homens, subitamente começou a sentir este fardo, e senti-lo de tal forma que é levado a fazer alguma coisa a respeito. Considerem a história. Considerem a Reforma Protestante, aquele grande movimento, de onde foi que se originou? Como foi que se originou? Sei que houve precursores - Wycliffe, John Huss e outros - mas o fato realmente começou a acontecer quando *um* homem, Martinho Lutero, um monge muito comum, subitamente tomou consciência deste fardo. E o fardo era tão pesado que levou-o a fazer algo a respeito. Apenas *um* homem, e através desse homem, Deus enviou aquele poderoso movimento à Igreja.

A mesma coisa poderia ser ilustrada fartamente pela história de outros avivamentos. Leiam novamente a história do avivamento na Irlanda do Norte, há cem anos atrás, aquele grande movimento que resultou não somente em tantas conversões, porém que também restaurou vida à Igreja Presbiteriana e outras igrejas da Irlanda do Norte, e transformou a situação do país. Também teve o mesmo resultado no País de Gales, e nos Estados Unidos da América ao mesmo tempo. Agora, vocês verão que, em todos estes casos, o movimento começou com apenas *um* homem. Considerem, por exemplo, o homem que começou as reuniões de oração na Rua Fulton na cidade de Nova Iorque, em 1857, um homem muito comum, mas que sentiu este fardo, e fez algo a respeito. O avivamento na Irlanda do Norte começou com apenas *um* homem, James McQuilkin. E o mesmo aconteceu no País de Gales, com apenas *um* homem, chamado Humphrey Jones, que, sentindo o poder do avivamento na América, sentiu um fardo por seu próprio país, cruzou o Atlântico de volta ao País de Gales, e começou a contar ao povo a respeito daquilo. Eu enfatizo isso por uma razão apenas, que isto é o que gosto de chamar de o elemento "romântico" da vida cristã e da história da Igreja. Isso para mim é glorioso. Não ouso passar superficialmente por um ponto como este porque alguém lendo este livro, a quem não conheço, pode ser a pessoa que Deus vai usar. E esse tipo de coisa só pode acontecer na Igreja Cristã. Não acontece no mundo. O mundo olha para os grandes líderes e para grandes homens, mas Deus, como o apóstolo

Paulo diz na Primeira Carta aos Coríntios, está constantemente confundindo o que é sábio por usar o que é louco. Ele aniquila as coisas que são, usando as que não são. Pode ser qualquer pessoa. Não há regras nesta questão. Não é necessário que seja um grande líder, como aconteceu com Moisés nesta ocasião. Vocês podem notar que insignificantes profetas foram escolhidos vez após vez e usados por Deus. E assim tem sido na longa história da Igreja Cristã. Quem imaginaria que um Salvador viria de Nazaré? Pode alguma coisa boa, dizia o antigo provérbio, sair de Nazaré? Essa é a maneira do mundo pensar. No entanto, foi de Nazaré que veio o Salvador do mundo. Então, que compreendamos isso, e abandonemos esse deplorável hábito moderno que parece ter se apossado da Igreja Cristã, e que faz com que membros comuns da igreja pensem que não podem fazer coisa alguma, que devem sentar atrás nas grandes reuniões, e que duas ou três pessoas vão fazer tudo. Não, o ensino bíblico é exatamente o contrário, pode ser *você* que Deus vai usar. Você é um membro desconhecido da igreja. Não importa. Nas mãos de Deus, você pode ser o instrumento.

Pois bem, um homem, ou um grupo de homens pode começar a sentir o fardo. Portanto, tenho o direito de perguntar, vocês têm sentido o fardo? E se não sentiram, qual é a razão? Vocês estão preocupados com a situação? Têm um zelo pela glória de Deus? Entristece-os ver a Igreja na situação em que está? Se não, por que não? Se este é um fardo que pode vir a qualquer pessoa, por que não veio sobre vocês? Vou deixar a questão de lado, mas lembrem-se que pode ser a ação de apenas *um* homem. E agora vamos observar este ato de Moisés, porque é muito significativo.

Moisés tomou esta tenda, que tinha estado, previamente, no meio do acampamento, e a armou "fora do arraial", longe do acampamento. Aqui, também, está algo que devemos enfatizar, porque é um desses pontos que invariavelmente encontramos na história dos avivamentos. É um ponto que pode ser mal compreendido, porém o fato de que certas pessoas tolas o compreenderem mal não significa que não seja verdade e que não deva ser enfatizado. O que é, então? Bem, aqui Moisés estabelece um lugar de oração e intercessão. Ele estava feliz que o povo tinha se arrependido, mas, mesmo assim, isso não bastava. A presença de Deus tinha se retirado. A coluna de nuvem desaparecera, e Deus tinha declarado que não os acompanharia. É claro que devemos nos arrepender, entretanto, como vimos, isso não é tudo. Moisés estava ansioso que a presença de Deus retornasse. Assim ele estabeleceu este lugar de oração.

Agora observem a maneira como isso foi feito. Não parece ter sido

objeto de organização elaborada. Ele não fez nenhuma declaração, não fez um discurso nem pregou ao povo. Sentindo o fardo, ele também sentiu que não poderia interceder ali onde estava, no meio do acampamento, assim ele colocou a tenda fora do acampamento, e ela estava aberta a qualquer pessoa que sentisse o fardo. Notem como isso é enfatizado: "E aconteceu que todo aquele que buscava o Senhor saiu à tenda da congregação, que estava fora do arraial." Uma ação aparentemente discreta. A busca foi feita silenciosamente, sem alarido de trombetas, sem grandes declarações, mas simplesmente esta ação; sentindo a necessidade de intercessão; sentindo a necessidade de uma ação incomum. Ele mesmo queria fazer isso, e deixou claro que qualquer pessoa que sentisse o mesmo podia unir-se a ele nesta ação. Isso é tudo que nos é dito a respeito.

E vocês encontrarão exatamente o mesmo na história de todos esses avivamentos. James McQuilkin começou a falar com dois outros, e eles compreenderam a situação, e esses três homens reuniram-se, sozinhos, numa pequena sala de escola numa localidade rural. Tive o privilégio de visitá-la quando estive na Irlanda do Norte. Tive que fazer um esforço especial para isso, mas gosto de ver lugares assim. Eles nem sequer se reuniram em sua vila de Connor ou Kells; foram a esta solitária escolinha fora da vila, onde, em paz e quietude, podiam orar a Deus e interceder em favor das pessoas que moravam nas vilas e do povo que habitava nas áreas vizinhas. Sentiram esse chamado à oração.

Meus irmãos, isso é o que está sendo enfatizado neste ponto. Gosto da maneira que o texto foi escrito: "E aconteceu que todo aquele que buscava o Senhor..." Nem todos foram à tenda, mas havia indivíduos que começaram a sentir a mesma coisa que Moisés estava sentindo, e disseram: "Moisés está indo lá para orar sozinho; bem, vamos lá também. Vamos nos unir a ele." E assim foram, um a um. Não, não foi um grande movimento organizado, nenhum anúncio foi feito de que isso iria acontecer numa determinada hora, e de certa forma. Avivamentos nunca aconteceram assim, e isso é algo que quase me alarma a respeito do estado da Igreja Cristã nesta época atual. Sempre temos que começar com nossa organização. Nossa primeira decisão é estabelecer uma comissão, depois fazer propaganda, e tudo é feito de forma grandiosa e organizada. É exatamente o oposto do que encontramos nas Escrituras. Tem sido sempre exatamente o oposto nos registros dos avivamentos na longa história da Igreja Cristã. Creiam-me, meus amigos, quando o próximo avivamento vier, virá como uma surpresa para todos, e especialmente para aqueles que têm tentado

organizá-lo. Acontecerá desta forma discreta. Homens e mulheres saindo para um lugar à parte, silenciosamente, para orar porque sentem o fardo, porque é mais forte que eles, porque não podem continuar vivendo sem isso. Querem unir-se com outros que estão sentindo a mesma coisa, e estão clamando a Deus. Eles levantam uma tenda.

O ponto seguinte é que Moisés levantou a tenda fora do arraial - longe do acampamento. Agora este é um ponto em que me arrisco a ser mal compreendido, porém está aqui, e faz parte do ensino. Invariavelmente, na história de cada avivamento, há este ato de se retirar. Não nos esqueçamos que o acampamento de Israel era a Igreja de Deus daquele período. No Velho Testamento a nação de Israel era a Igreja no deserto. Estamos falando da Igreja, e no entanto vêem o que Moisés fez? Ele tirou a tenda do meio da Igreja, por assim dizer, e a colocou do lado de fora, longe do acampamento. Nenhum avivamento, na longa história da Igreja, foi um movimento oficial dentro da Igreja. Esta é uma declaração ousada, não é mesmo? Mas vou repeti-la. Nenhum avivamento experimentado pela Igreja foi um movimento oficial. Leiam a respeito dos grandes precursores da Reforma Protestante, homens aos quais já me referi - Wycliffe, John Huss e outros. Sempre foi não oficial, e os oficiais sempre se opuseram a ele. Foi o mesmo com Martinho Lutero. Nada aconteceu em Roma. Não - aconteceu com um humilde monge em sua cela. E assim tem sido sempre.

Até mesmo depois da reforma da Igreja da Inglaterra neste país, houve homens que começaram a se sentir insatisfeitos, começaram a seguir este padrão, e a fazer a mesma coisa. Essa foi a origem do puritanismo. E vocês provavelmente estão familiarizados com a história do metodismo e seus vários aspectos. Como foi que começou, há duzentos anos atrás? Começou exatamente da mesma forma, com os irmãos Wesley, Whitefield e outros, que eram membros da Igreja da Inglaterra. Eles não começaram a fazer algo dentro da Igreja da Inglaterra, porém formaram o que chamavam o seu "Clube Santo", fora do acampamento. Reuniram-se privadamente, apenas um grupo de pessoas. Por algum tempo ninguém mais ficou sabendo o que estava acontecendo, mas eles continuaram se reunindo porque sentiam-se unidos pela mesma coisa. Era não oficial, algo "de fora". Este foi o começo do metodismo, tanto o calvinista como o arminiano. Exatamente o mesmo aconteceu na história dos "Plymouth Brethren", como passaram a ser chamados mais tarde. Nos primeiros estágios, contudo, foi apenas uma reunião de pessoas com a mesma visão, preocupadas com a Igreja.

Isto, portanto, é algo que precisamos observar cuidadosamente.

"Você está propondo," alguém perguntará, "estabelecer uma nova denominação?" Essa seria a última coisa sugerida neste ensino. Isso o faria oficial, o tornaria num movimento, significaria que estabelecemos a nossa organização, e é exatamente o oposto do que estou dizendo. O que estou dizendo é que quando Deus começa a mover em Sua Igreja, e quando Ele está preparando o caminho para avivamento, esta parece ser a forma em que Ele sempre o faz. Ele coloca este fardo sobre certas pessoas, que são chamadas à parte, e que se reúnem, discretamente, sem propaganda nem estardalhaço, porque estão conscientes deste fardo.

Aqui novamente está algo que a mim me parece muito consternador nesta época atual, porque a palavra em voga, nestes dias, é patrocínio. Até mesmo cristãos evangélicos, pessoas de visão espiritual, quando sentem que Deus as está guiando a fazer algo, querem um bom patrocínio e realmente não estão muito interessadas em saber quem é o patrocinador. Querem o patrocínio da igreja oficial, o patrocínio de homens que nem sequer são evangélicos, e querem ir às grandes catedrais para agradar seus patrocinadores. Não houve patrocínio aqui nesta história, e em períodos de verdadeiro despertamento e avivamento espiritual os homens que mais são usados por Deus nunca estão preocupados com patrocínio. Seus olhos estão concentrados no Deus vivo. Naturalmente, se vocês quiserem fazer algo de forma mundana, então terão que fazer propaganda, e terão que usar grandes nomes, de forma que, se decidirem ter uma reunião numa cidade, então quererão a presença do prefeito da cidade, mesmo que ele não seja um cristão professo. Ou então, não importa que o governador do estado não seja cristão, a reunião tem que ser patrocinada por ele, assim o povo será atraído e será um grande evento. Tudo isso é o oposto exato desta ação de Moisés e de outros como ele. Porque quando você busca a Deus e ao Seu inigualável poder, você não precisa do patrocínio de homens. O patrocínio que deve lhe interessar é o patrocínio do Espírito Santo. O apóstolo Paulo foi a Corinto, e o que ele fez? Não enviou os seus agentes para preparar as coisas, para que tudo estivesse pronto e para organizar uma grande reunião pública. Não, "...em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não constitui em palavras persuasivas de sabedoria humana..." (I Coríntios 2:3-4). Qual era a sua preocupação? Oh, a "demonstração do Espírito e de poder." Ele não ousaria ir sem o Espírito. Por outro lado, tendo o Espírito, que são homens, qual é sua influência? Patrocínio? Não há tal coisa na Bíblia, nem na história da Igreja em seus períodos de poder, em todas as reformas e avivamentos. Não, indivíduos simplesmente

saíram para um lugar à parte, reunindo-se porque estavam experimentando a pressão do mesmo fardo.

Tendo refletido nisso, há um outro elemento que eu devo enfatizar. É óbvio que, ao colocar a tenda fora do arraial, Moisés tinha outro motivo, e um motivo muito importante. É esta idéia de consagração. Moisés sentia que isso não podia ser feito no meio do acampamento. O acampamento havia se tornado impuro, e deliberadamente ele removeu a tenda para longe do arraial. Foi uma ação muito deliberada. Ao fazer isso, ele estava com efeito dizendo: "Precisamos fazer isto à maneira de Deus, devemos sair do meio da impureza, e desta atmosfera pecaminosa. Devemos nos reunir aqui (fora do arraial)." Sim, isso é consagração. Isso é, se preferirem, o chamado à santidade. E novamente, estou sugerindo que a história de cada avivamento realça este mesmo fator exatamente do mesmo modo. O que foi que aconteceu com esses homens a quem Deus usou? Considerem qualquer um deles, e vocês verão que, quase invariavelmente, sua preocupação primordial nem sequer era a condição da Igreja, e sim o estado de suas próprias almas. Era a santidade de Deus. Já me referi àquele pequeno movimento que começou em Oxford há duzentos anos atrás - e vocês observaram o nome que lhe foi dado? Chamaram-no o Clube Santo. Que aconteceu com eles? O que aconteceu com os irmãos Wesley, com Whitefield e os outros que se reuniam com eles? Foi apenas isto - eles disseram: "Sim, a Igreja Cristã ainda é a Igreja Cristã, todavia ela é muito indigna e pecaminosa. As pessoas não estão prestando atenção aos mandamentos de Deus e à vida cristã como é apresentada no Novo Testamento. Isto está errado, precisamos nos dedicar à santidade, precisamos nos purificar." Eles talvez tenham ido longe demais, tornando-se um pouco legalistas, todavia estabeleceram regras e regulamentos a respeito de como deviam viver. Por isso foram chamados metodistas. Disseram: "Devemos nos reunir para estudar as Escrituras juntos, precisamos orar juntos, e devemos viver de forma metódica em todas as coisas." Metodistas! Sim, no entanto o que estavam buscando era santidade. E esse sempre tem sido o modo de Deus. Um homem, ou um grupo de homens, subitamente tomou consciência de sua distância de Deus, e do fato de que está num "país distante". Sua primeira preocupação é ser santo como Deus é santo, entrar em Sua presença e conhecer a Sua glória.

Assim sendo, inevitavelmente há uma espécie de separação. "Ah," diz alguém, "você vai dividir a Igreja Cristã?" Não a estou dividindo. O que estou dizendo é que quando o Espírito Santo de Deus começa a tratar com qualquer um de nós, haverá esta separação. Não será

proclamada, não será nada como a atitude dos fariseus, que consideravam-se mais santos do que os demais. Não, quando um homem começa a sentir o fardo pela glória de Deus e a condição da Igreja, imediatamente ele sente este chamado à consagração, ele vai "para fora do arraial", por assim dizer. Não devemos dar ênfase demasiada ao aspecto físico da questão. Nesse caso teve que ser físico, mas é o princípio que importa. Oh, o que estou tentando dizer é isto: numa época de deplorável imoralidade, impiedade e irreligiosidade como esta, numa época em que o vício não só está gritando em nossa face, porém é arrogante e jactancioso, quando é jogado no rosto das pessoas em todo lugar - tudo o que estou perguntando é se sabemos alguma coisa do chamado à separação desse tipo de coisas? Estamos vivendo em dias em que, como cristãos, somos chamados a andar a segunda milha. Cristianismo comum não é suficiente, mais é exigido. Acaso não estamos começando a sentir que somente uma manifestação de verdadeira vida, vida santa com Deus, pode resolver esta situação? Foi isso que esses homens sentiram.

Por isso Moisés armou a sua tenda fora do acampamento e longe dele. "Deve ser separada," ele disse. "Deve ser santa." E outra ênfase que vejo em sua ação é que está mostrando claramente a necessidade de alguma ação incomum, e de um esforço especial. Eu diria que há duas coisas que sempre acontecem nesse estágio inicial do avivamento. As pessoas que estão preocupadas com avivamento, num sentido real, não estão apenas em busca de animação, ou de algo interessante, ou de felicidade, ou de fenômenos, nem estão vindo com uma atitude de que "algo maravilhoso vai acontecer e vamos passar um tempo muito agradável." Não é assim que encaram a questão, de forma alguma. E se vocês, meus caros amigos, estão simplesmente pensando em reuniões, entusiasmo e algo maravilhoso, nem sequer começaram a entender esta questão.

A primeira indicação de uma verdadeira e genuína preocupação é que nos conscientizamos da nossa indignidade e impureza. Precisamos nos separar. Precisamos levantar esta tenda em algum lugar fora do quotidiano. Tem que ser excepcional; tem que ser incomum. Precisamos fazer um esforço especial. Ora, esta é a pergunta que quero fixar em suas mentes e deixar com vocês. Nestes dias de extraordinária maldade, vocês estão fazendo algo excepcional? Ou estão se contentando em vir aos cultos na casa de Deus, e fazer coisas de rotina? Naturalmente, numa época em que a Igreja estava sendo abençoada e tudo ia bem, as pessoas vinham à casa de Deus, trabalhavam com as sociedades missionárias, ensinavam classes de Escola Dominical, e

faziam tudo isso como parte do trabalho comum da Igreja. Não estou falando disso. O que estou perguntando é isto: vocês sentiram que, por causa da época em que estamos vivendo, são chamados a fazer algo excepcional, a sair, por assim dizer, e a encetar um curso deliberado de ação, que de certa forma os separa? Essa é a grande lição aqui.

E então, para completar este estudo do texto, estou interessado no que lemos sobre o restante do povo. Eles viram que Moisés e mais um ou dois indivíduos costumavam sair do acampamento e ir à tenda para orar. Lemos no versículo 8:

> *E aconteceu que, saindo Moisés à tenda, todo o povo se levantava, e cada um ficou em pé à porta da sua tenda; e olhavam para Moisés pelas costas, até ele entrar na tenda.*

Há algo maravilhoso nisso. Tudo que fizeram foi olhar com interesse. Estavam cônscios de que algo estava acontecendo, mas não sabiam o que era e não o entendiam. Não saíram do acampamento com Moisés até a tenda da congregação com Deus, para orar, e interceder. Tudo que sabiam era que Moisés tinha levado a tenda para fora do arraial, e que ele e alguns outros periodicamente a visitavam. Assim eles simplesmente ficavam à porta de suas tendas olhando para Moisés a caminho da tenda, falando dele, perguntando-se o que ele estava fazendo, e o que, exatamente, estava acontecendo. A coisa assombrosa, porém, é que o lugar certo para a tenda era no meio do acampamento. Mas ela não estava ali!

Ao lerem a história da Igreja, vocês notarão que isso se repete. A princípio apenas algumas pessoas sentem o chamado, e separam-se; então outros começam a dizer: "O que está acontecendo com fulano? Você ouviu falar deste homem ou dessa mulher?" Ficam à porta das suas tendas e observam. Sentem que algo está acontecendo. Entretanto, não fazem nada a respeito. Oh, se esperarmos até que a Igreja toda faça algo, isso nunca vai acontecer. Ela nunca vai se mover. Não se preocupem com isso. O método de Deus é tomar indivíduos e usá-los, e então eventualmente a maioria será afetada. Mas neste estágio, eles simplesmente têm esta idéia vaga geral, de que algo está acontecendo, e eles observam pensativamente a ação de Moisés e dos seus poucos companheiros. Eu ficaria muito feliz em poder afirmar que essa é a posição da Igreja Cristã hoje em dia. E eu creio que é. Creio, e dou graças a Deus que posso dizer isto, eu creio que viramos uma esquina. Não estou falando simplesmente da igreja local, ela está incluída, contudo estou falando de forma geral. Creio que finalmente há alguns

indivíduos aqui e ali que estão começando a ver que nada exceto a intervenção do Deus vivo é suficiente, e que estão, figurativamente falando, indo a esta tenda armada fora do arraial, longe do acampamento, e estão esperando em Deus. Eu creio, também, que posso discernir um princípio, um vago interesse na Igreja, enquanto ela contempla o que está acontecendo. Qual, então, é o resultado desta ação? Encontramos a resposta nos versículos 9 a 11. Vou resumi-los para vocês. Deus reconhece esta ação, e Ele começa a encorajá-la. Ele dá provas do fato de que isto O agrada: "E aconteceu que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem e punha-se à porta da tenda." Isso não tinha mais acontecido porque Deus havia retirado a nuvem. O sinal visível da Sua presença tinha sido removido. Mas como resultado do que Moisés tinha feito, a coluna de nuvem voltou, como antes. Deus deu uma manifestação de Sua presença. Se alguém está tentando descobrir o que isto significa para nós, significa que a primeira indicação de avivamento é sempre que algo começa a acontecer com a vida da Igreja. Parece haver uma nova vitalidade. A adoração parece tornar-se mais vibrante, volta algo que tinha desaparecido, um calor e uma suavidade, um encorajamento, uma nova ansiedade, um senso de expectativa, uma nova liberdade nas orações do povo. É o retorno da coluna de nuvem. Precisamos estar alertas para discernir isto. Precisamos estar atentos a sinais de encorajamento de Deus - menos dureza e loquacidade, uma nova suavidade, uma nova preocupação, uma nova nota de agonia. Algumas pessoas mais idosas que conheci costumavam dizer que a coisa que buscavam em reuniões de oração na igreja era o elemento de "Oh", o anelo, os gemidos, a espera, o "Oh". E quando isso se faz presente, é um sinal de que a coluna de nuvem já voltou.

Então Deus, vocês se lembram, deu a Moisés algumas indicações muito definidas de que estava satisfeito com ele. Ele falou com Moisés face a face como alguém fala com seu amigo. Em outras palavras, o homem que sentiu o fardo antes de todos os demais, recebe uma confirmação de Deus de que Ele o ouviu e que vai responder. Ora, isso é, novamente, invariável. Em todas as histórias de avivamentos, esses homens passam por um período de agonia, e então chegam a um ponto em que sentem que tudo está bem. Deus ouviu, algo vai acontecer. Deus fez isso com Moisés. Deu-lhe uma segurança de que suas orações foram ouvidas, e de que iriam ser respondidas. E então notamos uma coisa significativa nestes outros que estavam simplesmente parados à porta de suas tendas, observando Moisés e os outros saindo do arraial. Eles viram a coluna de nuvem, e começaram a adorar

a Deus ali da porta das suas tendas. É a Igreja toda começando a ser afetada e envolvida. Isso pode levar um longo tempo, porém é o passo seguinte, e vai acontecer.

Por último, chegamos ao versículo 11, e certamente é maravilhoso. "E falava o Senhor a Moisés cara a cara, como qualquer fala com o seu amigo." Esse é o encorajamento. Em seguida, observem isto: "Depois tornou (Moisés) ao arraial: mas o seu servidor Josué, filho de Num, mancebo, nunca se apartava do meio da tenda." Essa é a coisa maravilhosa. O que significa é isto: Moisés, tendo recebido a confirmação de Deus de que sua oração fora ouvida, e de que Deus iria respondê-la, voltou ao acampamento para relatar isso ao povo, contar-lhes o que acontecera, que a descida da coluna de nuvem significava que Deus os contemplava com favor novamente, que estava voltando Sua face para eles outra vez, em vez de lhes virar as costas, e que ele, Moisés, tinha falado com Deus face a face. Ele voltou para encorajá-los. No entanto, notem que homem espiritual Moisés era, e como era versado nos caminhos de Deus. Ele voltou ao acampamento para dar o relatório ao povo, mas deixou seu servo Josué na tenda até que ele voltasse novamente. Por que? Ah, Moisés esperava mais, e ele não queria que nada fosse perdido. Por isso, enquanto ele voltava ao acampamento, Josué permaneceu na tenda da congregação. E se Deus fizesse mais alguma coisa? Eles estavam esperando mais. Isto era apenas o começo, o estágio inicial. Na verdade, não hesito em dizer que, apesar do aparente início nesta altura, nós nem sequer começamos a ver avivamento. Isto é o estágio preliminar, a preparação. Mas notem o espírito de expectativa. Josué fica na tenda, no caso de que Deus conceda nova revelação enquanto Moisés está falando com o povo. Ele sabia que havia mais por vir. Moisés não queria se arriscar. Ele estava perseverando. Ele permaneceu na presença de Deus através do seu representante, seu servo. E quando o dia chegar em que vocês e eu estivermos na ponta dos pés em expectativa, podemos ter certeza de que Deus está operando, e de que algo incomum está por acontecer.

Desse modo, ao finalizarmos nosso estudo do primeiro estágio, precisamos perguntar a nós mesmos se já chegamos a este estágio. Temos conhecimento dessa tenda, desse chamado à separação e à intercessão urgente? Essas são as duas coisas - santidade e intercessão em favor das massas, e esperar na presença de Deus, aguardando mais e mais.

14

Pelo que Devemos Orar Num Avivamento

E Moisés disse ao Senhor: eis que tu me dizes: faze subir a este povo, porém não me fazes saber a quem hás de enviar comigo: e tu disseste: conheço-te por teu nome, também achaste graça aos meus olhos. Agora pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos: e atenta que esta nação é o teu povo. Disse pois: irá a minha presença contigo para te fazer descansar. Então disse-lhe: se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui. Como pois se saberá agora que tenho achado graça aos teus olhos, eu e o teu povo? acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra? Então disse o Senhor a Moisés: farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome (Êxodo 33:12-17).

Vimos como Deus retirou Sua presença de entre os filhos de Israel por causa do pecado deles, como eles se arrependeram, como Moisés intercedeu em seu favor, e então como Deus ouviu sua oração e a coluna de nuvem voltou à porta da tenda.

Num sentido pode ser dito, verdadeiramente, que é aqui, neste ponto, que a oração por avivamento, em si, realmente começa. Tudo que aconteceu até este ponto foi uma oração para que Deus retornasse ao meio deles - que Ele não voltasse mais as costas a eles, como estava fazendo, como parte do seu castigo.

Mas agora vamos além disso, e chegamos ao ponto que estou ansioso por enfatizar aqui. Moisés, obviamente, estava muito grato por tudo que tinha acontecido. A volta da coluna de nuvem era uma coisa extraordinária. Até mesmo o povo podia ver isso, pois lemos que todo o povo viu a coluna de nuvem à porta da tenda, e se levantou e adorou, cada um à porta da sua tenda. Moisés podia entendê-lo muito mais claramente e, é óbvio, estava grato por isso, profundamente grato. Deus tinha retornado, Deus estava ouvindo suas orações e falando com

ele. É fácil pensar que ele poderia ter parado nesse ponto. Poderíamos sentir que nada mais era necessário além disso; todavia, o propósito deste trecho que estamos considerando é justamente mostrar que Moisés não estava satisfeito. Ele desejava mais, e assim voltou novamente à tenda, e continuou a orar. Tudo que ele tinha recebido, ele disse, não era suficiente. Ele ansiava por mais, e começou a implorar por mais, por algo extra. É justamente aqui que realmente chegamos ao ponto vital em toda esta questão do avivamento. Avivamento é algo extra. É algo adicional. É algo incomum. Enfatizo isto porque parece-me que há um grande número de bons cristãos hoje que nunca realmente captaram este ponto, que avivamento, por definição, é algo extraordinário, algo especial, fora do comum, excepcional.

Em outras palavras, quando falamos em avivamento não estamos falando sobre a Igreja sendo abençoada por Deus, cônscia de Sua presença, e capacitada para fazer a Sua obra. Moisés, num sentido, já estava consciente de tudo isso. Deus tinha voltado. Deus tinha prometido abençoar. Deus havia lhe dado essa garantia pessoal quando falou com ele face a face. Diante de tudo isso, Moisés podia ter dito: "Bem, estamos de volta a onde estávamos antes. Tudo está bem outra vez. A presença de Deus voltou, e podemos prosseguir." Entretanto Moisés não estava satisfeito. E avivamento, reitero, não é a Igreja sendo abençoada, cônscia da presença de Deus, e capacitada a fazer a Sua obra. Avivamento vai além de tudo isso. Podemos ver isso claramente, aqui neste caso em particular. Moisés sentiu que as circunstâncias eram tais que algo especial e fora do comum era necessário. Assim ele passou a orar por isso.

Ora, parece-me, este é o ponto crucial em nossa compreensão do avivamento e do que ele significa. Há muitos hoje, e, infelizmente, há muitos evangélicos entre eles, que falharam completamente em ver isto. Argumentam nestes termos: "Certamente tudo que é necessário é que sejamos ortodoxos, que Deus abençoe, que tenhamos consciência da Sua presença entre nós, e que continuemos com nosso ministério normal, com conversões e esforços especiais sendo levados a efeito. Que mais é preciso além disso?" - perguntam. "O que é requerido além do fato que homens e mulheres sejam convertidos, e conheçam a plenitude do Espírito? Isso não seria o que mais deveríamos desejar? Não seria esse o estado ideal da Igreja? Não seria que homens e mulheres saibam em quem têm crido, e que sejam ortodoxos em sua fé, e assim continuem sendo cheios do Espírito de acordo com a exortação do apóstolo em Efésios 5:18?"

Esse argumento demonstra uma completa ignorância do significa-

do do avivamento. Avivamento é algo além de tudo isso, algo adicional, algo excepcional, algo que é, num sentido, surpreendente em seu assombroso caráter.

É óbvio que se não temos uma idéia clara acerca disso, não nos preocuparemos com avivamento, e não vamos orar por avivamento, e essa tem sido a atitude da grande maioria das pessoas. Alegam que tudo está indo bem. Olhem para nós, olhem para as associações da Igreja, olhem para os relatórios dos jornais religiosos, tudo está indo bem, maravilhosamente bem. Por conseguinte, não pensam em avivamento, não sentem que haja necessidade de avivamento, e não oram por ele. "Tudo que precisamos fazer," dizem, "é continuar na direção em que estamos indo. Deus está nos abençoando. Tudo está bem." E é devido ao seu fracasso em compreender o significado do avivamento em sua essência, que se encontram nessa posição. Por isso, aqui estamos considerando o que eu chamaria de o aspecto mais crucial de toda esta questão de avivamento. Está representado de forma tão clara neste trecho deste capítulo. Moisés, que tinha recebido tanto, voltou porque ele queria mais. Daí começou a suplicar por esse "mais" e por esse extra.

A primeira pergunta diante de nós, portanto, é: pelo quê ele orou? O que ele sentiu que era essa necessidade adicional? Vocês verão que, ao examinarmos as respostas a essa pergunta, como estão indicadas aqui, estaremos examinando algo que sempre caracterizou as orações de homens e mulheres que sentiram um fardo por avivamento. Há uma constância nisso que é realmente quase incrível. Mas, naturalmente, no momento em que compreendemos os princípios que governam estas questões, não ficaremos surpreendidos. Aqui estão as coisas em que os intercessores, os quais fizeram o seu trabalho antes do avivamento chegar, sempre concentraram sua atenção. Portanto, se estamos preocupados com a situação atual, estas são as coisas que deveriam receber nossa atenção. Pelo quê Moisés orou? Antes de tudo, ele orou por um senso de segurança pessoal. Essa é a mensagem do versículo 13: "Agora pois, se tenho achado graça aos teus olhos..." Ele sabia que tinha achado graça aos olhos de Deus, e estava usando o fato como um argumento. Podemos ler este trecho da seguinte forma: "Porque achei graça aos Teus olhos, rogo-Te que agora me faças saber o Teu caminho, e conhecer-Te-ei, para que ache graça aos Teus olhos: e atenta que esta nação é o Teu povo." Isto quase parece contraditório, não é mesmo? Ele disse: "Se achei graça aos Teus olhos, faça isto, para que eu ache graça aos Teus olhos." Deus já lhe dissera que o conhecia, e estava falando com ele como um homem fala com seu amigo, e no

entanto a oração de Moisés foi: "Para que Te conheça."

Pergunto: o que significa isso? Bem, aqui temos um desses pontos discriminatórios. Moisés não estava satisfeito com um mero conhecimento do fato de que Deus o aceitava, e que estava cuidando dele. Ele sabia disso, mas não estava satisfeito com isso, ele queria mais. "Para que Te conheça," ele disse. Oh, ele tinha conhecimento a respeito de Deus, e tivera manifestações do interesse ativo de Deus por ele, e da bondade de Deus para com ele. Todavia não estava satisfeito. Moisés queria mais. Ele queria um conhecimento pessoal de Deus. Queria um conhecimento direto de Deus. Queria saber, sem sombra de dúvida e sem incerteza, que Deus realmente o amava. Ele sabia disso, é claro, mas queria uma manifestação disso. Queria uma certeza absoluta a respeito.

Isto é algo que vocês encontrarão na vida de todos os grandes santos de Deus e da Igreja através dos séculos, e particularmente em homens sobre quem Deus coloca a Sua mão nesta questão de avivamento e intercessão. A primeira coisa que lhes acontece é que sentem este desejo por um conhecimento mais profundo de Deus. Naturalmente são homens bons, são ortodoxos. Crêem em Deus, sabem que são salvos, têm certeza da salvação - talvez tenham tido tal certeza por anos - mas agora começam a sentir uma sede e fome por algo maior, por algo mais profundo. Eles lêem as suas Bíblias, e sentem que ela contém um conhecimento mais completo e profundo de Deus, do amor de Deus, e é isso que querem. Não estão mais satisfeitos com o que eu chamo de a condição comum da Igreja. Querem algo extraordinário, algo fora do comum. Quero citar algumas linhas de um hino que creio que expressa isso muito bem. Aqui está um homem, escrevendo:

Fale, eu Te peço, bondoso Jesus,
Oh, como são doces as Tuas palavras,
Soprando sobre meu espírito perturbado,
Paz, que o mundo não pode oferecer.

e então ele continua, dizendo:

Diga-me que és meu, ó Salvador,
Conceda-me essa segurança com clareza...
William Williams

Esse é o ponto. Ele sabe que o Salvador o ama, porém vocês vêem o que ele quer:

Diga-me que és meu, ó Salvador...

É somente o homem que conhece o amor do Salvador que ora por isso. Aqui está um homem pedindo por algo especial, algo fora do comum, algo adicional. Certamente não preciso me deter neste ponto. Mesmo no nível humano todos temos alguma experiência nesse sentido. É maravilhoso ouvir alguém dizer que nos ama. Podemos saber que somos amados, contudo isso não é suficiente. Queremos ouvi-lo. É extra. É adicional. Não há nada como isso.

Diga-me que és meu, ó Salvador...

Era por isso que Moisés estava orando. Queria que Deus o dissesse expressamente. Ele não estava satisfeito com o comum, o mundano, o ordinário. "Não," ele disse, "estou numa posição em que quero algo além disso, algo adicional, oh, um selo especial de tudo isso para o meu espírito e o meu coração." Era por isso que estava clamando.

Isto é algo que acontece na experiência de indivíduos que começam a anelar por esta bênção de Deus que chamamos avivamento. É, em outras palavras, um desejo de ter uma consciência viva e real da presença do Espírito Santo na Igreja. Oh, sabemos que o Espírito Santo está na Igreja. O Espírito Santo tem estado na Igreja desde o dia de Pentecoste, sim, mas o que este homem está pedindo, e o que homens que clamam por avivamento sempre pedem, não é simplesmente que saibamos ou estejamos cônscios do fato de que o Espírito está na Igreja, e sim que isso seja demonstrado e manifestado em nós de tal maneira que qualquer dúvida ou hesitação desapareça. É por uma manifestação clara, uma manifestação fora do comum, uma manifestação adicional de amor. Era por isso que Moisés estava orando. E é por isso que nós deveríamos orar se estamos preocupados com avivamento. Apesar de toda a nossa ortodoxia, toda a nossa conscientização do fato de que o Espírito Santo está na Igreja, e de que Deus nos abençoa, não estaríamos conscientes de que há muito mais sobre o qual sabemos tão pouco? Quando nos comparamos com o povo do livro de Atos dos Apóstolos, por exemplo, existe muito que nós nunca tocamos, e a respeito do que nada sabemos. Somos como crianças brincando à beira do oceano. Ali está esse imenso oceano e suas profundezas - que sabemos a respeito dele? E aqui está o clamor do coração de um homem por este "algo" adicional, esta profundeza do oceano do amor de Deus, esta manifestação fora do comum: "Que eu Te conheça."

Ainda mais, Moisés disse: "Rogo-te que me faças saber o teu

caminho." Aqui ele estava se referindo aos propósitos e aos planos de Deus. Estava pedindo por garantia absoluta de que Deus iria com eles ao marcharem em direção a Canaã e entrarem na Terra Prometida. Deus lhes havia dito, lembrem-se, de que não iria com eles, que Ele iria enviar um anjo. Não obstante, Moisés não se deu por satisfeito. "Tu tens que vir conosco. E quero saber o Teu caminho, quero que me dês um vislumbre do Teu grande plano e propósito." Essa foi sua oração. Não satisfeito em saber, pela fé, que Deus iria abençoá-lo e que iria honrá-lo, Moisés aqui começou a ser ousado. Ele disse: "Gostaria de ter um vislumbre do Teu plano. Gostaria que compartilhasses o segredo comigo. Gostaria que confiasses em mim. Gostaria que me desses agora uma garantia absoluta, antes de continuarmos, de que realmente irás conosco."

Com efeito, há uma grande diferença entre isso, e *presumir* que Deus vai estar conosco. Tendemos a fazer isso, não é mesmo? Temos a tendência de presumir. Como vamos a um culto na igreja? Fazemos uma oração especial para que Deus esteja conosco, ou chegamos à igreja presumindo que Ele estará? Não é este o nosso problema, que presumimos que Deus estará presente? Num sentido isto está certo, e andamos pela fé, e não pelo que vemos. Sim, mas aqui, neste relato, está o clamor por algo mais. Aqui está a Igreja, representada, por assim dizer, por Moisés e o povo, e eles têm uma grande tarefa diante deles, com muitas dificuldades e grandes inimigos. "Agora ," disse Moisés, "posso me aventurar, posso ousar chegar diante de Tua presença, à luz do que já me disseste, e à luz do que já fizeste por mim? Posso chegar e fazer um pedido? Oh, diga-nos o que irás fazer. Dê-nos uma garantia. Faça-nos saber que estarás conosco."

Essa é a oração por avivamento - não contentar-se em viver de semana em semana, de mês em mês, e de ano em ano. Certamente estamos usufruindo as bênçãos de Deus. Não me entendam mal. Não estou desprezando o dia das coisas pequenas - apenas quero que compreendamos que *estamos* no dia das coisas pequenas. Contudo há coisas grandes, e estou falando a respeito do anseio por essas coisas maiores. E era por isso que Moisés estava orando. Ele estava pedindo a Deus: "Podes me dizer se pretendes fazer grandes coisas?" Ora este é o espírito filial. Só um filho faria uma coisa dessas. O filho se aventura a pedir ao pai coisas que um servo jamais sonharia em pedir. O pai deu uma indicação de algo que vai acontecer, o filho está um pouco impaciente, e ele diz: "Diga-me o que você vai fazer. Deixe-me espiar, deixe-me ver." Ele não consegue esperar, está tão ansioso. Isso está errado? É claro que não. Esse é o espírito filial, ir até o Pai e dizer:

"Diga-me, para que eu possa ter paz e ficar feliz."

E essa foi a resposta de Deus. Ele disse que iria com Moisés: "Irá a minha presença contigo para te fazer descansar." Tirarei a sua ansiedade. Contar-lhe-ei o que vou fazer, para que você não se preocupe nem fique apreensivo. Deus respondeu sua oração.

Essa, então, foi a petição - um desejo por garantia pessoal, para que a Igreja conheça este amor de Deus, e seja admitida ao segredo dos Seus planos, Seus propósitos e Suas idéias. Vocês já sentiram algo desse desejo? Sentiram esse anelo por serem admitidos aos segredos de Deus? Vocês não gostariam de saber, neste momento, se Deus vai fazer algo por nós ou não? Essa foi a oração de Moisés.

Aí está a primeira coisa pela qual Moisés orou, mas vamos agora considerar a segunda. Ela segue necessariamente a primeira; é um acompanhamento. É a oração por poder. Deus tinha dito a Moisés: "Irá a minha presença contigo para te fazer descansar." E Moisés disse a Deus: "Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui." Esta oração por poder sempre está em evidência na história da Igreja logo antes do avivamento. Esta era a necessidade da qual os intercessores sempre mais se conscientizaram, e há muitas razões para isto. A primeira, naturalmente, era a sua consciência da magnitude do problema que enfrentavam, a força do inimigo que eles teriam de confrontar, as poderosas nações na terra da promessa - os amalequitas e outros - e a tremenda tarefa de ocupar a terra. Ali estavam eles, um povo nômade, vagando pelo deserto, e iam estabelecer-se numa terra, conquistá-la e habitá-la. E subitamente eles se conscientizaram da imensidão do problema. Preciso enfatizar isto mais uma vez, porque para mim não há nada mais trágico em nossa situação hoje, do que do evidente fracasso de tantas pessoas em compreender a magnitude do problema que nos confronta. Se tão-somente compreendêssemos a magnitude do problema, não haveria necessidade de instar as pessoas a orarem por avivamento. Todavia nossos olhos parecem estar fechados. "Tudo está indo bem," dizemos. "Vejam os relatórios. Maravilhosos. Vejam as atividades. Não está tudo bem?"

Mas esperem um momento. Sempre devemos analisar dados. Acautelem-se que não sejam iludidos por certos entusiastas, para dizer o mínimo. Há outros dados nisso também. Mantenham os olhos nos boletins e nas estatísticas das várias denominações. Examinem esses dados. Examinem o declínio no número de membros das igrejas, freqüência à Escola Dominical, freqüência aos cultos. O número está declinando em todas as denominações, e de forma alarmante. Vocês pensariam, ao ler certos jornais cristãos, que todo mundo está sendo

convertido em certos países. No entanto, não é assim. As estatísticas das igrejas provam que esse não é o caso. As igrejas estão diminuindo, constantemente, ano após ano. E quanto ao aumento do vício, pecado, impiedade, e profanação, não é evidente a todos nós? Não podemos vê-lo claramente neste país e em outros países? Não podemos ver este moderno intelectualismo que nem mesmo quer considerar o evangelho? Não podemos ver como homens numa situação de prosperidade não estão preocupados com suas almas e não estão interessados em Deus? Isto está acontecendo, não só neste país, como também em todos os outros países também.

Como podemos estar descansados quando somente dez por cento do povo neste país declara ser religioso, e somente metade desses freqüenta um lugar de adoração? É essa uma situação a respeito da qual podemos ser complacentes? Tudo está realmente bem? A situação, eu afirmo, está indo de mal a pior, está se tornando cada vez mais alarmante. E vejo claramente que todos os nossos esforços não estão afetando a situação principal. Não estou menosprezando conversões individuais, de forma alguma. O ponto que quero realçar é este, Moisés e seu povo já estavam nessa posição, mas estavam rogando por algo extra, estavam rogando por algo adicional, estavam rogando por algo excepcional. E essa é a minha súplica. Não estou criticando o que está acontecendo, porém estou querendo mostrar-lhes que não é suficiente.

A tragédia, aos meus olhos, é que homens estão dizendo: "Isto é suficiente. Está acontecendo." No entanto não está. A situação realmente está pior do que nunca. E é aqui que o clamor e a súplica por poder e por uma manifestação fora do comum entra em cena. Moisés e o povo compreenderam a natureza do problema - e não somente isso - compreenderam a sua própria fraqueza. Moisés disse a Deus, "Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui." A Bíblia afirma que Moisés era o mais manso de todos os homens, e essa era a sua glória. Ele compreendeu sua fraqueza, sua própria incapacidade. Não vou seguir um passo em frente, ele disse a Deus, a não ser que me prometas que irás comigo. Quem sou eu para enfrentar esta situação? Mesmo a sabedoria que Tu me deste não é suficiente. Quero esta garantia absoluta. Quero este poder, e quero esta força. Moisés temia prosseguir sem Deus. Ele não queria prosseguir sem esta absoluta certeza da presença e do poder de Deus. Aí novamente está o elemento que vocês sempre encontrarão na Igreja antes de um período de avivamento, e é isso que muitas vezes me leva a pensar que ainda temos um longo caminho pela frente. Ainda estamos muito confiantes no que estamos fazendo. Estamos tão orgulhosos das nossas realiza-

ções. Estamos tão convencidos de que estamos fazendo coisas maravilhosas. Não estamos conscientes da nossa incapacidade, não estamos conscientes da nossa fraqueza, nem da nossa necessidade de poder. Enquanto pensarmos que podemos organizar tudo isso, não há esperança para nós. O avivamento começa quando compreendemos que, sem a manifestação do poder de Deus, *nada* podemos fazer. Precisamos voltar à mesma posição em que o apóstolo Paulo encontrou-se tantas vezes. Não me canso de citar esta passagem. Mais do que qualquer outro, é o texto que precisa ser proclamado a todos os setores da Igreja hoje em dia.

> *Eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de espírito e de poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus (I Coríntios 2:3-5).*

Não me canso de citar os casos de certos pastores usados por Deus no passado, que não ousariam subir ao púlpito para pregar até que tivessem certeza absoluta de que o Espírito Santo iria acompanhá-los ali, e dar-lhes poder. Moisés tinha chegado a essa posição. Ele compreendeu sua necessidade deste poder excepcional, e portanto orou a Deus por ele.

Assim, consideramos a súplica de Moisés pela presença de Deus, pela garantia e presença pessoal de Deus, e então, em terceiro lugar, ele também orou por uma autenticação especial da Igreja e sua missão. Essa é a mensagem do versículo 16. Vocês podem ouvi-lo argumentando: "Como pois se saberá agora que tenho achado graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra?" Em outras palavras, esta é uma oração para que a Igreja seja o que foi destinada a ser. A Igreja foi destinada a ser separada. A Igreja deve ser singular. "Agora," disse Moisés a Deus, "estou pedindo por algo extra, porque estou preocupado. Aqui estamos nós, Teu povo. Como é que as outras nações saberão que realmente somos Teu povo? Estão olhando para nós, rindo, zombando de nós e escarnecendo, e estão prontas para nos dominar. Estou pedindo por algo," disse Moisés, "que torne absolutamente claro que não somos apenas mais uma entre as outras nações do mundo, e sim que somos Teu povo, que somos um povo separado, peculiar, totalmente à parte."

A oração por avivamento, então, é a oração para que a Igreja

novamente seja assim. E meu argumento é que somente um derramamento fora do comum do Espírito de Deus pode fazer isso. O que é necessário, como vimos, é algo que não pode ser explicado em termos humanos. O que é necessário é algo tão surpreendente e tão assombroso que chame a atenção do mundo todo. Isso é avivamento. Avivamento sempre resulta nisso. E nós, em nossa própria força, jamais poderíamos fazer algo assim. Podemos fazer muitas coisas, e devemos fazer tudo que pudermos. Podemos pregar a verdade, podemos defendê-la, podemos dedicar-nos à apologética, podemos organizar nossas campanhas, podemos tentar apresentar uma grande fachada para o mundo, mas, sabem, isso não impressiona o mundo. Deixa-o na mesma condição em que se encontrava antes. A necessidade é por algo que seja tão tremendo, tão divino, tão fora do comum, que chame a atenção do mundo todo, e prove que realmente somos o que afirmamos ser, um povo singular e separado, o povo de Deus. Essa é a essência da terceira súplica nesta oração.

Agora, se eu entendo a época em que estamos vivendo, esta é nossa necessidade mais urgente hoje em dia. Qual é o problema? Bem, a singularidade da Igreja desapareceu. Ela hoje em dia se parece tanto com outras agências ou organizações, ou com qualquer outra instituição. Como é difícil ver qualquer diferença entre a Igreja e certas boas sociedades e organizações que pertencem ao mundo. Observem uma conferência de uma igreja, de qualquer denominação, e então observem uma associação política ou cultural. Podem observar qualquer diferença entre elas? Isso é, se não prestarem atenção no vestuário ou uniforme particular de certos dignatários e oficiais. Se vocês simplesmente entrassem e eles todos estivessem vestidos de forma comum, será que notariam que há qualquer coisa singular a respeito da Igreja de Deus, porque ela é a Igreja de Deus, e o povo de Deus? Meus caros amigos, perdemos a nossa singularidade. Somos pessoas gentis, pessoas respeitáveis, pessoas bem vestidas, sim, somos pessoas religiosas. Oh, mas há muitas outras agências das quais poderíamos dizer a mesma coisa, e no entanto não são cristãs.

"Mas," vocês dirão, "podemos fazer grandes coisas. Podemos organizar grandes campanhas, e podemos conseguir que muitas pessoas venham à Igreja." Entretanto o budismo está fazendo exatamente a mesma coisa no momento. Há um grande avivamento do budismo na época atual. Milhares de pessoas estão se voltando para o budismo na Índia e em outros países, até mesmo neste país. As seitas também estão florescendo. Elas podem fazer tudo isso, podem promover grandes esforços e conseguir muitos adeptos. Podem fazer tudo isso. Falsas

religiões podem fazê-lo, e o mundo, em geral, não é influenciado nem afetado, e nem mesmo se impressiona. Não há nada singular em tudo isso. O que é necessário é uma manifestação sobrenatural que torne perfeitamente claro que não é de origem humana, e sim de Deus. A demonstração do Espírito e de poder, diz o apóstolo Paulo. O que é necessário é o que aconteceu no dia de Pentecoste. Leiam Atos, capítulo 2 — é isso que precisamos. "Você está querendo ouvir o som de um vento impetuoso?" alguém perguntará. Não, não estou necessariamente querendo isso, nem estou necessariamente querendo o falar em línguas, porém estou pedindo por um tal derramamento do Espírito que todos saibam que algo aconteceu. É isso que estou pedindo.

Estou pedindo por algo como o que aconteceu no incidente registrado em Atos, capítulo 4. Ali estava essa pequena igreja enfrentando uma grande dificuldade. A pregação tinha sido proibida, com a ameaça de prisão e morte, e o que eles fizeram? Eles foram orar. Pediram a Deus que tivesse misericórdia, dizendo: "Faça algo especial. Capacite-nos a pregar com poder, e envie sinais seguindo a nossa pregação." O prédio tremeu. Era por isso que eles estavam pedindo, e Deus atendeu seu pedido. E "os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição". Foi um novo derramamento do Espírito de Deus. Foi uma repetição do Pentecoste. Foi um novo batismo. Ele derramou Seu Espírito sobre eles novamente, e foram mais uma vez cheios do Espírito, os homens que tinham sido cheios do Espírito no dia de Pentecoste. O que estou pedindo é o que aconteceu em Atos, capítulo 10, quando Pedro estava pregando a Cornélio e sua casa. Lemos que enquanto ele estava pregando, o Espírito Santo caiu sobre eles, e convenceu até mesmo um homem intolerante, um judeu intolerante como Pedro de que essas pessoas, esses gentios, realmente eram convertidos. Vocês se lembram do que ele disse: "Quem era eu para recusar quando vi que Deus tinha feito por eles o mesmo que fez por nós no começo?" É por isso que estou pedindo. Quero uma manifestação do poder de Deus que torne claro que não é obra humana, que é uma ação de Deus. É isso que faz toda a diferença.

Permitam-me dar-lhes mais algumas ilustrações. Vocês se lembram do que lemos em Hebreus 2:3-4? É uma notável ilustração disto. "Como escaparemos nós," diz este homem, "se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus com eles, por sinais e milagres, e várias maravilhas e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade?" Deus dando

testemunho. Deus confirmando-o, isso foi o que estabeleceu a Igreja primitiva: Deus dando esta confirmação excepcional, fora do comum, do fato de que estes homens pertenciam a Ele, e de que estavam pregando o evangelho. E o apóstolo Pedro diz exatamente a mesma coisa. Vocês o encontram em sua primeira epístola, no primeiro capítulo, versículos 11 e 12: "Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu..."

Essa é a chave - essa confirmação fora do comum, essa indicação, por parte de Deus, de que a Igreja pertence a Ele, de que é o Seu poder que está nela, de que ela é singular, de que não é obra humana. Homens podem pregar - ah, eu sei muito bem como homens podem pregar! Um homem pode pregar sem o Espírito Santo; eu posso expor esta Palavra com inteligência, mas isso não é suficiente. Precisamos da demonstração do Espírito e de poder. Homens podem dirigir cultos. Homens podem conseguir convertidos. Homens podem acrescentar à Igreja. Contudo, homens nunca podem fazer o que Deus faz. O Espírito Santo enviado do céu, a descida do poder, esta singularidade, esta manifestação especial da presença e do poder de Deus. Foi por isso que Moisés orou. E esta sempre é a terceira, e em muitos sentidos, a mais urgente súplica nos lábios daqueles que vêem a situação como é, e que vêem a necessidade de avivamento - "Autentique a Tua Palavra. Senhor Deus, que ela seja conhecida, e que saibam, sem sombra de dúvida, que somos Teu povo. Abale-nos!" Não estou pedindo que Ele abale o prédio, e sim que Ele nos abale. Estou pedindo a Ele que faça algo tão admirável, tão assombroso, tão divino, que o mundo inteiro seja obrigado a olhar e dizer: "O que é isso?" como disseram no dia de Pentecoste; como disseram na época da Reforma Protestante; como disseram há duzentos anos atrás, quando o Espírito foi derramado sobre Whitefield, sobre os irmãos Wesley e outros; como disseram há cem anos atrás, durante o avivamento na América, na Irlanda do Norte, no País de Gales, na Escócia e em tantos outros lugares. "O que é isso? O que é isso?" E é óbvio que não é nada que o homem possa produzir ou organizar; é óbvio que é um ato de Deus. Deus autenticando Seu povo, sua obra, sua mensagem, e dizendo: "Sim, eles são Meu povo. E estou fazendo algo entre eles que nunca fiz entre vocês, algo que nunca farei entre ninguém a não ser o Meu povo." Estamos cientes que

a oração por avivamento não é a oração pelas bênçãos de Deus sobre o trabalho? Devemos orar sempre em favor disso. Entretanto a oração pelo avivamento é a oração pelo incomum em acréscimo, em adição a isso, algo especial, algo que autentica Deus e Sua obra entre o Seu povo.

15

As Verdadeiras Razões para Avivamento

E Moisés disse ao Senhor: eis que tu me dizes: faze subir a este povo, porém não me fazes saber a quem hás de enviar comigo: e tu disseste: conheço-te por teu nome, também achaste graça aos meus olhos. Agora pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos: e atenta que esta nação é o teu povo. Disse pois: irá a minha presença contigo para te fazer descansar. Então disse-lhe: se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui. Como pois se saberá agora que tenho achado graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra? Então disse o Senhor a Moisés: farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome (Êxodo 33:12-17).

Antes de continuarmos com o nosso estudo deste grande capítulo de Êxodo, permitam-me lembrá-los do que aprendemos dele até este ponto. Moisés orou por uma garantia pessoal a seu próprio respeito; ele orou por poder, poder para si mesmo e para o povo, e, em terceiro lugar, ele orou por uma autenticação excepcional da Igreja e sua mensagem. E agora precisamos considerar *por que* ele orou por estas coisas. Quais eram os seus motivos? Certamente isto é de suma importância para nós, porque, se tenho qualquer entendimento da situação, é nesta esfera de propósito e motivação que freqüentemente erramos. Começamos de forma errada. Portanto, seremos muito beneficiados ao observar Moisés orando aqui. E, naturalmente, vocês verão através das Escrituras que esta característica de Moisés neste caso é uma característica dos intercessores de Deus, dos santos de Deus, ao suplicarem a Deus, em todos os trechos em que os encontramos nas Escrituras. Além disso, chamo sua atenção para o fato que se lerem a história dos grandes avivamentos do passado, ao lerem a respeito dos homens a quem Deus usou mais poderosamente, ao estudarem suas

vidas no período que antecedeu o avivamento, quando estavam suplicando e intercedendo, vocês verão que invariavelmente foram movidos pela mesma motivação que encontramos aqui no caso de Moisés.

Então precisamos ter uma idéia muito clara da nossa motivação. Estou convocando-os a orarem por avivamento. Sim, mas por que devem orar por avivamento? Por que deve qualquer pessoa orar por avivamento? E a primeira resposta que nos é dada aqui é esta: uma preocupação pela glória de Deus. Vocês podem ver isso no fim do versículo 13: "Agora pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos: e atenta que esta nação é o teu povo." Essa é a motivação. Essa é a razão. Moisés estava preocupado, primariamente, com a glória de Deus. Agora, vocês podem observar que ele constantemente usa este argumento com Deus. Temos uma ilustração disso no capítulo anterior, capítulo 32, versículos 11 e 12. Deus estava irado com os filhos de Israel porque tinham feito o bezerro de ouro e tinham se rebelado contra Ele, e Deus disse a Moisés:

> *Tenho visto a este povo, e eis que é povo obstinado. Agora pois deixa-me, que o meu furor se acenda contra eles, e os consuma: e eu farei de ti uma grande nação. Porém Moisés suplicou ao Senhor seu Deus, e disse: ó Senhor, por que se acende o teu furor contra o teu povo, que tu tiraste da terra do Egito com grande força e com forte mão? Por que hão de falar os egípcios, dizendo: para mal os tirou, para matá-los nos montes, e para destruí-los da face da terra? (Êxodo 32:9-12).*

Vocês percebem a preocupação de Moisés? Ele está preocupado com o nome, a reputação e a glória de Deus. Esse é o ponto que ele está enfatizando aqui novamente. "Esta nação", ele diz, "é Teu povo." Está dizendo, na verdade, que a honra e a glória de Deus estão envolvidas nesta situação. Afinal, eles são o Seu povo, eles reivindicaram isso, Deus tinha dado provas disso, tirando-os da terra do Egito de forma miraculosa e maravilhosa. Ele os trouxe através do Mar Vermelho; vai deixá-los agora ali no deserto? O que dirão os egípcios? O que dirão as outras nações? Será que Ele fracassou? Ele lhes prometera grandes coisas. Não pode executá-las? Não pode realizá-las? Moisés está sugerindo a Deus que Sua própria glória e Sua própria honra estão envolvidas em toda esta situação. Vocês podem encontrar este tipo de súplica constantemente nos Salmos, e nos livros proféticos. Sua

oração a Deus é: "Por amor do Teu nome," como se estivessem dizendo: "Não temos o direito de falar, e realmente não estamos pedindo isto para nós mesmos, e sim por amor do Teu nome, da Tua glória, e da Tua honra eterna." Moisés, então, tinha preocupação e zelo pelo nome e pela glória de Deus. E aqui ele está pedindo a Deus, por amor do Seu próprio nome, que faça esta coisa especial, esta coisa extraordinária.

Não podemos examinar todos estes pontos em detalhe, porém isto é o que importa, não é mesmo? A Igreja, afinal, é a Igreja de Deus. "Ela é Sua nova criação, pela água e pela palavra." Somos um povo de propriedade exclusiva de Deus. E por que seria que Ele nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz? Certamente para que possamos declarar o Seu louvor, Sua excelência, Suas virtudes. Portanto, devemos estar preocupados com esta questão primariamente por causa do nome, da glória, e da honra do próprio Deus. Quer gostemos ou não da idéia, é um fato que o mundo julga a Deus, ao Senhor Jesus Cristo, e toda a fé cristã, pelo que vê em nós. Somos Seus representantes, somos o povo que leva o Seu nome, somos o povo que fala a respeito dEle, e a pessoa fora da Igreja olha para a Igreja como representante de Deus. Portanto, insisto que devemos imitar o exemplo de Moisés, como o vemos aqui. Nossa preocupação principal deve ser com a glória de Deus.

Acaso estou sendo injusto quando sugiro que isto raramente é mencionado? Há uma grande preocupação pela Igreja hoje em dia, naturalmente, mas qual é o objeto dessa preocupação? É uma preocupação com estatísticas e dados. As pessoas falam das igrejas vazias, falam de meios e métodos para tentar enchê-las novamente, e fazer com que O povo volte a freqüentá-las. Estão interessadas em dados, em número de membros, em finanças e em organização. Com que freqüência vocês ouvem, em conferências e assembléias anuais, alguém expressar uma preocupação com a glória de Deus, e a honra e o nome de Deus? Não, nossa atitude parece ser mais que a Igreja é uma organização humana, e naturalmente estamos preocupados com o que está acontecendo com ela, como um homem se preocuparia se o seu negócio não estivesse indo bem. Somos homens de negócios, e estamos preocupados com a instituição, com a organização. Entretanto esta não era a preocupação principal de Moisés. Sua primeira e maior preocupação era com a glória de Deus. A situação da Igreja os entristece? Se a resposta for positivo, então pergunto: por que ela os entristece? É porque vocês têm idade bastante para lembrar o fim da era vitoriana, ou do período eduardiano, quando era comum ver as

pessoas lotando as igrejas? É apenas uma espécie de nostalgia, de saudade da grande época da Igreja? Ou sentimos uma genuína preocupação pelo nome de Deus? Sentimos mágoa? Sentimos tristeza? Sentimos pesar? Sentimos um peso em nosso coração, mente, e espírito, quando vemos a impiedade que nos cerca, e quando vemos o nome de Deus sendo tomado em vão? Experimentamos esse zelo, esse santo zelo?

Vocês perceberam a preocupação do salmista no Salmo 79? Ele pergunta: "Por que diriam os gentios: onde está o seu Deus?" É isso que estão dizendo. Estão rindo, dizendo: "Eles falavam a respeito de um grande Deus, que era *o* Deus acima de todos os outros deuses. Diziam que o Deus de Israel era *o* Deus, e gloriavam-se nEle, dizendo que Ele era maravilhoso. Onde está Ele? Olhem só para eles! Como pode esse povo dizer que está nas mãos de tal Deus? Eles nunca estariam nessa situação se isso fosse verdade." Como vêem, o que está envolvido, primariamente, é a glória, a honra e o nome de Deus. O que importa não são nossas instituições, nem o nosso sucesso ou fracasso. A questão principal é a glória de Deus. Naturalmente o salmista viu isso. Considerem como ele o expressa bem no Salmo 2. "Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo..." É claro que eles estavam atacando Davi, estavam atacando os filhos de Israel, mas Davi tinha o discernimento de um homem espiritual. Ele diz: "Isso não é contra mim, é contra Deus. É contra o Senhor e contra o Seu Ungido que estas pessoas estão se levantando."

Na verdade, este é o grande tema que vocês encontrarão entremeado através dos Salmos. Vou mencionar apenas mais um exemplo disso, no Salmo 83: "Porque eis que os teus inimigos se alvoroçam, e os que te aborrecem levantaram a cabeça. Astutamente formaram conselho contra o teu povo, e conspiram contra os teus protegidos." Sim, mas é tudo contra Deus. Além disso, temos aquele maravilhoso, quase lírico, exemplo encontrado em Atos, capítulo 4.

Depois de julgarem a Pedro e a João, proibindo-os de pregarem o evangelho, as autoridades estavam decididas a exterminar a Igreja e pôr fim a toda a sua pregação, e assim fizeram ameaças sérias aos apóstolos. Pedro e João voltaram e começaram a orar com toda a companhia dos santos reunidos. E foi isto que disseram - notem que estavam citando o Salmo 2: "Levantaram-se os reis da terra e os príncipes se ajuntaram à uma, contra o Senhor e contra o seu Ungido." Continuaram em suas próprias palavras: "Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só

Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer. Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças..." (Atos 4:26-29a). Como vêem, eles tinham uma perspectiva clara. Seria de se esperar que iriam orar por si mesmos, porém não fizeram isso, primariamente. Reconheceram que tudo que estava acontecendo era realmente contra Deus. E é isto que precisamos reaver. Somos tão subjetivos em nossa perspectiva, sempre pensando em nós mesmos. Essa não é a forma de orar por avivamento. Precisamos, antes de tudo, estar preocupados com Deus, com Sua glória, com Sua honra, com Seu nome.

Isto, para mim, é a essência de toda a questão. Examinem as grandes orações do Velho Testamento e sempre encontrarão este elemento nelas. Esses homens tinham uma paixão por Deus, estavam perturbados, estavam infelizes, porque este grande Deus não estava sendo adorado como devia. E oraram a Deus por amor a Ele mesmo, por amor à Sua glória, para que Ele vindicasse o Seu nome e Se levantasse e dispersasse os Seus inimigos. Essa é a primeira preocupação.

A segunda preocupação - e sempre deve vir em segundo lugar, nunca em primeiro - é uma preocupação a respeito da honra da Igreja. A propósito, nesta passagem não há nada mais maravilhoso do que a forma em que Moisés demonstra a sua preocupação pela Igreja, que era então a nação de Israel. Deus tinha dado a Moisés algumas maravilhosas provas de Seu amoroso cuidado e interesse por ele, mas Moisés não se contenta com isso. Moisés não está apenas em busca de bênçãos pessoais. Ele quer ter certeza de que os filhos de Israel, como um todo, estarão envolvidos nessa bênção. Ele recebe mais um maravilhoso exemplo disso em Êxodo, capítulo 32, uma das passagens mais gloriosas do Velho Testamento. "E aconteceu que no dia seguinte Moisés disse ao povo: vós pecastes grande pecado: agora porém subirei ao Senhor; porventura farei propiciação por vosso pecado. Assim tornou Moisés ao Senhor, e disse: ora, este povo pecou pecado grande fazendo para si deuses de ouro. Agora..." e ele faz uma pausa. É como se ele tivesse perdido as forças e não pudesse falar mais. Está em grande agonia de alma - "Agora pois perdoa o seu pecado..." - e então ele é capaz de dizer: "se não risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito" (32:30-32). Não quero continuar vivendo, ele diz, se Tu não os incluíres na bênção.

Deus tinha dito: "Vou consumir este povo, e fazer de ti uma grande nação."

"Não," Moisés respondeu, "consuma a mim também. Não quero prosseguir sem eles."

Oh, isto é verdadeira intercessão. O homem está preocupado com a situação da Igreja toda, e sua vida e seu bem estar pessoal nada são para ele, a não ser que a Igreja seja abençoada. E aqui está ele, neste capítulo, repetindo tudo isso. "Teu povo, esta nação."

Poderíamos nos estender nisso, mas precisamos prosseguir. Simplesmente deixarei a questão nesses termos. Parece-me que não há esperança de avivamento até que vocês e eu, e todos nós, tenhamos alcançado o estágio em que começamos a nos esquecer um pouco de nós mesmos, e nos preocuparmos mais com a Igreja, com o corpo de Cristo, Seu povo aqui na terra. Tantas das nossas orações são subjetivas e egocêntricas. Temos os nossos problemas e dificuldades, e quando finalmente terminamos de mencioná-las, estamos cansados e exaustos, e não oramos pela Igreja. Minha bênção, minha necessidade, meu isto e meu aquilo. Não quero ser duro nem cruel. Deus prometeu tratar dos nosso problemas. Todavia que lugar ocupa a Igreja em nossas orações e intercessões? Vamos além de nós mesmos e nossas famílias? Vemos o mundo diante de nós e dizemos que a única esperança para o mundo é o cristianismo. Dizemos que a Igreja, e somente a Igreja, tem a mensagem que o mundo precisa. Vemos os problemas da sociedade, eles gritam aos nossos ouvidos, e estão aumentando semana após semana. Sabemos que Cristo é a única resposta. Muito bem, então, se sabemos isso, e se cremos nisso, quero perguntar-lhes em nome de Deus, com que freqüência vocês oram para que a Igreja tenha poder para pregar isto, de tal forma que todas estas cidadelas que estão se levantando contra Deus sejam arrasadas e esmagadas em Sua santa presença? Quanto tempo vocês dedicam a orar para que os pregadores do evangelho sejam revestidos do poder, do Espírito Santo? Vocês estão intercedendo por isto? Vocês estão preocupados com isto? Moisés estava mais preocupado com isto do que consigo mesmo. Ele não queria subir sozinho à Terra Prometida. Não queria ser feito um grande homem sozinho. "Não, é a Igreja," ele disse. "Não vou prosseguir a não ser que todos eles venham comigo, e que Tu venhas em nosso meio."

Precisamos aprender a pensar novamente sobre a Igreja Cristã. Toda a nossa perspectiva tem se tornado subjetiva. É subjetiva em evangelismo, é subjetiva no ensino da santificação, é subjetiva do começo ao fim. Começamos conosco mesmos, e com nossas necessidades e nossos problemas, e Deus é uma agência para suprir uma solução, para nos dar o que precisamos, porém isso está errado.

Evangelismo, e tudo o mais, deve começar com Deus e Sua glória. Deve começar com Deus que está sobre tudo e a quem tudo pertence. É porque os homens não O estão glorificando que precisam ser salvos, não para ter algum probleminha pessoal resolvido. E se a motivação para evangelismo é encher as igrejas, então está destinado ao fracasso. Naturalmente, vocês podem encher as suas igrejas, mas isso não ajudará em nada, não vai adiantar nada. Não fará qualquer diferença no que se refere aos problemas principais. É esta concepção da Igreja como o povo de Deus, que leva o Seu nome e que foi trazido à existência por Ele, é isso que importa. Precisamos parar de pensar na Igreja como uma assembléia de instituições e organizações, e precisamos voltar a este conceito de que somos o povo de Deus. É por amor do Seu nome, e porque Seu nome está sobre nós, que precisamos suplicar pela Igreja - sim, como também por sua glória e sua honra, porque ela pertence a Ele.

A terceira preocupação de Moisés é concernente aos pagãos que estão fora, no mundo. Ele quer que eles saibam: "Como pois se saberá agora (aqui no deserto onde estamos) que tenho achado graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra?"

Estes são os motivos para se orar por avivamento: por amor ao nome, à honra, à glória de Deus, e por amor à Igreja que pertence a Ele. Sim, e outro é por amor àqueles que estão fora, que estão zombando, escarnecendo, motejando, rindo e ridicularizando. "Oh, Deus," dizem os que são Seu povo, um após outro, "levanta-Te e silencia-os. Faz algo, para que possamos dizer a eles, "Fiquem quietos, calem-se, desistam."

"Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus" (Salmo 46:10). Essa é a oração do povo de Deus. Eles têm os seus olhos naqueles que estão do lado de fora. E vocês podem encontrar ilustrações disso através de toda a Bíblia. Esta também foi a experiência de todos os homens que sentiram este fardo pela condição da Igreja, e cujos corações estavam quebrantados porque viram o nome de Deus sendo blasfemado. Oh, vocês o encontram em linguagem bem forte aqui na Bíblia, às vezes tão forte que certas pessoas de mente estreita ficam perturbadas com os Salmos imprecatórios. No entanto os Salmos imprecatórios são apenas uma expressão do zelo que esses homens tinham pela glória de Deus. "Desapareçam da terra os pecadores," diz o homem do Salmo 104. Aí estão eles, ele diz, destruindo a Tua grande criação. Vejo as montanhas, e os vales, e as correntes, vejo os cedros de Deus que são cheios de seiva... Ele pensa nos pássaros e toda a criação operando em

união para mostrar a maravilha e a glória de Deus. Mas aqui está o pecador, que, apesar de toda a bondade de Deus para com ele, ainda assim insulta, se rebela e blasfema. E o salmista, em sua justa indignação e zelo, exclama: "Desapareçam da terra os pecadores."

Essa, eu diria, é a explicação da atitude dessas pessoas. Não era um desejo por vingança pessoal. É que esses homens eram consumidos por uma paixão por Deus, Sua glória e Seu grande nome. E há algo errado conosco se não sentimos tal desejo dentro de nós, de ver Deus levantando-se e fazendo algo que tape a boca e silencie as línguas desses arrogantes blasfemadores de hoje em dia, que proferem suas palavras afetadas no rádio e na televisão - esses supostos filósofos, esses homens ímpios e arrogantes. Não sentimos, às vezes, o desejo dentro de nós de que venham a saber que Deus é Deus, e de que Ele é o Deus eterno? Ah, sim, há um desejo de que eles recebam uma resposta, de que sejam silenciados, mas não para aí, é claro. Seguindo isso, vem um desejo de que eles sejam convictos, de que sejam convencidos, de que realmente vejam a verdade. Um desejo de que Deus faça algo tão estranho, tão maravilhoso, que eles sejam conscientizados e digam: "O que é isso? Será que esse povo, no fim das contas, realmente está certo? Parece que nossos argumentos estão perdendo a base. Pensamos que Deus tinha falhado, que Ele os tinha deixado no deserto. Tudo estava contra eles." Então, se Deus subitamente interviesse e realizasse algo miraculoso, e os levasse através do deserto para a terra prometida, os pagãos teriam que reconsiderar, e dizer: "Ah, talvez no fim das contas eles estavam certos." Esse é o primeiro passo em direção à convicção e à conversão. Seu interesse foi despertado, e isso sempre acontece quando temos um avivamento. Pessoas que sempre zombaram do nome de Deus, foram ver o que estava acontecendo, movidas pela curiosidade, e isso muitas vezes resultou em sua conversão. Ora Moisés está orando por isso, que essas pessoas sejam sensibilizadas, e que desenvolvam um interesse espiritual no que Deus as esteja guiando e dirigindo.

Isso deveria nos levar a perguntar, portanto, se realmente estamos preocupados com as pessoas que estão do lado de fora. É uma situação terrível para a Igreja, se ela meramente consiste de um conjunto de pessoas amáveis e respeitáveis, pessoas que não têm qualquer preocupação pelo mundo, pessoas que passam de largo, esquivando-se em seu horror diante da bestialidade, da vileza, e da feiúra de tudo aquilo. Não queremos apenas que os zombadores sejam silenciados, devemos desejar que esses homens e mulheres, que são como ovelhas que não têm pastor, tenham os seus olhos abertos, e comecem a ver a causa de

seus problemas e sejam libertos das cadeias de iniqüidade, das garras da infâmia, do vício e da vileza. Estamos verdadeiramente preocupados com tais pessoas, e estamos orando a Deus para que faça algo que as influencie e afete?

Esses, em meu ponto de vista, são os três motivos principais que influenciaram Moisés a oferecer estas súplicas a Deus. Há, porém, mais uma coisa aqui que devemos observar: é a maneira em que ele orou. Vimos pelo que ele orou, vimos por que ele orou por essas coisas, e agora vamos examinar seu método de oração. E se há uma área em que precisamos de instrução, é esta.

Há certos elementos que sempre se realçam em todas as grandes orações bíblicas, e a primeira característica da oração de Moisés é a sua intrepidez, sua confiança. Não percebemos nenhuma hesitação nela, e sim uma tranqüila confiança. Oh, permitam que eu use o seguinte termo: *santa ousadia*. Esta é *a* grande característica de todas as orações eficazes. É, naturalmente, inevitável. Vocês não podem realmente orar, e muito menos interceder, se não tiverem certeza de que serão aceitos, e se não conhecem o caminho de acesso ao santo dos santos. Se, quando vocês se põem de joelhos, são lembrados dos seus pecados, e começam a se perguntar que devem fazer a respeito deles, se precisam passar o tempo todo pedindo perdão e questionando se Deus está ouvindo ou não, como então podem orar? Como podem interceder da forma que Moisés fez aqui? Não - Moisés estava face a face com Deus, ele tinha certeza, e demonstrou uma santa ousadia. Como vimos, Deus lhe tinha dado provas de Sua proximidade, e assim ele foi capaz de falar com confiança e segurança.

Isto é absolutamente vital à oração. Vocês conhecem o caminho de acesso ao santo dos santos? Há somente um caminho - e Hebreus 4:14 o coloca de forma tão perfeita: "Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus..." Em seguida, o autor continua descrevendo-O como o Sumo Sacerdote que Se compadece das nossas fraquezas, tentado em todas as coisas como nós, mas sem pecado. Então ele chega à oração: "Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça a fim de sermos ajudados em tempo oportuno." Vocês notaram o "pois"? "Cheguemos, pois..." Ao que se refere? Oh, refere-se à verdade acerca do grande Sumo Sacerdote, Jesus, o Filho de Deus, que penetrou nos céus, e refere-se a toda a verdade a respeito dEle. Essa é a única forma de chegar com confiança ao trono da graça. Olhando para mim mesmo, não posso ter confiança; fico sem palavras. Assim como Jó, ponho a mão sobre a boca: "Com o ouvir dos meus

ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:5-6). Eu não posso falar. Mas eu preciso falar, se vou interceder. Como posso fazê-lo com confiança e segurança? Há somente uma resposta - é saber que meu grande Sumo Sacerdote é Jesus, o Filho de Deus, e que por Seu sangue eu tenho o direito de entrar no santo dos santos, e posso me aproximar com ousadia. Observem a confiança e segurança com que Moisés orou. E se vocês lerem algumas das orações dos santos através dos séculos, encontrarão esta mesma característica.

Mas há um segundo ponto, que é muito valioso e interessante, e é o elemento de raciocínio, de argumentação. É muito ousado, porém verdadeiro. Permitam-me lembrá-lo a vocês. "E Moisés disse ao Senhor: Eis que tu me dizes..." e isso significa que ele está realmente argumentando com Deus - "Eis eu tu me dizes: faze subir a este povo, porém não me fazes saber a quem hás de enviar comigo: e tu disseste..." - Ele está lembrando Deus do que Ele tinha dito. Está disputando com Deus: "E tu disseste: Conheço-te por teu nome, também achaste graça aos meus olhos. Agora pois," diz Moisés, como se estivesse dizendo a Deus, "Sê lógico, sê consistente, confirma o Teu argumento. Não podes me dizer isso e então não fazer nada a respeito." "Agora pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos: e atenta que esta nação é o teu povo." Ademais, no versículo 16: "Como pois" - se não fizeres isso - "como pois, se saberá agora que tenho achado graça aos teus olhos, eu o teu povo? Acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra?" Ele discutiu com Deus. Ele argumentou com Deus. Ele lembrou Deus de Suas próprias promessas, e fez suas súplicas à luz dessas promessas. Ele disse: "Oh, Deus, não vês que, tendo dito isso, Tu tens que...?"

Será certo, alguém talvez pergunte, falar com Deus dessa maneira? Isso não é presunção? Não, estas coisas acompanham uma à outra. O autor da Epístola aos Hebreus, que falou tanto a respeito de nos aproximarmos com confiança do trono da graça, ao mesmo tempo nos lembra de que sempre o devemos fazer com reverência e com santo temor. Então está bem. O que está acontecendo aqui é isto: não estamos vendo um homem sob a lei falando com o Doador da lei. Não, é um filho aqui, falando com seu Pai. E este filho pode tomar liberdades com seu pai que outra pessoa, que não é seu filho, jamais ousaria tomar. Oh, sim, é um filho falando aqui, e ele o sabe. Deus falou com ele face a face, e Moisés sabe disso. Agora ele vem com amor, com reverência,

com santo temor, e aventura-se a argumentar. Ele diz: "Tu disseste isto, portanto..."

Novamente, quero recomendar que leiam as biografias dos homens que foram usados por Deus na Igreja através dos séculos, especialmente em avivamentos. E vocês encontrarão esta mesma santa ousadia, esta argumentação, este raciocínio, colocando o caso diante de Deus, e suplicando por Suas promessas. Oh, às vezes penso que este é todo o segredo da oração. Thomas Goodwin*, em sua exposição a respeito do selo do Espírito em Efésios 1:13, usa um termo maravilhoso. Ele diz: "Requeiram dEle, requeiram dEle". Não O deixem em paz. Importunem-nO, por assim dizer, com Sua própria promessa. Digam-Lhe que Ele fará o que disse que faria. Citem as Escrituras a Ele. E, sabem, Deus Se deleita em ouvir-nos fazendo isso, como um pai gosta de ver isso em seu próprio filho que obviamente tem prestado atenção ao que o pai tem falado. Isso o agrada. O filho pode parecer um pouco impertinente, não importa, o pai gosta disso apesar de tudo. E Deus é nosso Pai, Ele nos ama, e gosta de ouvir-nos suplicando por Suas promessas, citando as Suas próprias palavras a Ele, e dizendo: "À luz disso, como podes Te abster?" Isto agrada ao coração de Deus. Requeiram dEle!

Outra coisa que devemos notar sobre esta oração é a sua forma ordeira e direta. Uma petição específica. Observem que Moisés aqui não está oferecendo uma oração vaga, indefinida e geral. Não - ele está concentrando em uma única necessidade. É claro que ele adorou a Deus, e veio com reverência e santo temor, sim, mas neste ponto ele concentra numa única coisa, a presença de Deus. Ele não se afasta disso. Diz: "Não vou prosseguir, a não ser que venhas. Tu tens que vir conosco." Ele então dá as suas razões e acumula todos esses argumentos sobre o seu pedido. E se posso falar por mim, não me sentirei feliz nem encorajado enquanto não sentir que a Igreja está se concentrando nisto - oração por avivamento. Contudo, não chegamos a este ponto; ainda estamos decidindo em comissões se vamos nos dedicar a isto, ou aquilo, ou a essas outras coisas, e pedindo a Deus que abençoe o que estamos fazendo. Não, não há esperança em tal curso de ação. Tem que ser esta única coisa. Temos de sentir este fardo, temos de ver isto como sendo a única esperança, e precisamos concentrar nisto, e persistir - a disciplina, a disposição, a concentração, o argumento, e sempre a urgência. Moisés aqui é como Jacó em Gênesis, capítulo 32. Este elemento sempre está incluído na verdadeira intercessão. "Não te

---

* *Uma Exposição do Primeiro Capítulo de Efésios*, Thomas Goodwin

deixarei ir", disse Jacó. Vou persistir. O dia estava amanhecendo, e ele tinha lutado durante a noite toda.

"Deixa-me ir."

"Não, não te deixarei ir enquanto não me abençoares."

Notem a urgência. Leiam as grandes orações da Bíblia; ela sempre se faz presente. Em Atos, capítulo 4, lemos que os cristãos pediram a Deus que agisse "*agora*". Oh, Deus, disseram, à luz disto, em nossa situação - agora - faça isto. Dá-nos alguma indicação, dá-nos algum sinal, capacita-nos a testemunhar com santa ousadia, e dar testemunho a respeito da ressurreição, o que eles estão nos proibindo de fazer. Notem a urgência da oração. Moisés continua voltando a isso, repetindo-o, colocando-o de diferentes formas e apresentando-o de diferentes ângulos. Mas houve sempre esta coisa: "Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir deste lugar." Insistindo com urgência, "Não te deixarei ir."

Aí, então, creio, são algumas das lições desta passagem. Oferecemos as nossas orações, porém será que realmente oramos? Temos a experiência desse tipo de encontro, de reunião? Temos a certeza do perdão dos nossos pecados? Estamos livres de nós mesmos e de nossa auto-preocupação, para podermos interceder? Temos um autêntico fardo pelo glória de Deus, e pelo nome da Igreja? Temos esta preocupação pelos que estão do lado de fora? E estamos suplicando a Deus, por amor do Seu próprio nome, por causa das Suas promessas, que nos ouça e nos responda? Oh, que Deus faça de nós intercessores tais como Moisés. Não adianta dizer: "Ah, mas ele foi um homem fora do comum." Deus, como vimos na história de avivamentos do passado, muitas vezes usou homens que eram simples "Joões-ninguém", da mesma forma que usou Moisés aqui. Há cem anos atrás, o desconhecido James McQuilkin foi o homem a quem Deus usou desta forma. Ele foi o Moisés da Irlanda do Norte. Pode ser qualquer um de nós. Que Deus faça de nós intercessores como Moisés.

16

O Que Acontece Num Avivamento

Então disse o Senhor a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome (Êxodo 33:12-17).

Até aqui, neste estudo, consideramos pelo que Moisés orou, por que ele orou por isso, e como ele orou. Agora chegamos ao ponto em que Deus ouviu Moisés e deu-lhe uma resposta, prometendo que faria por ele e pelos filhos de Israel exatamente o que Moisés tinha pedido. Então nosso assunto é, Deus tendo piedade e misericórdia da Igreja, e enviando Suas bênçãos. Avivamento, afinal, é nada mais do que Deus ouvindo o povo e respondendo, com esta manifestação da Sua glória, da Sua força, e do Seu poder. E é importante, por conseguinte, que compreendamos e saibamos pelo que devemos esperar e o que devemos buscar em nossas orações. Naturalmente, o meio de descobrir isso é voltar ao segundo capítulo de Atos. É um truísmo dizer que cada avivamento da religião que a Igreja experimentou tem sido, num sentido, uma repetição do que aconteceu no dia de Pentecoste, que tem sido um retorno àquela origem, àquele começo, que tem sido uma vivificação. Muito do que está sendo dito e escrito hoje em dia sobre o que aconteceu no dia de Pentecoste é superficial e perigoso. Pessoas aceitam indiscriminadamente a explicação de que o que aconteceu no dia de Pentecoste foi de uma vez para sempre, para nunca mais se repetir.

É importante que examinemos esta questão porque, se isso é realmente verdade, então está errado orar por avivamento. É óbvio, porém, que não pode ser verdade. Há somente um sentido em que o que aconteceu no dia de Pentecoste não pode ser repetido, e é que simplesmente foi o primeiro evento de uma série. Naturalmente, nunca podemos repetir o primeiro. Mas o fato de que não podemos repetir o primeiro evento não significa por um momento sequer que o que aconteceu na primeira ocasião não possa acontecer de novo. Eu afirmo que cada avivamento da religião é realmente uma repetição do que aconteceu no dia de Pentecoste. É realmente quase inacreditável que pessoas possam continuar dizendo que o que aconteceu no dia de

Pentecoste foi de uma vez por todas. Porque se examinarem Atos, capítulo 11, e virem a Pedro defendendo-se diante dos outros apóstolos por ter batizado o gentio Cornélio e sua família, verão que o que ele disse foi:

> *E disse-me o Espírito que fosse com eles, nada duvidando; e também estes seis irmãos foram comigo, e entramos na casa daquele varão. E contou-nos como vira em pé um anjo em sua casa, e lhe dissera: Envia varões a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa. E quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós no princípio (Atos 11:12-15).*

Observem o que ele diz. Ele diz que o Espírito Santo caiu sobre Cornélio, e sobre a sua casa, "*como também sobre nós no princípio*". Ele diz: "Aconteceu com eles a mesma coisa que aconteceu conosco no dia de Pentecoste." Em outras palavras, o batismo do Espírito Santo aconteceu no dia de Pentecoste, mas também aconteceu mais tarde, com Cornélio e sua casa. Esse é exatamente o argumento de Pedro: "e lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água: mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom" - o mesmo dom, percebem? - "que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?" E ele repete o mesmo argumento em Atos, capítulo 15.

Espero, sinceramente, que isto esteja claro em nossas mentes, e que compreendamos que realmente temos de parar de dizer que o que aconteceu no dia de Pentecoste aconteceu uma vez para sempre. Não foi assim; foi apenas o primeiro de uma série. Estou pronto a admitir que não podemos repetir o "primeiro". Todavia isso não importa; o que importa é o *que* aconteceu. O que aconteceu no Pentecoste aconteceu mais tarde exatamente da mesma forma, quando Pedro estava pregando a Cornélio e sua casa. O Espírito Santo caiu sobre eles, como tinha caído sobre aquelas pessoas no cenáculo, ali em Jerusalém. E, é claro, isso é exatamente o que acontece em cada avivamento.

Na verdade, há evidências adicionais que posso mencionar a vocês. Vocês podem ver em Atos, capítulo 4, que exatamente a mesma coisa aconteceu aos apóstolos e a outros, alguns dias depois do Pentecoste. Ali, depois de terem sido proibidos de pregar em nome de Jesus Cristo, eles voltaram à casa onde os cristãos estavam reunidos, e todos oraram

juntos. Daí lermos no versículo 31: "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo." Esse é exatamente o termo usado no segundo capítulo. O termo batismo não é usado no segundo capítulo, entretanto significa batismo. Nosso Senhor disse: "Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lucas 24:49), e também "determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo; não muito depois destes dias" (Atos 1:4-5). Então o que aconteceu no dia de Pentecoste foi o batismo do Espírito Santo. É descrito com estas palavras: "E todos foram cheios do Espírito Santo", no entanto, aqui, em Atos, capítulo 4, eles foram cheios do Espírito novamente. Não foi nada que eles fizeram, foi algo que aconteceu a eles. Tudo que eles fizeram foi orar, e então Deus derramou o Seu Espírito sobre eles novamente, e encheu-os até que transbordassem. "E todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (Atos 4:31).

Pois bem, isso é precisamente o que acontece em avivamentos. É Deus derramando o Seu Espírito, enchendo o Seu povo novamente. Não é o que lemos em Efésios 5:18, que é o mandamento para que "continuemos sendo cheios do Espírito". Isso é algo que vocês e eu fazemos, mas refiro-me aqui a algo que é feito para nós. É o Espírito caindo sobre nós, sendo derramado sobre nós. Estes são os termos: "Derramarei o meu Espírito." Somente Deus pode fazer isso. Mas nós somos responsáveis por continuarmos sendo cheios do Espírito. Não devemos entristecer o Espírito, não devemos apagar o Espírito, devemos ser obedientes ao Espírito. E enquanto fizermos isso, continuaremos sendo cheios do Espírito. Contudo isto é diferente, isto é o Espírito sendo derramado sobre nós até que transbordemos, o Espírito sendo enviado - estes são os termos. No entanto grande parte dos ensinos modernos jamais menciona estes termos bíblicos. Vocês nunca os verão falando ou escrevendo a respeito do Espírito sendo derramado, ou enviado; estes termos nunca são mencionados. Não - e isso é devido à teoria de que o que aconteceu no dia de Pentecoste aconteceu de uma vez por todas. Não há uma palavra nas Escrituras que confirme isso. Na verdade, como lhes mostrei, as Escrituras demonstram claramente o oposto: "Caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós no princípio." Precisamos nos acautelar para que não apaguemos o Espírito em favor de teorias ou temores de certos grupos religiosos excêntricos.

Tendo esclarecido esse ponto, passemos a considerar o que acontece quando isto se dá. "O que é avivamento?" alguém pergunta. "Por que você está preocupado com isso? Por que fica insistindo que oremos por isso?" A resposta é que isto, acima de tudo o mais, é o que precisamos hoje em dia. Quando é que a Igreja Cristã vai compreender isso? A festa de Pentecoste é particularmente um festival da Igreja. Oh, pode haver tragédia que se compare ao fracasso da Igreja em compreender que esta é sua necessidade, e que esta é sua única esperança? Todavia a Igreja não o compreende. É trágico ver diferentes ramos da Igreja reunindo-se em conferências e assembléias para investigar a situação e descobrir os problemas da Igreja. Estão investigando a situação, os problemas que confrontam a Igreja. "Aqui estão os fatos" - dizem. "Agora, que vamos fazer?"

E o que sugerem? Que haja um chamado à oração e ao jejum, e a que se humilhem diante de Deus? Que clamem a Deus que tenha misericórdia, e que os batize novamente com o Espírito Santo? É isso que fazem? Não, eu creio que o que vocês verão é que eles nomeiam comissões. Um grupo nomeou oito comissões especiais para investigar a situação; se não fosse tão trágico, seria quase cômico. Naturalmente, é isso que os políticos fazem, é o que um homem de negócios faz, e nessas esferas não há nada de errado com isso. É a coisa lógica e óbvia a fazer. Não obstante, em nome de Deus, eu pergunto, não é trágico que a Igreja Cristã esteja fazendo isso? Com o mundo na situação em que está - comissões para investigar, comissões para averiguar! E, na verdade, num caso há uma comissão que tem a responsabilidade de descobrir o que é a fé cristã e como devemos expressá-la. Com o mundo em fogo, e o inferno à solta, a Igreja Cristã está tentando descobrir qual é sua mensagem. Está procurando um meio de enfrentar a situação.

Isso é verdade em todos os setores da Igreja Cristã. Todos estão exatamente na mesma condição. Nenhuma palavra a respeito da necessidade de poder. Nenhum chamado à oração, à humilhação e à agonia na presença de Deus. A Igreja está fazendo tudo, exceto aquilo que o próprio Senhor ordenou que a Igreja Primitiva fizesse. "Ah", mas a Igreja diz, "sabe, as condições são diferentes hoje. Estamos no século vinte." Eu os insultaria se lhes desse minha resposta a isso. O século vinte não tem coisa alguma a ver com isso. O homem em pecado não muda. Meus amigos, estamos falando do poder de Deus. E quando estamos falando do poder de Deus, falar a respeito de mudanças superficiais em pessoas não só é irrelevante, é também absurdo. O mundo, eu digo, sempre tem sido o mesmo. Olhem para a situação no

livro de Atos. Podem imaginar situação mais sem esperança do que aquela? Ali encontramos apenas um pequeno grupo de pessoas, e são pessoas muito comuns. São descritas mais adiante como "homens iletrados e ignorantes". O Senhor da glória volta ao céu, e deixa a Sua causa e Seus interesses nas mãos desses homens. Os judeus estão contra eles, como tinham se oposto ao seu líder. Os gentios todos são pagãos. Essa é a situação. Um pequeno grupo de pessoas num mundo totalmente hostil e contrário. Nada podia ter sido pior do que isso. Nada podia ter sido mais difícil. Entretanto, lembrem-se do que aconteceu quando o Espírito Santo veio sobre eles? Eles se tornaram como leões, grandes em poder. Não levou muito tempo e eles começaram a transtornar o mundo, e dentro de três séculos essa pequena semente tornou-se a religião oficial do grande império romano. Como foi que aconteceu? Eles organizaram comissões para investigar e averiguar? Nada disso. Eles simplesmente permaneceram em oração, esperando pela promessa, o dom do derramamento do Espírito Santo.

Assim tem sido através dos tempos. Quero levá-los novamente através da história. Não foi assim por ocasião da Reforma Protestante? Que esperança tinha aquele homem, Martinho Lutero, que era apenas um desconhecido monge? Quem era ele para se levantar contra a igreja católica romana, contra quase quinze séculos (ou pelos menos doze ou treze séculos) de tradições opostas? Parece pura impertinência para este homem, sozinho, levantar-se e dizer - "Eu estou certo, e vocês todos estão errados." É o que diriam a respeito dele hoje em dia. No entanto ele era um homem com quem o Espírito Santo tinha tratado. E ainda que fosse apenas um homem, ele tomou uma posição, e a tomou sozinho, e o Espírito Santo o honrou. A Reforma Protestante surgiu, continuou, e tem sido sempre assim.

Portanto, a pergunta que devemos fazer é esta: o que acontece, então, quando Deus ouve o clamor, a súplica, e envia a Sua bênção? Aqui está o padrão. Os detalhes podem ser diferentes. Embora todos os avivamentos, num sentido, sejam idênticos, sempre há pequenas diferenças, embora o caráter principal sempre seja o mesmo. Há diferenças e variações individuais que não têm importância. São as questões centrais e básicas que importam. O que acontece com a Igreja quando Deus ouve o clamor e começa a responder? A primeira coisa realmente é que a Igreja torna-se cônscia de uma presença e de um poder em seu meio.

E cumprindo-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento

veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que o de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (Atos 2:1-4).

Há consciência de um poder, e de uma presença. Às vezes pode ser física, como foi aqui, através do "som, como de um vento veemente e impetuoso". Nem sempre é físico, porém tem sido assim freqüentemente em avivamentos - vocês podem ler isso nas histórias e nos registros. Não importa quem os tenha escrito, eles sempre testificam da mesma coisa. Todavia, aquilo de que todos se conscientizam, sempre, é a súbita consciência de uma gloriosa presença em seu meio, tal como nunca experimentaram antes - um senso de poder e um senso de glória. E sempre tem sido assim.

Pode ser acompanhado de fenômenos, como neste caso - "línguas repartidas, como de fogo" - falando em línguas. Estas coisas nem sempre se repetem. Às vezes este senso de poder e de glória é tão grande que as pessoas acabam prostradas no chão por causa dele. Como vocês ouvem falar de pessoas literalmente desmaiando quando recebem uma boa notícia, que não esperavam, assim, quando homens e mulheres experimentam esta gloriosa presença, às vezes é demais para a sua constituição física. Não devemos nos deter muito nestas coisas, mas elas enfatizam este grande fato, este senso de Deus, da presença e da presidência do Espírito Santo. Se vocês lerem o livro de Sprague * sobre avivamentos, encontrarão a mesma coisa. Homens dão seus testemunhos no fim do livro. Grandes homens da Igreja dão um relato de como passaram por períodos de avivamento da Igreja, e é sempre evidente que a experiência deles era que passaram de apenas uma crença em Deus para um conhecimento dEle como realidade. Deus tinha descido, por assim dizer, entre eles. A liderança da reunião é tirada das mãos da pessoa encarregada, e o Espírito Santo começa a presidir, a assumir a liderança, e todos estão conscientes da Sua presença, da Sua glória e do Seu poder. Isso foi o que aconteceu no dia de Pentecoste. Isso é o que aconteceu, em certa medida e até um certo ponto, em cada avivamento que a Igreja já experimentou.

Contudo, há mais. A Igreja recebe, como resultado disso, grande segurança com respeito à verdade. Ela não precisa investigar a

---

* William Sprague: *Palestras sobre Avivamento*

verdade, nem estabelecer uma comissão de averiguação, ela recebe certeza absoluta quanto à verdade. É isso que se realça tão claramente na história em Atos. Considerem esses homens, esses apóstolos. Vocês se lembram como, apenas algumas semanas antes, logo depois da crucificação, eles estavam abalados e muito inseguros? Tinham fé no Senhor Jesus Cristo e acreditavam que Ele era o Messias, no entanto Ele tinha sido crucificado e eles estavam abalados e confusos em suas mentes.

Lemos no último capítulo do Evangelho de João que eles estavam conversando quando Pedro subitamente disse: "Vou pescar." Tenho que fazer alguma coisa para aliviar esta tensão, sinto-me tão miserável, é uma situação impossível.

E os outros disseram: "Também nós vamos contigo."

É difícil imaginar um quadro mais melancólico. Eles estavam abalados e inseguros a respeito de tudo. Então o Senhor aparece a eles, os ensina, e essa certeza os coloca numa condição mais animada. Mas foi somente após o que aconteceu a eles no dia de Pentecoste que certeza e compreensão encheram seus corações, e imediatamente começaram a falar ao povo as maravilhosas obras de Deus. Nunca mais houve qualquer dúvida, *nunca* mais tiveram qualquer problema de compreensão.

Considerem o próprio Pedro, leiam o sermão que ele pregou nessa ocasião. Ele expõe as Escrituras do Velho Testamento, mostrando o significado da profecia de Joel. Ele tem um entendimento que nunca tivera antes. Nosso Senhor os levara através das Escrituras, porém eles não as tinham compreendido claramente. Finalmente Pedro compreendeu. E aqui está ele com sua mente iluminada, seu coração comovido, e está falando, expondo e explicando neste extraordinário sermão. Isto também é algo que invariavelmente acontece em avivamentos. Pessoas não têm nenhuma dúvida a respeito destas grandes coisas em tais ocasiões, elas *sabem*, e é disso que testificam. Na verdade, é isto que dizem: "Eu fui crente no Senhor Jesus Cristo por anos, mas era assaltado por dúvidas. Entretanto, daquele momento em diante eu tive certeza. Ele disse-me que me amava, e que tinha Se entregue a Si mesmo por mim." Seu testemunho é de que tem mais certeza a respeito de Jesus, de Deus, e do reino espiritual, do que de qualquer outra coisa. Há um senso de proximidade, de direção; não é mais algo indireto, é pela fé. Estas coisas adquirem uma realidade concreta para tais pessoas. Elas estão absolutamente certas e seguras, e isto também é algo que é uma experiência universal em épocas de avivamento.

A próxima coisa que percebo é que a Igreja está cheia de regozijo

e de louvor. Leiam novamente os termos usados no fim desse capítulo: "E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo." É assim que a Igreja Cristã deveria ser. Grande regozijo, grande louvor ao Senhor Jesus Cristo, e a Deus, gloriando-se nesta grande salvação, na vida nova que recebeu, e na certeza do céu. É o simples padrão do que tem se repetido com tanta freqüência quando Deus derramou o Seu Espírito sobre a Igreja. Nunca me canso de citar algo que lembro ter lido nos diários de George Whitefield. Ele estava pregando em Cheltenham certa ocasião, e disse: "Subitamente o Senhor desceu entre nós." Temos esta experiência? Cremos nisso, cremos que tal coisa é possível? Agora, George Whitefield, mesmo em seus piores momentos, foi provavelmente o maior pregador que este país já teve. Contudo houve variações até mesmo em seu ministério. Nesta ocasião ele mesmo ficou surpreendido. Ali estava ele, pregando, e tendo um culto muito bom, quando subitamente soube que o Senhor tinha descido entre eles. Foi uma coisa maravilhosa, e resultou em grande regozijo, louvor e ação de graças. Quando a Igreja está numa condição de avivamento, vocês não precisam exortar as pessoas a louvarem a Deus; vocês não conseguirão fazê-las parar, elas estão tão imersas na presença de Deus. Até mesmo seus rostos o mostram. Ficam transfiguradas. Uma expressão celestial vem sobre os seus rostos, que expressa este regozijo, este louvor. Não podemos ver que isto é o que a Igreja precisa hoje em dia? As pessoas ficam do lado de fora porque acham que os cristãos vivem vidas tão miseráveis. Às vezes damos a impressão de que aqueles que estão do lado de fora são muito mais felizes do que nós. No entanto quando o Espírito Santo é derramado, as pessoas são cheias deste regozijo. Não é algo superficial, carnal, forçado, é algo que vem de dentro; o poder do Espírito irradiando da personalidade toda, e dando uma alegria que é "indizível e cheia de glória".

Outro fator que devo enfatizar é este elemento de adoração e de ação de graças, junto com uma grande liberdade. Lemos que "perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações... E todos os que criam estavam juntos... E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo" (Atos 2:42-46). Adoração! Ação de graças! Novamente, vocês notarão que quando Deus envia um avivamento não é preciso exortar as pessoas a se reunirem para adoração e louvor, e para estudarem a Palavra; elas insistem nisso! Vêm noite após noite,

e ficam por horas, às vezes até de madrugada. Isso continua noite após noite, por meses, exatamente como aconteceu aqui no princípio. Eles se encontravam diariamente. Não conseguiam ficar separados. É claro que não; esta coisa maravilhosa tinha-lhes acontecido, esta alegria do Senhor, e eles queriam agradecer a Ele juntos, orar juntos e pedir-Lhe que o estendesse a outros. Se isso acontecer com a Igreja, o mundo ficará assombrado, como sempre aconteceu em cada período de avivamento e despertamento. É isso que é necessário, não recorrer a métodos mundanos duvidosos, para tentar reunir multidões e congregar as pessoas. Não, o que precisamos é este impulso íntimo, esta compulsão do Espírito, esta comunhão de pessoas que compartilham da mesma gloriosa experiência.

A seguir, o que devemos observar a respeito da Igreja num avivamento é o poder e a ousadia que são dadas para a proclamação da verdade. Considerem Pedro novamente. Apenas poucas semanas antes, ele estava tão cheio de temor, vítima de um espírito tão covarde, que para salvar a sua vida ele até mesmo negou o Senhor Jesus Cristo diante de uma empregada. Mas aqui está ele agora, pregando em Jerusalém. Sabe que as autoridades o estão observando e escutando o que ele diz, e lhes diz claramente em termos bem definidos o que eles fizeram ao crucificarem o Senhor Jesus Cristo. Ele diz: "A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos" (Atos 2:23). Ele repete isto novamente no capítulo seguinte. Aí ele está se dirigindo às mesmas pessoas, e diz:

> *O Deus de Abraão, e de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas" (Atos 3:13-15).*

Ele os ataca, ataca seus líderes e governadores. Não tem mais medo deles nem do mundo todo. Não importa que o inferno esteja à solta, ele esta cheio de uma santa ousadia, dá testemunho da ressurreição, e proclama a verdade de Deus sem temor e sem hesitação. Isto também é constante na história dos avivamentos. É o que acontece com toda a Igreja, e é o que acontece a indivíduos. D.L. Moody, depois de ter tido a experiência do derramamento do Espírito Santo sobre ele, depois de experimentar o batismo com o Espírito Santo, disse: "Continuei

pregando os mesmos velhos sermões que pregara antes. Todavia," ele acrescentou, "eles eram completamente diferentes." E eram. E os resultados eram diferentes. Os mesmos sermões, e no entanto não eram os mesmos sermões. Havia neles esta demonstração do Espírito e de poder. E o mesmo aconteceu com muitos outros.

Estas, então, são as coisas que acontecem com a Igreja em tais ocasiões. Mas o que acontece ao mundo, àqueles que estão do lado de fora? A Igreja, experimentando esta grande visitação, agora passa a se preocupar com o mundo. Portanto, passa a orar e pregar ao mundo. A Igreja passa a preocupar-se com o mundo. A primeira coisa que acontece é que o mundo é atraído porque sua curiosidade é despertada. É o que lemos aqui: "E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa..." - uma grande multidão reuniu-se, perguntando: "Que quer isto dizer?" (Atos 2:5-6,12). O problema que confronta a Igreja hoje é saber o que fazer com as massas que estão fora da Igreja. Como vimos, sua solução muitas vezes é estabelecer comissões para investigar - "Vamos ter uma comissão que vai investigar *o que* devemos pregar a eles. E então teremos outra comissão para investigar *como* devemos pregar a eles. Chamam a isso o problema de comunicação: "Como podemos fazer com que as pessoas escutem?" Como se nunca tivesse havido um problema de comunicação antes desta geração! Todavia o problema sempre existiu. Existiu no começo. Que vamos fazer a respeito das massas? Como vamos reuni-las? Que podemos fazer? Podemos atraí-las com algum programa? Podemos planejar algo brilhante, algo divertido, e começar da maneira que vi uma vez numa conferência? Começaram com músicas cômicas, então passaram para cânticos um pouco mais sérios, e finalmente cantaram alguns hinos. É esse o método? Oh, se quiserem uma multidão em suas igrejas, orem por avivamento! No momento em que o avivamento irromper, as multidões virão e, eu lhes asseguro, não lhes custará um centavo. Estou me dirigindo à Igreja, que está gastando fortunas em propaganda tentando atrair o mundo. No momento em que vocês tiverem um avivamento, os jornais o publicarão. Eles o farão, é claro, com a motivação errada. Eles o farão porque não lhes agrada, porque acham que é ridículo, porque acham que essas pessoas ficaram loucas, ou estão embriagadas. Não importa. Eles darão propaganda gratuita ao avivamento. E as multidões virão para ver o que está acontecendo, como fizeram no dia de Pentecoste em Jerusalém. Como somos tolos! Nossa "esperteza" é nossa perdição. Achamos que podemos encher as igrejas. Quando

vamos despertar para o fato de que não podemos fazê-lo, porém que o Espírito Santo pode? Ele até mesmo toma conta desta parte para nós.

Lemos em Atos que o povo veio com comentários céticos e desdenhosos: "Estão cheios de mosto (vinho novo)", disseram zombeteiramente - "Esse é o problema deles."

Mas Pedro levantou-se, dizendo: "Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia." "Usem o seu bom senso," ele está dizendo. "Pondo de lado tudo o mais, como é que eles podem estar embriagados a esta hora do dia? Não obstante", ele continua, "este é o aspecto negativo. O positivo é que isto é o que foi dito pelo profeta Joel." E ele começa a pregar. "Varões irmãos seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi..." E continua: "Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (Atos 2:36). Então observem isto: "E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: que faremos, varões irmãos?" Pedro ainda nem chegou ao fim do sermão, mas eles começaram a clamar antes que ele pudesse terminar. Ele não terminou seu sermão, para depois haver um hino, e então dizer a si mesmo, "E agora, o apelo," para assim tentar convencê-los a virem à frente. Não, nada disso. Antes que terminasse de pregar, eles estavam clamando e dizendo: "Que faremos?" Não havia necessidade de fazer nenhuma espécie de apelo na reunião. O Espírito Santo o fizera. As pessoas estavam tão convictas do pecado, tão quebrantadas, alarmadas e aterrorizadas, que interromperam o sermão e clamaram, dizendo: "Varões irmãos, que faremos?" Estão em agonia de alma, sofrendo com profunda convicção de pecado.

Essa é a história de cada avivamento. Sempre há este tipo de interrupção, quase uma desordem, o que alguém definiu como "divina desordem". Isso, então, leva ao arrependimento. "Oh," diz Pedro, "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados." E eles o fizeram. Não é uma mera questão de "decisão" quando está acontecendo um avivamento, é um profundo arrependimento, é uma reforma. Pessoas recebem uma vida nova e abandonam sua velha vida. Quando um avivamento irrompe, a vizinhança toda muda, e as condições morais sofrem uma revolução. Leiam as histórias; tudo isso são fatos. Não são minhas idéias ou teorias, são fatos. As estatísticas estão aí para provar. Toda a situação moral muda quando temos um avivamento, quando o Espírito Santo está fazendo a Sua obra. Não somente bêbados abandonam a bebida e coisas assim, mas tavernas e bares fecham por falta de negócios.

Houve um caso na Irlanda do Norte, há cem anos atrás, em que um taverneiro foi convertido. Ele foi à reunião porque todos os seus fregueses desapareceram. Ninguém mais vinha à sua taverna, então ele foi à reunião, dizendo: "O que é toda essa tolice?" E ali ele foi convertido e tornou-se um pregador do evangelho. Isso é avivamento - um verdadeiro arrependimento de coração, uma renúncia ao pecado, uma novidade de vida, manifestando-se num comportamento totalmente novo.

Os convertidos se uniram à Igreja. Não era um caso de decisões temporárias: eles se uniram à Igreja, eram acrescentados à Igreja. As igrejas estavam sendo edificadas: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações." É um fato que, como resultado do avivamento de cem anos atrás, o número de novas igrejas que foram construídas foi fenomenal, não porque pessoas que já estavam na Igreja receberam um novo estímulo e estavam frequentando com maior regularidade. Não - é que pessoas de fora vieram, foram convertidas, mudaram de vida e uniram-se à Igreja. E é isso que nos dizem que a Igreja precisa hoje em dia. O número de membros está caindo, a freqüência à Escola Dominical está diminuindo, tudo está menor. Igrejas são fechadas e os membros tentam juntá-las - e daí temos as comissões para fazer isto e aquilo, todavia é inútil. Se quisermos que as pessoas venham, aqui está a resposta. Este é o caminho seguro e infalível - o derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja, o Espírito de Deus vindo sobre a Igreja novamente, com um novo batismo de poder, de autoridade e capacidade para testemunhar e para pregar.

Preciso dizer mais? Não podem ver tudo aqui? Foi assim que Deus deu início à Igreja, e é assim que Deus tem continuado a manter a Igreja viva. Quando, nas mãos dos homens, tantas vezes ela quase morreu, Deus novamente operou desta forma. Ele repetiu Sua obra original. A Igreja moribunda levantou-se para um novo período de vida, de atividade, e de poder. Não é esta a suprema necessidade desta hora? Se vocês crêem nisso, então orem a Deus sem cessar. Continuem com todas as suas atividades, se quiserem. Continuem com seu trabalho. Não estou dizendo que devem parar com todos os seus esforços e simplesmente esperar. Não, continuem, se quiserem, fazendo tudo que têm feito até aqui, não obstante quero acrescentar isto - certifiquem-se de que têm tempo para orar por avivamento, e dediquem mais tempo a isso do que a qualquer outra coisa. O fato é que quando o Espírito Santo vier com poder, mais acontecerá numa hora do que poderia acontecer em cinqüenta ou cem anos como resultado dos nossos

esforços. O poder do Espírito Santo - esse é o significado do dia de Pentecoste, o poder de Deus descendo de tal forma que os apóstolos ficaram assombrados, como Pedro ficou quando pregou na casa de Cornélio. Ali estava ele novamente, no meio do seu sermão, quando o Espírito Santo caiu sobre eles, e Pedro mal podia acreditar. Ele não tinha acreditado que os gentios pudessem vir a ser parte da Igreja. Lembram-se como ele argumentou quando recebeu a visão do lençol enquanto orava no telhado da casa? Precisou da visão para ser convencido. Mas quando viu que Deus fizera pelos gentios a mesma coisa que fizera pelos judeus em Jerusalém no princípio, ele disse: "Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?" (Atos 10:47).

Oremos para que Deus tenha piedade, para que tenha misericórdia, e que derrame novamente Seu bendito Espírito Santo sobre nós.

17

A Glória de Deus Revelada

Então ele disse: rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti: e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer. E disse mais: não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá. Disse mais o Senhor: eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas: mas a minha face não se verá (Êxodo 33:18-23).

Moisés, como devem lembrar, havia pedido a Deus que tivesse misericórdia e compaixão e que voltasse ao Seu povo. Daí vimos como Moisés pediu a Deus por algo mais. Ele pediu por uma garantia pessoal. Ele argumentou - até mesmo discutiu - com Deus, e suplicou a Ele por uma manifestação fora do comum, de Si mesmo, para que os povos ao redor deles pudessem saber que ele e os filhos de Israel tinham achado favor aos olhos de Deus. Então a resposta de Deus a Moisés foi: "Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome." E no último capítulo consideramos, em termos da mensagem do Pentecoste, como é que Deus responde esta oração em particular.

Isso, então, nos traz à terceira e última divisão deste grande capítulo, que é certamente um dos relatos mais extraordinários que podemos encontrar em todas as Escrituras. É um desses parágrafos que só podemos abordar com considerável hesitação e incerteza. Estamos pisando em terra santa, e devemos estudar declarações como esta com reverente admiração. Sinto que a palavra que veio a Moisés diante da sarça ardente é dirigida a nós também: "Tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa" (Êxodo 3:5). É um episódio extraordinário e assombroso, no entanto, devemos examiná-lo, porque creio que veremos, ao fazê-lo, que nos levará a um estágio mais avançado em nossa compreensão do que acontece quando Deus

graciosamente visita a Sua Igreja, e Seu povo, com um avivamento e despertamento. Esse ainda é nosso tema fundamental. Todas estas considerações de diferentes porções das Escrituras têm esse propósito, de que tenhamos um conceito mais profundo e mais claro do que acontece quando Deus nos dá e envia uma visitação especial do Seu Espírito Santo.

Quero deixar uma coisa bem clara neste ponto. Ainda que estejamos tratando do assunto de forma geral, e como afeta um número de pessoas ao mesmo tempo, não devemos esquecer que é possível que tudo isto aconteça na vida de um indivíduo em qualquer ocasião. Há pessoas que não parecem compreender isto muito bem, e esta é a razão por que estou dando esta palavra de explicação. É possível que uma pessoa, por si, tenha qualquer uma destas experiências que estamos descrevendo e ilustrando com as Escrituras. Um avivamento é simplesmente uma situação em que estas coisas acontecem a um grupo de pessoas ao mesmo tempo. Assim sendo, ao considerarmos estes princípios, devemos manter esse fato em mente. Em outras palavras, não é necessário que esperemos até que um avivamento venha para que possamos experimentar algumas destas coisas. Podemos buscá-las individualmente. Mas Deus, de tempos em tempos, agrada-Se em concedê-las a um grande número de pessoas reunidas, a uma igreja toda, a um distrito, talvez mesmo a um país, ou a vários países do mundo, como Ele o fez há cem anos atrás, em 1859.

Com isso em mente, vamos prosseguir, considerando o que lemos aqui. Podemos dividir o assunto desta forma. Primeiro, obviamente, temos o pedido de Moisés: "Então ele disse: rogo-te que me mostres a tua glória." Ora, isto é algo que realmente nos assombra. Moisés ainda não está satisfeito. Ele não está satisfeito apesar de tudo o que Deus lhe prometeu, e apesar de tudo que estava recebendo. Considerem este homem, Moisés, que esteve no monte por quarenta dias e quarenta noites, em comunhão com Deus. Ele já tivera essa experiência, e também tivera as experiências registradas neste capítulo, onde lemos que Deus "falou com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo" - algo extremamente fora do comum. E então, em resposta ao seu pedido por segurança e satisfação, Deus diz: "Farei também isso." Então dá-lhe aviso disso imediatamente. Todavia Moisés vai mais longe. Ele não está satisfeito. Ele não pára, mas vai adiante, e diz: "Rogo-te que me mostres a tua glória." Isto é o que podemos descrever como uma qualidade ousada que sempre faz parte de grande fé. Encontramos outras ilustrações disto em outros lugares nas Escrituras. Entretanto aqui está provavelmente uma das mais

extraordinárias - a ousadia de Moisés que, já tendo recebido tais respostas, ainda aventura-se a pedir por algo mais. Ele parece subir de passo em passo. Assim que Deus diz: "Sim, eu te darei até mesmo isso," Moisés diz: "Dá-me mais." E aqui ele faz o que é, de muitas formas, o pedido final e supremo, a saber, que possa ver e conhecer a glória de Deus.

Isto é o que deve prender nossa atenção no momento. Vamos fazer algumas perguntas a nós mesmos, antes de continuarmos. Temos a experiência deste avanço passo a passo e de estágio em estágio? Ao olharmos atrás, e avaliarmos nossa experiência cristã, sabemos o que é subir desta forma, passo a passo, de plataforma em plataforma? Temos experiência desta ousadia crescente na presença de Deus, esta segurança crescente, e este desejo por mais e mais? Enquanto agradecemos a Deus por tudo que temos recebido, como Moisés fez, temos ao mesmo tempo este anseio por algo acima e além do que alcançamos - ansiamos e nos esforçamos por escalar maiores alturas, por assim dizer? Este é um princípio ensinado nas Escrituras: "Porque a qualquer um que tiver será dado, e terá em abundância" (Mateus 25:29). Estou perguntando se temos esta experiência, simplesmente porque tenho a incômoda sensação de que a característica principal da maioria de nós, sim, inclusive nós que somos evangélicos, é auto-satisfação. Temos a sensação de que chegamos à reta final porque nos convertemos, e talvez até tivemos experiências adicionais à conversão. Talvez sintamos que tudo que precisamos fazer é manter a nossa posição, e talvez até mesmos sintamos que somos superiores àqueles que não chegaram ao ponto em que estamos. Quanta evidência há em nossa vida de esforço, de uma busca, de um desejo de subir nas asas da fé, seguindo os passos de Moisés, e dizendo: "Oh, eu Te agradeço pelo que me prometeste, mas mostra-me a Tua glória"? Permitam-me colocá-lo em termos mais diretos. Até que ponto estamos conscientes de um desejo pelo próprio Deus, e por um conhecimento da glória de Deus? Imagino que este seja o ponto mais alto da fé. Moisés não está mais pedindo a Deus por bênçãos específicas. Ele já fez isso, mas não se limita a isso, ele vai além das bênçãos, vai além dos dons, agora está buscando um conhecimento íntimo de Deus. Ele está cheio de um ardente anseio por um conhecimento pessoal, uma confrontação, um encontro com o próprio Deus. Ele não despreza os dons; pelo contrário, é por causa dos dons, e por causa dos vislumbres que ele recebeu da glória de Deus no tocante aos dons, que agora esquece de si mesmo e de todos os dons e bênçãos; ele tem apenas este anseio pelo próprio Deus e pela glória de Deus.

Essa é a pergunta, eu creio, que deveria surgir em nossa mente. Temos a experiência de tal anseio? Talvez tenhamos sido cristãos por muitos anos, mas realmente ansiamos por um conhecimento e experiência pessoal com Deus? Oh, eu sei, oramos por causas, oramos pela Igreja, oramos por missionários, oramos por nossos próprios esforços e as coisas que organizamos, sim, contudo não é disso que estou falando. Todos pedimos por bênçãos pessoais, porém o que sabemos deste anseio pelo próprio Deus? Foi por isso que Moisés pediu: "Mostra-me a Tua glória. Leve-me um passo mais perto de Ti." É a mesma coisa que o salmista expressa no Salmo 42: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo." Isso é o que ele quer. Ele quer o próprio Deus vivo, e é por isso que ele anseia, pelo que tem sede. Encontramos o mesmo pensamento no Salmo 17, versículo 15: "Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfazer-me-ei da tua semelhança quando acordar."

Chamo sua atenção a isto porque aqui, devemos lembrar, vemos os desejos de homens sob a dispensação do Velho Testamento. Moisés, e o salmista, eram homens que simplesmente contemplavam as promessas do evangelho de longe. Não as tinham visto, mas tinham os seus olhos focalizados nelas, e criam que elas estavam por vir. Sim, todavia elas ainda não tinham vindo, ainda não tinham se realizado. "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia," Cristo diz, "e viu-o, e alegrou-se" (João 8:56). Abraão cria nas promessas. Viu-as pela fé. Assim também foi com todos esses homens, diz o autor de Hebreus no capítulo 11. Eles não tinham recebido as promessas, entretanto criam nelas, viram-nas de longe e, como vemos, aqui estão estes homens em tal situação, anelando por ver e por experimentar a glória de Deus. Mas vocês e eu estamos vivendo numa nova dispensação. Não estamos olhando para o futuro, para a vinda do Messias, não estamos olhando para o Calvário no futuro, estamos olhando para trás. Temos estes registros no Novo Testamento, declarações específicas, a história toda revelada: o Espírito Santo foi dado. E no entanto, eu me pergunto, como nos comparamos com o salmista, e com Moisés? Qual é o problema conosco, meus amigos? Nós, que gostamos de nos jactar da nossa superioridade sobre os santos do Velho Testamento, alguns de nós tolos até mesmo a ponto de crer que eles nem eram santos. Como nos comparamos com eles, em termos de experiências? É claro que essas pessoas eram filhos de Deus, contudo estavam vivendo na opaca luz da velha dispensação, enquanto que vocês e eu estamos vivendo sob a nova dispensação. No entanto, aqui os vemos clamando, "Mos-

tra-me a Tua glória". E notem, também, o íntimo relacionamento que o salmista tinha com Deus.

Este é, realmente, o supremo alvo da verdadeira busca por avivamento. A oração por avivamento é, em última análise, uma oração baseada na preocupação pela manifestação da glória de Deus, e lembrem-se de que isto pode acontecer tanto individualmente como coletivamente. Agora, Moisés sabia algo a respeito da glória de Deus. Ele não a tinha visto, mas ele cria em Deus. Tinha aceito a revelação e recebera manifestações esparsas, aqui e ali. E baseado nisso foi que ele disse: "Agora, mostra-me a Tua glória, que ela se manifeste." E esta deveria ser a nossa atitude. Aqui estamos, neste mundo cheio de dificuldades, vemos a Igreja definhando, vemos o pecado e a maldade desenfreados à nossa volta. Sabemos que Deus está ali, em toda a Sua glória, e a necessidade é que sejamos movidos, como Moisés foi, a desejar a manifestação desta glória. Porventura não é quase inconcebível que haja cristãos que não fazem esta mesma oração de Moisés? Não seria difícil compreender como alguém possa estar satisfeito com as coisas como estão hoje em dia? Mas há muitas pessoas assim, pessoas que dizem: "O que é todo esse falatório a respeito de avivamento, e de orar por avivamento? Acaso tudo não está indo bem? A Igreja, a Igreja evangélica, não está indo bem? O que é tudo isso?" Oh, meu caro amigo, tais palavras simplesmente expressam o fato de que você sabe muito pouco a respeito de Deus. Você está interessado em ver coisas acontecendo, em resultados, em atividades, em bênçãos; porém você tem alguma experiência acerca deste anseio pela manifestação da glória de Deus? Você sabe alguma coisa a respeito de ter sede pelo próprio Deus? Será que muitos de nós estamos tão ocupados que nem sequer temos tempo de pensar em Deus? Deus não é uma força. Deus é pessoal. Deus é três pessoas - Pai, Filho, Espírito Santo. Ou será que esquecemos este elemento pessoal? Será que adquirimos a tendência, em nossa grande pressa e em todas as nossas atividades, de pensar em Deus apenas como uma espécie de "agência abençoadora"? Não há dúvida de que, ao avançarmos em fé, em conhecimento, e em experiência, vamos mais e mais desejar ao próprio Deus, e não somente as coisas que nos são dadas por Deus.

O apóstolo Paulo expressa isto com perfeição em seu próprio caso. Ele tinha recebido tanto, e recebera bênçãos tão extraordinárias, todavia ele diz em Filipenses 3:10: "Para o conhecer..." Seria de se pensar que se houve um homem que conheceu Cristo, foi o apóstolo Paulo, mas ele não estava satisfeito: "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me

com ele na sua morte; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu o tenha já alcançado..." diz este homem que tinha obtido tanto - este homem que teve experiências tão fora do comum. Não, o ponto é que ele teve tais experiências do conhecimento de Deus que quer mais, quer saber mais por si mesmo. Ele esquece das coisas que para trás ficam, e prossegue para o "alvo". E tudo isso enfatiza o fato de que não adianta falar destas coisas se não as desejamos, se não sabemos algo a respeito delas. Perguntemo-nos mais uma vez: até que ponto experimentamos um anelo pelo próprio Deus, pelo Deus vivo, e clamamos em nosso coração, "Mostra-me a tua glória"?

Isso, então, nos conduz à resposta de Deus. E este é um assunto que é necessário dividir em vários subtítulos. A primeira coisa que vemos claramente neste relato é que Deus responde a Moisés dizendo-lhe: "Sim, vou responder tua oração, tua petição, mas vou fazê-lo à minha própria maneira." E devemos examinar isto porque chega imediatamente à nossa atenção que esta é uma resposta parcial. Depois vamos considerar, em segundo lugar, o meio, ou o método, pelo qual Deus dá esta resposta parcial. Em terceiro lugar consideraremos a natureza da resposta, pois está tudo aqui.

Vamos, então, começar com a primeira coisa - o caráter ou a natureza parcial da resposta de Deus. No versículo 20 Deus disse a Moisés: "... não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá." No versículo 23: "E, havendo eu tirado a minha mão, me veras pelas costas: mas a minha face não se verá." Aqui estamos, face a face, com o mistério final. A resposta será dada, sim, porém desta maneira parcial. É necessário que seja assim, e certamente não deveríamos ter dificuldade em entender isto. "Homem nenhum verá a minha face, e viverá." Em outras palavras, homem nenhum é capaz de suportar a visão plena da glória de Deus. Ele não poderia suportá-la, isso o mataria, por causa da inconcebível natureza da glória. Não há dúvida de que 99,9% dos nossos problemas como cristãos é que somos ignorantes no que se refere a Deus. Passamos tanto tempo sentindo o nosso próprio pulso, tirando nossa própria temperatura espiritual, considerando as nossas disposições, situações e temores. Oh, se tão-somente tivéssemos uma concepção dEle, da inconcebível glória de Deus!

Deus imortal, invisível, sábio,
Em luz inacessível, oculto aos nossos olhos.

Moisés não compreende muito bem o que ele está pedindo, por isso Deus o corrige, e o ensina. Ele o faz suavemente, com ternura, mostrando-lhe exatamente o que é possível e o que não é.

Isto não é peculiar a Moisés. Isaías teve um vislumbre do Senhor em certa ocasião. Está registrado no capítulo 6 de sua profecia. Quando ele recebeu apenas um vislumbre daquela glória inefável, ele exclamou: "Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros..." Ele ouviu as vozes dos serafins: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos." E então a casa encheu-se de fumaça e os umbrais das portas se moveram. Apenas um vislumbre daquela glória, e - "Ai de mim!" diz Isaías. "Não sou merecedor disto. Sou indigno." Ele está atordoado.

João, o apóstolo, relata-nos que quando ele também recebeu apenas um vislumbre da glória, "caí a seus pés como morto" (Apocalipse 1:17). Esses eram homens, permitam-me lembrar-lhes, vivendo no mundo, na carne, como vocês e eu. Eles tiveram tais experiências com Deus; por que não as temos nós? Por que sabemos tão pouco a respeito destas coisas? Estas são coisas que deveriam fazer parte da vida do cristão. Cristianismo é conhecer a Deus: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Não somente saber a respeito de Deus, e sim conhecer a Deus.

O apóstolo Paulo, ainda conhecido como Saulo de Tarso, viajando pela estrada de Damasco, subitamente viu aquela luz, mais brilhante do que o sol em seu resplendor. Lembram-se o que aconteceu com ele? Ele caiu ao chão, cego. A glória causou aquilo, a visão da glória foi demais. Deveríamos ser capazes de ter um crescente entendimento disso hoje em dia. Lemos sobre as explosões de bombas atômicas, e que as pessoas devem ter o cuidado de proteger seus olhos, por causa do brilho da explosão. Multipliquem isso pelo infinito e terão uma idéia da glória de Deus. Quando os apóstolos, os discípulos, estavam com nosso Senhor no monte da transfiguração, e viram a Sua transfiguração, um sono profundo caiu sobre eles. Por quê? Era para protegê-los, porque a glória é tão transcendente que é cegante, é inconcebível.

Então vocês se lembram que Paulo nos diz em II Coríntios 12 que ele tivera uma experiência, cerca de quatorze anos antes, em que fora levado ao céu, e ele diz: "Se no corpo não sei, se fora do corpo não sei." "Foi tão maravilhoso," ele diz, "que eu realmente não sei." Ele estava num estado e numa condição que realmente não conseguia descrever com precisão.

"Ah", alguém dirá, "mas isso só aconteceu com homens nas

Escrituras."

Não, não é verdade. Isto é algo que continuou acontecendo àqueles entre o povo de Deus que compreenderam as possibilidades de uma vida íntima com Deus que, através dos séculos, buscaram a Deus. Vocês leram a descrição de Jonathan Edwards da sua experiência numa floresta, enquanto ele estava ali ajoelhado em oração por quase uma hora? Já leram a respeito de David Brainerd, o grande apóstolo aos índios americanos, que quando teve a experiência da glória de Deus, começou a suar, embora estivesse frio, e tudo estivesse congelado ao seu redor? O que foi que causou o suor? Oh, era a glória, o caráter transcendente da glória. E para citar um homem mais recente, D.L. Moody, um homem fisicamente muito forte, um homem robusto. No entanto, quando Deus lhe deu um vislumbre da Sua glória, ele teve que pedir a Deus que parasse, e que retirasse a Sua mão, porque sentiu que estava morrendo. Ele não foi o único a sentir isso. Eu poderia citar muitos outros que disseram exatamente a mesma coisa. O homem sentiu que estava desfalecendo fisicamente, que sua constituição física sofreria um colapso sob a glória, e teve que pedir a Deus que removesse a Sua mão. "Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá." "Eu te darei apenas uma indicação da Minha glória. Eu te darei um fugaz vislumbre dela, mas não podes ver-Me como sou. Não, somente "Me verás pelas costas."

Ao voltarmos novamente à questão do avivamento, vamos encontrar muitas menções disto. Vocês podem ver isto quando Deus Se manifesta através de um derramamento do Espírito, cuja obra e comissão especial é manifestar e glorificar o Senhor Jesus e Sua glória e, através dEle, o próprio Deus. Vocês encontrarão muitas referências a isto; que homens e mulheres, na presença desta glória, e desta presença, literalmente caíram ao chão, desmaiaram. "Ah," alguém dirá, "esses fenômenos!" Não devemos estar interessados nos fenômenos, mas também não devemos temê-los. Estou enfatizando que o próprio Deus disse que a glória é tão magnífica que a constituição física do homem não pode subsistir diante dela. Então não se surpreendam ao lerem relatos de pessoas desmaiando, ou caindo desfalecidas; é uma medida da glória de Deus. Está acima e além de nós, e não é de surpreender, portanto, que às vezes leve a tais conseqüências.

Esta, então, é a natureza parcial da resposta de Deus. Contudo ainda que a resposta seja parcial, ela é, não obstante, muito definida. "Não verás a minha face," Deus disse a Moisés, "mas verás alguma coisa." Ele iria ver Deus passando.

Disse mais o Senhor: eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas...

Ele está passando. Vocês sabem o que é um avivamento? Bem, isso é uma perfeita descrição. É este vislumbre de Deus, da glória de Deus passando. É precisamente isso. Apenas este vislumbre de Deus. O Deus que está ali, na glória, desce e derrama o Seu Espírito e sobe novamente; e olhamos, sentimos e sabemos que a glória de Deus está entre nós, e está passando. É apenas um toque na orla das Suas vestes, por assim dizer, é uma visão "pelas costas".

Vou dar-lhes uma comparação que talvez ajude. O que são trovão e relâmpago? De acordo com o salmista, na verdade de acordo com a Bíblia toda, trovão e relâmpago são apenas uma indicação do poder de Deus, do Deus que disse, no príncipe: "Haja luz", e houve luz. Ele nos dá apenas uma indicação do Seu poder, no brilho do relâmpago, no ribombar do trovão. Estes são apenas vislumbres do poder de Deus, da Sua força e capacidade. Da mesma forma, um avivamento é apenas um toque da Sua glória, um fugaz vislumbre do que Ele é, da Sua pessoa. Quero enfatizar isto porque vocês e eu precisamos compreender que estas coisas são possíveis, e que são para nós. Não fomos destinados a nos contentar com um pouco. Permitam-me, portanto, dar-lhes algumas indicações bíblicas das possibilidades. Já mencionei o que aconteceu a Saulo de Tarso na estrada de Damasco, quando uma luz do céu subitamente brilhou ao redor dele. E então, pensem novamente na descrição que ele dá em II Coríntios 12:1-4:

Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há quatorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei: Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar.

Essa foi uma experiência recebida pelo próprio apóstolo Paulo, um homem de sentimentos como os nossos, um homem ainda no corpo, ainda neste mundo, ainda na carne. Ele teve esta experiência da glória divina desta forma velada e parcial. Mas ele teve outras experiências.

Quando chegou em Corinto, encontrou todos contra ele, e foi dormir uma noite muito perturbado. Entretanto isto é o que lemos: "E disse o Senhor em visão a Paulo" (Atos 18:9). Visões, e experiências da glória de Deus! E o resultado disso é que ele é capaz de dizer que conhece o Senhor Jesus Cristo tão bem que "para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho." E também, "... e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (Filipenses 1:21, 23). Podemos dizer isso? Podemos dizer: "Para mim o viver é Cristo"? Se não podemos dizê-lo, qual é a razão? Por que não o dizemos? É para todos. O apóstolo em lugar nenhum ensina que isto era somente para si mesmo, ou apenas para os apóstolos. Ele está dizendo isto aos filipenses a fim de que eles tenham a mesma experiência. João escreve: "O que vimos e ouvimos isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (I João 1:3). Também: "Estas coisas vos escrevemos para que o vosso gozo se cumpra" (versículo 4) e se a nossa comunhão é realmente "com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo", então todos nós fomos destinados a usufruir destas experiências. "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13).

Por outro lado, Paulo o expressa desta forma - e isto é o complemento do que lemos em Êxodo 33 - "Porque agora," diz o apóstolo - "vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face" (I Coríntios 13:12). A mão está nos cobrindo agora, e estamos vendo apenas como através de um espelho, vagamente. Sim, mas *vemos* como que através de um espelho, vagamente, e é isso que estou enfatizando. Mesmo aqui neste mundo, vemos como em espelho, vagamente, mediante um enigma, ou um mistério, se preferirem. Sim, mas *podemos ver*. E minha pergunta é: estamos vendo? Um dia eu sei que será face a face. "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho..." - ainda é parcial somente. Contemplando como um reflexo num espelho, sim, porém é isso. "... refletindo como um espelho..." - o que? - "... a glória do Senhor..."

É esta nossa experiência? Podemos dizer sinceramente, com o apóstolo Paulo: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo"?

Podemos nos apropriar das palavras de I Pedro 1:8 e dizer: "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" - podemos dizer isto? "Ah", você talvez diga, "mas eu creio no Senhor Jesus Cristo, eu tenho me regozijado em minha salvação..." Não é isto que estou

perguntando. O que Pedro está dizendo é que o cristão é um homem que O conhece e ama de tal maneira, que se regozija nEle com um gozo que é indescritível, que desafia descrição, e que é cheio de glória. Num avivamento, homens e mulheres em grandes números são capazes de dizer isso. A glória de Deus se aproximou, passou por eles, eles a viram "pelas costas", e têm sido capazes de usar estas palavras com absoluta sinceridade.

Tudo isto é uma espécie de antegozo do céu, e podemos experimentar antegozos do céu aqui neste mundo: "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus." A oração de nosso Senhor pelos que Lhe pertencem é: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste: porque tu me hás amado antes da criação do mundo" (João 17:24). "Quando ele se manifestar," diz João em I João 3:2, "seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos." Então, como o expressa o conhecido hino, "Sua glória completamente revelada se abrirá aos nossos olhos." Sim, mas antes de chegarmos a esse ponto, deveríamos ter esses vislumbres parciais, aqui neste mundo; não a revelação completa, isso está por vir, mas a revelação parcial. Ora, a minha pergunta é: temos tais experiências?

Para nosso encorajamento, vamos examinar algumas passagens. Consideremos primeiro Jonathan Edwards:

*Às vezes a simples menção de uma palavra faz o meu coração arder dentro de mim. Ou basta que eu veja o nome de Cristo, ou o nome de algum atributo de Deus, e Deus Se revela a mim de forma gloriosa. Com respeito à Trindade, evoca-me pensamentos exaltados de Deus, de que Ele subsiste em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. As alegrias mais profundas e os maiores deleites que experimentei não foram os que nasceram de uma esperança do meu próprio bem estar, e sim os de uma visão direta das glórias do evangelho. Quando gozo desta doçura, ela parece elevar-me acima das preocupações pela minha própria situação. Em tais ocasiões, tirar os olhos da gloriosa presença que estou contemplando, e voltar os olhos para mim mesmo e para os meus próprios interesses, parece-me uma perda que não posso suportar.**

Ainda outro trecho de Jonathan Edwards:

Certa ocasião, quando saí para uma caminhada na floresta, por razões de saúde, em 1737, tendo desmontado do meu cavalo, num

---

* Jonathan Edwards: *Obras*, Londres 1840, Vol. I p. xlvii

lugar isolado, como tem sido o meu costume, de andar para meditar e orar, tive uma visão que para mim foi extraordinária, uma visão da glória do Filho de Deus como mediador entre Deus e o homem, da Sua grande, maravilhosa, pura, doce graça e amor, como também da Sua condescendência mansa e gentil. Esta graça, que me pareceu tão calma e doce, também me pareceu imensa, acima dos céus. A pessoa de Cristo me parecia inefavelmente excelente, com uma excelência grande o suficiente para absorver todo pensamento e idéia, e isso continuou, pelo que posso julgar, por cerca de uma hora, e me manteve a maior parte desse tempo em lágrimas copiosas. Senti uma ardência de alma, um anseio por ser, e não sei de que outra forma posso expressá-lo, esvaziado e aniquilado, de me deitar no pó e ser cheio de Cristo somente, e de amá-lO com um amor puro e santo. Confiar nEle, olhar para Ele, servi-lO, seguí-lO, e ser perfeitamente santificado e feito puro com uma pureza divina e celestial. Tive, em muitas outras ocasiões, visões da mesma natureza, e todas tiveram o mesmo efeito sobre mim. *

"Que devo fazer a respeito de tudo isso?" alguém talvez pergunte. Deixarei que Spurgeon responda essa pergunta. A resposta pode ser encontrada em um dos seus sermões sobre o ano de avivamento.

Antes de passar para outro ponto, quero dizer que é possível para um homem saber se Deus o chamou ou não. E ele pode sabê-lo sem sombra de dúvida. Ele pode sabê-lo com tanta certeza como se o tivesse lido com seus próprios olhos. Não, ele pode sabê-lo com mais certeza até do que isso, pois se eu ler algo com meus olhos, até meus olhos podem me enganar. O testemunho dos sentidos pode ser falso, mas o testemunho do Espírito é verdadeiro. Temos o testemunho do Espírito em nós, testemunhando com o nosso espírito de que somos nascidos de Deus. Podemos ter, neste mundo, certeza infalível da nossa eleição. Se um homem captar tal verdade, ela ungirá sua cabeça com óleo, e o vestirá com vestes brancas de louvor e colocará o hino dos anjos em seus lábios. Felicíssimo é o homem que tem certeza absoluta da sua participação na aliança da graça, no sangue da expiação, e nas glórias do céu. O que muitos de vocês não dariam para ter tal certeza! Ouçam, se vocês anseiam saber, vocês podem saber. Se os seus corações anseiam por isto, vocês o receberão. Homem

---

* Ibid. p. x l vii

nenhum ansiou por Cristo em seu coração com um anseio vivo e fervente, que não O tenha encontrado mais cedo ou mais tarde. Se você tem um anseio, Deus o colocou em seu coração. Se anela, clama, e suplica por Cristo, até mesmo esse anseio é um dom dEle, então dê-Lhe graças por isso. Agradeça-Lhe pela graça que recebeu, e peça por mais.

Estes foram os passos que Moisés tomou.

> *Agradeça-Lhe pela graça que recebeu, e peça por mais. Ele lhe deu esperança; peça que lhe dê fé. E quando lhe der fé, peça por segurança. E quando receber segurança, peça por segurança plena. E quando receber segurança plena, peça por gozo, e quando receber gozo, peça pela própria glória, e Ele certamente a dará em Seu tempo determinado.*

Você está seguindo estes passos? Tendo dado graças a Deus pelo que tem, você tem esse anseio por mais? Esperança, fé, segurança, segurança plena, gozo, glória. Peça a Ele por tudo isso. Suba os degraus passo a passo. Siga o exemplo de Moisés. Entre em Sua presença ousadamente em fé, e diga a Deus: "Mostra-me a Tua glória." E você tem a garantia, não somente de Spurgeon, de que se fizer isso de coração e com sinceridade, em Seu tempo determinado Ele responderá. Você tem a garantia, infinitamente maior e mais elevada, da própria Palavra de Deus, da promessa do Deus vivo: "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós" (Josué 4:8). Busquem glória. Para si mesmos, busquem-na. Para a Igreja, orem por avivamento, para que a glória de Deus passe por ela.

18

A Bondade de Deus Manifesta

Então ele disse: rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti: e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer. E disse mais: não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá. Disse mais o Senhor: eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas: mas a minha face não se verá (Êxodo 33:18-23).

Já descrevemos avivamento como a glória de Deus passando, ou a manifestação de Sua glória. A resposta que Deus deu à oração de Moisés, por conseguinte, inclui uma compreensão perceptível da presença da glória de Deus. Quando digo perceptível, refiro-me a algo que podemos sentir, algo de que estamos cônscios por experiência. Não somente é algo que podemos deduzir da Palavra, e receber da Palavra, o que devemos fazer sempre, mas é algo acima e além disso, uma percepção da glória e do poder da presença de Deus. Esse é um testemunho universal na Igreja, em todas as épocas e em todos os lugares que Deus graciosamente visitou durante um avivamento. Mas o registro declara que Deus não Se limitou a isso. Ele deu a Moisés esta visão, este vislumbre, esta percepção, porém em particular Ele prosseguiu fazendo certas outras coisas. E devemos considerá-las agora porque a resposta dada a Moisés realmente foi: "Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti: E terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer."

Este é o assunto que devemos analisar. Não é simplesmente esta percepção da proximidade e da presença de Deus que é dada a Moisés, e sim esta manifestação especial, particular, do que Deus define como Sua bondade. "Farei passar toda a minha bondade por diante de ti..." O que isto realmente significa, é óbvio, é que a glória de Deus é

manifesta, principalmente e sobretudo, em e através da Sua bondade. Isso, por sua vez, significa que recebemos uma manifestação e uma compreensão do caráter de Deus - porque a bondade de Deus é uma manifestação do Seu caráter, Sua pessoa, Seus atributos e, particularmente, certos atributos específicos, como veremos mais adiante. Portanto, o ensino aqui é que nossa necessidade suprema é um conhecimento do caráter de Deus. É assombroso ter que dizer isso, não obstante, é verdade que todos os nossos problemas nesta vida cristã, em última análise, são um resultado da nossa ignorância sobre o caráter de Deus. Se tão-somente conhecêssemos Deus como Ele é, seríamos como o próprio Senhor Jesus Cristo, que viveu neste mundo como nós vivemos, e que foi sujeito às mesmas dificuldades e tribulações - na verdade às mesmas tentações - a que nós somos sujeitos. No entanto, como Sua vida foi diferente! E foi porque Ele conhecia a Deus, conhecia o caráter de Deus, e conhecia a bondade de Deus.

Não há dúvida de que Deus enfatiza isto a Moisés, neste ponto, por uma razão muito boa e muito especial. Parece-me que não pode haver dúvida de que Moisés aqui estava mostrando um interesse um pouco excessivo no espetacular. É natural; todos estamos conscientes disso. Deus lhe dera respostas maravilhosas. Já lhe tinha dado revelações extraordinárias de Si mesmo. Moisés estivera no monte com Ele por quarenta dias e quarenta noites, vendo e ouvindo coisas extraordinárias; todavia, encorajado pelo tratamento gracioso de Deus, e a Sua bondade para com ele respondendo suas orações, Moisés aqui aventura-se a ir um passo além, e diz: "Rogo-te que me mostres a tua glória." Tenho certeza de que este pedido incluía um desejo pelo espetacular, algo visível a olho nu. Este desejo é inato em nosso caráter. E não tenho dúvida de que é essencialmente um resultado da Queda e do pecado em nós. Sempre estamos buscando o espetacular. Todos nós, tenho certeza, temos um sentimento em nós de que se tão-somente os céus se abrissem e se pudéssemos ver a Deus, como seria maravilhoso! Queremos uma demonstração visível.

Minha opinião é de que isso é um resultado do pecado, e ela é fortalecida pela forma como o diabo tentou nosso Senhor nas três tentações registradas. Em cada uma delas ele tinha algo espetacular em vista, algo espantoso. O homem em pecado sempre tem a tendência de exigir algo nessa esfera. Pessoas estão sempre tendo visões. Falam a respeito delas, e tendem a colocar sua fé nelas - em algo fora do comum, espetacular, uma visão, um sonho, um êxtase peculiar. Eu sinto que Moisés, aqui, estava motivado por uma idéia assim, por isso Deus trata com ele de forma muito gentil. Ele diz: "Muito bem, vou

conceder-lhe algo similar ao que estás pedindo. Você não poderá ver a minha face, isso é impossível, porque homem nenhum verá a minha face, e viverá. Todavia colocar-me-ei ao seu nível. Permitirei que veja algo. Muito mais importante do que isso, porém, farei com que Minha bondade passe diante de você. Eu lhe darei um discernimento e compreensão mais profundos a respeito de Mim, a respeito do Meu caráter, e de quem Eu sou. Isso é o que você realmente precisa saber."

Sem dúvida essa ainda é nossa maior necessidade. Acima e além de tudo que possamos ver das miraculosas demonstrações do poder de Deus, é o caráter do próprio Deus. Deus usa milagres e coisas desse tipo quando sente que o tempo é apropriado, mas homens e mulheres sempre os estão exigindo. Há aqueles na Igreja hoje em dia que estão tão interessados em cura divina por esta razão. Dizem: "Se tão-somente pudéssemos fazer isso, então o povo se interessaria." Contudo Deus não o concede. Não, não devemos nos interessar nas atividades de Deus às custas do próprio Deus. Nossa suprema necessidade é conhecer o próprio Deus, e isso é possível para nós em, e mediante, a Sua bondade. E assim Ele diz a Moisés, aqui: "Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti." Há uma ênfase, eu creio, nessa palavra "toda", e creio que a razão para isso é perfeitamente clara. Deus já tinha revelado muito da Sua bondade a Moisés, todavia agora está prometendo: "Vou lhe dar uma visão mais profunda, uma compreensão mais profunda da Minha bondade. Vou demonstrá-la diante de você de uma forma como nunca experimentou antes." Como se Deus estivesse dizendo a Moisés: "Você parece inseguro a Meu respeito. Eu prometi que viria com vocês. Prometi-lhe várias coisas que você Me pediu, porém você ainda parece inseguro. Você Me pede que lhe mostre a Minha glória. O que realmente precisa, Moisés, é Me conhecer. Portanto vou fazer com que toda a Minha bondade passe diante de você." Por isso sugiro que a bênção suprema que vem sobre a Igreja em épocas de avivamento é este conhecimento mais profundo de Deus em Sua bondade para conosco.

Como, então, Deus torna isso conhecido a nós? A resposta é que Ele o faz através da proclamação do Seu nome. Ele diz: "Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti..." Todos que estão familiarizados com o Velho Testamento sabem que Deus manifestou-Se aos filhos de Israel através dos Seus vários nomes. O nome comunica o caráter. E quando Deus rebaixou-Se à fraqueza humana e concedeu revelações de Si mesmo, Ele o fez dizendo: "Eu sou" isto, e "Eu sou" aquilo, e deu muitas descrições através do Seu nome. O poder da personalidade está no nome. Até nós,

hoje em dia, usamos esta expressão, num sentido. Por exemplo, falando acerca de um homem, um homem profissional, talvez um médico, ou um advogado, às vezes dizemos: "Ele tem um bom nome." O que queremos dizer com isso é que ele é um homem muito bem sucedido, ele é bom no que faz, e as pessoas comentam isso. Em outras palavras, o caráter do homem e seu trabalho é comunicado a nós por seu nome. Ora, é exatamente o mesmo com respeito a Deus. Assim Ele disse a Moisés aqui: "Agora vou permitir que você conheça a verdade a Meu respeito. Vou proclamar Minha bondade. E vou fazê-lo ao proclamar Meu nome diante de você." Daí Ele passou a fazer isso. Êxodo 34:6-7 nos mostra o que Ele disse a Moisés.

Passando pois o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficiência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniqüidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração.

Essa é a proclamação do nome, e lemos que Moisés curvou-se em terra e adorou. Deus estava revelando a Sua bondade a ele através destas palavras e contando a Moisés a verdade a respeito de Si mesmo.

O que, então, significa isso? O que é esse conhecimento de Deus que precisamos? É uma pergunta para os cristãos. Vocês sentem-se sobrecarregados, fatigados e cansados? Sentem-se infelizes e perplexos? Às vezes acham-se cheios de dúvidas e incertezas? Acham que a vida cristã é dura e atribulada? Se é assim, é porque vocês não conhecem a Deus. Nunca realmente compreenderam o que Ele revelou a respeito de Si mesmo em Seu nome. Ouçamos o que Ele disse sobre Si mesmo: "Jeová, o Senhor Deus", "Jeová, Elohim" é um nome composto. Quero mostrar-lhes algumas das coisas que ele nos ensina tão claramente.

Este termo, "Deus", é o termo usado para Deus como Todo-poderoso, Deus como o Criador. Quando Deus disse "*façamos* o homem", foi este o termo que Ele usou. É um termo plural, sugerindo imediatamente a Trindade — o Pai, o Filho e o Espírito Santo - e comunicando-nos de forma particular esta idéia de poder. É o Deus que disse: "Haja luz", e houve luz. Não há limites ao Seu poder, é eterno. Ele é onipotente. Essa é a primeira coisa.

Em seguida, um outro termo é acrescentado: "Jeová, o Senhor

Deus", "Jeová". Aqui está o nome em que devemos concentrar, porque é através deste nome que Deus sempre escolheu revelar as Suas mais preciosas verdades sobre a Si mesmo. Notem a repetição: "Jeová, o Senhor Deus..." Se compreendêssemos algo do sentido disso, toda a situação seria transformada. Nossas vidas pessoais seriam transformadas, toda a condição da Igreja seria transformada. É porque a Igreja não O conhece como Jeová que ela é tímida, ansiosa, apreensiva, e está tentando freneticamente salvar-se a si mesma e a toda esta situação atual. Se tão-somente compreendêssemos quem Ele é - Jeová.

O que, então, significa? Bem, neste nome, Deus está revelando o Seu próprio caráter fundamental, porque o que o termo significa é "aquele que existe por Si mesmo, que tem vida independente." Significa "Eu sou". Na verdade, significa mais. Vocês se lembram que em Êxodo, capítulo 4, Deus chamou Moisés enquanto ele estava apascentando as suas ovelhas. Ele disse: "Moisés, quero que tire o Meu povo da terra do Egito e o leve para Canaã."

"Ah", Moisés disse, "quem sou eu para fazer uma coisa assim? Quando eu for e lhes disser que eles serão libertos do cativeiro e levados à terra de Canaã, dirão: "Quem te enviou? Como vamos saber?"

"Dize-lhes," Deus disse a Moisés, "que *Eu Sou* enviou você - *Eu Sou o que Sou.*" Que declaração! Esse é o caráter fundamental de Deus. Ele é. E somente Deus *é*. Sem começo, sem fim, este termo nos sugere a eternidade de Deus, o caráter sempiterno de Deus, de eternidade a eternidade, auto-existente, em Si e por Si mesmo.

O nome também sugere a Sua imutabilidade. É difícil para nós captarmos tais idéias, não é mesmo? Pertencemos ao tempo, e estamos tão sujeitos ao tempo que é difícil para nós captarmos esta bendita verdade de que o Deus a quem adoramos, e a quem pertencemos, é imutável, "o Pai das luzes, em quem não há variação ou sombra de mudança". Ele não está sob o sol, Ele está acima dele. Tudo está debaixo dEle, e Ele é, Ele sempre foi, Ele sempre será. "Eu sou o que sou," eterno, imutável, onipotente, onisciente, onipresente. Ele é, e Ele está em todo lugar. Este grande termo, Jeová, comunica todo esse significado a nós, e não há nada mais glorioso do que isso. "Mostra-me a tua glória," diz Moisés.

"Muito bem," diz Deus, "esta é Minha glória, que Eu Sou o que Sou." Vocês compreenderam isto? Ele não é como os deuses das nações, feitos por mãos de homens. Houve um tempo em que eles não eram, então foram criados, foram estabelecidos, então desapareceram, e outros surgiram. Não, Ele é completamente diferente, é único.

Mas também temos uma outra sugestão maravilhosa neste termo. Este é o termo que Deus sempre usa a respeito de Si mesmo quando está Se revelando. Ele é auto-existente, porém condescende a Se fazer conhecido. Ele Se revela a Si mesmo. Ele o fez para os filhos de Israel. E é isso que vocês encontram no terceiro e no sexto capítulos deste livro. Em Êxodo 6:2-3 lemos: "Falou mais Deus a Moisés, e disse: Eu sou o Senhor. E eu apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido." Isso significa que, embora Ele já tivesse usado este nome ao comunicar-Se com eles, nunca tinha lhe atribuido este significado e conotação especial. É neste ponto, quando Ele está dando esta revelação fora do comum de Si mesmo, que Ele define o termo, mostra o seu conteúdo e dá o seu significado completo. Assim devemos lembrar que este Deus auto-existente, eterno e onisciente decidiu revelar-Se a nós, e desceu ao nosso nível. "Isto é o que Eu vou mostrar-lhe," disse Deus a Moisés - "A Minha bondade." É Deus revelando-Se ao homem a quem Ele criou.

No entanto a questão vai ainda mais longe do que isso. Este é o nome que Deus sempre usa em relação a Si mesmo quando Ele faz uma aliança com o homem. Uma aliança, como sabem, é um acordo. E esta é a glória do evangelho, que Deus, este Deus auto-existente, que podia ser independente do homem, humilhou-Se, por assim dizer, e fez um acordo com o homem; Ele fez uma aliança. Ele fez uma aliança com Abraão, como devem lembrar. Somos lembrados dessa aliança em Êxodo 6:3. Ele Se comprometeu. Ele fez um juramento. Isso é um acordo, uma aliança. Então Deus estava fazendo uma aliança especial aqui com os filhos de Israel, e a aliança era que Ele seria o seu Deus, e que eles seriam o Seu povo. Essa é a posição de cada cristão - ele entrou numa aliança com Deus. Lembrem-se como Paulo o expressa em Efésios, capítulo 2, onde ele diz: "Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora... chegastes perto." E ele diz que a coisa maravilhosa que foi revelada em Cristo é esta: que os gentios serão feitos co-herdeiros e membros da família de Deus. Eles foram admitidos à aliança. E aqui Deus estava lembrando Moisés desse relacionamento da aliança. Deus comprometeu-Se a salvar o Seu próprio novo.

Isto então nos traz à última grande verdade contida neste termo, a qual é que Deus é o Redentor. Ele não só é o Criador e o Sustentador de tudo que existe - o termo *Elohim*, Deus, sugere tudo isso. Mas *Jeová* tem um sentido mais profundo. Ele é Deus o Redentor. Lembram-se

do que Ele disse a Moisés junto à sarça ardente? "Tenho visto atentamente a aflição do meu povo... Portanto desci..." E aqui temos o coração do evangelho cristão: Deus descendo, Deus redimindo, Deus salvando Seu próprio povo. Este é o termo que Deus expressou em maiores detalhes ao falar com Moisés nesta grande ocasião. Quais são as características de Deus como nosso Redentor? Quais são as coisas que Ele enfatiza? A primeira é Sua própria santidade. Ele diz que de forma alguma inocentará o culpado, e que visitará "... a iniqüidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração." Assim, quando Deus estava revelando a Sua bondade a Moisés, a primeira coisa da qual Moisés se conscientizou, além do poder, da força, e da glória, foi da santidade de Deus, e lemos que ele caiu de rosto em terra e adorou.

Ao lerem as suas Bíblias, vocês perceberão que muitas pessoas receberam esses vislumbres da glória de Deus. E observarão que todas reagiram da mesma forma. Se lerem Isaías, verão que, no momento em que recebeu este vislumbre da glória de Deus, ele disse: "Ai de mim, que vou perecendo! porque eu sou um homem de lábios impuros" (Isaías 6:5). Foi a santidade de Deus que o fez sentir aquilo. E em cada avivamento da religião que já houve, o povo de Deus sentiu-se completamente indigno no momento em que teve esta experiência. Mesmo aqueles que tinham sido cristãos por anos e anos viram-se a si mesmos como pecadores como nunca tinham visto antes. Alguns até mesmo duvidaram se realmente haviam sido cristãos. Estão errados, é claro, porém a visão e compreensão da santidade de Deus, fez com que não pudessem ver nada além de sua própria pecaminosidade e indignidade. É invariável. Nosso bendito Senhor sempre orou dizendo: "Pai santo..." Ele O conhecia. Era o Filho Unigênito. Era o Filho nesse sentido único, mas Ele orou: "Pai santo." A santidade de Deus, meus amigos, é a primeira coisa que compreendemos quando estamos perante Deus o Redentor.

A seguir, vemos o Seu ódio ao pecado e Seu juízo sobre os pecadores. Não tenhamos ilusões a esse respeito. Deus disse a Moisés: "Vou mostrar-lhe a minha bondade." Todavia Ele diz que de forma alguma inocentará o culpado. Ele visitará a iniqüidade dos pais sobre os filhos, e sobre os filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração. Ele é justo, Ele odeia o pecado, e Ele punirá o pecado. Vocês não sentem que este nosso mundo moderno precisa saber disso? Este mundo que pensa que pode dispensar Deus, zombar dEle, e violar toda as Suas leis e permanecer impune. Meus amigos, não é esta a mensagem que devemos pregar ao mundo, que Deus é santo, que Deus

é justo, que Ele odeia o pecado com um ódio eterno, e que Ele vai punir o pecado? Essa é Sua revelação de Si mesmo.

Contudo, graças a Deus, que tendo revelado isso, Ele continua, revelando algo mais, e é o Seu amor pelos Seus, e Seu propósito de redimi-los. Ouçam o texto: "Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado."

"Isto é o que eu sou", Deus estava dizendo a Moisés. "Você não precisa de um espetáculo, você apenas precisa conhecer Meu coração de amor. Você apenas precisa saber que é Meu propósito redimir. É o Meu caráter." Entretanto observem que Ele imediatamente qualifica esta declaração, para que não a entendamos mal. Tendo lembrado a Moisés de Sua misericórdia para com milhares, perdoando iniqüidade, transgressão e pecado, Ele acrescenta: "... que ao culpado não tem por inocente..." Isto tem um profundo significado. É aqui que vemos a cruz de Cristo na revelação dos nomes de Deus, como foi dada a Moisés. Deus nunca inocentará o culpado. Deus somente mostra Seu amor, e Seu perdão, Sua misericórdia e Sua compaixão àqueles que não são mais culpados.

A tragédia é que temos separado estas coisas do caráter de Deus. Afirmei muitas vezes, e o reitero novamente, que a condição da Igreja hoje em dia é devida a um fator principal. E é que, durante o último século, mais ou menos a partir da terceira década do último século, uma nova atitude em relação às Escrituras surgiu, na qual homens decidiram que sabiam muito mais a respeito do caráter de Deus do que o que estava revelado neste livro. E o que fizeram foi afirmar que Deus é amor e nada mais. Assim eliminaram a ira de Deus, eliminaram a justiça de Deus, tudo que Deus revelou a respeito de Si mesmo, e disseram que Deus vai inocentar o culpado. "Deus é amor", dizem. "Não importa o que você fez. Vá a Ele e diga-Lhe que sente muito. Peça perdão e tudo estará bem." Mas isso é uma mentira. O desrespeito à lei que estamos testemunhando no mundo, e o desrespeito à lei na Igreja, é um resultado disso e nada mais. Deus jamais, de forma alguma, inocentará o culpado. Ele é um Deus de compaixão, de misericórdia, de bondade, e de tudo que Ele menciona aqui. Sim, mas Ele também é um Deus santo, lembrem-se. Ele ainda é o justo Deus. E quando Ele perdoa, Ele perdoa de uma forma justa. Ele providenciou um meio de tirar a nossa culpa, e esta é a glória central de Sua revelação. O que Ele realmente está dizendo a Moisés aqui, em essência, é: "Vou enviar Meu Filho único ao mundo. Vou colocar a culpa sobre Ele. Vou puni-

-lO. E assim a culpa terá sido removida, serei compassivo, misericordioso, gracioso para com eles, e perdoarei todos os seus pecados. Mas somente dessa forma."

Esta é a revelação de Deus, e é isto que sempre se realça em cada período de avivamento - esta assombrosa combinação de todos os gloriosos atributos de Deus. Nunca podemos dividi-los. Eles estão todos ali, estão todos ali juntos, e ao mesmo tempo. Deus não é amoroso uma hora, e justo outra hora. Não, Ele é sempre o mesmo. Ele é amoroso e justo ao mesmo tempo. Vocês não podem separar estas coisas. Deus é um, todos os Seus gloriosos atributos são revelados juntos, e estão todos aqui. Esta é a Sua bondade para com o homem, e não há descoberta mais maravilhosa que um ser humano possa fazer do que o fato de que este Deus auto-existente, que é Todo-poderoso em Sua glória e majestade, que é luz, e em quem não há treva nenhuma, que é um fogo consumidor, amou-nos tanto que em Sua santa justiça Ele colocou os nossos pecados sobre o Seu próprio Filho amado, fazendo com que Ele carregasse a angústia, o sofrimento, a vergonha e o castigo de todos os nossos pecados, para que você e eu pudéssemos ser perdoados e libertos, e para que pudéssemos nos tornar filhos de Deus.

Sim, Deus revela-Se através de todos esses termos, mas há ainda um outro termo que devo acrescentar. Vocês o notaram no capítulo 33, versículo 19?

> *Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti: e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer.*

O que termo é esse? Oh, é a soberania de Deus. Aqui está o Deus auto-existente, eterno, justo e santo, e todavia, um Deus misericordioso e compassivo. E Ele vai perdoar pecados. Os pecados de quem Ele vai perdoar? Aqui está Sua própria resposta: "E terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer." E esta é uma parte essencial da revelação. Isto é uma parte de Deus tanto quanto qualquer outra, e não podemos deixá-la de fora. Significa que nossa salvação é inteira e completamente pela graça de Deus. Não é, em nenhum sentido, dependente de qualquer coisa em nós. É, na verdade, apesar de nós. É inteiramente da vontade de Deus. Ele não tem nenhuma obrigação para com ninguém. Ele nunca consultou ninguém. "E terei misericórdia de quem eu tiver misericór-

dia, e me compadecerei de quem me compadecer." É a livre e soberana graça de Deus. Ele mesmo a revelou.

Este é um grande mistério, e o homem em pecado não gosta disso, e levanta a sua mente insignificante contra isso. Mas Deus disse: "Amei Jacó e aborreci a Esaú," quando ainda estavam no ventre.

"Mas como pode ser isso?" - alguém perguntará. E há somente uma resposta, a resposta dada por Paulo: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" (Romanos 9:20).

Você diz: "Eu não entendo isso." É claro que não entende. Como pode imaginar que a nossa mente limitada possa ser suficiente para entender o eterno Deus, este "Eu sou o que sou"? Você não entende. É claro que não entende! Sua mente não só é limitada, mas também é pecaminosa, é deturpada, é pervertida, é egoísta e egocêntrica. Você está tentando entender? Cuidado com o que está tentando fazer, meu amigo. Você está inteiramente nas mãos de Deus. Não pode saber coisa alguma a respeito dEle à parte daquilo que Ele graciosamente Se dignou revelar. Isso é o que Ele revelou. Que homem se atreveria a dizer uma coisa dessas? Eu não me atreveria. Nenhum homem em perfeito juízo ousaria. Eu não entendo, porém aqui está a revelação: "E terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer." Ele é o oleiro, eu sou o barro. Salvação vem inteira e completamente da vontade soberana de Deus. Ele escolheu Israel como Sua possessão, em vez de qualquer outra nação. Por quê? Não me perguntem, Ele sabe. "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia." E se você não sente que é o que é pela graça de Deus somente, e apesar de si mesmo, então tudo que posso dizer é que não o entendo. Sei que se eu recebesse o que mereço, estaria no inferno. Não, nós não O escolhemos, Ele nos escolheu. Porque, eu não sei. É simplesmente este grande princípio de Sua soberania. Por que Ele olhou para mim? Sou o último homem a saber por que. Isso me desconcerta. No entanto sou o que sou pela graça de Deus. Esta é Sua revelação.

E não há característica, eu às vezes penso, que se revela de forma tão proeminente em períodos de avivamento como esta questão da soberania de Deus. Às vezes também penso que avivamento é a suprema manifestação da soberania de Deus. Ele o expressa desta forma. Considerem a ocasião do avivamento. Um avivamento acontece na hora de Deus, e nunca em qualquer outra hora. Isso, como mencionei, foi o trágico erro de Finney em seus sermões sobre avivamento. Ele ensinou que podemos ter avivamento quando quisermos, se tão-somente fizermos certas coisas e cumprirmos certas

condições. É uma negação completa da soberania de Deus. Não somente isso, a própria história prova que está errado. Eu mesmo conheci muitos ministros que tomaram os sermões de Finney sobre avivamento e os colocaram em prática com toda sinceridade em suas pregações e em suas igrejas, e convenceram as pessoas a seguir os seus princípios. Todavia não tiveram avivamento. Graças a Deus por isso. Vocês não podem organizar um avivamento. É Deus quem o concede. E Ele o faz em Seu próprio tempo determinado. Ele o faz quando menos esperamos; e quando pensamos que está chegando, em geral não acontece. Ele mantém o controle em Suas próprias mãos. "E terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer."

Em seguida, como vimos, Ele o faz nos lugares mais estranhos. Nunca sabemos onde um avivamento vai se manifestar. Acho isso glorioso, maravilhoso. Consideramos como o próximo avivamento provavelmente não vai irromper numa grande congregação, e sim em alguma pequena igreja de vila, com apenas duas ou três pessoas. Graças a Deus que a escolha é dEle. Ele escolhe o lugar, bem como a hora, e nunca sabemos onde vai ser, não há regras que nos mostrem isso.

Muitos tentam fazer isso, estabelecer regras. Lêem as histórias dos avivamentos do passado, e então dizem: "Notei que antes desse avivamento, um grupo de pessoas orou a noite toda." E assim decidem orar a noite toda. Depois percebem outra coisa, e tentam isso. Entretanto o avivamento não vem. É claro que não, se viesse eles diriam que foi resultado de terem orado a noite toda, e assim a glória não seria de Deus.

Não, é a soberania de Deus quanto a hora e lugar, e quanto à forma como Ele o faz. Vocês observaram o tipo de pessoas que Ele escolhe? Perceberam a variedade de métodos que Ele emprega? Vocês nunca poderão estabelecer regras com respeito ao avivamento. Há algo novo cada vez, e é sempre uma mudança, algo diferente, para que homem algum possa dizer: "Eu vou fazê-lo." Não, é Deus em Sua soberania, e talvez possamos ver isso de forma suprema na maneira como o avivamento termina. Pode ser que tenha se estendido por meses, e as pessoas estão se regozijando. É maravilhoso, e pensam que podem fazer com que continue. Subitamente Deus coloca um fim. E as pessoas, tolamente, tentam fazer com que continue, mas não podem. Tentam animar-se e orar como oraram antes, tentam cantar, porém subitamente tudo se foi, o Espírito que foi dado é removido. É a soberania de Deus. Vocês não podem fazer um avivamento parar,

assim como não podem fazer com que comece. Está completamente nas mãos de Deus. É a soberania de Deus que diz: "A minha glória pois a outrem não darei" (Isaías 42:8). "E terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer."

Que podemos dizer a respeito destas coisas? Há somente uma coisa a dizer. Devemos repetir, com o apóstolo Paulo:

> *Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém (Romanos 11:33-36).*

Quem conheceu a mente do Senhor? Quem O aconselhou? Quem Lhe deu sugestões? O homem, em sua insensatez, o tem feito com freqüência, mas a sugestão nunca foi aceita. DEle, através dEle e para Ele são todas as coisas. Não há maior loucura do que tentar levantar a nossa mente insignificante e pecaminosa contra este Senhor, Senhor Deus, Jeová, o grande "Eu Sou", sob quem, e por quem são todas as coisas, e que em Sua própria, eterna sabedoria dignou-Se a olhar para nós, a ser gracioso e misericordioso para conosco. Oh, a maravilha da Sua graça!

19

A Glória de Deus na Face de Jesus

Então ele disse: rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e apregoarei o nome do Senhor diante de ti: e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer. E disse mais: não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá. Disse mais o Senhor: eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas: mas a minha face não se verá (Êxodo 33:18-23).

Voltamos a uma consideração final deste notável e extraordinário incidente na vida de Moisés, o servo de Deus. Estamos examinando isto, e examinamos todo este capítulo, por causa da instrução e da iluminação que ele nos dá a respeito de todo o assunto de avivamento, de como Deus Se manifesta em ocasiões especiais, e em circunstâncias especiais, ao Seu povo. Permitam-me lembrá-los que o motivo supremo para desejar um avivamento, e orar por ele, é a glória de Deus. Enfatizo isso porque a primeira razão para desejarmos avivamento não é para que grande número de pessoas seja convertido. Esse é *um* motivo, mas não é o primeiro motivo, nem o maior. O motivo principal em evangelismo é a glória de Deus, e o desejo de ver a manifestação da glória de Deus. Tudo pode ser resumido, portanto, neste pedido de Moisés: "Rogo-te que me mostres a tua glória." E, se não é esse o desejo mais profundo do nosso coração, algo está triste e seriamente errado em toda a nossa posição. Nosso desejo supremo neste momento, com o mundo na situação em que está e a Igreja como está, deveria ser que a glória de Deus se manifeste entre nós, e diante dos nossos olhos maravilhados.

Já vimos que o que acontece num avivamento é que Deus nos dá um vislumbre de Sua glória, e também vimos que a grande lição, que sempre é aprendida em cada período de avivamento e de despertamento, é a grande verdade concernente à bondade de Deus. O sublime caráter

de Deus se torna evidente e Seus grandes atributos são revelados: Sua misericórdia, Sua longanimidade, Sua graça, Sua benevolência, Sua compaixão, sim, e Sua justiça, e acima de tudo, Sua soberana majestade; o Deus que nos visita envia avivamento e então faz com que ele cesse. Tudo está em Suas mãos, e nós nos curvamos em terra diante dEle, como Moisés fez, diante da compreensão de Sua majestade, Sua glória e Sua soberania.

Essas, então, são as lições gerais transmitidas num período de avivamento. Uma visitação especial do Espírito de Deus, Deus Se aproximando do Seu povo e dando-lhe este vislumbre de Sua glória eterna. Resta, todavia, mais uma coisa que devemos considerar porque está aqui, e é enfatizada neste texto. E é a forma precisa em que isto acontece. Então vamos concentrar nossa atenção agora, em particular, nos versículos 21, 22 e 23 de Êxodo capítulo 33.

Estes versículos nos relatam exatamente como esta visão da glória de Deus, o vislumbre da glória de Deus, foi dado a Moisés. Observem os detalhes: "Você não pode ver minha face," Deus disse. "Homem nenhum verá a minha face, e viverá. Todavia vou dar-lhe um vislumbre dela, desta maneira. Aqui está esta rocha, perto de Mim. Fique junto a esta rocha. Eu o tomarei e o colocarei numa fenda da rocha, protegido pelos dois lados, e então colocarei Minha mão sobre você, ao passar. Depois que eu tiver passado, tirarei a Minha mão e você me verá pelas costas."

Observem a forma em que estes extraordinários detalhes nos são dados. Contudo, obviamente, nossa preocupação deve ser com os princípios, e creio que os princípios ensinados aqui através destes detalhes são os princípios que sempre governam cada manifestação de Deus, e de Sua glória, ao Seu povo. Examinem as suas Bíblias, do começo ao fim, e sempre verão que em cada momento de revelação este mesmo ensino é dado. Os mesmos princípios são enunciados muito claramente, e portanto devemos descobrir os princípios que são ensinados nesta cena em particular. Certamente são muito simples.

Há apenas dois princípios principais, e o primeiro é que há uma combinação aqui, de encobrir e revelar. Deus está revelando, sim, porém ao mesmo tempo está encobrindo. Ele coloca a Sua mão sobre Moisés. Ele o coloca numa fenda da rocha. Ele está lhe mostrando algo da Sua glória, todavia está encobrindo algo da Sua glória ao mesmo tempo.

O segundo princípio é que Ele está abençoando, mas ao mesmo tempo também está protegendo. Há, claramente, este grande elemento de bênção aqui, sim, no entanto ao mesmo tempo Deus está protegendo

Moisés ao colocá-lo numa fenda da rocha, e ao colocar Sua mão sobre ele, cobrindo-o. Ele o está protegendo, como vemos pelo relato, da Sua própria glória. "Homem nenhum verá a minha face, e viverá." Então Ele o está protegendo da morte, que podia ser o resultado imediato de ver Deus a olho nu, Deus como Ele é. É uma grande bênção, porém também está comunicando este elemento de proteção. A expressão usada, é claro, nas escolas a respeito disto é que é um paradoxo. E é, naturalmente, o grande paradoxo da Bíblia. Estas quatro coisas estão acontecendo ao mesmo tempo, quando Deus Se aproxima do Seu povo - revelando e encobrindo, abençoando e protegendo, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Não podemos separar estas coisas. E nunca devemos sequer tentar separá-las ou dividi-las, numa falsa dicotomia.

Aí, então, está o grande princípio da revelação, e foi isso que realmente aconteceu nessa ocasião, há tanto tempo atrás, com Moisés, o servo de Deus. Isto é história. Isto realmente aconteceu, e aconteceu literalmente. Não era apenas uma fantasia. Moisés está registrando um fato puramente histórico. Sim, é história, mas, sabem, é mais do que isso. É uma espécie de profecia, e devemos considerar a forma em que é uma perfeita profecia do que aconteceu desde então, e aconteceu com perfeição na pessoa de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Em outras palavras, o que temos aqui, de forma dramática e pitoresca, é um perfeito sumário da grande mensagem do Novo Testamento. Isto é cristianismo. Paulo o expressou de uma vez por todas em II Coríntios 4:6: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo." Isso é cristianismo. Esse é o significado de tudo que está registrado no Novo Testamento. Esse é o significado da encarnação, e de tudo que se seguiu a ela. É Deus revelando a Sua glória na face de Jesus Cristo. Em outras palavras, é um grande cumprimento, um perfeito cumprimento, de uma forma ainda mais gloriosa, daquilo que Deus fez aqui, há tanto tempo atrás, ao Seu servo Moisés.

Antes de examinarmos os detalhes, portanto, quero enfatizar este princípio central. É a compreensão disto, e a experiência disto, que realmente nos faz cristãos. O que é um cristão? Esta é uma pergunta importante, não é mesmo? Há tantas noções falsas em voga, hoje em dia, quanto ao que é um cristão. Alguns talvez digam que um cristão é uma pessoa boa. Sim, porém há muitas pessoas boas que não são cristãs. Outros dizem que um cristão é um homem que teve uma experiência maravilhosa. Ah, sim, entretanto há seitas que podem oferecer experiências às pessoas, e são experiências maravilhosas.

Um cristão, diz outro, é um homem cuja vida foi completamente transformada. Eu sei, mas o psicoterapeutas podem fazer isso, e as seitas podem fazer isso. Ou então, de acordo com outros, um cristão é um homem que tomou uma decisão. Sim, no entanto você pode tomar muitos tipos de decisões, de ser uma pessoa melhor, ou de viver uma vida melhor, unir-se à igreja, e fazer mil e uma outras coisas; todavia é obvio que há muitas pessoas que fizeram tudo isso e nem assim são cristãs. Bem, outros afirmam que um cristão é alguém que teve uma visão, que viu uma bola de fogo ou algo desse gênero. Não; há muitos que tiveram esse tipo de experiência, contudo é evidente que não podem ser reconhecidos como cristãos. Eles não crêem nos elementos da fé cristã. Tiveram as experiências mais estranhas, bizarras e misteriosas, e tiveram consciência de um estranho poder vindo sobre eles e entrando neles. Ah, sim, mas se vocês lerem livros sobre espiritismo e fenômenos espiritualistas escritos por espíritas, verão que eles podem reproduzir tudo isso, e as coisas mais extraordinárias podem acontecer, e acontecem. Ora, seria tolice negar o testemunho de tais coisas, dado por eminentes cientistas como Sir William Crooks, Sir Oliver Lodge e muitos outros. Por isso, não estou disposto a aceitar qualquer dessas declarações como fatores determinantes se somos cristãos ou não.

O que é, então, que faz de um homem um cristão? Certamente é a compreensão do fato que Deus concedeu uma revelação da Sua glória na face de Jesus Cristo: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações..." - para quê? - "para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo." Um cristão é um homem que crê nisso. Um cristão é um homem que experimentou isso até um certo ponto, em certa medida. Isso é o que constitui um cristão. Não uma mudança de vida, ou de hábitos, ou de comportamento. Não simplesmente ser religioso, nem simplesmente tentar adorar a Deus. Não, é a compreensão do fato que Deus fez isto, deu esta manifestação da Sua glória na face de Jesus Cristo. Então, tendo assim isolado e identificado este princípio, vamos agora ver como o Novo Testamento é nada mais que um cumprimento do que lemos aqui. Podemos vê-lo ponto por ponto.

O primeiro é este. Aqui está uma declaração definitiva: "Homem nenhum verá a minha face, e viverá." É repetida mais adiante."... a minha face não se verá." E o Novo Testamento é igualmente específico a respeito disso. Lemos em João 1:18: "Deus nunca foi visto por alguém." O Novo Testamento parte deste postulado. É encontrado no prelúdio de João, quando ele está apresentando a mensagem do seu

evangelho. "Deus nunca foi visto por alguém." Foi por isso que o Filho veio. Ou vejam como Paulo o coloca em I Timóteo 6:16: "Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens nem pode ver: ao qual seja honra e poder sempiterno." Esse é, poderíamos dizer, o preâmbulo do evangelho. É a pressuposição primária e essencial, que homem algum por mais que busque, pode achar a Deus, que homem algum pode ver a Deus. Ele habita naquela luz que é inacessível. "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas." (I João 1:5).

Então, o segundo princípio é que Deus Se revela à Sua própria maneira. Ele determina tudo aqui nesta ocasião com Moisés. "Mostra-me a tua glória," pede Moisés.

"Sim", Deus responde, "vou dar-lhe um vislumbre, mas tem que ser desta forma." Assim Ele o determina, Ele o decide, Ele o faz acontecer. E isto ainda é verdade. Deus pode ser conhecido somente à Sua própria maneira. Não há outra maneira. Há pessoas, que dizem que podem encontrar a Deus por seus próprios meios, não obstante, de acordo com a Bíblia, isso é uma completa impossibilidade. Você pode encontrar algo que imagina ser Deus. Pode ter uma experiência espúria. Muitas coisas podem acontecer-lhe. O poder da psicologia é infindável, e há também todo este outro poder espiritista ao qual me referi. Entretanto, de acordo com a Bíblia e sua mensagem do começo ao fim, Deus só pode ser conhecido à Sua própria maneira. É a maneira que Ele determinou e planejou. Vemos em Êxodo como Moisés é colocado na fenda da rocha, e Deus coloca a Sua mão sobre ele. Então a mão é removida, e Moisés tem aquele vislumbre.

O que diz o Novo Testamento sobre isso? Leiam novamente João 1:18: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer." Ele O apresentou, Ele O manifestou. Homem algum pode ver a Deus; daí ficarmos sem esperança? Não, o Filho unigênito, Ele que estava no seio do Pai, Ele O revelou, Ele veio para manifestá-lO. Isso é o evangelho. Essa é a mensagem do evangelho. Esse é o significado de tudo que Ele fez. Essa é a forma que Deus escolheu para revelar a Sua glória. Assim o apóstolo João também pode dizer: "E vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:14).

Então encontramos uma declaração ainda mais explícita acerca disso no décimo-quarto capítulo do Evangelho de João, os versículos mais importantes no que tange a este assunto. Tomé, como devem lembrar, estava perturbado porque nosso Senhor estava dizendo que iria deixá-los, e ele observou:

Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho? Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.

E Filipe exclamou: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta." "É isso que eu quero," diz Filipe. "Mostra-nos o Pai. Tu estás dizendo, "Quem me vê a mim, vê ao Pai."

E Jesus respondeu:

Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai: e como dizes tu: mostra-nos o Pai?

"Por que você é tão vagaroso," Ele está dizendo, "em entender estas coisas? Você diz, "Mostra-nos o Pai, o que nos basta." Mas você o têm visto; vendo a Mim, você está vendo o Pai."

E então, em Sua oração sacerdotal, nosso Senhor volta-Se para o Pai e diz: "Eu glorifiquei-te na terra" (João 17:4). Aqui o vemos, clara e explicitamente. Ele veio para revelar a glória do Pai, e Ele pôde dizer no fim, "Eu o fiz. Eu Te glorifiquei na terra." Assim, quando os apóstolos olham atrás, para tudo isto, e anunciam o seu evangelho e o descrevem, é assim que o colocam. Considerem novamente II Coríntios 4:6: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo." Dessa forma Paulo pôde dizer um pouco antes na mesma carta, em II Coríntios 3:18: "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor."

Paulo, ao escrever a sua primeira epístola a Timóteo, diz: "Conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado..." (1:11). Isso é o evangelho. É o evangelho da glória do Deus bendito. "Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores; dos quais eu sou o principal" (I Timóteo 1:15). Isso é o evangelho, sim, mas é o evangelho da glória do Deus bendito, e a salvação dos pecadores é uma das manifestações da glória deste Deus bendito.

Ou considerem como isto é resumido pelo autor da Epístola aos Hebreus - e estou ansioso que vejamos que esta é a grande mensagem do Novo Testamento - "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos

nestes últimos dias pelo Filho" (1:1). Quem é este Filho? Ele é "o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (1:3). Jesus Cristo é o resplendor, o brilho da glória de Deus.

"Mostra-me Tua glória," clama a humanidade.

E Deus diz: "Eu lhes mostrarei Minha glória, mas à Minha própria maneira. E esta é a maneira - na face de Jesus Cristo," nesta pessoa que é o resplendor da Sua glória e a expressa imagem da Sua pessoa.

Depois disso lemos o que o apóstolo Pedro, já ancião, escreve numa carta de despedida a vários cristãos. Ele sabe que breve será morto, e diz-lhes que enquanto estiver neste tabernáculo, ele continuará lembrando-os destas coisas. "Porque," ele diz, "não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas" (II Pedro 1:16). Não somos escritores de ficção. Não estamos inventando coisas imaginárias. Não tivemos sonhos, nem tivemos visões, nem contamos fábulas artificialmente compostas quando declaramos a vocês o poder e a vinda do Senhor Jesus. Não, "mas nós mesmos vimos a sua majestade." Pedro diz, na verdade, "Nós estivemos com Ele no monte santo, naquela magnífica glória. E uma voz veio da magnífica glória, e a ouvimos, dizendo, "Este é o meu Filho amado, a ele ouvi." Agora, depois que eu me for, e depois que o resto dos apóstolos já não estiverem mais aqui, falsos mestres virão e dirão isto e aquilo. Não creiam neles. Aqui está o registro. É nisto que vocês devem basear a sua fé e a sua posição - não em fábulas engendradas engenhosamente. Nós mesmos vimos a Sua majestade. Vimos quando Ele foi transfigurado, ali no monte santo, e ouvimos a voz do céu. Aí, então, vemos o cumprimento de tudo isto no Novo Testamento - o correspondente no Novo Testamento para a história em Êxodo.

No entanto, vocês notarão, e devo enfatizar isto, que as mesmas características paradoxais que marcaram a revelação incompleta dada a Moisés, também marcam esta revelação mais completa no Novo Testamento. Permitam-me lembrar-lhes destas coisas - e haveria coisa mais gloriosa ou maravilhosa que cristãos possam fazer uns pelos outros do que lembrarem uns aos outros destes fatos extraordinários?

A primeira coisa, como vimos, é o encobrimento. "Eu te porei numa fenda da penha," Deus disse a Moisés, "e te cobrirei com minha mão." Acaso vocês observaram este encobrimento no Novo Testamento? Meditaram a respeito disso? É declarado de forma perfeita em Filipenses 2:5-8: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. Que, sendo em forma de Deus, não teve por

usurpação ser igual a Deus." Ali estava Ele, na eternidade, "sendo em forma de Deus". Ele era Deus. Ele é a segunda pessoa na bendita Santa Trindade. E a Sua forma era a forma de Deus, a glória de Deus. Ele não considerou usurpação o ser igual, o que significa que Ele não Se apegou àquilo. Mas "aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz."

Há uma fenda na rocha, e a mão de Deus está cobrindo Moisés. O Senhor não veio em forma de Deus, embora Ele seja Deus, veio, porém, em forma de um servo, e foi feito à semelhança de homem. Ele veio, diz Paulo, em semelhança de carne pecaminosa. Esse é o encobrimento. Mas Ele ainda era Deus, lembrem-se, em toda a Sua plenitude. Ele não deixou Sua deidade no céu. Essa teoria *kenótica** é uma mentira total, e uma contradição do que está sendo dito. Ele não esvaziou-Se a Si mesmo. O que Ele fez foi aniquilar-Se, o que é algo bem diferente. Ele não pode esvaziar-Se da Sua deidade, isso é uma absoluta impossibilidade. Deus não pode cessar de ser Deus. Não, o que Ele fez foi isto: embora ainda fosse Deus, em toda a Sua plenitude, Ele Se aniquilou, ou, como diz outra tradução, "abriu mão de Sua reputação". Ele veio em forma de homem, embora ainda fosse Deus perfeito e absoluto. Ele estava encobrindo a deidade. Ele veio incógnito, ainda o monarca, mas viajando como um cidadão qualquer. Foi assim que Ele o fez: encobrindo, escondendo.

O profeta Isaías recebeu a revelação de que Ele iria vir dessa forma. Ele declarou que Cristo viria "como raiz duma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos" (Isaías 53:2). Seu semblante é desfigurado. Foi assim que Ele veio. É assim que a luz do conhecimento da glória de Deus é revelada e manifesta na face de Jesus Cristo. O Filho de Deus desce à terra. Como é que Ele vem? Em glória resplendente? Pelo contrário, nascendo num estábulo como um bebê, em Belém. Aí está o encobrimento da glória. O bebê, o menino, o carpinteiro, o homem que parecia ser nada mais que um homem comum, como todos os outros, que numa ocasião ficou tão cansado que quando os discípulos foram à cidade para comprar alimento, Ele ficou sentado junto a um poço, e começou a conversar com uma mulher samaritana. Um homem, você diz, e um homem muito cansado. Sim, mas isso é o encobrimento da glória de Deus. É a fenda na

---

* Teoria sobre Cristo ter-Se esvaziado da Sua deidade.

rocha, e a mão de Deus. Cansado e faminto.

Vocês O vêem orando? Orando a noite toda, levantando-Se para orar antes do dia amanhecer. Por que Ele precisa orar? Ele é o Filho de Deus, co-igual com Deus. Sim, porém a glória está sendo encoberta. Ele veio em semelhança de homem. Ele aniquilou-Se, ou abriu mão de sua reputação. Ele veio em forma de servo. E lemos que um dia Ele chorou. Deus chorando? Oh, sim, Deus, em semelhança de homem, o Verbo feito carne, o encobrimento da glória.

Estaríam lembrados do extraordinário incidente que ocorreu no Monte da Transfiguração? Ele subiu ao monte levando Pedro, Tiago e João conSigo, e foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se incrivelmente brancas, mais resplandecentes do que a luz do sol, "tais como nenhum lavadeiro sobre a terra os poderia branquear" (Marcos 9:3). Ele foi transfigurado, todo o Seu semblante, completamente. "Ah," vocês dizem, "finalmente eles estão vendo a Sua glória em sua plenitude." Não, não a viram. Lemos em Lucas, capítulo 9, no relato da transfiguração, que um profundo sono caiu sobre aqueles discípulos, e que uma nuvem os encobriu. É a mão de Deus novamente, encobrindo e protegendo. Eles subitamente começaram a ficar sonolentos, e uma nuvem os envolveu. Naturalmente, isso ainda é verdade. Eles não podiam ver a glória absoluta, e viver. Assim foram cobertos pelo sono e pela nuvem.

E, finalmente, olhem para Ele morrendo sobre a cruz. O que é isto? Isto, novamente, é o velamento da glória, o encobrimento dessa glória e poder absolutos. Charles Wesley o expressou para nós num hino que em geral só é cantado durante o Natal, porém que deveria ser cantado com muito mais freqüência: "Contemplem a divindade, encoberta em carne..." Sim, podemos vê-la, entretanto encoberta em carne. "Salve, divindade encarnada!" O que aconteceu em Belém? Foi isto: "Manso, Ele pôs de lado a Sua glória..." Charles Wesley não estava dizendo que Ele colocou a glória propriamente dita de lado, mas que Ele colocou de lado os sinais da glória, os acompanhamentos da glória. É isso que significa "aniquilou-Se".

Manso, Ele pôs de lado a Sua glória,
E nasceu para que o homem não morresse mais.

Aí está o encobrimento.

O elemento seguinte em Êxodo é a proteção. "Homem nenhum verá a minha face, e viverá", Deus disse a Moisés. "Então, ao mesmo tempo que estou lhe dando este vislumbre da Minha glória, preciso protegê-

lo da Minha própria glória, ou ela o matará." Assim Ele o colocou numa fenda da rocha, e colocou Sua mão sobre ele. Ele o estava protegendo da Sua própria santidade, Sua própria majestade, Sua própria glória, Sua própria ira contra o pecado, Sua eterna justiça. Moisés tinha que ser protegido ao mesmo tempo que estava recebendo um vislumbre da glória e da bondade de Deus, porque Deus é um, e todos estes vários elementos fazem parte do Seu caráter. Vocês não podem, como já vimos, dividir os atributos de Deus. Quando tomamos a Ceia do Senhor, comemos o pão e bebemos o vinho. Lembramos a morte do Senhor sobre a cruz. O que estava acontecendo naquela cruz no monte Calvário? Posso dizer-lhes. Estávamos sendo protegidos da glória, da santidade, da justiça, e da ira de Deus contra o pecado. Esse é o significado da cruz, e da morte sobre a cruz.

Podemos resumi-lo nas famosas palavras de Augustus Toplady. Ele viu isto com muita clareza, e cantou a respeito:

Rocha Eterna, ferida por mim,
Quero me esconder em Ti.
Que a àgua e o sangue,
Que jorraram do Teu lado transpassado,
Sejam a cura para o pecado –
Limpando-me da sua culpa e do seu poder.

E quando minha vida cessar,
E meus olhos se fecharem na morte,
Quando eu voar por regiões desconhecidas,
E Te vir no Teu trono de juízo –
Rocha Eterna, ferida por mim,
Quero me esconder em Ti!

A única esperança de Toplady, a única proteção dele diante da majestade, do juízo, da glória e da ira de Deus, é que Cristo é a Rocha Eterna, e que ele está coberto pelo que Cristo fez na cruz. A mão de Deus está sobre ele, e ele está seguro. Esse é o significado da morte sobre a cruz. É esta proteção sem a qual todos seríamos consumidos. Então esse é o significado, positivamente falando, de sermos revestidos da justiça do Senhor Jesus Cristo. Essa é a mão que vem sobre nós. E Toplady o expressa assim:

Os terrores da lei e de Deus,
Nada têm a ver comigo.

Por que?

"Oh," ele diz,

A obediência e o sangue do meu Salvador
Escondem todas as minhas transgressões.

É a mão de Deus sobre nós, encobrindo-nos, escondendo as nossas transgressões. E o resultado é que não precisamos temer os terrores da lei, nem os de Deus. Estamos na fenda da rocha, que é Cristo Jesus. Sua justiça, Sua mão de justiça está sobre nós. Ali está a proteção, o encobrimento.

Também precisamos examinar a revelação. Porque não foi só encobrimento e proteção que se fizeram presentes nessa ocasião, com Moisés. O objetivo de tudo aquilo era revelar. E considerem-no no caso do nosso bendito Senhor. Vimos que Ele veio, e nasceu como um bebê, sim, mas lembram-se como aconteceu? Não foi um nascimento comum. O arcanjo Gabriel é enviado a uma virgem. Ela não é casada, ela nunca conheceu a um homem, porém ela vai ter um filho. Ah, um bebê comum, você diz. Não, há um milagre envolvido aqui, um fato maravilhoso, uma glória em toda a situação. É necessário que um arcanjo o anuncie. Ainda que Ele fosse um simples bebê, nascido num estábulo, tanto o encobrimento como a revelação estão ali. Considerem-nO em Sua infância. Ele parece não ser mais que uma criança comum, contudo não é. Certos homens sábios do oriente ouviram algo, e viram uma estrela que anunciava esta criança, e que os guia até ela. Eles vêm e O adoram, e Lhe oferecem seus presentes. Não é uma criança comum. Há algo fora do comum aqui. Homens sábios vêm e caem de joelhos, e se prostram em adoração. O encobrimento, sim, mas também a revelação.

Ouçam, então, as Suas próprias palavras. Ele agora está com trinta anos de idade, e começou a pregar e a ensinar. Sua vida toda ilustra essas verdades. Estou simplesmente escolhendo as características mais salientes. Ele fala pela primeira vez na sinagoga de Sua cidade natal, Nazaré, e isto é o que lemos a Seu respeito: "E se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca" (Lucas 4:22). Disseram: "Este é Jesus. É o filho de Maria e de José. Este é o menino que conhecemos, o carpinteiro. Como pode estar falando desta forma? Ele é apenas um homem." Não, há algo mais. Eles se maravilharam com as palavras de graça que procediam da Sua boca, e vocês já perceberam que Seus milagres sempre tiveram o mesmo resultado? Quando as multidões os viram, maravilharam-se e glorificaram a Deus que tinha dado tal poder aos homens. Lemos que quando Ele curou o paralítico, todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: "Nunca tal vimos" (Marcos 2:12). Lemos em Lucas 5:26, "... todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus; e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje vimos prodígios." Um homem, e todavia não somente um homem. Quem é Ele? O que é isto? Devemos também lembrar o que aconteceu

no Monte da Transfiguração.

Finalmente, vejam-nO morrendo sobre a cruz. Isso, vocês poderiam argumentar, foi a prova final de que Ele era meramente um homem. No entanto, vocês se lembram que o centurião romano, olhando para Ele e vendo que estava morto, disse: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus" (Marcos 15:39). Ele é maravilhoso até mesmo em Sua morte; há algo fora do comum; há uma glória até mesmo em Sua cruz. Isaac Watts viu isto, e assim cantou: "Quando considero aquela cruz maravilhosa, onde o Príncipe da glória morreu..." Há um paradoxo. O Príncipe da glória - morto. "O Príncipe da vida," diz Pedro mais tarde, em sua pregação. Vocês mataram o Príncipe da vida. É um paradoxo, é claro; revelando e encobrindo ao mesmo tempo, em tudo, e especialmente ali sobre a cruz.

Vocês estão vendo a combinação destes opostos? A justiça de Deus, e o amor de Deus; a justiça de Deus, e a misericórdia de Deus; a ira de Deus, e a Sua eterna compaixão. Todos se encontraram, justiça e paz se encontraram nesta pessoa que encobre e revela a glória de Deus. Pensem na ressurreição. Pensem na ascensão. Pensem em Suas aparições, Sua aparição a Estêvão: "Mas ele (Estêvão), estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus" (Atos 7:55). E a aparição a Saulo de Tarso, que tinha odiado e ultrajado a este Jesus, o qual então O viu, e disse: "Quem és, Senhor?" (Atos 9:5). A revelação da glória de Deus na face de Jesus Cristo: Ele é o Rei da glória. Aí, então, está a forma em que o Novo Testamento descreve o que vemos em Êxodo, capítulo 33.

O que é avivamento? Avivamento é um período na história da Igreja quando as coisas que acabei de mencionar a vocês tornam-se a maior realidade do mundo para o povo de Deus. Cremos nelas agora, sim, mas sentimos o seu poder? Elas nos fazem vibrar? Somos comovidos por elas? Gloriamo-nos e exultamos nelas? Avivamento é um período em que estas coisas são feitas tão evidentes pelo Espírito Santo que a Igreja toda é cheia deste vislumbre da Sua glória; a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Jesus disse que quando o Espírito Santo viesse, Ele O glorificaria. E assim, quando Ele vem com poder excepcional, a glória de Cristo é revelada de forma clara e óbvia. É a obra especial do Espírito Santo. Desse feito vocês perceberão que em cada período de avivamento, os hinos e as orações da Igreja são repletos de ações de graça e de louvor, pela glória do Senhor e especialmente por Sua morte na cruz. A glória da cruz. A maravilha do sangue. Estas coisas são o tema da Igreja. O Espírito,

vindo com poder fora do comum, dá à Igreja um vislumbre excepcional da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Você não anseia por isso? Não anseia por ver isso e sentir isso? Não anseia experimentar o que é ser quase consumido por um senso da Sua glória, Sua majestade, e toda a plenitude da Sua bondade? Busque-o, meu amigo. Busque-o de forma pessoal. Busque-o para a Igreja em geral, não somente neste país, e sim em todo lugar ao redor do mundo. A necessidade desta hora, individual e coletivamente, é o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.

20

Um Fardo Por Avivamento

Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, que todo o dia e toda a noite jamais se calarão: vós, os que fareis lembrado o Senhor, não descanseis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra (Isaías 62:6-7).

Se há algo que demonstra a nossa necessidade de avivamento na época atual, é o que vemos quando olhamos ao nosso redor. A Igreja parece ter sido dominada por um tal espírito de letargia, e de derrotismo, que está dando aos que estão de fora a impressão de estar cheia de um senso de desespero. Precisamos, desesperadamente, do que Isaías tem a nos dizer no capítulo 62 de sua grande profecia. Aqui está um homem enfrentando a condição da Igreja. Ele recebeu uma visão do futuro, e assim profetiza a vinda do inimigo, o exército dos caldeus, contra Jerusalém. Ele pode ver que eles conquistarão o exército israelita, e que capturarão a cidade, destruindo-a, arrasando os seus grandes prédios e levando o seu povo cativo para a Babilônia. Isso, no entanto, não foi tudo que ele recebeu para comunicar, ele também viu a restauração vindoura. Assim a sua profecia é dividida em grande parte entre estas duas coisas. Aqui nós o encontramos contemplando a situação em seu pior estágio e, à luz das graciosas promessas de Deus, mostrando como ele reagiu em tal situação, e o que ele conclamou o povo a fazer.

Não há dúvida de que a referência primária deste capítulo é a esse evento, ao cativeiro na Babilônia e o retorno do remanescente a Jerusalém; essa tem sido a interpretação tradicional da Igreja através dos séculos. Aqui também, sem dúvida, temos uma previsão da grande reunião que vai acontecer entre os judeus. Mas não se limita a isso; há algo mais aqui, e é um quadro da Igreja Cristã. Nosso Senhor mesmo várias vezes citou trechos desta passagem da profecia de Isaías, mostrando com clareza que certamente refere-se à Igreja e ao período do evangelho - pois, como devem lembrar, em Seu primeiro discurso, na sinagoga de Nazaré, Ele citou um texto de Isaías, capítulo 61. Tudo isto faz parte do mesmo quadro. De fato, na Igreja através dos séculos,

o povo de Deus acostumou-se a ver nesta declaração o chamado à Igreja numa época de declínio, numa época em que ela está cercada de todos os lados por inimigos e por problemas, e quando, em grande medida, ela sofreu derrota às mãos dos seus adversários. Então podemos tomar este quadro hoje, aplicá-lo a nós mesmos, e ver como devemos reagir em nossa condição presente.

Chamo sua atenção para isto de forma particular porque é um capítulo muito prático, e nos lembra, portanto, que em nossa consideração da necessidade de avivamento não devemos contentar-nos com um mero exame teórico da situação. Na verdade, isso pode ser fatal. O objetivo de qualquer consideração teórica é levar-nos à ação. É levar a algo na prática. Quando os profetas delinearam a condição de Israel, eles nunca se limitaram a isso. Procederam dessa maneira a fim de despertar o povo, para que entrassem em ação e fizessem algo em relação à trágica situação em que se encontravam. Ora, aqui, como veremos, toda a ênfase é colocada na reação, na ação, na determinação de fazer algo. E realmente não há propósito em examinar a situação atual, e considerar os grandes movimentos do Espírito no passado, a não ser que isso leve a uma determinação de nossa parte, de agir e de fazer algo à luz da posição em que nos encontramos.

Pois bem, tudo que preciso fazer neste ponto é salientar as coisas que são declaradas aqui com tanta clareza, e o que encontramos em primeiro lugar é a preocupação do profeta. Ele está profundamente comovido: "Por amor de Sião", ele diz no começo do capítulo 62, "me não calarei e por amor de Jerusalém me não aquietarei..." Sião, Jerusalém, estes não eram meros nomes para o profeta, eram nomes que representavam tanto para ele, e dos quais ele tinha tanto orgulho. Sião, ele sabe, é a cidade de Deus. Não simplesmente a cidade de Davi, mas a cidade de Deus. E Jerusalém? Bem, ela é a cidade do grande Rei, e assim o profeta está preocupado porque sabe o significado real destes nomes. Eles não representam apenas uma cidade comum para ele, simplesmente uma cidade entre outras, mas representam *a* cidade de Deus. Deus tinha feito este lugar e o estabelecera para Si mesmo, e tinha dado a esse povo, Seu próprio povo, o grande privilégio de habitar em tal cidade, Jerusalém ou Sião. Portanto, compreendendo, como ele compreendeu, a grandeza e a glória desta cidade de Deus, o profeta está contristado e profundamente preocupado ao ver sua condição atual.

Este, então, é o ponto de partida – "Por amor de Sião... por amor de Jerusalém..." Ele começa com isso e nós devemos começar com isso, porque a primeira coisa que nos é necessária é uma preocupação a

respeito da condição da Igreja. Ao lerem os profetas vocês perceberão que eles não gastaram tempo preocupando-se com o estado das outras nações, e dos que estavam do lado de fora. Não, o fardo desses homens é o estado e a condição da Igreja. É sobre isso que eles escrevem: que a Igreja do Deus vivo, Sião, fosse reduzida a isto. Eles pensam em sua glória passada, pensam em todas as suas ligações, e agora vêem-na reduzida a esta condição. E é isso que os motiva e que é sua grande preocupação.

A questão, portanto, que enfrentamos é se podemos dizer que experimentamos algo desta mesma preocupação. Qual é o nosso fardo? Até que ponto podemos dizer que a condição da Igreja está em nossos corações e mentes, e nos preocupa profundamente? Compreendemos o que é a Igreja? Lembramos que ela é a cidade de Deus? Lembramos que ela é Sua nova criação pela água e pela palavra? A cidade de Deus. É isso que a Igreja é. Ela é Sião; o lugar da habitação de Deus. Deus a fez para Si mesmo; Ele a trouxe à existência à custa do sangue e da morte do Seu próprio Filho. Estaríamos preocupados com o estado da Igreja? Certamente muitos de nós seremos obrigados a admitir que estamos tão ocupados conosco mesmos e nossos problemas e dificuldades pessoais, com as coisas que ocupam nossos pensamentos, que nunca paramos por um momento sequer para olhar objetivamente para a Igreja, e prantear por causa da condição em que se encontra.

Ao ler estes profetas, e ao ler os Salmos, vocês verão que isto é o que sempre ocupa o lugar predominante na mente destes homens; eles tinham uma concepção clara da nação a que pertenciam como sendo o povo de Deus. Todos os propósitos de Deus estavam nela, e estavam envolvidos em seu bem-estar. Vendo-a na condição em que se encontrava, eles não conseguiram pensar em outra coisa, num sentido. E o que é triste a respeito da nossa época é que este aspecto da questão parece estar quase ausente. Homens e mulheres não vêem nenhuma razão para se preocuparem. E se não estamos preocupados, há somente uma explicação. É porque não temos a concepção correta da Igreja de Deus. É porque não a vemos como o profeta via a nação, a Sião, a Jerusalém. Se tão-somente tivéssemos uma concepção adequada da Igreja Cristã! Se realmente a víssemos como ela é no Novo Testamento, se tivéssemos uma noção, por mais vaga e tênue que fosse, do que ela foi em seu princípio, ou mesmo nos primeiros séculos, se tão-somente entendêssemos o que ela foi em cada período de avivamento e despertamento, então estaríamos quebrantados diante da sua condição atual. Estaríamos contristados e cheios de um senso de tristeza.

Porventura ficamos perturbados quando vemos algo que em outros tempos foi grande e famoso, deteriorando ou cessando de existir? O declínio e a queda de um império é um espetáculo triste. É triste ver uma grande empresa cair. É triste ver um grande homem profissional perdendo o controle. É triste ver um homem que foi um grande esportista subitamente, devido à idade, começar a falhar. É algo que sempre nos enche de um sentimento de tristeza e de pesar. Bem, multipliquem tudo isso pelo infinito, e então tentem ter uma concepção da Igreja de Deus como ela é na mente de Deus, e como ela foi formada e fundada, e contraste isso com o que ela é hoje. "Oh," diz este homem, "por amor de Sião me não calarei e por amor de Jerusalém me não aquietarei."

Aí, então, está o ponto de partida para o profeta, e isto porque ele a vê como ela era naquela época. Examinem os termos que ele usa. Ela está desamparada, ela está assolada - ele diz isso no versículo 4. Quando a reforma vier, ele diz: "Nunca mais te chamarão: Desamparada." Mas ela está desamparada agora. "Nem a tua terra se denominará jamais: Desolada." Mas ela *está* desolada. Deus parece tê-la abandonado, o povo foi levado em cativeiro, e a visão que Isaías apresenta de Jerusalém é uma visão de desolação. Não só isso, no versículo 8 ele nos dá outro quadro: "Nunca mais darei o teu cereal por sustento aos teus inimigos", mas no momento era o que estava acontecendo. "Nem os estrangeiros beberão o teu vinho, fruto de tuas fadigas." Ali estava ela, desamparada, assolada. O povo estava trabalhando, sim, mas os resultados do seu trabalho eram confiscados, o seu grão era confiscado, o vinho era confiscado, os inimigos, os seus conquistadores, estavam comendo o seu grão e bebendo o seu vinho. E toda a sua atividade, todos os seus esforços e seu trabalho, finalmente, resultou em nada. Este era o seu quadro da Igreja em sua própria época e geração, e ao considerá-lo, e contrastá-lo com o que Deus planejara que ela fosse, ele se sente oprimido, está preocupado, seu coração está quase partido. Povo cristão, estamos realmente satisfeitos com o estado da Igreja Cristã hoje em dia? Ou será que nem paramos para pensar no assunto? Há vilas e cidades neste país que, em outros tempos, estavam cheias de um povo que orava, louvava e glorificava, cidades e vilas que se sobressaem nos anais do cristianismo deste país como lugares que um dia foram cheios de um senso da glória de Deus. Entretanto hoje estão desoladas, desertas, desamparadas.

O chamado do profeta é que devemos enfrentar estas coisas, e devemos começar a compreendê-las. Não devemos nos deixar enganar pelos relatórios que lemos na imprensa religiosa, que querem nos

dar a impressão que tudo está indo extraordinariamente bem, e que não há motivo para ficarmos perturbados. Devemos pensar na Igreja Cristã como a vemos nas cidades, nas vilas, nos povoados, e nos distritos deste país. A grande maioria das pessoas está fora da Igreja, apenas dez por cento professando adesão a ela, e somente metade visitando um lugar de adoração com regularidade. Essa é a situação; a Igreja tornou-se um remanescente, pequeno e fraco. E os que ainda são fiéis estão desencorajados por várias razões. Estão desalentados, e os outros olham para eles quase com piedade, porque ainda estão se apegando a algo obviamente tão ultrapassado e antiquado.

Eis, então, a situação que nos confronta. E minha pergunta é: até que ponto experimentamos o sentimento que animava o profeta? É dever de cada um de nós, como membro da Igreja Cristã, estar preocupado com estas coisas. Não devemos estar preocupados somente com nossos problemas pessoais; todos os temos, eu sei, mas precisamos tratar deles e ir além deles. Precisamos nos tornar intercessores, como o profeta estava convocando seus compatriotas a se tornarem intercessores.

Isaías, então, tem esta preocupação, porque ele vê Sião como ela é, e por causa do que ele deseja que ela seja. Ali está ela, liquidada, e ele diz que não ficará calado, nem descansará, "até que saia a sua justiça como um resplendor, a sua salvação como uma tocha acesa." Essa é sua visão para Jerusalém. Essa é sua visão para a Igreja. É assim que ele quer que ela seja. Com sua visão profética, ele pode vê-la pela fé, e pode vê-la tornando-se novamente o que foi destinada a ser. Esta é uma declaração tremenda. Isto é o que aconteceu com cada homem a quem Deus usou para despertar a Igreja e tomar a liderança num avivamento. Foi algo assim no coração de Martinho Lutero que incendiou sua alma. Ele viu a Igreja na qual tinha crescido e à qual pertencia. Viu em que paródia ela tinha se tornado. Ele disse: "Isto é desolação. Isto é uma tragédia." Então ele viu no Novo Testamento a Igreja de Deus como foi destinada a ser, uma lâmpada de ouro polido, levantando a luz perante as nações, e começou a ser despertado e movido. Foi assim que aconteceu.

Vocês e eu precisamos captar esta visão do que a Igreja pode ser. Não, não temos desculpa. Podem vê-lo na Bíblia. Vemos aquele pequeno grupo de pessoas no livro dos Atos dos Apóstolos, ardendo com poder como um lâmpada que arde, "até que saia a sua justiça como um resplendor". Vocês podem ver a chama e o poder? Exorto-os a que leiam os relatos de todos os grande avivamentos na história da Igreja. Voltem ao glorioso período da Reforma. Voltem duzentos anos atrás.

Familiarizem-se com os dias em que Whitefield, os irmãos Wesley e outros estavam pregando em Londres, com a unção do Espírito Santo sobre eles, e coisas poderosas estavam acontecendo. O problema é que não temos concepção da Igreja, nunca a vimos assim, não é mesmo? Não, o que temos visto é um tipo de prosperidade externa, mas essa não é a prosperidade da Igreja. Não o vimos, e nada sabemos a respeito da Igreja saindo com resplendor, e como uma lâmpada ardente. No entanto ela foi destinada a ser assim, ela pode ser assim, e precisamos compreender isso. Essa é a forma em que o profeta fala.

Então Isaías acrescenta outra descrição. Ele diz acerca de Jerusalém: "Serás uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na mão do teu Deus." Que fé extraordinária! Ele estava contemplando uma Igreja desolada e desamparada, e no entanto disse: "Tudo está bem. Posso ver o que você vai se tornar, o que foi destinada a ser, uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na mão de Deus." Além disso, lembrem-se destes outros termos que ele usa: "Nunca mais te chamarão: Desamparada." Ele diz, posso ver um dia em que a Igreja não mais será desamparada. "Nem a tua terra se denominará jamais: Desolada; mas chamar-te-ão: Minha-delícia; e à tua terra: Desposada; porque o Senhor se delicia em ti; e a tua terra se desposará." Agora, precisamos esclarecer estes termos. O que o profeta está dizendo é que Deus não parece estar Se deliciando em Seu povo. Deus é como um marido que se ausentou do lar e que parece ter esquecido da esposa. É isso que ele está dizendo. E isso certamente era verdade sobre a condição de Israel naquela época. Ali estava a nação, à mercê dos seus inimigos - ela, que havia conquistado a todos, ela que tinha sido tão grande sob o rei Davi, e sob o rei Salomão depois dele. Agora aqui está ela, um remanescente, fraco e pequeno. A maioria do seu povo foi levado para a Babilônia, trabalhando como escravos sob a mão daquele cruel poder caldeu. E ele olha para tudo isso, e diz: "Que significa isto? Bem, Deus nos desamparou. Deus Se afastou de nós." Todavia o profeta não vai se permitir descanso ou paz até que Deus olhe novamente para eles, e volte para eles, dizendo: "Minha delícia está em ti. Sou teu marido. Estou voltando": "Mas chamar-te-ão: Minha-delícia; e à tua terra: Desposada; porque o Senhor se delicia em ti; e a tua terra se desposará.

Ademais, em acréscimo a isso. Isaías faz esta declaração: "Nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra" - até que todos olhem, e dêem louvor. E ele acrescenta, nos versículos 8 e 9, que ela prosperará novamente: "Mas os que o ajuntarem o comerão, e louvarão ao Senhor; e os que o

recolherem beberão nos átrios do meu santuário." Este é o pensamento que leva ao que se segue. O profeta vê a Igreja como ela é, e ele diz: "Deus parece ter nos abandonado. Deus nos desamparou." É esta a nossa situação hoje? Não hesito em afirmar que é. Os termos, é claro, são relativos. Não devemos desprezar o dia das coisas pequenas, mas, creiam-me, estamos vivendo no dia das coisas muitíssimo pequenas. Quando comparamos a condição da Igreja hoje com o que ela foi, não podemos deixar de chegar à conclusão que, por várias razões, Deus não está olhando para nós e sorrindo para nós. Num sentido, fomos desamparados. Há um senso de desolação. Falando de forma geral, a Igreja de hoje, através do mundo todo, é uma Igreja abandonada. Ela está numa condição desolada, e insisto que precisamos entender isso.

Além disso, devemos considerar as possibilidades. Jerusalém não foi destinada para isto. Ela foi destinada a ser algo completamente diferente. Isaías tem mais uma coisa que o anima e que o move. Ele anseia que as nações a vejam como ela foi destinada a ser. Vemos isso no versículo 2: "As nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e serás chamado por um nome novo, que a boca do Senhor designará." Esta era a sua nota constante. Nada preocupava mais estes homens de Deus do que os gentios escarnecerem. Israel tinha feito uma grande asserção a seu próprio respeito, dizendo: "Nós somos o povo de Deus. Sião é a cidade do Deus vivo. Olhem para o templo," eles disseram. "Deus habita nesse templo. Vocês, gentios, vocês estão no pátio exterior, vocês nunca entraram no lugar santo. Nunca viram a glória, mas Deus está ali, entre os querubins." Foi o que eles declararam. Eles eram o povo de Deus. E aqui estavam, derrotados e desolados, sabendo que o inimigo estava rindo e zombando, cheio de escárnio e de sarcasmo. Os reis, os grandes potentados, que desafiaram a Deus e aos Seus exércitos e ao Seu povo, estavam zombando. "Oh", disse o profeta, "não me calarei até que os gentios vejam a tua justiça, e os reis a tua glória."

Tais pensamentos nos comovem? Acaso ficamos perturbados e contristados quando ouvimos as piadas e a zombaria dirigidas à Igreja Cristã? Não ficamos consternados ao ouvir esses "reis" modernos, tais como filósofos, cientistas e outros, rejeitando e ridicularizando - não a nós, mas ao Deus da cidade de Deus, a Igreja Cristã, a Igreja que Cristo comprou com Seu sangue? Eles estão zombando dela. Estão cuspindo nela. Isso não nos consterna? Não há um profundo, ardente desejo em nós de que esses gentios, esses "reis", vejam a Igreja em sua glória, em seu resplendor, com a luz de Deus em sua face, e o poder e a chama do Espírito Santo dentro dela? Isso é o que anima a mente, o

coração e o espírito deste profeta Isaías. Ele anseia pelo dia em que os gentios e reis os chamem o povo de Deus, o povo santo, os remidos do Senhor, povo procurado, uma cidade não desamparada. Ele diz: "Não me calarei até que Sião seja novamente uma cidade que os homens busquem. Eles virão dos confins da terra buscando a Sião, a cidade de Deus, exaltada acima de todas as nações e de todas as cidades do mundo."

Esse, então, é o pensamento que provê o pano de fundo para o que o profeta passa a exortar, e isto me leva à segunda questão. O que foi que o profeta decidiu fazer em vista de tudo isto? O que foi que ele exortou que todos os demais fizessem? A resposta nos é dada nos versículos 6 e 7. Na verdade, como vimos, ele começa dizendo: "Não me calarei nem descansarei." Ele diz: "Eu vou falar. Vou falar a respeito disso. Vou pregar ao povo. Vou falar a respeito disso sem cessar. Não descansarei enquanto as coisas continuarem como estão, enquanto elas não se tornarem como sei que podem ser, e como serão." Em outras palavras, ele é um homem consumido por esta única idéia, que apossou-se dele e o motiva. E sua dedicação é total. Ele não se limita a fazê-lo de vez em quando. Muitas vezes, quando as pessoas vêem algo particularmente ruim, elas começam a pensar acerca daquilo, porém logo esquecem-se do que viram e voltam à sua rotina. Oram por algum tempo, logo depois esquecem. Mas não há nada espasmódico sobre este homem. Não há nada intermitente a respeito dele. A situação de Sião tornou-se sua suprema preocupação, a paixão da sua vida, o assunto sobre o qual ele fala constantemente. Tornou-se um fardo em seu espírito.

Foi assim que avivamentos sempre começaram. Deus colocou um fardo a respeito disso sobre alguém, sobre *um* homem, talvez, ou um grupo de homens – o número não importa. Poderíamos dizer que um homem desenvolve uma "mente de uma pista só", e não fala de outra coisa: "Não me calarei, não me aquietarei." Ele está falando sobre isso, exortando as pessoas a considerar a questão. Assim Deus começa a atuar. Isso foi o que aconteceu com o profeta Isaías. Houve muitos, é claro, que pensaram que ele tinha ficado louco, e pensaram a mesma coisa de Jeremias. Disseram: "Qual é o problema com esses homens que estão sempre insistindo em falar acerca da mesma coisa? Por que não vão embora e nos deixam em paz, com nossa agradável rotina da Igreja? Por que insistem sempre na mesma coisa? Não vêem que é inútil?" É o que tais pessoas dizem. Todo homem que recebeu uma visão do que a Igreja de Deus verdadeiramente deveria ser e pode ser, e que contrastou isso com a situação atual, e começou a falar a respeito

disso, e ficou obcecado por isso, foi criticado e considerado louco pelos demais. "Por que toda essa perturbação?" - perguntam. "Tudo está muito bem". Era o que os falsos profetas estavam dizendo a Israel. E ainda o estão dizendo hoje em dia. Há pessoas que até mesmo se opõem a qualquer noção de avivamento. Vocês podem ler os seus livros sobre o Espírito Santo, podem ler seus artigos sobre o Espírito Santo publicados em periódicos, e verão que eles nunca mencionam avivamento. Eles não crêem no derramamento do Espírito de Deus, apesar de tudo que está registrado na história da Igreja. Parece que não o querem. Deus tenha misericórdia deles. Descansando em Sião, com Sião na condição em que está, e o mundo na situação em que se encontra!

Essa, então, é a primeira coisa que Isaías nos diz, mas então ele prossegue mencionando uma medida prática. "Sobre os teus muros," ele diz no versículo 6, "pus guardas" - esta é a medida prática - "que todo o dia e toda a noite jamais se calarão." Qual é o propósito desses guardas? Eles estão ali para guardar, é claro. Esse era o costume nas cidades da antigüidade. Havia um muro cercando a cidade, e eles colocavam guardas sobre os muros para vigiar dia e noite. Eles estavam guardando a cidade. Estavam vigiando a possível chegada de um inimigo. Se viam um movimento súbito nas árvores, ou atividades suspeitas num campo distante, comunicavam o fato imediatamente. Esses eram homens que estavam guardando a vida e a segurança da cidade. E guardas são tão necessários hoje como eram no passado. Há certos inimigos sempre à espreita, esperando para atacar, invisíveis e sempre passando suas tropas em revista. Quem são eles? São os inimigos que atacam a verdade, a doutrina, e não somente a doutrina, mas a vida da Igreja, a sua santidade, a sua conduta e comportamento. "Coloquei guardas", o profeta diz. "Esses homens devem manter seus olhos abertos, e vigiar dia e noite. Eles nunca descansarão, eles estarão sempre vigiando." E se houve uma época em que isso fosse necessário, é hoje. Há idéias insinuando-se cada vez mais, até mesmo nos círculos evangélicos. Por exemplo, há pessoas que dizem que o que você crê realmente não importa tanto, mas se um homem faz o bem e professa ser um cristão, você pode cooperar com ele. E assim temos homens que são diametralmente opostos um ao outro em suas doutrinas básicas, reunindo-se e falando na mesma reunião. "Contudo," eles dizem, "isso não importa." Isso causa terrível confusão; por amor à conveniência e à unidade e coisas assim, estamos resvalando e escorregando; e isto não é bom, meus amigos. Sião é a cidade de Deus, um povo santo, um lugar santo, é onde *Deus* habita, e não podemos nos dar ao luxo de

proceder levianamente em relação à doutrina, ou à vida.

Mas o dever dos guardas não é simplesmente vigiar a chegada de inimigos - quando uma cidade estava em perigo ou sitiada os guardas tinham que manter os olhos no horizonte, para ver se por acaso auxílio estava a caminho, para ver se algum amigo estivesse reunindo seu exército para vir atacar o inimigo pela retaguarda. Mantendo vigilância. Há esperança de libertação? Há alguém vindo em nosso auxílio? Guardas sobre os muros, esperando pelas boas novas, esperando ver os mensageiros da paz - como Isaías escreveu no capítulo 40 - vindo através das montanhas, proclamando o dia da salvação. Um guarda, como Habacuque, que, tendo orado, sobe à sua torre de vigia e espera pela resposta de Deus (Habacuque 2:1). Esta é uma parte essencial do processo. Devemos estar à espera, vigiando, e se soubermos de qualquer movimento do Espírito de Deus, devemos orar com intensidade para que continue, que aumente, e que se expanda. Se ouvirmos falar de algo que é apenas palha fumegante, devemos orar para que irrompa em chamas.

Pois bem, o profeta colocou guardas sobre os muros. Mas há ainda uma última coisa que devemos considerar. "Vós, os que fareis lembrado o Senhor, não descanseis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra." Esta é uma declaração maravilhosa. "Vós, os que fareis lembrado o Senhor..." - sim, mas na margem de muitas Bíblias de estudo vocês encontrarão uma tradução alternativa, que é, sem dúvida, a correta: "Vós que sois os relembradores do Senhor..." Essa é a forma que a *Revised Version* traduz este versículo: "Vós sois os relembradores do Senhor..." E a *Revised Standard Version* o expressa assim: "Vós que colocais o Senhor em lembrança..." "Vós que sois os relembradores do Senhor, não descanseis, nem deis a ele descanso até que tenha feito isto." Aqui, então, está o chamado à oração, o chamado à intercessão. E o que significa? Bem, creio que posso interpretá-lo desta forma, de acordo com as traduções. Ele está se dirigindo a pessoas que ainda têm Deus em lembrança. Ele está se dirigindo a pessoas que não estão olhando para homens, porém para Deus: "Vocês que se lembram do Senhor", ele diz, "estou falando com vocês, e estou lhes dizendo que não se calem, que continuem orando. Não silenciem, não descansem."

Todavia esta injunção tem outro significado também. Estas pessoas não somente lembram do Senhor, mas lembram a outros do Senhor. Exortam outros a orar a Ele. E é este o meu apelo a cada um de vocês. Se você começou a ver algo do fardo da época em que vivemos, e você está orando para que Deus nos visite, e que avive a Sua obra, desperte

outros também, faça com que se lembrem. Diga a eles: "Lembrem-se que Deus ainda está presente. Por que não oram a Ele? Por que não se voltam para Ele?" Despertem outros, vocês que são relembradores do Senhor. Vocês que se lembram dEle, lembrem-nO a outros.

Estas palavras, no entanto, têm um sentido ainda mais alto e maravilhoso, e até mesmo ousado, e é este: "Vós que sois os relembradores do Senhor..." - vocês que devem lembrar o próprio Deus das Suas próprias promessas. É um sentido ousado, todavia está ali, e todos concordam quanto a isto. Devemos lembrar a Deus das Suas próprias promessas. Quando oramos, devemos ir a Deus com palavras, e devemos lembrá-lO do que Ele disse a respeito de Sião e de Jerusalém, do que Ele disse em relação à Igreja. E devemos lembrá-lO de que Ele nunca muda a Sua palavra, que Ele nunca quebra uma promessa, e que Ele não pode mudar. Devemos ir com Ele, devemos ir a Ele com as promessas, Suas próprias promessas, e dizer: "Senhor, isto é o que disseste, olha para nós." "Vocês que são os relembradores do Senhor, não se calem..." Lembre-nO. Falem com Ele. Contem-Lhe a respeito destas coisas. Vocês notarão que os salmistas estavam sempre fazendo isso, era o conteúdo das suas orações. Leiam-nas. Vocês observarão que as pessoas no Novo Testamento fizeram exatamente a mesma coisa. Eles citavam os Salmos, lembravam a Deus e então apresentavam as suas petições. Vocês e eu devemos nos tornar os relembradores de Deus.

E, por último, devemos continuar fazendo isto. Vocês observaram este elemento de importunação? "Por amor de Sião," diz este homem, "me não calarei, e por amor de Jerusalém não me aquietarei *até que*..." Ele vai continuar *até que*. Ele diz que colocou guardas sobre o muro e que eles não se calarão dia e noite. Ele tem que continuar fazendo-o, e eles continuarão fazendo-o. Observem esta maravilhosa frase aqui: "Vocês que são os relembradores do Senhor, não silenciem," diz a *Authorized Version*. Mas a *Revised Version* e outras traduzem-no de forma melhor: "Não descansem." Em última análise, é a mesma coisa. Se alguém não está mantendo silêncio, então não está descansando; se está descansando, está em silêncio. O significado é o mesmo.

Mas observem isto, também: "Vocês que são os relembradores do Senhor, não descansem..." A hora é desesperadora, é hora de urgência. Quando estamos em meio a uma grande guerra, regras e regulamentos de comércio relaxam, todo tipo de regulamento relaxa. As pessoas dizem: "Não podemos nos dar ao luxo de viver descansadamente como se estivéssemos em época de paz, estamos lutando por nossas vidas." Não ouvimos isso durante a Segunda Guerra Mundial? Os

líderes diziam: "abram mão de tudo que não é necessário. De que adianta vocês terem todas essas coisas, se perderem a vida? Se perderem seu país? Relaxem os regulamentos. Não descansem. Que sejamos totalmente dedicados cada momento, o tempo todo." Esse era o apelo. E temos o mesmo apelo aqui em Isaías. "Não descansem, não se calem." Em seguida vem esta ousada declaração: "... nem deis a ele descanso..." Não dêem descanso a Deus até que Ele restabeleça e torne Jerusalém um louvor sobre a terra. Que declaração ousada! Contudo, é claro, Isaías estava certo! Não devemos descansar, e não devemos dar descanso a Deus, até que Ele tenha nos ouvido, até que tenha nos respondido, até que Jerusalém esteja vestida novamente de suas gloriosas vestes, até que seja novamente uma luz brilhante e resplandecente. Não Lhe dêem descanso, e não descansem. Persistam. Bombardeiem a Deus. Bombardeiem o céu até que a resposta venha.

Temos a autoridade de nosso Senhor para isto, não temos? Em Gênesis, capítulo 32 lemos que Jacó fez algo parecido: "Não te deixarei ir", ele disse.

O homem lutou com ele, e disse: "O dia está amanhecendo, deixa-me ir."

"Não te deixarei ir," Jacó respondeu. "Não te deixarei ir até que me concedas meu pedido" - Jacó, o lutador. Eu lembrei a vocês como Moisés fez exatamente a mesma coisa. Nós o consideramos em nosso estudo de Êxodo, capítulo 33. Moisés fez um pedido, e Deus disse "sim".

"Mais," Moisés disse.

"Está bem," Deus respondeu.

"Mais," Moisés pediu.

Aqui está Isaías fazendo a mesma coisa. E nosso Senhor ensinou-nos a orar assim. É uma das declarações mais gloriosas e maravilhosas que ele fez a respeito de Deus e sobre o relacionamento de Deus conosco. Ele disse: "Sabem, vocês não devem limitar-se a orar de forma intermitente, vocês devem tornar-se importunos. Devem ser como aquele homem que subitamente recebeu a visita tarde da noite. Ele não tinha comida para servir ao visitante, então disse: "Meu amigo da outra rua, ele terá alguns pães." Então ele vai e bate à porta do amigo.

Mas o amigo responde: "Não posso descer, estou na cama e meus filhos também."

"Mas você precisa me dar algo," o homem insistiu. "Sei que você tem pão, e tenho este estranho aqui. Não posso deixá-lo ir dormir sem uma refeição." E ele continua a bater.

"Não posso", responde o homem, "estou na cama".

Mas o suplicante continua, até que enfim o homem se levanta e lhe dá o pão.

O homem na cama, na ilustração de nosso Senhor, é o próprio Deus. Por causa da importunação do seu vizinho, ele se levantou e deu-lhe o pão. E se nós, que somos pais terrenos pecaminosos, sabemos dar boas dádivas aos nossos filhos, quanto mais nosso Pai que está no céu dará o Espírito Santo àqueles que Lhe pedirem? (Lucas 11:5-13). Ele não zombará de nós.

No entanto, como um pai, Ele parece nos deixar à espera. Ele parece dizer "não" a princípio, para que continuemos pedindo, e devemos nos tornar importunos. E encontramos a mesma coisa em Lucas, capítulo 18. Nosso Senhor aí ensina a respeito de um juiz injusto. É chamada a parábola do juiz iníquo, embora eu ache que deveria ser chamada a parábola da viúva importuna. Ela foi diante do juiz e ele negou-se a ouvir o seu caso. Ela voltou, e ele novamente negou-se a ouvi-la. Ela voltou outra vez, e o juiz finalmente disse: "Esta mulher está nos preocupando, e nos incomodando. Ela não desiste, ela é importuna." Afinal ele disse: "Está bem, vamos considerar seu caso." E ele concedeu-lhe o seu pedido. Nosso Senhor contou esta parábola sob este título: que homens deveriam orar e nunca esmorecer. "Não descansem," diz Isaías. "E não lhe dêem descanso."

Meus caros amigos, temos uma visão do que a Igreja foi destinada a ser? Acaso vemos o contraste entre o seu estado atual e o que ela pode ser, e vai ser? Bem, se temos esta visão, então coloquemos guardas sobre o muro. Que nos tornemos relembradores do Senhor em todos os sentidos do termo. Que não descansemos, e que não Lhe demos descanso, até que Jerusalém novamente se torne um louvor e uma glória, até que seu resplendor e sua justiça brilhem novamente. E os gentios e os reis todos a verão, e a buscarão, para que eles, através dela, possam buscar ao seu Senhor e à salvação que somente Ele pode dar. Que Deus abra nossos olhos para a urgência desta hora, e para a Sua própria maneira de lidar conosco.

21

Deus Rompe as Barreiras

Quem é este, que vem de Edom, com os vestidos tintos de Bozra? este, que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelha a tua vestidura? e os teus vestidos como os daquele que pisa no lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou os meus vestidos, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus redimidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de não haver quem me sustivesse; pelo que o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. E pisei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor; e a sua força derribei por terra (Isaías 63:1-6).

Em nossa consideração de Isaías, capítulo 62, vimos como o profeta sofre com a desesperadora condição de Jerusalém, a Igreja de Deus. E vimos a sua reação a isso: ele decide vigiar e orar. Ele vai colocar guardas sobre os muros, vai exortar o povo a orar sem cessar, e a não dar descanso a Deus, nem descansarem eles mesmos, até que Sião seja restaurada outra vez e Jerusalém seja um louvor sobre a terra. Era um chamado à ação, um chamado para que enfrentassem a seriedade da situação. E ali deixamos o profeta, exortando seu povo a dedicar-se a esperar diante de Deus, e comprometendo-se a fazer o mesmo, para que Ele envie alívio e para que restaure novamente sua antiga posição de privilégio e de poder.

Agora neste parágrafo subitamente nos deparamos com este extraordinário quadro encontrado nestes seis versículos. À primeira vista, poderíamos ser tentados a sentir que isto é algo que foi interpolado. Não parece ter nenhuma conexão direta com o que está registrado no texto que o antecede. A oração do profeta continua no versículo 7, que mais ou menos continua o tema do final do capítulo 62. Mas aqui está este parágrafo que surge subitamente no meio de sua oração, e seu grande ato de intercessão. Naturalmente, houve quem dissesse que isto é algo irrelevante ou alheio ao assunto, que simplesmente foi inserido

aqui. Esse é o ponto de vista daqueles que não crêem na unidade deste livro do profeta Isaías, porém o consideram uma coleção de profecias avulsas, dadas em diversas ocasiões, as quais foram reunidas e combinadas por algum editor. São pessoas que estão prontas a afirmar, e que afirmam, que este parágrafo não deveria estar aqui de modo algum, neste ponto, mas que pertence a algum outro texto. Dizem que foi uma visão dada ao profeta em outra ocasião, a qual, infelizmente, foi colocada aqui e que interrompe a oração.

Bem, é claro que isso nada mais é do que uma expressão de completa falta de discernimento espiritual, uma mostra de espantosa ignorância dos caminhos de Deus com Seu povo. É assim que as glórias mais resplendentes da experiência cristã sempre escapam a tais homens de mentes racionalistas.

Não, isso não é uma interpolação. Esta é uma das ações mais características de Deus com respeito ao Seu povo. Aqui está o profeta, nesta situação desesperadora, exortando e incitando seu povo a unir-se a ele, vigiando e orando, porque a situação é verdadeiramente desesperadora. Deus olha para eles, compreende a sua fraqueza, a sua desesperada situação, e lhes concede encorajamento. Ele faz algo que os capacita a continuarem vigiando e orando, e é isso que temos aqui nestes seis versículos. Esta é uma visão que foi dada ao profeta, um vislumbre do final, para que ele não desanime nem vacile, mas que continue e capacite seus compatriotas a continuarem a travar esta grande batalha na esfera espiritual. Em outras palavras, foi dada para encorajá-lo e fortalecê-lo. E esta é uma das ações mais características de Deus para com Seu povo. Temos necessidade de encorajamento na batalha que estamos travando. Na verdade, não poderíamos continuar se Deus não nos concedesse tal encorajamento de tempos em tempos. Nossos hinários estão cheios disso.

Às vezes uma luz surpreende
O cristão enquanto ele canta;
É o Senhor que Se levanta
Com cura em Suas asas.

W. Cowper

Ele o faz periodicamente. Subitamente as nuvens se partem, vemos uma luz, um raio de sol. É dado por Deus em Sua graça, para encorajar-nos, para ajudar-nos a prosseguir. Somos chamados a enfrentar a situação. É sombria, é árida, é angustiante, é cansativa. E nossa tendência é de desanimar e desistir. Na verdade, todos desanimaría-

mos e desistiríamos se Deus não fizesse por nós, ocasionalmente, a mesma coisa que fez pelo profeta Isaías e pelos filhos de Israel nesta ocasião.

O que precisamos compreender, então, é que há certas coisas que precisamos trazer à memória constantemente. As Escrituras foram dadas, como nos diz o apóstolo Paulo, não somente como um exemplo, e sim também para nosso encorajamento. Além disso, ele fala a respeito da consolação das Escrituras. Foi por isso que a Igreja do Novo Testamento em sua sabedoria foi dirigida pelo Espírito Santo a incorporar estas Escrituras do Velho Testamento ao Novo. É o mesmo Deus agindo, e o que Ele fez naquela época, Ele ainda faz por nós. É assim que Deus ainda trata com Seu povo fiel. Portanto, quero sugerir que o que vamos examinar agora é o maior encorajamento possível à oração e à íntercessão. E é somente à medida que captamos o significado deste grande quadro, desta visão que foi dada ao profeta, que seremos capazes de continuar de uma forma que resulte na bênção de uma poderosa visitação do Espírito de Deus. Este é o método de Deus. Primeiro temos o problema, depois a exortação à oração, e então ao começarmos Ele nos encoraja para que não desanimemos logo no princípio.

Assim, ao examinarmos esta passagem, vemos que é uma visão. O profeta subitamente recebeu uma visão de alguém vindo de Edom, e de Bozra, que era a capital de Edom. Ele vem, e é maravilhoso à vista. No entanto o que imediatamente atrai a atenção do profeta é que suas vestes estão manchadas de sangue. Aqui vem alguém que obviamente esteve envolvido numa grande batalha, numa grande escaramuça. Ao mesmo tempo, é óbvio aos olhos do profeta que ele é um conquistador. Esteve numa batalha sangrenta, mas triunfou, e aqui Ele está, salpicado de sangue, vindo na plenitude da Sua força. O que significa isto? Qual é a mensagem que temos aqui para o povo de Deus?

Realmente o texto não apresenta muita dificuldade. Observem que Apocalipse, capítulo 19, é um comentário assombroso de tudo isso, e há ainda outros textos nas Escrituras que se referem à mesma coisa. Edom sempre é usado na Bíblia para representar os poderes que se opõem a Deus e ao Seu povo. Edom teve sua origem com Esaú. Então, se quiserem, podem ver este texto como um contraste entre Jacó e Esaú. Esaú é o homem profano, o homem que não recebe o benefício de primogenitura, o homem que valoriza um prato de comida, outras coisas, mais do que seu direito de primogenitura - a perspectiva mundana, tudo que se opõe a Deus e às coisas do Espírito. Ao lerem as Escrituras, prestem atenção nesta palavra, Edom, e nas referências

aos edomitas, e sempre verão que na tipologia bíblica eles representam os inimigos de Deus, os supremos inimigos de Deus, aqueles que se colocam contra Deus, e contra o Seu reino e a Sua glória.

Daí, ao lerem a respeito deles nas Escrituras, verão que eles representam aqueles que literal e verdadeiramente se opõem aos filhos de Israel. Eles o fizeram quando os filhos de Israel estavam por entrar na terra prometida de Canaã, e o fizeram muitas vezes em ocasiões subseqüentes depois que os israelitas entraram em Canaã. Este povo de Edom era o inimigo tradicional do Israel de Deus no Velho Testamento. Mas, é claro, não se limita a isso. Os edomitas também representam os poderes que se opuseram ao Senhor Jesus Cristo. Não importa a quem representem, ou de que nação venham, simbolicamente eles são Edom. Todas as forças e poderes que se levantaram contra o Filho de Deus representavam o Edom espiritual. E, da mesma forma, Edom representa a oposição e a inimizade que foi manifesta contra a Igreja Primitiva. A Igreja ainda não tinha existido por muito tempo quando a perseguição se levantou, e tentativas foram feitas, como devem lembrar, para exterminá-la. Temos uma grande ilustração disso em Atos, capítulo 12. Mas há muitos outros, muitos poderes que se reuniram para tentar sufocar e matar a Igreja Primitiva.

Edom também representa o poder que tem se oposto à Igreja Cristã através dos séculos. Se não tivermos aprendido mais nada através destes estudos da questão de avivamento, espero que eles pelo menos tenham nos dado um senso de história. A Igreja está lutando por sua vida hoje, porém esta não é a primeira vez que ela teve que fazer isso. Isto aconteceu muitas vezes antes. Edom permanece, Edom está sempre vigiando, pronto para nos atacar e destruir. Edom, o Edom espiritual, sempre tem estado presente, e muitas vezes tem sido muito bem sucedido, triunfante, enquanto que a Igreja parece moribunda, às portas da morte. A situação ainda é a mesma hoje, e todos os poderes e todas as forças que se levantam contra nós são tipificadas por Edom: o reino das trevas, o reino do inferno, o reino do diabo, os reinos deste mundo. Isso é Edom. E não preciso lembrá-los da situação em que nos encontramos. Como vimos antes, estamos na mesma condição retratada naquele período da história de Isaías, desamparados e desolados.

Finalmente, precisamos lembrar que Edom também representa as forças que se ajuntarão para a derradeira, a última tentativa de derrotar a Deus e Seu Cristo, e ao cristão, numa poderosa batalha, Armagedom. Isso é Edom. Todo esse poder que odeia a Deus e que quer derrubá-lO, passando em revista suas tropas invisíveis para o conflito final - esse também é Edom!

Então vocês vêem o quadro apresentado aqui pelo profeta em sua visão. E em eras passadas, na verdade através dos séculos, quando a Igreja teve que lutar por sua sobrevivência, quando teve que enfrentar a possibilidade de extinção, tem sido seu costume referir-se a esta passagem, e muitas vezes estas palavras instilaram vida nova no povo de Deus. Eles talvez tinham estado em oração por anos, sem nada acontecer. O inimigo parecia ficar cada vez mais forte, e os poderes da Igreja pareciam estar se desvanecendo, e os homens estavam começando a considerar se valia a pena continuar. Tudo parecia estar contra eles. Subitamente eles voltaram a este texto, e a visão lhes veio nova e restaurada, eles se reanimaram e continuaram orando. Que Deus permita que este seja o efeito em nós, ao examinarmos esta visão novamente. Vocês estão fracos e abatidos? Sentem-se desanimados? Sentem desespero em relação ao futuro da Igreja Cristã e da causa de Deus? É certo que sabemos alguma coisa sobre esses poderes hostis. Ouvimos falar deles constantemente neste país e em outros países. O que pode nos socorrer? Há esperança para nós? Quando começamos a nos sentir assim, nada é mais importante do que mantermos nossos olhos abertos, sermos guardas sobre os muros, mantendo nossos olhos no horizonte e nos montes distantes. Há esperança? Não há esperança nenhuma aqui; então voltemos nossos olhos para a distância. Aqui estamos, nesta situação desesperadora. Organizamos nossas forças, estamos orando, estamos vigiando, e no entanto, perguntamos se há salvação para nós, quando repentinamente alguém brada: "Quem é este? Quem é este, que vem de Edom, com os vestidos tintos de Bozra?" E imediatamente a esperança renasce. Em meio às trevas e ao desespero, esta pessoa aparece subitamente. "Quem é este?" E assim a história prossegue.

Isso é o que devemos fazer neste ponto. Simplesmente precisamos lembrar-nos desta bendita pessoa, a única esperança, a última esperança, sim, mas uma esperança segura. "Quem é este...?" Olhemos para Ele juntos. Vamos parar de olhar para o mundo ao nosso redor, e vamos olhar para Ele. Isto é o que a Igreja precisa fazer - erguer seus olhos e olhar para Ele. "Quem é este...?" Deixemos de olhar para o comunismo. Paremos de olhar para o materialismo, para a ciência e para todas essas coisas das quais ouvimos tanto e sobre as quais tanto falamos. Que lhes voltemos as costas. "Quem é este...?" Aqui está a esperança para a Igreja. Aqui está o caminho para sermos encorajados em oração e intercessão. Sabem, meus amigos, nosso problema deve-se ao fato de estarmos olhando tanto para estas outras coisas, que esquecemos a verdade a respeito de Cristo. E daí vem nossa perturba-

ção, nossa agitação e nosso senso de desespero. Nosso dever, repito, é olhar para Ele. E o que vemos?

A primeira coisa que impressiona o profeta é a glória de Sua pessoa. "Este, que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força?" Este é o ponto em que sempre devemos começar. A palavra traduzida "marchar" na verdade significa "magnificente": "...glorioso em sua vestidura, magnificente com a sua grande força?" Que personagem! Examinem-nO cuidadosamente. Quem é este? "Venham," clama o profeta, "vocês que estão desanimados e desencorajados. Venham e olhem para esta pessoa. Quem é este?" E eles se maravilham à vista da Sua glória, Sua magnificência, Sua dignidade, Sua majestade, Seu poder. Aqui está um libertador, vindo de Edom. Houve uma grande batalha, e Ele triunfou. Quem é Ele? Aqui está a única esperança para a Igreja - contemplá-lO.

Contudo, quem é este, tão fraco e humilde? Quem é este que trabalha como um carpinteiro? Quem é este que está deitado, dormindo na popa de um barco, este que está cansado e sedento? Quem é este que é preso, julgado, condenado, executado em aparente fraqueza, este que expira sobre a cruz e é sepultado num túmulo? Quem é este? Graças a Deus que sabemos a resposta - o Rei da glória, o Filho de Deus! Meus caros amigos, isto é o cristianismo. Em cada situação, é a isto que nos devemos apegar e é para isto que devemos olhar. Nosso Salvador é o Filho de Deus, e nenhum outro.

Naturalmente, este é o grande tema deste profeta. Quando se volta para este aspecto de sua profecia no capítulo 40, ele o apresenta imediatamente colocando-o nestas palavras:

> *Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor: endireitai no ermo vereda... Para quem? ...a nosso Deus. Todo o vale será exaltado, e todo o monte e todo o outeiro serão abatidos: e o que está torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará. E a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne juntamente verá que foi a boca do Senhor que isto disse.*

É esta poderosa, gloriosa pessoa, nenhum outro senão o eterno, sempiterno Filho de Deus.

Os profetas, e os salmistas em seus momentos proféticos, todos viram isso. Nas profundezas do desespero de Israel, o salmista clamou: "Socorri um que é esforçado" (Salmo 89:19). "Para o que vocês estão olhando?" eles dizem. "Por que só olham para os seus inimigos? Olhem para Ele, Ele socorreu um que é esforçado." Qual é

nossa esperança hoje? É isto: "Grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne" (I Timóteo 3:16). Olhamos para o mundo. Lembramos que o salmista, no Salmo 8, fala a respeito dos céus e da lua, do sol, das estrelas e diz: "Que é o homem mortal...? tudo puseste debaixo de seus pés."

Nós, porém, olhamos à nossa volta e dizemos: "Não vemos tudo sob o domínio do homem."

"Você diz que a Igreja Cristã é a Igreja de Deus, mas veja a sua situação," diz alguém. Atacada pelos edomitas, derrotada por seus inimigos, lutando para sobreviver, recorrendo a isto e aquilo. Sentimos que tudo está contra nós, que estamos desamparados e desolados. Não vemos todas as coisas sob nosso domínio.

"Não," responde o autor da Epístola aos Hebreus. "Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus..." (Hebreus 2:9). Essa é a resposta. E porque vemos isso, ele diz: "Vemos tudo." Deixem que eles nos despojem dos nossos bens, ou que nos matem, ou que nos massacrem, deixem que façam o que quiserem. Vemos Jesus, e porque Ele está ali, nós estaremos também. Ele é a âncora dentro do véu. Vemos a Jesus coroado de glória e honra. E é somente o povo cristão que pode vê-lo coroado de glória e honra, que é confiante e seguro e que pode continuar com suas orações e suas intercessões. "Quem é este...?" É o Rei da glória; é o Todo-poderoso Filho de Deus. Ele não nos deixou desamparados, Ele está do nosso lado, Ele está entre nós, está no acampamento.

Devemos agora prosseguir, considerando as outras coisas que nos são ditas acerca dEle, entretanto aí está o ponto com o qual sempre devemos começar. Se eu cresse, como muitos crêem, que Jesus de Nazaré foi somente um homem, e não o eterno Filho de Deus, que nossa única esperança é que temos os Seus ensinos, e que devemos esforçar-nos para colocá-los em prática, eu seria, de todos os homens, o mais miserável e pessimista. Eu diria: "Vamos fechar a igreja. Estamos acabados. É o fim." Mas Ele é o eterno Filho de Deus. Ele é o Rei, o eterno, imortal, invisível Deus, na glória dos Seus trajes, na dignidade, na magnificência e na grandeza da Sua força.

Então lemos a respeito da Sua justiça. Ele mesmo responde. O profeta diz: "Quem é este...?" Ele responde: "Eu, que falo em justiça." Aqui está Sua grande característica. Ele é o Rei da justiça. O mundo está cheio de mentiras e engano, vaidade e hipocrisia. Contudo Deus é justo e santo, e Ele fez um mundo perfeito e justo. Então o pecado e a injustiça entraram no mundo. E o Senhor está preocupado com justiça. É a paixão da Sua vida. Ele veio a este mundo por causa da

justiça. Ele é descrito como o renovo da justiça, o renovo justo (Jeremias 33:15). Foi por isso que Ele veio. O pecado é desordem e injustiça, o pecado é ilegalidade e rebelião. Deus é justo, e o objetivo desta Pessoa vindo ao mundo foi para restabelecer a justiça. Foi por isso que Ele ensinou da forma que ensinou, foi por isso que morreu da forma que morreu: "Ao qual Deus propôs para propiciação... para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:25-26). Todo o objetivo da salvação é a restauração da justiça, justiça na terra, bem como a justiça que está no céu. Seu objetivo é produzir um estado em que paz seja como um rio, e justiça como as ondas do mar. "Eu falo em justiça, esta é a Minha forma de tratar, esta é Minha conversação, este é o Meu modo de pensar, tudo envolve justiça."

Ele é a verdade; Ele é a vida. Sim, significa isso, porém acho que também significa algo mais, algo que é muito confortador. É isto. Ele fala justiça, o que significa que não há equívoco em sua linguagem, não há incerteza. Ele deu uma promessa, Ele esboçou Sua proposta, Ele delineou Seu plano, e Ele diz ao Seu amedrontado trêmulo povo: "Eu, que falo em justiça." O que prometeu, Ele certamente cumprirá. "Porque Suas misericórdias perduram, sempre fiéis e seguras." Um dos nomes aplicados a Ele no livro de Apocalipse é "Fiel". Ele não somente é justo, também é fiel. E, povo desencorajado, lembrem-se disso. O que quer que esteja acontecendo à sua volta, Ele prometeu, Ele disse, e Ele certamente cumprirá o que disse: "Eu, que falo em justiça."

Ainda há mais. Estou tentando dar-lhes um quadro composto aqui. Poderíamos passar todo o nosso tempo com uma destas descrições dEle, mas quero mencionar outra coisa que Isaías repete. Vocês podem observar que há uma repetição de ira e de furor. O profeta pergunta: "Por que está vermelha a tua vestidura? e os teus vestidos como os daquele que pisa no lagar?"

A resposta é: "Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou os meus vestidos, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus redimidos é chegado" (versículos 3-4). E novamente: "E pisei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor; e a sua força derribei por terra" (versículo 6). Não há nada mais confortador do que isso. Compreendemos o que significa? Significa - e isto é nosso conforto e nossa esperança hoje - que Sua ira, Seu furor, é contra os edomitas. Ele disse: "Não havia quem me ajudasse... pelo que o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve." Ali estava Ele, sozinho, lutando contra este terrível poder, e Ele diz: "E o meu furor me

susteve." Graças a Deus pelo furor. "O que significa?" alguém pergunta. Vou colocá-lo em termos comuns, desta forma: justiça e a glória de Deus são Sua paixão. Vocês sabem que foi por isso que Ele veio do céu. Ele veio do céu, antes de tudo, para vindicar a glória de Deus e a honra de Deus, e não somente para nos salvar. Não me entendam mal, mas o grande motivo foi a glória de Deus, a qual tinha sido violada pelo diabo e pelo pecado. E Cristo veio para restabelecer a glória e a honra de Deus. Ele está furioso com a maldade. Sua ira se levanta contra os inimigos do Seu santo e justo Pai. Ele estava consumido por um zelo pela casa de Deus. Não foi o que Ele disse? "O zelo da tua casa me devorará" (João 2:17).

Não sei de nada que seja mais confortador do que isso. Vemos algo da força e da fúria dos inimigos de Deus, o Edom moderno. Que podemos fazer a respeito? Podemos organizar um modo de subjugá-lo e controlá-lo? Obviamente estamos falhando. As coisas estão indo de mal a pior apesar de todos os nossos esforços. Será que a maldade irá triunfar sobre tudo? Será que nada pode ser feito contra as forças do inferno? Aqui está meu único consolo. Vejam o bendito Filho de Deus; Ele odeia tudo isto com um ódio santo e divino. Sua ira está sobre isto, Seu furor está contra isto. E Ele está decidido a esmagá-lo, sufocá-lo e destruí-lo, para que o nome e a glória de Deus reinem sobre tudo, e Seu povo seja remido.

O que o profeta enfatiza a seguir é Sua conquista. Embora salpicado e manchado de sangue, como se tivesse pisado uvas num lagar, Ele triunfou, Ele os massacrou, Ele os destruiu e os esmagou. Ênfase também é colocada sobre o fato de que Ele o fez sozinho: "Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo... E olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de não haver quem me sustivesse." Ele pisou o lagar sozinho. Devemos enfatizar isto por um momento, porque é o grande fato central da salvação cristã. É o grande tema da Bíblia do começo ao fim, que a obra da salvação é inteira, só e exclusivamente a obra do Senhor Jesus Cristo. Ninguém mais teve parte nela. Ninguém mais esteve com Ele. Tudo que foi feito, Ele o fez sozinho. A primeira profecia na Bíblia nos diz que a semente da mulher ferirá a cabeça da serpente (Gênesis 3:15). E é unicamente esta pessoa. O apóstolo Paulo, em Gálatas 3:16, esforça-se por enfatizar este ponto. Ele diz: "Ora as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: e à tua posteridade, que é Cristo." Sim, houve um ponto em que o povo de Deus culminou numa pessoa, e foi esta bendita pessoa, que tomou sobre Si a semente de Abraão, e não a natureza de anjos. Ele,

e Ele somente, tornou-Se nosso representante na luta. Quantas vezes Ele referiu-Se a isso! Quantas vezes Ele Se achou sozinho! "E cada um foi para sua casa", eu leio no final do capítulo 7 do Evangelho de João, e a frase seguinte é: "Porém Jesus foi para o monte das Oliveiras." Por quê? Bem, porque Ele não tinha casa. O solitário Jesus, sozinho.

Ademais, pensem nEle, já perto do fim, dizendo aos Seus discípulos que estavam proclamando sua lealdade: "A hora está chegando quando todos me deixarão, e me abandonarão, e serei deixado sozinho" (vejam João 16:32). Novamente, naquele terrível momento de agonia no Jardim de Getsêmani, Ele escolhe Pedro, Tiago e João dentre os doze, os leva à parte, e então os deixa e prossegue sozinho. Eles estavam ali; Ele lhes pede que se lembrem dEle e que orem, Ele quer que vigiem com Ele. Eles dormem. Ele segue, e está sozinho em Sua agonia. Sozinho, enfrentando a questão suprema: beber o cálice. "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mateus 26:39). Sozinho, sem ninguém para ajudá-lO, Ele toma o cálice. Sozinho, porque lemos: "Então todos os discípulos, deixando-o, fugiram." Pedro O negou. O ousado, impulsivo, confiante Pedro, que declarou que iria com Ele através de qualquer situação. Todos O abadonaram e fugiram. Ele pisou o lagar sozinho. Ele morreu sozinho. Ele tomou sobre Si mesmo, sobre Seus ombros, os pecados do mundo, sozinho.

E não acaba aí, porque lemos isto em Apocalipse, capítulo 5. João recebe a visão de um livro com os selos da história, o livro da história:

> *E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos? E ninguém no céu, nem da terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele. E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele. E disse-me um dos anciãos: não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro...*

Quando ninguém mais no céu ou sobre a terra pode fazê-lo, há Um que pode. "Eu sozinho pisei o lagar." Somente Ele é o Senhor da história, e pode abrir o livro, e desatar os selos. Salvação é total, inteira e exclusivamente no Senhor Jesus Cristo. Não tragam um retalho ou trapo de sua justiça própria, que é como trapo de imundícia diante dEle. Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor. Não falem a respeito da sua

própria bondade, ou de seus esforços, tudo está nEle. Graças a Deus por isso! "Eu sozinho pisei o lagar." Ele pode fazê-lo sozinho, Ele o fez sozinho. O que foi que Ele fez? No Velho Testamento Ele conquistou os inimigos de Israel. Ele era o anjo que estava com a Igreja, disse Estêvão em seu grande sermão. Foi Ele quem apareceu a Moisés na sarça ardente. Ele era o Capitão das hostes do Senhor que apareceu a Josué, fora de Jericó, naquele momento de crise. Ele, o Senhor dos exércitos, o Capitão do exército de Israel, a mesma pessoa.

Poderíamos continuar através do Velho Testamento, olhando para Ele e considerando o que Ele fez. Todavia vamos agora olhar para a cruz. O que aconteceu ali? Uma grande luta estava se travando, uma grande batalha. Todos os poderes do inferno se levantaram contra Ele. "Mas isto foi o que aconteceu," Paulo nos diz em Colossenses 2:15: "E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo." (isto é: em Sua morte). Eles pensaram que tinham acabado com Ele. Levantaram as suas últimas reservas, a luta foi travada. Os edomitas trouxeram as suas últimas reservas, mas Ele os conquistou, Ele os esmagou, Ele os expôs à vergonha pública, triunfando sobre eles, e o fez sozinho. Ninguém O ajudou. Ninguém pôde dar-Lhe assistência. Ele, através da Sua morte solitária, destruiu aquele que tinha o poder da morte, ou seja, o diabo.

Então, finalmente, olhemos para Ele, ali, morrendo na cruz. Ele expira, e o Seu corpo é tirado da cruz e colocado num túmulo. Rolam uma pedra sobre a entrada do túmulo, e a selam, e soldados são colocados de guarda. Ali está Ele, acabado. Mas, esperem um momento. O que é isto que estou vendo? Quem é este que eu vejo inesperadamente parado ali na praia, de manhã, depois que Pedro e os outros tinham pescado a noite toda sem conseguir apanhar nada? Alguém está parado ali na praia. Quem é este?

O túmulo está vazio. Os crentes se reuniram num aposento fechado por causa do seu medo dos judeus. De repente alguém está no meio deles. Quem é este? É a mesma pessoa. Ele triunfou sobre a morte e sobre a sepultura. Ele trouxe vida e imortalidade à luz. Ele pode olhar para a morte e a sepultura, e assim podemos nós, e dizer: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (I Coríntios 15:55).

Olhem, vós santos: a visão é gloriosa:
Vejam o Homem de dores agora,
Voltando vitorioso da batalha:
Todo joelho a Ele se dobrará.

T. Kelly

Vocês O viram? Olhem, santos, ergam as suas cabeças, olhem para Ele. Quem é este? É o Rei da glória. "Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória" (Salmo 24:7). Oh, a gloriosa, real, eterna recepção no céu! Isso foi o que Ele fez.

Através da história da Igreja, através dos séculos, Ele tem feito a mesma coisa. A Igreja parece estar morrendo, parece estar acabada. Subitamente Ele aparece, e Seus inimigos se espalham e a Igreja é reavivada. É isso que significa avivamento: tempos de refrigério da presença do Senhor. É esse o significado de avivamento: a Igreja recebe outro vislumbre da visão. A Igreja O vê, e, vendo-O, pode sorrir, e pode rir dos seus inimigos. Avivamento é sempre obra dEle. Ele sempre pisa o lagar sozinho. Naturalmente Ele usa homens, porém não devemos dar o louvor a homens. Não importa quem sejam, seja Calvino, Lutero, Wesley, Whitefield, ou qualquer outro. Ele pisa o lagar sozinho. É quando Ele Se levanta, com cura em Sua asas, que o inimigo é derrotado e a Igreja é avivada. É sempre Ele, e Ele sozinho. Ora, avivamento é vê-lO em Sua glória, voltar-se para Ele, e orar a Ele.

Isso é avivamento; mas esperem um momento. Há um grande e poderoso dia por vir. Um dia que suplanta em glória, e em assombro, qualquer coisa que possamos imaginar. Há um dia por vir quando haverá uma visão de Um vindo nas nuvens do céu, cavalgando sobre elas, cercado por Seus santos anjos. Os povos clamarão: "Quem é este que vem...?" E a resposta é a mesma. Esta pessoa majestosa, gloriosa em Sua aparência, marchando na grandeza da Sua força, é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, vindo para a batalha final, a derradeira derrota de tudo que pertence ao inferno. Está tudo ali, em Apocalipse, capítulo 19. "E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus... E ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso" (versículos 13, 15). Ele é o Rei dos reis, e Senhor dos senhores. E Ele vem para destruir para sempre cada inimigo, e tudo que se opõe a Ele. "E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos," sim, todos os impérios deste mundo. Todos os "ismos" - comunismo, materialismo, "cientismo", e todo o resto. O apóstolo João os viu a todos:

E os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram

a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.

Vocês crêem que isso está para suceder? Realmente, vai acontecer. Vivemos na esperança disso.

Esta é a essência do cristianismo. Ele vai voltar. Vocês estão atemorizados pelos inimigos e oponentes diante de vocês hoje? Ele os destruirá pela palavra da Sua boca, pelo resplendor e pela glória da Sua vinda. O horror que parece estar à solta na terra atualmente vai ser completamente destruído, até que não reste sequer um vestígio. Ele virá para fazer isto. O Cristo que veio como um bebê em Belém, o carpinteiro, o filho de Maria, virá em Sua glória e plena majestade. E o mundo inteiro, todo olho, o verá, sim, até mesmo aqueles que O feriram e traspassaram. E os reis e todos os poderosos do mundo serão humilhados e derrotados. "O dia da coroação está por vir, e virá em breve." Cristãos, vocês já O viram? Ele já os maravilhou? Já bradaram em assombro: "Quem é este? Quem é este que me salvou? Quem é este que garante minha eternidade? Quem é o Senhor da Igreja?" E vocês sabem a resposta? Não há nada mais maravilhoso do que isto, ser um cidadão de tal reino, e pertencer a tal Salvador.

Gloriosas coisas de ti são ditas,
Sião, cidade do nosso Deus;
Aquele cuja palavra não pode falhar
Formou-te para Sua própria habitação.
Fundada sobre a Rocha Eterna,
O que pode abalar teu repouso seguro?
Cercada pelos muros da salvação,
Podes sorrir diante de todos os teus inimigos.

J. Newton

Olhem para eles novamente, e olhem com desprezo. Sorriam para eles, riam-se deles. Até mesmo o diabo - resistam-no no nome de Cristo, e ele fugirá de vocês. Que privilégio, pertencer a tal rei! Que alegria, consolo e encorajamento, saber que Sua vitória é certa, que Seu triunfo será completo.

Então, onde estamos hoje, olhemos para Ele, e supliquemos a Ele, pedindo que nos conceda uma visitação, uma amostra do que Ele vai fazer, um encorajamento entremetentes. Peçamos a Ele que Se levante

e sopre sobre estes inimigos, nos erga novamente, e nos fortaleça em Sua força e poder. Que privilégio, poder fazer isso. Por outro lado, haveria coisa mais terrível, ou mais temível, do que *não* pertencer a Ele? Oh, a tragédia de homens e mulheres que pertencem ao mundo, e não a Cristo e ao Seu reino. É esta a sua situação - vocês que vivem para o mundo, e cujos corações são violentados por ele, que se deleitam nele, e se desculpam por seu cristianismo; vocês cujos corações estão com o mundo, e não com Cristo? Vocês sabiam que, se morrerem nessa condição, um dia chegará em que serão pisados por Seus pés, como uvas num lagar, e destruídos e expulsos da glória da Sua presença, e do usufruto da Sua bendita companhia?

Cristãos, esse será o destino de todos os incrédulos. Isso não põe um peso em seu coração, mente e espírito? Isso não os alarma? Vocês oram por tais pessoas? Vocês pedem a Deus que fortaleça Seus servos com poder? Vocês oram por avivamento? Eles estão indo para o inferno, vão ser esmagados sob os Seus pés. Não acham que é hora de começarmos a sentir um fardo por suas almas em nosso espírito? Vocês não acham que deveríamos estar orando sem cessar, pedindo a Ele que dê poder ao Seu evangelho, que nos visite, que nos avive, que nos dê a Sua força, e a sua irresistível autoridade, para que eles sejam salvos da ira vindoura -- sim, da ira do Cordeiro, o "Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo"?

Eis aí o encorajamento que foi dado ao profeta. Graças a Deus, ainda nos é dado hoje. Vocês O viram? Vocês perguntaram, vocês estão perguntando: "Quem é este"? Meu Senhor. Meu Deus. Meu Salvador. Meu Redentor. Meu tudo em tudo.

22

A Grande Oração Por Avivamento

As benignidades do Senhor mencionarei, e os muitos louvores do Senhor, consoante tudo o que o Senhor nos concedeu; e a grande bondade para com a casa de Israel, que usou para com eles segundo as suas misericórdias, e segundo a multidão das suas benignidades (Isaías 63:7).

Em nossa consideração dos primeiros seis versículos deste capítulo, vimos como Isaías foi grandemente encorajado por Deus através de uma visão. Ele então prossegue oferecendo sua oração, e é esta oração que é o tema do nosso estudo agora.

Ela começa no versículo 7 do capítulo 63, e realmente segue até o fim do capítulo 64, e embora, obviamente, não possamos examiná-la como um todo aqui, podemos tomar certos trechos. Meu propósito é apresentar-lhes a oração do profeta, meramente fazer um comentário a respeito dela e sublinhar o que eu chamaria seus preceitos principais. Faço isto porque sinto que é necessário que todos sejamos instruídos sobre como orar. É muito fácil dizer "vamos orar". Mas a Bíblia, nos relatos que nos dá de várias orações, e de todo o método de oração, deixa perfeitamente claro que precisamos de instrução, para que não caiamos em vãs repetições, ou para que não falhemos em orar com o entendimento, bem como com o coração. Vocês sempre encontrarão, nessas orações registradas na Bíblia, que sempre há um plano e um sistema. As orações não se limitam a divagar de ponto em ponto sem qualquer seqüência ou conexão. Há arranjo e ordem, e uma vez que tais orações provaram ser tão eficazes e efetivas, certamente o melhor que podemos fazer é estudá-las, seguí-las, e imitar seu exemplo.

Aqui, diante de nós, temos uma grande e típica oração oferecida pela Igreja num período de decadência. Na verdade, podemos dizer que é uma grande oração por avivamento, uma oração a Deus para que olhe do céu e visite Seu povo mais uma vez. Ao seguirmos este método do profeta, observamos que a primeira coisa que ele faz é lembrar a si mesmo do caráter de Deus. Não somente isso, mas ele também lembra Deus a respeito disso. Esse é o grande fardo do versículo 7.

"As benignidades do Senhor mencionarei," ele diz, "e os muitos

louvores do Senhor, consoante tudo o que o Senhor nos concedeu; e a grande bondade para com a casa de Israel, que usou para com eles segundo as suas misericórdias, e segundo a multidão das suas benignidades." Essa é uma grande declaração e de grande alcance. Ele está começando com o caráter de Deus. E esse é, em última análise, o segredo da verdadeira oração. A oração sempre deve começar com uma compreensão de Deus e do Seu caráter, de outra forma pode ser uma mera forma de descobrir algum tipo de alívio psicológico. A oração pode ser nada mais que a expressão de piedosas esperanças e aspirações, ou uma simples expressão dos nossos temores. Para que nossa oração seja real, certamente a primeira coisa que precisamos fazer é compreender com Quem estamos falando. Isso, por certo, é aplicável a qualquer esfera ou departamento da nossa vida. Para mantermos uma conversa inteligente, precisamos saber alguma coisa sobre a pessoa com quem estamos falando. Precisamos saber alguma coisa a respeito da formação da pessoa, seus conhecimentos e as coisas em que está interessada, e é exatamente o mesmo na oração. A oração é comunhão pessoal com o Deus vivo. Não há nada mais importante do que lembrarmos a nós mesmos do glorioso caráter de Deus - e é exatamente o que o profeta faz.

Devemos observar também, é claro, que ele não coloca estas coisas no singular, e sim no plural: "Benignidades", "louvores", ele diz, "grande bondade... misericórdias... multidão das suas benignidades." Observem que ele repete "benignidades", e ao fazer isso, lembra a si mesmo da abundância desses aspectos do caráter de Deus. Deus é alguém cheio de benignidade, cheio de compaixão, cheio de bondade, cheio de misericórdia - "a multidão das suas benignidades". Como Deus é bom! É disso que ele está lembrando a si mesmo, e podemos ver o valor de fazer isto, especialmente nas circunstâncias em que o profeta estava orando. A necessidade era desesperada, o povo de Deus parecia ter sido abandonado. Muitas pessoas estavam murmurando e reclamando. Assim, o profeta compreende que a primeira coisa que precisa fazer é estar perfeitamente seguro acerca de Deus, como se dissesse: "Seja qual for a explicação da nossa atual situação e condição, não é Deus. Deus," ele diz, "eu sei que é cheio de benignidades, bondade, misericórdias, compaixão e louvores."

Vocês e eu precisamos aprender a orar desta forma, quer seja uma oração individual ou uma oração em favor da Igreja. Se entramos na presença de Deus com alguma dúvida em nossa mente quanto à Sua bondade, nossa oração realmente não tem muito propósito. Quando o diabo vem e sugere que Deus está contra nós, que Deus não Se

preocupa e assim por diante, a primeira coisa que devemos fazer é clarear a nossa mente e nos livrar de qualquer dúvida ou incerteza a respeito do ser e do caráter de Deus. Vocês se lembram como o apóstolo Paulo o expressa? Ele diz: "Não estejais inquietos por coisa alguma." Mas como poderíamos evitar esta ansiosa preocupação, esta pesada ansiedade? "Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças" (Filipenses 4:6). Ação de graças! Podemos nos encontrar em circunstâncias muito atribuladas, e tudo pode parecer estar contra nós. Estamos começando a considerar e a duvidar que Deus realmente Se preocupe conosco, e começamos a questionar e a pôr em dúvida as Suas promessas. A primeira coisa que devemos fazer é clarear a nossa mente e corrigir a direção dos nossos pensamentos. Se tais dúvidas subsistem em nossa mente e em nosso coração sobre o caráter de Deus, nossa oração é inútil. Comecem como o profeta. "As benignidades do Senhor mencionarei." "O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras" (Salmo 145:9). Não há dúvida quanto a isso. Esse é o caráter de Deus, é eterno, e é imutável. Ele é eternamente um Deus de benignidades, de misericórdias, de bondade, e de compaixão. Visto que o profeta começa mencionando Suas benignidades, ele o faz novamente no final da sua declaração: "...segundo a multidão das suas benignidades." Qualquer que seja a explicação da nossa condição individualmente, ou da condição da Igreja em geral nesta hora, não se deve à falta de benignidade, ou misericórdia, ou compaixão da parte de Deus, nosso Pai celestial.

Este, então, é o ponto em que o profeta começa. E se não temos certeza a esse respeito, não adianta prosseguirmos. Se temos alguma crítica contra Deus em nossa mente ou coração, devemos parar de orar. É um insulto. Se sentimos que Deus está contra nós e é injusto para conosco, repito, devemos parar de orar. Não faz sentido proferirmos mais uma sentença que seja. Começamos por louvar a Deus, adorá-lO, glorificá-lO, atribuir a Ele não somente toda força e majestade, domínio e poder, mas toda a excelência de Sua santa natureza, que Ele tão graciosamente Se agradou em nos revelar. Esse sempre deve ser nosso ponto de partida.

Então observem que, tendo feito isso, o profeta prossegue fazendo outra coisa. Ele elabora isto e, portanto, isto é algo que devemos considerar em detalhe. Tendo lembrado a si mesmo do caráter de Deus, ele passa a fazer uma revisão da história dos filhos de Israel, e o faz de forma extensa, do versículo 8 ao 14. Aqui está algo que estou ansioso

por enfatizar em conexão com este método, porque é um método tão comum nas Escrituras. Podem observá-lo em todos os profetas, e também no livro dos Salmos. O salmista encontra-se em dificuldades, ou então vê a Igreja como ela era outrora, a nação de Israel, com problemas, cercada de inimigos, talvez derrotada. E em tal situação eles invariavelmente olham atrás, ao passado, como que dizendo a si mesmos: "Por que estamos nesta situação? Como chegamos a este ponto? Isto aconteceu antes?" Obviamente, fazer isso é a essência da sabedoria.

Permitam-me colocá-lo desta forma: não estamos tratando de algo teórico aqui, e sim de fatos essencialmente históricos. Quando falamos acerca de orar a Deus, e os benefícios da oração, não estamos na esfera de mero conhecimento acadêmico. Estamos lembrando as transações de Deus com Seu povo. As transações de Deus conosco hoje, claro, porém somos lembrados de que não somos o primeiro povo a estar neste mundo, e não somos os únicos a enfrentar dificuldades. Felizmente temos este longo registro, a história das transações de Deus com Seu povo em eras e em séculos passados, voltando atrás, até ao começo e às origens da raça humana. E não há nada, certamente, de maior valor para nós e para a Igreja em geral do que estarmos familiarizados com esta história. Deus não somente nos dá ensino, também dá história. Ele nos diz o que vai fazer com o Seu povo e por ele, não somente fez isso, mas também nos deu um registro do que Ele fez. Isto é de valor inestimável para a Igreja.

O profeta, portanto, começa por olhar para trás, e ele diz: "Qual é o relacionamento de Israel com Deus? Bem, deixe-me voltar às origens, ao princípio desta história." Nós precisamos aprender a fazer exatamente a mesma coisa. Considerem a forma como o apóstolo Paulo coloca isto. Referindo-se à história dos filhos de Israel, em I Coríntios, capítulo 10, ele diz: "Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos." "Por que," ele está perguntando, "temos registrada a história dos filhos de Israel no deserto, e o que aconteceu com eles, e todo o resto? O propósito," ele diz, "é que tudo isto foi escrito para nosso exemplo, para nos ajudar, para nos auxiliar. Foi assim que Deus tratou com eles, vamos aprender a lição. Deus ainda é o mesmo, e os princípios de Seu tratamento com a raça humana nunca variam. Estas coisas foram escritas para nosso exemplo. E estamos estudando este parágrafo em Isaías precisamente por essa razão.

Mesmo assim, podemos suplementar isso. Não só podemos voltar à Bíblia e examinar os princípios que ela enuncia sobre as transações

de Deus com Seu povo, mas também podemos voltar atrás e examinar toda a história da Igreja Cristã. Isso traz a situação muito mais perto de nossa situação contemporânea. Esta certamente é uma das primeiras lições que a Igreja precisa aprender no momento. O problema, é claro, é que temos uma preocupação tão obsessiva conosco mesmos e com o século vinte que falhamos em aprender as lições da história. No entanto elas estão aí para nós, em grande abundância e profusão. Talvez seja estranho dizer isto, porém para mim é um grande consolo que a Igreja de Deus no passado muitas vezes esteve no mesmo tipo de situação em que ela se encontra hoje. E são as pessoas que se esquecem disso que estão mais deprimidas atualmente. Falo das pessoas que estão constantemente mencioando nossas dificuldades, e falando a respeito do rádio e da televisão e do comunismo. "Ah," dizem, "aí está o problema." Como se ninguém jamais tivesse tido problemas antes. Ora, o antídoto para tudo isso é voltar atrás e examinar a história da Igreja. Não há nada de novo com relação à situação atual. A única coisa que parece ser nova é a forma particular em que a dificuldade se apresenta. Contudo muitas e muitas vezes a Igreja esteve nas profundezas, no fundo do poço, com os cristãos começando a pensar que o fim havia chegado. Então voltemos e estudemos a história. Sigamos o profeta à medida que ele faz isso.

É assim que ele começa: "Porque dizia: certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão: assim ele foi seu Salvador." Ele está recapitulando a história das transações de Deus com Seu próprio povo, os filhos de Israel, e o que ele vê acima de tudo o mais é a bondade de Deus para com Seu povo. Ele vê Sua bondade no fato de que foi Deus quem os chamou, no fato de que Ele disse: "Certamente eles são meu povo..." Como foi que eles se tornaram Seu povo? Foi tudo obra de Deus. A nação de Israel veio a existir quando Deus chamou um homem cujo nome era Abrão, e mudou seu nome para Abraão. Foi um ato de Deus. Foi Deus quem o chamou de Ur dos caldeus. Foi Deus quem o levou para a terra prometida. Foi uma ação de Deus, o chamado dos filhos de Abraão: "Eles são meu povo."

"Essa é a coisa fundamental," diz o profeta, "que devemos captar. Não somos como as outras nações do mundo. Temos um relacionamento especial e singular com Deus. Somos o Seu povo." Portanto, desde que Ele os chamou, e começou esta obra neles, Ele é o seu Salvador. Esse é o pronunciamento. Esta palavra "assim" não deveria estar ali. "Porque dizia: certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão:... ele foi seu Salvador." Não porque eles não mentiam - pois eles o faziam - mas porque Ele os chamou, Ele vai salvá-los. Eles são

o Seu povo, Ele os separou para Si mesmo, e Lhe pertencem desta forma extraordinária e singular.

Esta, então, é a primeira coisa que devemos compreender sobre a Igreja. A Igreja de Deus não é uma instituição humana. Ela não é apenas mais uma entre muitas outras instituições e sociedades, assim como Israel não era apenas uma nação entre outras nações do mundo antigo. Não, ela é Sua nova criação, "pela água e pela palavra". A Igreja é o povo de Deus. Toda a origem da Igreja é resultado do propósito de Deus. Foi Deus quem a fez e a criou. É Ele quem nos chama das trevas para a Sua maravilhosa luz. Não temos vida, não temos existência à parte de nosso relacionamento com Deus.

Ele continua, lembrando a si mesmo e ao povo da maneira como Deus tratou com eles. "Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o anjo da sua face os salvou; pelo seu amor, e pela sua compaixão ele os remiu; e os tomou, e os conduziu todos os dias da antigüidade." Vocês vêem o que ele está fazendo? Ele diz: "Aqui estamos, os filhos de Israel, os caldeus vieram e conquistaram a nossa cidade, e a arruinaram, e nos levaram em cativeiro. Bem, quem somos? Nós somos o povo de Deus, a quem Deus deu estas coisas extraordinárias e maravilhosas. Depois ele continua dizendo que vai trazer à sua memória a origem e o começo, e os tempos no passado quando "o anjo da sua face os salvou". Nós também deveríamos ler novamente a história do anjo da aliança que veio, visitou-os e os ajudou, o "anjo da presença de Deus", que é, sem duvida, um tipo ou figura do Senhor Jesus Cristo, se é que, na verdade, não era o próprio Senhor Jesus Cristo aparecendo dessa forma particular.

Em seguida vem esta terna declaração: "...e os tomou, e os conduziu todos os dias da antigüidade". Isso foi literalmente verdade. Assim, podem ver o valor de trazermos tais coisas à lembrança? "Estamos na mesma situação agora," diz o profeta, "mas, oh, penso nos tempos passados, eu olho atrás para os tempos em que Deus estava carregando o Seu povo." Como uma águia carrega seus filhotes nas asas, assim Deus carregou o Seu povo, Ele os carregou através do deserto, através do mar e através do rio. Foi assim que Deus tratou com Seu povo no passado. A bondade de Deus para com o Seu povo!

Semelhantemente, quando a Igreja Cristã olha para trás, para a sua origem, ela vê exatamente a mesma coisa. Leiam novamente os Atos dos Apóstolos e considerem aquele pequeno grupo de pessoas sem nada que as recomendasse. Por que estão ali? Por que nos referimos a esse pequeno grupo de pessoas como sendo a Igreja? Bem, foi o Senhor quem as escolheu. Ele as chamou, Ele as estabeleceu nesta

posição, Ele deixou Sua Palavra com elas. Mas olhem para elas. Apenas um grupinho de indivíduos com o mundo todo contra eles. Os judeus estavam contra eles, os líderes, as autoridades, os gentios, todos estavam contra eles. O mundo todo estava contra eles, todavia vejam como Deus os abençoou. Vejam como Deus os carregou. Considerem a forma terna como tratou com eles. Vejam o anjo da Sua presença, o poder do Espírito Santo, e vejam aquela pequena Igreja, aquele minúsculo, indefeso grupo de pessoas, vejam-nas triunfando, prevalencendo, conquistando, avançando com Deus em Seu amor e em Sua compaixão guiando-as e dando-lhes poderosas vitórias.

Sigam, também, a história da Igreja Cristã através dos séculos, e verão exatamente a mesma coisa. A história dos primórdios da Reforma Protestante não parece quase impossível? O que podia um homem como Martinho Lutero fazer diante de tudo que estava contra ele? O que podem esses pequenos grupos de pessoas realizar com oponentes tão poderosos contra eles? No entanto Deus os carregou. E foi isso que aconteceu em todos os grandes períodos de avivamento que a Igreja já experimentou. Deus os carregou "todos os dias da antigüidade". Não há nada mais emocionante do que examinar estas histórias, e ver a Igreja sendo carregada por Deus, maravilhada com o poder e a força de Sua grande autoridade e bondade. Aí foi a origem do povo de Deus. Aí foi o começo. Mas o que aconteceu com eles? A história de Israel foi sempre uma história de bênção, uma história de um povo sendo sustentado pela bondade de Deus? Não, diz o profeta. Isto foi o que aconteceu: "...eles (os filhos de Israel) foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo: pelo que se lhes tornou em inimigo, e Ele mesmo pelejou contra eles."

Agora, aqui, novamente, está algo que vocês verão repetido como um tema quase interminável nos escritos do Velho Testamento - esta furiosa alternação na história dos filhos de Israel. Eles começaram bem, entretanto logo os vemos completamente abatidos e quase destruídos. Qual foi o problema? Era sempre a mesma história. A razão era que estes filhos de Israel, que haviam sido chamados e tão grandemente abençoados rebelaram-se contra Deus, e enfadaram e entristeceram o Espírito Santo. Ali estavam eles, o povo especial de Deus, que tinham este relacionamento singular com Ele. Embora tivessem experimentado todas estas abundantes bênçãos, vemos que começaram a sentir inveja das outras nações e dos seus deuses. Começaram a sentir que a religião do Deus de Israel era "estreita" demais. "Esses dez mandamentos!" disseram. "Não podemos comer o que quisermos. Não podemos nos casar com quem quisermos. Não

podemos viver como quisermos nos sete dias da semana." Eles rebelaram-se contra Deus, e disseram: "Esta religião é intolerável. Este jugo é algo que não podemos suportar." Assim, eles se voltaram para outros deuses, e pecaram contra o Deus de Israel. Eles O rejeitaram, embora Deus tivesse Se revelado a eles, e lhes dera a Sua santa lei em detalhes, para que não houvesse nenhuma dúvida a respeito; voltaram as suas costas a Ele, mergulharam no pecado, imitaram as outras nações, adotando os seus deuses e os seus ídolos, curvaram-se perante eles, e os adoraram. Essa foi a sua história. Apesar de tudo o que Deus fizera por eles, eles deliberadamente rebelaram-se contra Ele, entristeceram e enfadaram Seu Santo Espírito.

Sua história foi registrada para nosso exemplo. Os filhos de Israel teriam continuado a viver num estado de bênção se não se tivessem rebelado, se não houvessem entristecido e enfadado o Espírito Santo de Deus. E quando os vemos em derrota, essa é sempre a razão. Eles rebelaram-se contra Deus, tanto em crença como na prática. Aqui chegamos ao ponto nevrálgico da nossa situação atual. Por que a Igreja Cristã está na situação em que se encontra hoje? Qual é a razão que somente dez por cento das pessoas neste país professam um relacionamento, às vezes apenas nominal, com o cristianismo, e somente metade destes o fazem com relativa regularidade ou constância? Por que é que os lugares de adoração neste país hoje em dia estão em tal situação, em contraste com o que eram, digamos, há cem anos atrás? Pensem naquela época, há cem anos atrás. Considerem o tamanho das novas igrejas construídas na época. Eles tiveram que substituir os prédios antigos porque eram muito pequenos. Ao mesmo tempo, Spurgeon estava atraindo milhares ao Tabernáculo ao sul do Tâmisa. Todos os lugares de adoração em Londres estavam lotados, e era a mesma coisa por toda parte do país. Deus estava abençoando. Houve aquele grande avivamento em 1859, que afetou várias partes do país. Mas antes daquilo, e em acréscimo àquilo, Deus estava abençoando o povo. As grandes bênçãos do avivamento do século dezoito estavam continuando. A religião estava florescendo, e a Igreja estava numa posição dominante. Até mesmo os estadistas tinham que lhe prestar atenção. Eles falaram a respeito da consciência não-conformista, e do voto não conformista, e tinham que prestar atenção ao que a Igreja dizia. A Igreja estava florescendo e regozijando-se com as bênçãos de Deus.

Qual é a razão por que as coisas são diferentes hoje em dia? Essa é a questão que nos confronta. Por que estamos abatidos? Por que

estamos sendo carregados para a Babilônia? O que foi que deu errado? Como é possível que este povo, que era tão grande e tão abençoado, desceu a este nível? Em princípio é a mesma pergunta que o profeta confrontou. E infelizmente a resposta ainda é a mesma. Quando Israel, quando a Igreja, está atribulada, desolada e desamparada, é sempre por causa da sua própria rebelião, é porque ela entristeceu o Espírito Santo de Deus. Essa é a única explicação. "Mas eles foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo." E assim como os filhos de Israel fizeram isso, assim também a Igreja de Deus tem feito isso nos últimos cem anos. Esta é a única explicação. Observem que o profeta não diz que o problema com Israel era que os inimigos tinham vindo e os tinham atacado. "Não," ele diz, "essa não é a explicação." Isso aconteceu, é claro, mas essa não foi a razão. Leiam os escritos deste profeta. Leiam todos os outros profetas e os Salmos; verão que eles sempre dizem isso, e somente isso. Sempre que Israel está abatido e derrotado, nunca é por causa da força e do poder do inimigo. Não, porque quando o povo estava andando em retidão diante de Deus, não importava quem fosse o inimigo, ou quão poderoso fosse, Deus sempre lhes dava a vitória. Esta nunca é a explicação. Sempre que Israel foi derrotado e abatido, era invariavelmente por causa da sua própria rebelião, por causa da sua própria insensatez, porque a nação enfadou e entristeceu o Espírito Santo de Deus.

Infelizmente, meus amigos, esse é o diagnóstico hoje. Quer isto nos agrade ou não, essa é a explicação real. Não é por causa desses novos inimigos que se levantaram contra a Igreja. Eles sempre estiveram presentes. Não é o comunismo, não foram as duas guerras mundiais, não é a concorrência do rádio, da televisão e do cinema. Não, sempre houve oposição ao povo de Deus. Estas coisas não são variáveis, elas são constantes. O que aconteceu é que a própria Igreja, em sua indescritível insensatez, rebelou-se contra Deus, e entristeceu e enfadou Seu Espírito Santo, exatamente da mesma forma que Israel o fez, tanto em crença como na prática. Os filhos de Israel afastaram-se de Deus e de Sua revelação. Eles voltaram-se para outros deuses e para as suas próprias opiniões e idéias. Eles deliberadamente colocaram Deus de lado e fizeram o seu próprio deus. Isso é precisamente o que a Igreja tem feito nos últimos cem anos. A única explicação verdadeira para o estado do cristianismo e o estado da Igreja hoje em dia é que nos últimos cem anos a própria Igreja deliberadamente rejeitou a revelação de Deus e colocou a filosofia em seu lugar.

Foi a Igreja que o fez, e não o povo comum. A Igreja e seus líderes começaram a criticar este livro (a Bíblia), a se colocarem a si mesmos

como autoridades, e a negar certos aspectos dos ensinos bíblicos. Eles negam o Deus do Velho Testamento, e dizem não crer nEle. Tornaram o Senhor da glória em mero homem, negaram o Seu nascimento virginal, negaram Seus milagres, negaram a Sua expiação, negaram a pessoa do Espírito Santo, e reduziram a Bíblia a um livro de ética e de moral. É por isso que a Igreja está na situação em que se encontra. A Igreja rebelou-se em sua doutrina e em sua crença. Ela estabeleceu a sabedoria do homem em lugar da sabedoria de Deus. Ela ficou orgulhosa do seu conhecimento e da sua ciência. Sua pergunta a respeito dos seus pregadores e seus servos não é mais: "Ele é cheio do Espírito Santo? Ele tem uma experiência viva com Deus?" O que ela quer saber é: "Ele é instruído? Ele tem diplomas?" Agora, não estou fantasiando, estou? Isto é história, é literal. O homem substituiu a revelação e os ensinos de Deus por suas próprias noções e idéias. É uma repetição exata do que os filhos de Israel fizeram.

Além do mais, não o fizeram somente em sua crença e em seus ensinos, mas também na prática, na conduta e no comportamento. As pessoas começaram a sentir que o velho padrão de vida evangélico era muito estreito. Essa era a palavra: "estreiteza". Eles queriam uma perspectiva mais ampla e uma vida mais ampla, e assim, tanto em crença como na prática, eles voltaram as costas a Deus e viveram de acordo com seus próprios esquemas.

Naturalmente, o inimigo entrou. A Igreja, como uma mera organização, jamais pode competir com o mundo. Ela é derrotada de saída. Foi patético ver como a Igreja tentou fazê-lo, como tentou incorporar coisas do mundo. Ela introduziu dramas, e isto e aquilo, mas não funcionou. É claro que não. A Igreja não pode fazer coisas assim, é o mundo que pode fazer coisas assim, e o mundo as faz muito melhor. A Igreja tem somente uma fonte de força, e é o poder de Deus, o poder do Seu Santo Espírito. Quando ela se volta contra isso, e rebela-se contra isso, invariavelmente acaba abatida e derrotada. Isto é o que acontece, é claro. Porque ela fez isso, Deus a puniu. No caso dos filhos de Israel, eles se rebelaram e enfadaram o Espírito Santo, e assim Ele tornou-Se seu inimigo, e lutou contra eles.

Agora precisamos esclarecer isso. É literalmente uma verdade. Eu disse no princípio que o caráter de Deus é imutável, e que também é absolutamente verdadeiro. Isso é invariável. Deus advertiu os filhos de Israel antes de levá-los para a terra prometida. Ele disse: "Se vocês me obedecerem, eu os abençoarei" - no monte Gerizim, o monte da bênção. "Por outro lado, se me desobedecerem, eu os amaldiçoarei" - no monte Ebal, o monte da maldição (Deuteronômio 11:26-28). Ele

lhes disse que o faria, e o fez. Ele disse: "Se não obedecerem minhas leis, se não andarem em harmonia comigo, eu os amaldiçoarei." E Ele os amaldiçoou, embora fossem o Seu próprio povo. Em outras palavras, tendo se rebelado contra Ele, este povo começou a descobrir que estava lutando contra Deus. Descobriu que Deus não somente não o estava abençoando, e sim estava lutando contra ele. Há intermináveis exemplos disso na história do Velho Testamento. Quem foi que levantou o exército caldeu para destruir Jerusalém? A Bíblia diz que foi Deus quem o fez. Ele levantou um inimigo. Por quê? Para castigar Seu próprio povo. Ele temporariamente, metaforicamente, tornou-Se seu inimigo para reduzi-lo e subjugá-lo. Ele o fez repetidamente nesta longa história do Velho Testamento.

Não hesito em afirmar que Ele tem feito a mesma coisa vez após vez na longa história da Igreja Cristã. Se a Igreja, em sua sagacidade, rebela-se contra Ele, enfada o Seu Espírito, e volta as suas costas a Ele, ela não pode presumir que vai ser deixada como está. Não, Deus levantará inimigos, Ele a atacará, Se tornará um inimigo para ela, a açoitará e a humilhará.

Não hesito em afirmar que estamos testemunhando isto hoje em dia. A Igreja ainda não é humilde, ela ainda não compreende que é a sua rebelião que causou a ação de Deus. Haveria qualquer evidência de arrependimento pelo devastador movimento da alta crítica de há cem anos atrás? A Igreja se retratou disso? Ela admitiu seu erro? Não, ela ainda está se agarrando aos seus resultados, mesmo depois de ver que não funciona, e até mesmo após tentar acrescentar outras coisas a isso. Não há arrependimento. Por isso Deus levanta inimigos contra a Igreja. Ele sempre fez isso, e continuará a fazê-lo. Mas graças a Deus que esse não é o fim da história. O que aconteceu aqui? "Todavia..." diz o profeta, "todavia (a nação de Israel) se lembrou dos dias da antigüidade, de Moisés, e do seu povo, dizendo: onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? onde está o que pôs no meio deles o seu Espírito Santo? Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés?..." Isto significa que quando Deus castigou Seu povo, e levantou inimigos contra ele, para humilhá-lo e subjugá-lo, em sua extrema derrota e desespero ele subitamente cai em si, e lembra-se de Moisés e dos dias da antigüidade, e da sua origem como nação.

Há um perfeito complemento para isso no Novo Testamento, que nos dá o quadro completo. É a história do filho pródigo. Ele abandonou o lar, desprezando o seu pai, e saiu com os bolsos cheios de dinheiro. Ele sabia, muito melhor do que seu pai, o que ele iria fazer, e foi-se

embora. Sim, e seguiu seu caminho voluntarioso até que se achou sentado num campo com as bolotas e os porcos. Então subitamente caiu em si, e disse: "O que estou fazendo aqui? Sou filho do meu pai!" Ele pensou no seu lar, pensou no pai. Sim, porém foi preciso toda aquela miséria para fazê-lo pensar no seu pai. Ele precisou ficar andrajoso, desgrenhado, de bolsos vazios, estômago vazio, faminto, morrendo, antes que caísse em si. Contudo ele se lembrou, levantou-se e voltou para o seu pai e para o seu lar.

Meus caros amigos, isso foi o que sempre aconteceu com a Igreja antes que ela começasse a experimentar avivamento. Ela caiu em si, e lembrou-se de quem ela é e do que ela é, que ela é o povo do Deus vivo, trazido à existência de forma miraculosa, e que pertence a Deus. Ela cai em si. Então ela se arrepende e começa a falar e a orar. Oh, que oração maravilhosa que é! "Todavia se lembrou dos dias da antigüidade, de Moisés, e do seu povo, dizendo: onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? onde está o que pôs no meio deles o seu Espírito Santo?" Essa é a frase: "Onde está aquele...?" Onde está o Deus que chamou Moisés naquela tarde quando ele estava pastoreando do outro lado da montanha? Onde está Ele? Onde está o Deus de Moisés? Onde está o Deus de Elias? O Deus que faz coisas tão maravilhosas, onde está Ele, que tenhamos chegado a esta situação? Essa foi sua oração. Eles voltaram, confessando seus pecados, viram a Deus, e disseram: "Ele ainda é o mesmo Deus. Sabemos que Ele está presente, mas por que estamos nesta situação?"

Quero reler a vocês a petição que eles apresentaram a Deus.

> *Onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? onde está o que pôs no meio deles o seu Espírito Santo? Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? que fendeu as águas diante deles, para criar um nome eterno? Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo no deserto, de modo que nunca tropeçaram? Como ao animal que desce aos vales, o Espírito Santo lhes deu descanso: assim guiaste ao teu povo, para criares um nome glorioso.*

"Oh," eles disseram, "onde está este Deus de poder? Onde está este Deus de libertação? Onde está o Deus de tais ensinos? Onde está o Deus que guia e dirige? Onde está o Deus que nos dá descanso? Onde está o Deus da glória?" Essa é Sua natureza, isso é o que Ele fez. Onde está Ele? Sabemos que o Seu poder ainda é o mesmo, sabemos que Ele ainda pode dar descanso e glória para a Igreja. Sabemos que Ele pode

dividir o mar e dividir o rio, que Ele pode dar maná no deserto, que nada é impossível para Ele. Ali está Ele, e aqui estamos nós, desolados e desamparados. Onde está Ele, o Deus que, quando Se levanta, pode dispersar todos os inimigos modernos, como Ele dispersou os inimigos antigos, e os dissipou com o sopro da Sua boca? Onde está Ele?

Amado povo, essa é a oração da Igreja, esse é o único meio de salvação. Olhamos para nossos inimigos, e em nossa insensatez dizemos: "Que podemos fazer? Que nova organização podemos estabelecer?"

"Não," diz este homem. "Quando estas pessoas da antigüidade caíram em si, isto foi o que fizeram. Elas disseram: "Oh, se tão-somente pudéssemos encontrá-lO! Ele está ali, em algum lugar, com todo o Seu inimitável poder. Todavia a questão é: onde está Ele?" E assim eles decidem buscar ao Senhor, e buscar a Sua face."

"Ora," diz o profeta, "isso é o que precisamos fazer." E ele então começa a fazê-lo no versículo 15, orando: "Atenta desde os céus..." Este Deus, Ele está ali. Vamos buscá-lO. Vamos colocar tudo o mais de lado. Vamos concentrar em buscar a Sua face e encontrá-lO. Vamos ser insistentes. Onde está Ele, o Deus de Moisés, o Deus que os encheu com o Seu Espírito, que os guiou, que conquistou seus inimigos, que dividiu o mar, e que os guiou para a terra prometida? Nada mais importa - precisamos encontrá-lO.

"Sim," diz o pródigo, "levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros." Essa é a oração. Em completa humildade, vendo nossa rebeldia e nossa insensatez, nosso tolo orgulho e nossa vergonha, vamos nos levantar e voltar para o nosso Pai. No momento em que O encontrarmos, descobriremos que Ele ainda é cheio de benignidades e misericórdias, de compaixão, de amor, de misericórdia, e de tudo o que precisamos. Seu poder não diminuiu. Quando Ele olhar para nós, e nos abençoar novamente, nós nos tornaremos Seu povo, nossos inimigos serão dispersos, e Sião será novamente cheia da glória do Senhor. Onde está Ele? Seria esse o clamor do seu coração? Não vejo esperança para a Igreja até que seu povo tenha este clamor no coração. Nada importa além de conhecê-lO e ter um relacionamento certo com Ele.

23

O Profundo Fervor da Oração por Avivamento

Atenta desde os céus, e olha desde a tua santa e gloriosa habitação. Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? O arruído das tuas entranhas e das tuas misericórdias, detêm-se para comigo! Mas tu és nosso Pai, e ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece: Tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor desde a antigüidade é o teu nome. Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não temamos? Faze voltar, por amor dos teus servos, as tribos da tua herança. Só por um pouco de tempo foi possuída pelo teu santo povo: nossos adversários pisaram o teu santuário. Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste, e como os que nunca se chamaram pelo teu nome (Isaías 63:15-19).

Chegamos agora a um ponto particularmente interessante em nossa consideração desta grande oração do profeta Isaías, que está registrada neste capítulo e no capítulo 64.

Fortalecido pelo conhecimento da história dos filhos de Israel, que examinamos no último estudo, o profeta agora prossegue com sua oração. Ele compreende, obviamente, que a única coisa a fazer é repetir o que sempre foi feito pelos filhos de Israel em ocasiões assim. E o que devemos considerar agora, é o começo desta oração do profeta e da nação. Compreendendo, antes de tudo, que eles se encontram nessa situação devido à sua própria insensatez e rebelião, eles voltaram para Deus em penitência e em contrição, e a oração realmente começa aqui, no versículo 15, e continua até o fim do capítulo 64. Vamos então considerar esta primeira parte, que encontramos aqui nestes versículos no fim do capítulo 63.

Ao examinarmos esta oração, precisamos compreender que esta é a única esperança para nós também nesta hora, porque a nossa condição, a difícil situação em que nos encontramos atualmente, é quase exatamente igual à dos filhos de Israel quando foram levados cativos para a Babilônia, e à situação da Igreja durante subseqüentes

períodos de desobediência. Compreendendo isso, também precisamos entender que nossa única esperança é fazer este tipo de oração.

Agora, antes de examinarmos as petições em particular, é essencial que tenhamos uma idéia clara da forma, ou o que eu descreveria como as características gerais da oração. E ao examiná-la, a primeira coisa que nos impressiona é a urgência, a importunação. Não há nenhum elemento de indiferença nesta oração, nada fraco ou vago. Não, a alma deste homem está profundamente comovida. Ele fala com urgência porque compreende a situação. Aqui está o povo de Deus, com suas cidades assoladas e arruinadas, e o santuário profanado. O profeta descreve a situação, e então apresenta a sua súplica a Deus porque a questão é urgente. Já consideramos isto, porém não devemos esquecer esta nota de urgência. E, naturalmente, só podemos lembrar-nos dela se compreendermos a seriedade da situação em que nós mesmos nos encontramos. Para mim, é assombroso que, como servos de Deus, possamos estar tão tranqüilos em Sião, quando vemos o estado da Igreja e o estado do mundo ao nosso redor. Não estou pensando apenas em armas e bombas, estou pensando na inquietação industrial, no egoísmo que é tão evidente em todos os níveis de vida, e em todos os setores da sociedade. Desrespeito à lei, interesses egoístas - há somente uma cura para este tipo de coisa, e é que homens e mulheres compreendam novamente quem e o que são, e que são subordinados a Deus. Todos precisamos nos humilhar diante de Deus, antes que um desastre final nos alcance. E é somente quando compreendermos isto que vamos começar a orar com a urgência e a importunação que caracteriza esta oração do profeta.

Então, observem a sua profunda emoção. Vocês podem ver isto na própria forma em que o homem ora. Há uma forma nesta oração, e no entanto, num outro sentido ela não segue uma forma. Há uma alternação aqui entre confissão e súplica. Esse é sempre um sinal de fortes emoções. Um homem sob o impacto de uma forte emoção não é excessivamente meticuloso acerca de forma, de dicção e de ordem de pensamentos. Não, ele está tão comovido que não pára a fim de pensar de forma ordenada; de certo modo, ele está apenas expressando os sentimentos do momento. É isso que temos nesta oração. O profeta não reúne as suas súplicas e petições para depois apresentar as suas razões, e assim por diante. Não, o coração deste homem está profundamente tocado, pois ele está nas garras de uma forte emoção, e assim ele ora das profundezas do seu coração. Sempre que a Igreja está num estado de avivamento, vocês observarão a mesma coisa. Toda vez que o Espírito de Deus vem sobre a Igreja, fórmulas são esquecidas, liturgias

são postas de lado, e o Espírito move nos corações dos homens. E do coração de um povo em oração vêm as expressões de louvor, de súplicas e petições - exatamente o que temos aqui, bem como em todas as outras grandes orações na Bíblia.

O elemento seguinte é súplica, o elemento de argumentar com Deus. Na verdade, eu poderia usar um termo mais forte: o elemento de lutar com Deus. Vocês observaram esse elemento aqui, na forma como o profeta maneja seus argumentos? Ele diz: "Tu, ó Senhor, és nosso Pai... Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos?..." E assim por diante. Não só isso, mas podemos ver aqui, também, um elemento de ousadia. Há quase que um elemento de audácia aqui, o mesmo que já observamos na oração de Moisés. Vocês sempre encontrarão isto em todas as grandes orações de intercessão: a pessoa que está orando implora a Deus, argumenta com Deus. Ouçam este homem fazendo-o. Ele diz: "Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos?... Só por um pouco de tempo (a terra) foi possuída pelo teu santo povo: nossos adversários pisaram o teu santuário. Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste, e como os que nunca se chamaram pelo teu nome." Ele está argumentando, ele está arrazoando, ele está suplicando e lutando com Deus. Este é um maravilhoso elemento de toda intercessão verdadeira. Há um elemento paradoxal nisso. O profeta está consciente de sua indignidade e da indignidade do seu povo: todavia, apesar disso, ele está consciente de algo que o faz sentir que tem o direito de suplicar a Deus, de argumentar, de raciocinar, de certa forma, lutar com Deus, e de dizer: "Não te deixarei ir". "Oh, Senhor, Tu não podes nos rejeitar".

Parece-me que essa é a chave para entendermos esta oração aqui, e portanto quero apresentá-la na forma de um princípio. Aparentemente temos um problema aqui. Aqui está um homem suplicando por uma nação que se rebelou e pecou contra Deus, a qual foi punida por Ele. O profeta está profundamente consciente desta pecaminosidade e da vergonha da situação, no entanto ele ora com esta santa ousadia. A explicação é que ele está consciente de um certo relacionamento com Deus que, apesar de toda a sua indignidade, faz com que ele sinta que tem o direito de chegar diante da presença de Deus para argumentar, e para suplicar com paixão. O princípio envolvido, então, é que, em última análise, nossa única esperança é a nossa compreensão da doutrina, da verdade do nosso relacionamento com Deus. Oração poderosa é sempre o resultado de profunda compreensão. Conhecimento profundo é sempre baseado numa compreensão da verdade. Existe um tipo de oração muito superficial e fluente que à primeira

vista parece maravilhoso, porém quando tribulações vêm, parece perder direção. As frases fluentes passam a soar vazias; morrem nos lábios. É quando um homem se encontra na fornalha da aflição que ele se volta para certas verdades fundamentais das quais está absolutamente certo e seguro. A chave para a oração poderosa é um profundo conhecimento e compreensão das doutrinas da graça.

Isso não é apenas uma alegação minha, a Bíblia está repleta de tais declarações, e se lerem a história da Igreja através dos séculos, verão isto exemplificado vez após vez. Os homens que permanecem firmes na fornalha da aflição são aqueles que têm uma rocha sob os seus pés, e a rocha é a Bíblia e sua bendita doutrina.

Vamos agora examinar como isto tudo funciona na prática. Já consideramos as grandes características da oração deste homem; agora vamos examinar suas petições. A primeira grande petição, é claro, encontra-se nestas significativas palavras: "Atenta desde os céus, e olha..." Ali está, no versículo 15: "Atenta desde os céus, e olha desde a tua santa e gloriosa habitação." Isto, é claro, é a primeira coisa que precisamos compreender - aqui está a primeira grande necessidade. Israel está derrotado. O povo, em sua grande maioria, foi levado cativo, escravo, para a Babilônia. O templo e a grande cidade de Davi estão em ruínas. A grande cidade de Deus é um montão de escombros. Como pôde isto acontecer? Onde foi que eles erraram? Não preciso traduzir tudo isso em linguagem moderna para vocês, mas esse é o quadro da Igreja moderna. Não tenhamos ilusões a respeito disso. A Igreja de Deus está abatida; em certo sentido, ela está em ruínas. Ainda mais, o inimigo, triunfante, está se rindo de nós.

Pois bem, qual é o problema? Qual é a necessidade suprema? De acordo com este homem, não há dúvida quanto à resposta. Encontramos a mesma coisa nos Salmos. E é a mesma em todas estas grandes orações na Bíblia. A necessidade é a presença de Deus, a face de Deus. Ele parece ter voltado as Suas costas a nós, Ele não está olhando para nós, Ele Se afastou. Não hesito em usar estes termos. O termo "pai" é usado no versículo 16, Deus é nosso Pai, e Deus trata a nós, Seus filhos, como nós tratamos nossos filhos. A criança fez algo que não deveria ter feito, e então se aproxima de você, e o que você faz? Você não olha para ela, você lhe volta as costas. Mas ela se agarra a você, insistindo para que olhe para ela. O que ela não pode suportar é que você não olhe para ela. Assim ela lhe puxa o braço, e suplica, pois quer ver o seu rosto. E isso é exatamente o que este profeta está fazendo aqui, nesta oração. "Atenta", ele diz. "Olha para nós. Oh, Deus, por que voltas o Teu rosto? Por que desvias a Tua face? Por que estás voltando as costas

a nós? Por que és como um viajante, um estranho afastando-se de nós? Olha para nós." É um clamor, uma súplica pela visão da face de Deus e do sorriso de Deus.

Meus caros amigos, o teste de sua e minha espiritualidade é se temos a experiência desse tipo de petição ou não. Simplesmente cair de joelhos e recitar a oração "Pai Nosso", pedir a Sua bênção sobre si mesmo e a sua família, e as coisas que você vai fazer durante o dia, isso não é orar. Oh, não quero ser duro demais. Está bem, concordo que isso é um tipo de oração, entretanto é um tipo de oração muito fraco e primitivo. É a oração de um noviço. O que realmente nos põe à prova é se ansiamos por ver o sorriso de Deus, saber que Deus está olhando para nós, e que estamos vivendo e nos movendo sob Seus olhos. "Deus de misericórdia, gracioso Deus, mostra o resplendor da Tua face." Era isso que estava perturbando o profeta: Deus tinha desviado a Sua face. "Oh, Senhor," ele diz, "olha para nós".

Afirmo que esta ainda é a situação e a suprema necessidade da Igreja hoje em dia. Somos suficientemente sensíveis à presença de Deus? Sabemos qual é a diferença entre Deus sorrir para nós e Deus não sorrir para nós? Este é o teste de um pregador. Há uma grande diferença entre pregar simplesmente com energia e compreensão humanas, e pregar consciente do sorriso de Deus. Não posso descrever-lhes a diferença. Há uma eternidade de diferença entre os dois. Para mim não há nada mais terrível para um pregador do que subir ao púlpito sozinho, sem a consciência do sorriso de Deus. Não é de admirar que o profeta orou: "Olha para nós." Você está consciente de Seu sorriso? E sabe o que é estar destituído dele? Sabe o que é implorar, como aquela criança, para que Ele Se volte e olhe para você novamente? Deus parece estar Se afastando da Igreja. Ele parece ter Se desinteressado de nós. Esse é o começo da oração.

Vamos continuar, porém, vendo exatamente como na prática o profeta implora a Deus para que olhe e sorria para o povo novamente. Aqui estão os passos que ele seguiu. Eles são invariáveis, não há outro caminho. O primeiro passo é que ele começa por louvar e adorar a Deus. Ouçam-no. "Atenta", ele diz. Mas atenta de onde? "... desde os céus, e olha desde a tua santa e gloriosa habitação." Temos que começar assim. Não podemos começar conosco mesmos. Nunca devemos começar conosco mesmos, sempre devemos começar com Deus. E quando começamos com Deus, há certas coisas que devemos compreender a respeito dEle, porque, se não, não adianta cair de joelhos ou começar a orar. A quem vamos orar? A quem estamos nos dirigindo? Claro, estamos nos dirigindo Àquele que habita nos céus.

"Atenta desde os céus..." Somos tão presunçosos, tão egocêntricos, que chegamos à presença de Deus e jogamos diante dEle nossas necessidades pessoais, junto com as necessidades da Igreja, e continuamos como se...

Pare, meu amigo! Não importa qual é o seu problema, mesmo que pareça que o inferno está escancarando a sua boca debaixo de você, não importa se todos os seus inimigos estão reunidos contra você, não importa o que esteja acontecendo com você. Se você vai chegar a Deus em oração, precisa compreender quem Deus é e onde Ele está. "Atenta desde os céus..." Sabemos de tudo isto intelectualmente, mas realmente não o compreendemos. Estamos tão familiarizados com a oração "Pai Nosso" que realmente não a oramos. "Pai nosso", disse o Senhor Jesus Cristo, "que estás no céu." Deus está no céu, e nós estamos na terra. É bom que nos lembremos disso, mesmo que seja apenas por esta razão - que estamos cercados de perplexidades, não sabemos o que vai acontecer, estamos tão cônscios da força do comunismo, ou de qualquer outro "ismo", que começamos a tremer e a temer. É bom, em tal situação, lembrar que Ele está acima de todas estas coisas, e olha para elas de cima. Ele não faz parte delas. Ele está fora do curso de todas essas coisas. Isso imediatamente corrige nossa perspectiva. "Atenta desde os céus, e olha..." - de onde? - "desde a tua santa e gloriosa habitação." "Sim," diz nosso Senhor, "é assim que vocês devem orar: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o Teu nome." Santificado, santo. É a mesma coisa, é invariável.

Lembramo-nos de quem Deus é quando oramos? Dizemos-Lhe isso? Usamos esta terminologia? Cogitamos a respeito disso? Lembramo-nos da santidade de Deus? Como é essencial que nos lembremos de tudo isto! Considerem o próprio Senhor Jesus Cristo, quando esteve aqui neste mundo, Ele que, embora estivesse na terra, ainda estava no céu, o unigênito amado Filho do Pai celestial. Quando estava orando, Ele disse: "Pai santo". Não estamos verdadeiramente orando se não compreendemos estas coisas. Somos como crianças mimadas, queremos perdão, queremos bênçãos, queremos, queremos... Esperem um pouco, estamos nos aproximando de um Deus santo. Portanto, ao nos lembrarmos disso, lembramo-nos do nosso próprio pecado e da nossa indignidade. Isso nos faz esquecer os nossos direitos e nossas exigências, e leva-nos a nos prostrarmos perante Ele.

Em seguida, "... desde a tua santa e gloriosa habitação." A glória de Deus é algo que homem nenhum pode definir. A glória de Deus é Seu atributo supremo e essencial. Representa Sua grandeza, Seu esplendor, Sua majestade. O verdadeiro problema com todos nós, reitero

mais uma vez, é que não conhecemos a Deus. Pensamos que O conhecemos, mas realmente não é assim. A glória de Deus - vocês já pensaram a respeito dela? O salmista sabia muito sobre isso. Ele disse: "Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade (dos ímpios)" (Salmo 84:10). Ele preferiria ser um homem no vestíbulo, distribuindo os hinários, ou talvez encarregado das tarefas mais humildes, do que estar numa posição de poder e nos círculos de autoridade no meio dos ímpios. Ele explica por que: é pela graça e glória; é para ver a glória de Deus no tabernáculo: mesmo que fosse apenas por uma espiada pela porta de vez em quando, e ver algo da glória de Deus. "... desde a tua santa e gloriosa habitação." Em outras palavras, ainda é uma oração por um vislumbre da glória de Deus, e da face de Deus, por uma visão de Deus. "Atenta desde os céus, e olha desde a tua santa e gloriosa habitação." O profeta começa com essa declaração.

Então continua lembrando a Deus e a si mesmo do relacionamento que subsiste entre eles. Começamos com Deus como Ele é em Si mesmo, e continuamos considerando o relacionamento que existe entre nós e Deus. Aqui estão os termos que ele usa. Ele o coloca em forma de uma pergunta, dizendo: "Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas... para comigo?" Do que ele está falando? Bem, ele conhece a história passada dos filhos de Israel e da maneira como Deus lidou com eles. Ele sabe o que Deus disse a respeito deles, e sabe o que Deus fez por eles. E o que ele descobre é que Deus, no passado, foi zeloso em favor do Seu povo. Ali estavam os filhos de Israel, há muito tempo atrás, em cativeiro no Egito, e os capatazes estavam lacerando suas costas com os chicotes, forçando-os a produzir mais tijolos com menos palha. Estavam numa situação terrível. Então Deus levantou-Se em Seu zelo por eles, e disse a Moisés: "Volta para o Egito. Quero que liberte esse povo."

Moisés disse: "Que é que vou fazer com o Faraó?"

"Não se preocupe," Deus disse. "Eu estarei com você."

Leiam a história e vejam como Deus interveio, agiu, realizou prodígios e os tirou do Egito. Vejam o zelo de Deus por Seu povo. "Onde está o Teu zelo agora?" pergunta o profeta. "Era assim que costumava ser antes, mas onde está o Teu zelo?" Não teríamos sido derrotados se ainda tivesses esse zelo por nós e pela nossa causa. Onde está a energia que manifestaste a nosso favor no passado? Disseste que éramos a menina dos Teus olhos, e que não permitirias que nada nos prejudicasse. "Onde está o Teu zelo?" Essa é sua oração. Ele está lembrando a Deus do Seu antigo relacionamento com a nação, os

filhos de Israel, e do Seu zelo a favor deles.

Ele acrescenta ainda outro termo. Não só "onde está o Teu zelo?" mas também "e as Tuas obras poderosas... para comigo?" Isto é maravilhoso - a poderosa força, a capacidade, e o poder de Deus. Eu gosto da forma como o profeta o expressa aqui. Ele não duvida da força de Deus, ele sabe que ela ainda subsiste. Ele é confrontado pelo poder da Babilônia, e dos caldeus que saquearam a cidade de Jerusalém e levaram o povo cativo. Eles poderiam ter chegado à conclusão que isto aconteceu com eles porque Deus não era poderoso o suficiente para impedi-lo, e não era poderoso o suficiente para conquistar o inimigo. "Não," diz o profeta, "não é isso. Deus ainda tem o mesmo poder. Ele é o "Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Oh, sim, Ele tem a força, mas a questão é, onde está Sua força? Está ali, não está sendo exercitada a nosso favor. Se nós não compreendemos isto, é provável que estamos nos sentindo desesperançados no momento. Vocês perguntam: "Por que a Igreja está nesta situação? Por que a causa de Deus está sendo derrotada? Por que o inimigo está prevalecendo, poderoso e triunfante? Seria porque Deus não pode impedi-lo?" Não, o poder ainda é o mesmo; no entanto, perguntemos a Ele onde está. Por que Ele não o está manifestando em relação a nós? "Onde estão as tuas obras poderosas?"

Depois ele usa esta extraordinária expressão: "Onde estão... o arruído das tuas entranhas e das tuas misericórdias?" Esta, naturalmente, é uma expressão tipicamente bíblica, especialmente no Velho Testamento. "O arruído das tuas entranhas..." Os antigos acreditavam que as entranhas eram a sede das emoções. Por quê? Porque quando alguém está sob o impacto de uma forte emoção, ele percebe uma reação em suas entranhas. Ele pode até mesmo sentir uma dor, uma cólica, uma agonia. Emoções fortes causam uma reação nas entranhas. E é isso que este homem está dizendo: "Onde estão... o arruído das tuas entranhas e das tuas misericórdias... para comigo?" Lembram-se de Jeremias, clamando em sua agonia, "Ah, entranhas, minhas entranhas"? Ele estava em agonia por causa da situação do seu povo. E foi ali que ele o sentiu; foi assim que o relatou. O profeta, aventurando-se, ousado, aplica isso tudo a Deus. Diz ele: "Por que não estás movendo em nosso favor, como nos dias da antigüidade? Por que Tuas emoções não são favoráveis a nós, como foram no passado? O movimento, a perturbação, o arruído das Tuas entranhas e das Tuas misericórdias para conosco - onde estão? Por que não estamos experimentando tudo isso?" Essa é a segunda coisa pela qual ele suplica nesta oração.

A seguir, devemos considerar o terceiro aspecto desta grande

oração, o qual é a petição central que ele apresenta, e notem que ela tem três aspectos. O primeiro, de certa forma, já abordei, nas palavras "Onde está...?" Ele está consciente de que as misericórdias pelas quais suplica ainda existem, que Deus não mudou, porque Deus não pode mudar. Ele sabe que Deus é como sempre foi, mas está preocupado sobre a manifestação deste fato. Em outras palavras, está reconhecendo e confessando seu pecado e o pecado da nação. "Como pode um santo e glorioso Deus sequer olhar para nós? Como pode sentir compaixão, piedade e misericórdia para conosco, quando perdemos o direito a tudo isso? Como pode um Deus santo voltar a ter interesse em nós? Oh, Senhor," ele diz, "não há nada que possa ser feito. Eu suplico, eu imploro por misericórdia e por compaixão. Atenta..." ele diz. "Olha..." Então, no versículo 17: "Faze voltar, por amor dos teus servos..."

"Oh, Deus," ele diz, "volta para nós. Por que és como um estranho? Por que és como um viajante, de passagem? Por que não voltas para nós?"

Volte, ó santa Pomba, retorne,
Doce mensageiro de descanso!

W. Cowper

Essa é a sua segunda súplica. Tendo reconhecido que eles não têm direito de Lhe pedir coisa alguma, ele implora, e insta Deus a olhar novamente, a exercer Sua compaixão, Suas ternas misericórdias e Sua força.

Em terceiro lugar, temos a petição mais extraordinária de todas, no versículo 17: "Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não temamos?" Vocês já ponderaram nisso? Entendem exatamente o que este homem está dizendo? Precisamos compreender isto com clareza. Não devemos evadir esta dificuldade; devemos enfrentá-la de olhos abertos. Há pessoas que tentaram esquivar-se do problema afirmando que isto simplesmente significa que Deus permite que sejamos endurecidos, que é Deus permitindo que erremos e nos desviemos dos Seus caminhos. Não é isso que o profeta está dizendo. O profeta diz que Deus, na verdade, causou isto. Que Ele fez com que eles se desviassem, que fez com que seus corações se endurecessem. Ele já o disse no capítulo 6, nos versículos 9 e 10. Deus diz ao profeta:

Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e

endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; não venha ele a ver com os seus olhos e a ouvir com os seus ouvidos, e a entender com o seu coração, e a converter-se, e a ser sarado.

Deus ordena que o profeta faça isso. E no Novo Testamento, o próprio Senhor cita estas palavras em João 12:37-41:

E, ainda que tinha feito tantos sinais diante deles, não criam nele; para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso não podiam crer, pelo que Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos, e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. Isaías disse isto quando viu a sua glória e falou dele.

As mesmas palavras são citadas em Atos, capítulo 28. O que significam?

O apóstolo Paulo nos diz em Romanos 9:18: "Logo pois compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer." "O que tem tudo isso a ver conosco?"- alguém pergunta.

A resposta é que a desobediência é algo terrível e perigoso para o povo de Deus. Digo isso porque às vezes Deus castiga nossa desobediência não só por voltar o Seu rosto e nos deixar sozinhos, mas Ele até mesmo parece nos levar a pecar, a errar, e a endurecer nossos corações. Ele envia aflições, e elas nos endurecem. Essa é uma das formas em que Deus nos castiga. A oração do profeta é esta: "Oh, Deus, cesse de lidar conosco judicialmente. Nós o merecemos. Nós pecamos contra Ti, rebelamo-nos contra Ti. Dissemos que podíamos continuar sem Ti, e Tu permitiste que prosseguíssemos sem Ti. E Tu até mesmo endureceste nossos corações, e nos empederniste. Deus, tenha misericórdia."

Cuidado como vocês tratam a Deus, meus amigos. Vocês podem dizer a si mesmos, "Eu posso pecar contra Deus, e então, é claro, posso me arrepender, voltar e achar a Deus quando eu quiser." Tentem! Pode acontecer que descobrirão que não só vocês não podem encontrar a Deus, e sim que nem sequer desejam encontrá-lO. Tomarão consciência de uma terrível dureza, uma insensibilidade em seus corações. E nada poderão fazer a respeito. Então subitamente compreenderão que é Deus quem os está punindo, a fim de lhes revelar sua pecaminosidade e vileza. Há somente uma coisa a fazer: é voltarem-se para Ele, dizendo: "Oh, Deus, cesse de lidar comigo judicialmente, embora eu

o mereça. Enterneça o meu coração. Abranda o meu coração, eu não posso fazê-lo por mim mesmo." Lancem-se totalmente nas mãos de Sua misericórdia e compaixão. Essa é a terceira grande súplica.

Assim, vimos o método do profeta, seu louvor, sua adoração. Ouvimos sua súplica tríplice, agora vamos examinar como ele apresenta os seus argumentos, e em que bases ele se aventura a fazer sua petição. Oh, são interessantes! Ele não alega nada em relação ao povo, não pleiteia qualquer mérito para ele. É claro que não, ele não tem nenhum. Nada merecemos de Deus. Se vocês pensam que merecem, é porque não O conhecem. Não viram a Sua glória. Nada sabem a respeito da Sua santidade, e não estão conscientes da praga que reside em seus próprios corações. Não, não há nada que possamos fazer neste caso, senão dizer: "Oh, Senhor!" Haveria um "Oh!" em sua oração? Esse é outro bom teste para sua oração, quando ela inclui este "Oh!" "Oh, Senhor!" Ou consideram-se tão bons, e acham que estão fazendo um trabalho tão excelente, como evangélicos, ocupados com esta ou aquela organização, que tudo que precisam fazer é pedir que Deus os abençoe e continue...? Vocês têm a experiência deste "Oh, Senhor"? Foi assim que o profeta orou. Foi assim que todos os homens de Deus sempre oraram: este "Oh!" Alguém disse, certa ocasião, que um sinal, o melhor sinal, de que um avivamento está para chegar é que a expressão "Oh!" começa a aparecer nas orações das pessoas. "Oh, Senhor!"

Em seguida, as bases das suas súplicas são apresentadas. Ele invoca, primeiro, o relacionamento da aliança: "Mas," ele diz, "tu és nosso Pai." "*Tu* és nosso Pai." Isto é muito significativo. O problema com estes judeus era que eles estavam sempre falando de Abraão. "Abraão é nosso pai," diziam. "Estes gentios, quem são eles? Abraão é nosso pai." Eles descansavam no fato de que eram os filhos de Abraão. João Batista estava ciente disso, porque quando pregou a eles, ele disse: "E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão" (Mateus 3:9). Não devemos chegar à presença de Deus meramente em nome da nossa tradição, meramente em nome dos nossos pais, ou daqueles que foram antes de nós. Não importa quem eram, se eram os pais do metodismo, ou se eram puritanos, ou reformadores. Não, não pleiteamos seus nomes, Abraão, Jacó - nada disso. "Tu és nosso Pai." Os reformadores não podem nos salvar, os puritanos não podem nos salvar, os pais do metodismo não podem nos salvar. E há um perigo muito sério de nos basearmos nos pais da nossa fé. Não - é Deus. "Tu és nosso Pai," e ninguém mais.

Como o profeta está certo! Foi Deus quem fez a aliança: é a Deus que pertencemos, e nós somos o Seu povo. Deus é o fundador de Israel. Através de Abraão, sim, e através de Jacó, mas eles não são nossos pais, Deus é nosso Pai. Então ele apresenta mais um contraste. "... ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece: Tu, ó Senhor, és nosso Pai, nosso Redentor; desde a antigüidade é o teu nome." Abraão, é claro, foi um grande homem. Graças a Deus, Jacó, também, foi maravilhoso. Sim, mas Abraão está morto, e Jacó está morto. Eles não podem levantar-se dos mortos e nos salvar. Deus, "desde a antigüidade é o *teu* nome." E é por toda a eternidade. Deus não é o Deus dos mortos, e sim dos vivos, e Ele é o Deus vivo. Não nos baseamos nos pais da fé, por maiores e mais augustos que tenham sido. Nós nos voltamos para Deus.

Não só isso, "... ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece", e creio que ele quer dizer o seguinte com estas palavras: "Sabem, eu creio que se Abraão e Jacó pudessem voltar e nos ver, eles não nos conheceriam, não nos reconheceriam. Eles diriam: "Essas pessoas não pertencem a mim. Não são meus descendentes. Eu as rejeito." Abraão foi um homem santo, assim também Jacó, e eles não nos reconheceriam, eles nos rejeitariam e nos deserdariam."

"Graças a Deus," diz o profeta, "que Tu és o nosso Pai - que Tu és um Deus santo, em glória. Tu tens mais amor e compaixão do que Abraão ou Jacó jamais tiveram, os dois juntos, e multiplicados pelo infinito. Tu és nosso Pai. Eles provavelmente nos repudiariam."

"Mas contigo está o perdão, para que sejais temido" (Salmo 130:4). Graças a Deus estamos nas mãos de Deus, e não nas mãos de homens. "... ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece: Tu, ó Senhor, és nosso Pai, nosso Redentor; desde a antigüidade é o teu nome."

Ele continua, dizendo: "As tribos da tua herança." Nós somos a Tua herança. Esta é a verdade; é isso que somos; somos o Teu povo. As outras nações não são o Teu povo. "Somos Teu povo", ele diz. "Nossos adversários... aqueles sobre quem tu nunca dominaste, e... que nunca se chamaram pelo teu nome." Esta é uma declaração tremenda. A porção do Senhor é o Seu povo. Embora sejamos pecaminosos e indignos, como na verdade somos, ainda somos o povo da Sua santidade. Que voltemos para Ele, lembrando-nos disso, e lembrando-O disso. Por piores que sejamos, ainda somos Seus. Pleiteiem com Deus. Peçam a Ele que retorne. "Somos Teus, somos o povo da Tua santidade."

O seu argumento final é que Deus não tem nenhum relacionamento

com esses outros povos - os caldeus, na época do profeta, os egípcios num período anterior. Qualquer um que estivesse observando poderia ter pensado que os egípcios e os caldeus eram o povo de Deus. Eles pareciam ser abençoados, farturosos e prósperos. E estes outros, o povo de Israel, eram escravos, e servos. "Oh, Deus," diz o profeta, "podes continuar assim? Podes continuar agindo de tal forma a dar a impressão que todas essas grandes nações são o Teu povo? Eles não são o Teu povo. O Teu santo povo possuiu a terra por pouco tempo. Fomos expulsos dela, e agora os caldeus estão de posse dela, porém ela não lhes pertence. Nossos adversários pisaram o Teu santuário. Nós pertencemos a Ti; Tu nunca dominaste sobre eles, eles não foram chamados pelo Teu nome." Essa deve ser nossa oração. O mundo ímpio está em evidência em todo o seu resplendor, glória, abundância e, como o Salmo 73 o expressa: "Porque não há apertos na sua morte... Os olhos deles estão inchados de gordura..." Eles parecem ter tudo, enquanto que o povo de Deus é um grupo pequeno, sofredor, cheio de tribulação e problemas. O mundo zomba e diz: "Onde está o seu Deus?"

Nós deveríamos transformar isso numa oração, e com humildade, confiança e ousadia, deveríamos ir a Deus e dizer: "Oh, Senhor, como podes deixar isto continuar? Eles não são o Teu povo. Esse povo a quem estás permitindo ter tanta prosperidade - eles são blasfemadores, são Teus adversários e nossos também. Oh, Deus, como podes continuar fazendo isso? Embora sejamos fracos e débeis, embora estejamos abatidos, embora sejamos rebeldes, embora sejamos pecaminosos, embora nada tenhamos que nos recomende, Deus, tenha misericórdia de nós. Tu és nosso Deus. Olha para nós, atenta para nós, sorri para nós, reconheça-nos e volta para nós. Oh, não continues a Te afastar. Volta para nós.

Volte, ó santa Pomba, retorne,
Doce mensageiro de descanso!

W. Cowper

Ainda somos Teu povo. Eles não são. Volta para nós, levanta-Te e liberta-nos. Tem misericórdia de nós."

Deus, concede-nos a graça de orarmos como o profeta orou!

24

Avivamento: A Presença do Espírito de Deus entre Nós

Oh! se fendesses os céus e descesses! se os montes se escondessem diante da tua face! (Isaías 64:1).

Ao chegarmos ao fim do nosso estudo deste grande assunto, vamos considerar o que descrevi como a segunda grande petição na oração do profeta Isaías neste momento crítico na vida e na história do seu povo, quando eles estavam numa condição desamparada e assolada. O profeta, como devem lembrar, tendo visto a situação, decidiu orar a Deus, não Lhe dando descanso ou paz, e não dando a si mesmo descanso, até que Jerusalém novamente se tornasse "um louvor na terra". E temos considerado suas orações exatas.

Este homem sabia como orar, e não precisava de instruções sobre oração. Orar não é fácil; desde que somos o que somos, orar é difícil e precisamos instruções a respeito. Se nunca sentimos o que os discípulos de nosso Senhor sentiram quando voltaram-se para Ele certa tarde, pedindo, "Senhor, ensina-nos a orar," é provavelmente porque nunca oramos em verdade! Assim Deus, em Sua bondade, providenciou abundantemente para nós, através de padrões, exemplos e ilustrações, e vimos que o profeta as examina aqui. Ele vê como Deus lidou com Seu povo no passado, e então tendo feito isso, ele Lhe implora que olhe para eles agora, atente para a sua condição, e mostre novamente o interesse que lhes demonstrou no passado. Ele deseja ver a face de Deus outra vez, sentir que Ele está bem-intencionado a respeito deles novamente, e que tem novamente um amoroso interesse por Seu povo.

Todavia Isaías não se limita a isso, e verdadeira oração através dos tempos nunca se limitou a isso; ela nunca pode se satisfazer somente com isso. Há sempre esta petição adicional, que está contida neste capítulo 64. Aqui novamente vemos que há realmente apenas uma oração, a qual tem todas as características que a verdadeira oração sempre inclui. Observem a primeira palavra: "Oh!" Lembrem-se que verdadeira oração é sempre caracterizada pelo uso dessa palavra,

"Oh!" "Oh! se fendesses os céus." Não há palavra que melhor expresse anseio do que essa. Ela expressa a sede de um profundo anelo, é o clamor de um homem no fim dos seus recursos, esperando, buscando e ansiando por Deus.

Essa é uma característica óbvia, mas também encontramos aqui, como já vimos, a alternação entre petição e confissão, as reivindicações que são feitas, e todos os argumentos e discussões com Deus. Estas sempre são características da verdadeira oração. Em outras palavras, este homem realmente está, como ele mesmo diz, agarrando-se a Deus. Ele está se levantando para orar, e ele agarra-se a Deus. É uma expressão extraordinária, e no entanto, como é verdadeira! Isso é verdadeira oração - não uma mera expressão casual dos nossos desejos, não algo mecânico e superficial. Oração verdadeira significa agarrar-se a Deus e não deixá-lO ir. Vocês a vêem exemplificada no famoso incidente com Jacó, lutando com o "homem" que lhe apareceu naquela noite crítica antes do seu encontro com seu irmão Esaú. Jacó lutou com ele, contendeu com ele, e quando o dia amanheceu e o homem disse que precisava ir, Jacó disse: "Não te deixarei ir, se me não abençoares" (Gênesis 32:26). Agarrando-se a Deus, pleiteando com Ele, discutindo, até mesmo implorando, e afirmo que é somente quando o cristão chega a essa condição que ele verdadeiramente começa a orar.

Assim temos aqui sua grande petição final: "Oh! se fendesses os céus e descesses!" Não hesito em declarar que esta é a oração suprema em conexão com um avivamento. É claro que não há nada de errado em orar sempre para que Deus nos abençoe, que atente para nós, e que seja gracioso para conosco - essa deveria ser nossa oração constante. Entretanto isto vai além, e é aqui que vemos a diferença entre aquilo pelo que a Igreja deveria estar sempre orando, e a oração especial, peculiar e urgente por uma visitação do Espírito de Deus num avivamento. Não há palavras que expressem isto de forma melhor do que esta frase de um hino de Cowper:

Oh, fende os céus, desce depressa,
E torna milhares de corações a Ti.

Não é comum vermos milhares de corações voltando-se para Deus em Cristo. Ou será? Contudo é isso que acontece num avivamento. Cowper fez a petição certa - "Fende os céus" - e quando Deus fende os céus, veremos mil, ou três mil, como no dia de Pentecoste - "Torna milhares de corações a ti." Esta é uma oração por algo fora do comum,

algo excepcional, e ao mesmo tempo lembra-nos do que o avivamento realmente é; não há forma melhor de colocá-lo do que esta. É Deus descendo, Deus, não Se limitando a nos conceder bênçãos. Temos que usar tais termos, e no entanto, num sentido, eles são muito tolos. Tudo que Deus faz é maravilhoso, assombroso, transcende tudo que possamos imaginar, e no entanto encontramos estes contrastes nas Escrituras, entre Deus fazendo o que Ele normalmente faz, e Deus fazendo algo fora do comum, Deus descendo. Quero citar novamente uma declaração encontrada no diário de George Whitefield, sobre uma ocasião quando ele estava pregando em Cheltenham. Ele diz que, repentinamente, durante seu sermão, "Deus, o Senhor, desceu entre nós". É disso que estou falando. George Whitefield foi um homem que raramente pregava sem estar consciente da unção e do poder do Espírito Santo, porém havia variações até mesmo em seu ministério, e ali, em Cheltenham, algo excepcional aconteceu, tão excepcional que ele o registrou. Deus desceu. Oh, sim, eles tinham desfrutado da presença e das bênçãos de Deus antes, mas não desta forma; algo maravilhoso tinha acontecido, Deus estava em seu meio, Deus tinha descido. Isso é exatamente o que acontece durante um avivamento.

O que significa? Bem, podemos descrevê-lo desta forma. É uma consciência da presença de Deus o Espírito Santo literalmente em meio ao povo. Provavelmente a maioria de nós que estamos aqui nunca tivemos essa experiência, no entanto isso é exatamente o que significa uma visitação do Espírito de Deus. É algo acima e além das maiores e mais elevadas experiências da vida e da obra normal da Igreja. Subitamente os que estão presentes na reunião conscientizam-se de que alguém está entre eles, e têm consciência de uma glória e de uma presença entre eles. Não podem defini-lo, nem podem descrevê-lo, não conseguem colocá-lo em palavras, apenas sabem que nunca experimentaram nada semelhante antes. Às vezes o descrevem como "dias de céu na terra". Realmente sentem que estão no céu - esquecem-se do tempo, transcendem isso, o tempo perde sentido para eles, perde a sua realidade, eles estão numa dimensão espiritual. Deus desceu entre eles e encheu o lugar e o povo com um senso da Sua gloriosa presença.

E sempre, é claro, acompanhando isto temos o que o profeta enfatiza aqui de forma particular: é também uma manifestação do poder de Deus, não só da glória e da radiância da presença de Deus, mas especialmente do Seu poder. Observem os termos que ele usa: "Oh!," ele diz, "se *fendesses* os céus". Há um processo de romper, Deus irrompendo em seu meio. Lemos que Ele desceu para que "os

montes se escondessem diante da tua face", estas grandes montanhas que parecem eternas, que estão sempre ali, quer o vento sopre ou não, quer a chuva caia ou seja retida, quer o sol brilhe ou o céu esteja encoberto. Estas são montanhas eternas, mas quando Deus desce até mesmo as montanhas se escondem. Ou, considerando outra comparação que ele faz: "Como quando o fogo inflama a lenha" - fogo com seu tremendo poder. Considerem um pedaço de metal, de minério, como parece sólido, porém, lancem-no na fornalha e ele começa a derreter e a escorrer, sob o grande poder do fogo. Ou, como ele diz em outra comparação, "como quando faz ferver as águas". Vocês já observaram o movimento de água fervendo? O que o causa? É o fogo, é o calor, é o poder da chama, fazendo a água ferver e borbulhar. O profeta usa estas imagens muito vívidas e dramáticas para comunicar uma idéia do poder de Deus.

Não há dúvida de que neste ponto o profeta estava pensando no que Deus fez no Monte Sinai ao dar a Lei. Lemos em Êxodo, capítulo 19:

> *E aconteceu ao terceiro dia, ao amanhecer, que houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um sonido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e o seu fumo subiu como fumo dum forno, e todo o monte tremia grandemente. E o sonido da buzina ia crescendo em grande maneira; Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta. E, descendo o Senhor sobre o monte de Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu.*

Isso foi algo que acontecera na história primitiva dos filhos de Israel, algo que eles nunca esqueceram. Deus lhes deu essa manifestação de Si mesmo, da Sua glória e do Seu poder, para que quando empreendessem a sua jornada eles nunca tivessem medo. Eles encontrariam nações hostis, inimigos se levantariam contra eles, mas que importava? Ali estava um Deus que podia estremecer montanhas, e é por isso que o profeta está orando. Ele compreende que está orando a um Deus que ainda é o mesmo e que ainda pode fazer o que fez nos dias da antigüidade.

Este, então, é o poder pelo qual nós, também, deveríamos orar. Na verdade, metade dos nossos problemas em nossas orações devem-se ao fato de que não compreendemos a grandeza e o poder de Deus.

Ficamos perturbados com os inimigos da Igreja, vemos a arrogância e o poder do mundo, no entanto há uma profecia que se cumprirá um dia: "Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há, se queimarão" (II Pedro 3:10). Esse dia está chegando, não tenham dúvida quanto a isso; esse é o poder de Deus. Este universo sólido, estas montanhas eternas, os elementos, todos juntamente se derreterão, tudo será dissolvido e desintegrado. Os céus passarão, o céu e a terra passarão. Então devemos nos lembrar a quem oramos. Ele é um Deus de grande poder. "Oh! se fendesses os céus e descesses! se os montes se escondessem diante da tua face!" Esse é o poder de Deus, e não podemos perder isto de vista.

O apóstolo Paulo, também, coloca-o desta forma. Havia problemas na igreja de Corinto, e o apóstolo lhes escreve: "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para a destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (II Coríntios 10:4-5). Compreendemos este poder de Deus? Temos uma concepção clara de seu caráter ilimitado? Será que nós, cristãos modernos, entendemos que "as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para a destruição das fortalezas"? Vocês ainda estão perturbados com todas essas filosofias, ideologias e políticas, e tudo que se opõe a Deus - todos esses movimentos anti-Deus? Por que todo esse falatório a respeito do inimigo? Esquecemo-nos do poder de Deus? Nosso Deus é um Deus que pode fender os céus, e fazer com que as montanhas se escondam e o mar ferva, como se fosse água numa panela. O Deus eterno. O poder de Deus - é por isso que o profeta está orando. Ele ora para que a glória e o poder de Deus sejam manifestos. Estaríamos fazendo essa oração? É esse o nosso desejo mais profundo? Estaríamos realmente preocupados com a situação atual? Por que Isaías orou desta forma? E por que nós não oramos da mesma forma? Por que deveria este tipo de oração ser limitado a certas pessoas, aqui e ali, na longa história da Igreja? Por que todos os cristãos não sentem isto?

Essa é a pergunta, mas permitam-me colocá-la de forma positiva. Por que devemos orar dessa forma? Que seja essa nossa segunda consideração. O profeta responde essa pergunta. Ele tem uma razão, estes homens de Deus sempre têm uma razão para orar, e você e eu também devemos ter razões para orar, ou nunca oraremos. O profeta está orando para que Deus venha como quando o fogo inflama a lenha

e faz ferver as águas (versículo 2), e o motivo desta oração é este: "Para fazeres notório o teu nome aos teus adversários." Essa é a primeira razão, e observem que na Bíblia é sempre a primeira razão. Estes homens oraram a Deus desta forma, porque tinham um zelo pelo nome e pela glória de Deus. Desce, ele diz, para que Teus adversários conheçam o Teu nome. Observem que ele diz que eles são adversários *de Deus*. Por que não diz que são *nossos* adversários? Isso teria sido verdade, sim, porém ele tem um discernimento mais profundo do que isso. E é neste ponto que tantas vezes erramos. Insistimos em considerar a Igreja como uma instituição humana, estamos lutando por nossas vidas, tentando manter as portas abertas, tentando manter a igreja em funcionamento, e assim estabelecemos nossas comissões e multiplicamos nossas organizações - nossos adversários, é contra eles que estamos lutando. Não, diz o profeta, eles são adversários de Deus.

Então, se vocês e eu não virmos além do visível, somos simples noviços no mundo espiritual. Falamos sobre as manifestações do mal; a Bíblia está preocupada com a causa definitiva do mal. Observem que a luta não é meramente uma luta contra o rádio e a televisão, o automóvel e todas estas coisas; não, esta não é a luta. Nem sequer é contra homens. O apóstolo Paulo vê isto claramente, e diz: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue" (Efésios 6:12), esse não é o problema. Não são os homens e o que eles fazem. Não lutamos contra carne e sangue - contra o quê, então? Contra "os principados, contra as potestades, contra os princípes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Estas coisas visíveis são meros peões, joguetes, nada mais que os instrumentos e canais; é o diabo, é o inferno, odiando a Deus - "Teus adversários". Então a primeira razão para orarmos que Deus desça é que Seu nome seja conhecido e reconhecido entre Seus adversários. Esse é o problema com o mundo, ele não conhece a Deus. E o mundo nunca se interessará na mensagem cristã enquanto não tiver algum conhecimento de Deus.

Oh, a Igreja tem estado cega em relação a isto. Ela vem tentando atrair pessoas a si mesma por cinqüenta anos, ou mais, através de programas populares, dramas, músicas e tantas outras coisas, tentando interessar as pessoas, especialmente os jovens, mas eles não vêm. É claro que não! Eles precisam primeiro conhecer o nome do Senhor, e então eles virão. A razão por que homens e mulheres estão fora da Igreja é que não conhecem a Deus, não conhecem Seu nome. "Para fazeres notório o teu nome aos teus adversários," diz Isaías. E eles só o conhecerão quando virem uma manifestação dele; por isso

oramos, "Desce, vem, fende os céus, para que Teus adversários conheçam o Teu nome". Nada mais os fará escutar, exceto isso. Já tentamos tudo o mais, não é mesmo? A Igreja nunca foi mais magnífica em suas organizações do que como é hoje e como tem sido em todo este século. Ela está usando todos os recursos que o mundo usa e que pode lhe dar, contudo as estastísticas continuam repetindo sua história deprimente. Uma conferência eclesiástica após outra confirma um sério declínio no seu rol de membros, e assim por diante. Qual é o problema? Estas pessoas não conhecem o nome do Senhor, e há somente uma coisa que podemos fazer; precisamos orar que Ele rompa os céus e faça o Seu nome conhecido, para que não só conheçam o Seu nome, e sim, mais do que isso, para que as nações "tremessem da tua presença", para que, conhecendo o nome do Senhor, possam começar a temê-lO, e a abandonar o pecado.

Este é um grande tema tanto do Velho Testamento como do Novo. No Salmo 99 o salmista diz: "O Senhor reina; tremam as nações: Ele está entronizado entre os querubins; comova-se a terra." O senhor reina. Que os povos tremam, porque Ele é o Deus vivo, o Deus eterno, o Deus em cujas mãos estão todas as coisas. Oh, a tragédia de um mundo que não O conhece; oh, a arrogância e o orgulho destas nações, povos e líderes que O desafiam. Ele os abalará, Ele abalará o seu mundo, e nada vai restar. Tudo será dissolvido, tudo desaparecerá.

Em Apocalipse, capítulo 6, lemos que, diante da manifestação da Sua glória, os reis e os poderosos da terra clamarão aos montes e aos rochedos: "Caí sobre nós, e escondei-nos... da ira do Cordeiro." O Senhor reina, que as nações tremam em Sua presença. No Salmo 46 o salmista falando sobre isto conclui com estas grandes palavras: "Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus" (versículo 10). Vós, insensatos que guerreais contra Deus, "Ele faz cessar as guerras" (Salmo 46:9). É claro que faz. Ele pode fazer qualquer coisa que quiser; não há nada que Ele não possa fazer. Ele criou tudo do nada, Ele disse: "Haja luz," e houve luz. Ele é o eterno Deus, o Criador, o sustentador dos confins da terra. "Aquietai-vos, e sabei" - e admiti - "que eu sou Deus". É por isso que este homem está orando. Oh, Deus, ele diz, por que não desces, para que estes Teus adversários conheçam o Teu nome, e tremam na Tua presença? Cristãos, eu não os entendo se não estão oferecendo este mesmo tipo de oração, ao verem a arrogância dos chamados intelectuais, e a impudência de tudo que se arroga ser cultura. Ao verem homens e mulheres, quer vestidos na última moda ou em andrajos, blasfemando o nome deste Deus santo, vocês não sentem vontade de pedir que Ele use apenas parte do Seu poder para

silenciá-los e fazê-los tremer em Sua santa presença? Isso foi o que este homem sentiu. Foi isso que o povo de Deus sempre sentiu quando verdadeiramente oraram por avivamento.

A última razão para esta oração é uma que Isaías dá no fim do capítulo - a condição do reino de Deus. Notem que ele coloca essa razão por último. *Nós* começamos com ela, é claro, pois somos todos tão subjetivos e egocêntricos que começamos conosco mesmos e terminamos conosco mesmos. Este homem não faz isso; oh, isso é o que o faz sofrer - esses adversários. "Vem," diz ele, "faze-os conhecer Teu nome, para que eles se humilhem diante de Ti" e, finalmente,

> *Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da iniqüidade; eis, olha, nós te pedimos, todos nós somos o teu povo. As tuas santas cidades estão feitas um deserto: Sião está feita um deserto, Jerusalém está assolada. A nossa santa e gloriosa casa, em que te louvavam nossos pais, foi queimada a fogo; e todas as nossas coisas mais aprazíveis se tornaram em assolação. Conter-te-ias tu ainda sobre estas calamidades, ó Senhor? ficarias calado, e nos afligirias tanto?*

Tem misericórdia de nós, dizem aqueles que oram por avivamento, e tem misericórdia da condição da Tua Igreja. Vê o que somos e lembra o que fomos no passado, pensa na Tua herança, a Tua própria Igreja, torna-a gloriosa novamente. Estas, então, são as razões para orarmos como o profeta orou.

Mas consideramos agora os estímulos para que oremos desta forma. Apenas mencionarei alguns por título, e vocês podem estudá-los por si mesmos. O primeiro estímulo para tal oração é o que Deus fez no passado. No versículo 3, Isaías diz: "Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos, descias, e os montes se escoavam diante da tua face." É como se ele estivesse dizendo: "Não estou pedindo o impossível. Estou simplesmente pedindo que faças o que fizeste no passado." Permitam-me repetir: o maior tônico para um espírito abatido é ler a história da Igreja. Leiam a história da Igreja, meus amigos; ela não começou quando Moody veio a este país, ela se estende muito antes disso, pelos séculos do passado. Leiam a história, e considerem o que Deus fez em épocas passadas. Não há nada mais estimulante à oração do que isso, e observem a forma interessante em que ele o coloca: "Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos." "Sabe", este homem realmente está dizendo em sua oração, "no passado, ó Deus, Tu surpreendeste Teu próprio povo. Fizeste coisas

que eles nunca teriam imaginado." Ele o fez, é claro, no Egito, quando eles estavam numa situação impossível; escravos nas mãos de um poderoso faraó e seus exércitos, e suas carruagens. Eles não tinham uma espada sequer, não tinham coisa alguma. Capatazes laceravam as costas daquele pobre povo com seus chicotes. Que esperança havia para eles? Contudo eles saíram de lá - Deus os libertou. "Fizeste coisas terríveis, que não esperávamos." O faraó não queria deixá-los ir, mas Deus o compeliu a ceder. Ele enviou pragas sobre faraó - pragas de piolhos, de rãs, de sangue no rio, e assim por diante. Deus fez tudo para humilhá-lo. Ele o reduziu a pó, e o povo de Deus saiu do Egito.

Logo depois, ali estavam eles, em frente ao Mar Vermelho, com as hostes de faraó atrás deles. Impossível? De forma alguma. Deus dividiu o mar. Este é o Deus a quem estamos adorando e a quem estamos orando quando vemos estas coisas "que não esperávamos". Ainda mais, no deserto, ali estavam eles, naquela erma e estéril vastidão, sem nada para comer; e Deus providenciou pão do céu para eles. Após isso, não havia água, e parecia que eles iam morrer de sede. Então, à ordem de Deus, Moisés feriu a rocha e dela jorrou água; "coisas... que não esperávamos." Esse é o nosso Deus, meus amigos.

Finalmente o Jordão - mas como poderiam cruzá-lo, como iriam entrar na terra da promessa? O Jordão estava transbordando. Mas o que é o Jordão para o nosso Deus? Ele o dividiu. Em seguida veio a conquista da terra, e as muitas libertações que Ele lhes deu. "Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos." Esse é o estímulo para que oremos.

Vocês e eu temos estímulos ainda maiores do que aqueles que o profeta Isaías tinha. A maior de todas as coisas aconteceu quando a plenitude dos tempos veio e Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei. Habitará Deus com o homem? Ele o fez. Deus rompeu os céus e enviou Seu Filho, e o Filho veio das nuvens em glória e entrou no ventre de uma virgem. Coisas que não esperávamos, coisas que jamais imaginaríamos - Deus as fez. Ah, sim, vocês dizem, mas Jesus de Nazaré foi derrotado por Seus inimigos, Ele foi preso, condenado e morto. Ele morreu, colocaram-nO num túmulo, e foi o fim. Não - estraçalhou, Ele partiu em pedaços os grilhões da morte, e levantou-Se triunfante da sepultura. A ressurreição está atrás de nós. Ele é o Deus da ressurreição, a morte foi conquistada, a sepultura perdeu seu poder. "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?"

No entanto, vocês talvez digam que isso não ajuda muito, porque Ele voltou para o céu e deixou apenas aqueles doze homens simples e

ignorantes, aqueles discípulos, aqueles chamados apóstolos. Que adiantava deixar doze homens assim num mundo hostil, tendo o judaísmo contra eles, os pagãos contra eles, o mundo todo contra eles, e o inferno contra eles? Mas vocês sabem o que aconteceu. Quando aqueles doze homens e alguns dos seus companheiros estavam reunidos num cenáculo durante a festa de Pentecoste, subitamente houve um som do céu como de um vento veemente e impetuoso. O que aconteceu? Oh, Deus fendeu os céus e desceu. É a descida do Espírito Santo. O som de um vento veemente e impetuoso enchendo a casa. Deus fendendo os céus. Podemos olhar atrás para aquele evento. Lembremos Deus dele. Ele é o mesmo Deus. Ele enviou o Espírito Santo naquela ocasião, e O tem enviado desde então. Leiam a história da Reforma Protestante, leiam a respeito do poderoso avivamento de duzentos anos atrás, que afetou Londres, as províncias, e muitos outros países. Leiam novamente a história de 1859. O que foi aquilo tudo? Céus fendidos! Deus fendendo os céus e descendo, vindo para o Seu povo, demonstrando o Seu poder e a Sua glória. "Um som, como de um vento, veemente e impetuoso." "Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos." Como é grande o encorajamento que recebemos da história, não é mesmo?

O profeta ,todavia, nos dá mais uma palavra de encorajamento aqui, quando ele lembra o povo do que é possível quando ora a Deus. Vocês observaram o versículo 4? "Porque desde a antigüidade não se ouviu, nem com os ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera." Oh, que encorajamento temos aqui! "Pelo que devo orar?"- alguém pergunta. Meu caro amigo, não há limite quanto ao que você pode pedir em oração, limite nenhum. Paulo diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam." Vocês compreenderam as possibilidades, ou ainda as estão restringindo com seus insignificantes limites? Elas são intermináveis, o homem não tem concepção delas, diz Paulo, nem mesmo a mais fértil imaginação pode concebê-las. Vão além de tudo isso.

Observem também como ele o coloca em Efésios, capítulo 3. Sua oração era que eles fossem capazes de compreender "com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus." Ele estava fazendo essa oração por cristãos como vocês e eu, e isso é cristianismo. Não é

apenas ser salvo, saber que seus pecados foram perdoados, e ser um bom e respeitável membro de igreja. É "para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus". Então ele continua, para que não haja dúvidas a respeito, e diz: "Ora, àquele que é poderoso para fazer..." por nós - o que? "... tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos." Essa é a medida.

Não é de surpreender que no hino que começa com as palavras "Vem, minh'alma, prepara a tua súplica, Jesus deleita-Se em responder à oração", John Newton diz:

Estás vindo diante de um Rei;
Traz pedidos grandes contigo,
Pois Sua graça e poder são tais
Que ninguém pode pedir demais.

Devíamos nos envergonhar das nossas insignificantes orações, colocando nossos limites no poder ilimitado de Deus!

"Mas," muitas pessoas dizem, "estamos no século vinte, não adianta nos falar de 1859, do século dezoito, da Reforma Protestante e do dia de Pentecoste. Veja os nossos problemas, olhe para este mundo sofisticado, o que você está dizendo?" "O olho não viu , nem o ouvido ouviu..."; "...muito mais abundantemente..." diz Paulo.

"O céu é o limite," diz o homem moderno. Mas estamos orando a Alguém que está acima do céu! Oh, fende os céus e desce, não há limites, estamos orando ao eterno e ilimitado Deus.

Permitam-me encorajá-los também com as promessas de Deus. Que palavras gloriosas encontramos no versículo 5: "Saíste ao encontro daquele que se alegrava e praticava justiça, daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos." Graças a Deus por isto. Como posso ter certeza que Deus vai ouvir minha oração e atender minha petição? Aqui está a resposta - Ele está pronto a sair ao encontro de certas pessoas. "Saíste ao encontro." Ele prometeu fazer isto. A quem Ele encontra? Ele sai ao encontro daqueles que praticam a justiça, e que se regozijam em fazê-lo. Ele sai ao encontro de todos os que esperam nEle, como lemos no final do versículo 4. Não tenham dúvidas sobre isso, meus caros amigos. Ouçam as palavras de Tiago: "Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós" (Tiago 4:8). É um fato, um fato seguro, Ele sai ao encontro de tais pessoas. "Buscar-me-eis, e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração." Vocês O têm buscado? Já O encontraram? Ele prometeu: cheguem-se a Ele, e Ele Se chegará a vocês. "Saíste ao encontro... daqueles que se lembram de ti

nos teus caminhos." Sim, Ele o faz. Bendito seja o Seu nome.

Por último, lembramos o caráter gracioso de Deus. Vocês ficaram perplexos com a estranha expressão no versículo 5? "Eis que te iraste, porque pecamos; neles há eternidade, para que sejamos salvos." O que significa isso? Significa simplesmente isto: "Oh, Deus," diz este homem, "Tu desviaste a Tua face de nós porque pecamos; estás descontente conosco. Tua ira e o Teu furor estão contra nós por causa da nossa pecaminosidade." Eu sei, diz este homem, e então ele fala estas ousadas palavras: "Mas tu sabes, oh Deus, que isso não é próprio de Ti. Tu não ages assim sempre. *Neles há eternidade."* É nessa expressão Isaías está se referindo à promessa de Deus de sair ao encontro daquele que "se alegra e pratica a justiça". A ira de Deus é temporária, Sua misericórdia dura para sempre. Graças a Deus, diz este homem, eu sei que a Tua misericórdia, o Teu amor e a Tua compaixão são mais profundas que a Tua ira, e por isso eu me agarro a elas.

Ouçam o Salmista dizendo a mesma coisa: "Porque a sua ira dura só um momento; no seu favor está a vida; o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã" (Salmo 30:5). Graças a Deus a noite não é perpétua. O Deus da manhã, o Deus de amor, o Deus de compaixão, não repreenderá para sempre, diz o Salmista no Salmo 103 -"Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira", porém "neles há eternidade" - misericórdia, amor, compaixão, piedade. Agarremo-nos a isto, nisto há eternidade, e seremos salvos.

Mas Tuas compaixões, Senhor,
Perduram por anos sem fim,
E os filhos dos filhos sempre descobrem
Que Tua palavra de promessa é segura.

Isaac Watts

Oh, que abençoado estímulo para orar! O caráter de Deus, não só a Sua força, o Seu poder e a Sua glória, mas Sua compaixão, Sua benignidade, Sua terna misericórdia, sim, Sua graça abundante até mesmo para o mais vil pecador. Quando ainda estávamos mortos em pecados, quando ainda éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte do Seu Filho. "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Romanos 5:8).

O desagrado de Deus está sobre a Igreja por causa do seu pecado,

por causa da sua apostasia e rebelião, porém se ela verdadeiramente se arrepender e O buscar, Ele sairá ao seu encontro. "Então dali buscarás ao Senhor teu Deus, e o acharás, quando o buscardes de todo o teu coração e de toda a tua alma" (Deuteronômio 4:29).

Busque-O, apresse-se a invocar o Seu nome. Agarre-se a Ele, pleiteie com Ele como seu Pai, seu Criador, seu Oleiro, seu Guia, seu Deus. Pleiteie as Suas próprias promessas. Clame a Ele e diga: "Oh! se fendesses os céus e descesses!"

Oh, fende os céus, desce depressa,
E torna milhares de corações a ti.

W. Cowper

"Não creio que nossa época tenha visto uma exposição mais poderosa ou profunda do assunto do avivamento, do que a apresentada neste livro."
Dr. J.I. Packer

A Igreja precisa de avivamento em cada época - certamente hoje mais do que nunca. E no coração de cada crente dedicado há um anseio por avivamento pessoal - um anseio por experimentar a qualidade, a profundidade da realidade espiritual, e da presença de Deus em nossa vida pessoal.

Este era o profundo desejo do Dr. Martyn Lloyd-Jones, um dos maiores expositores bíblicos do século vinte. Foi também o propósito que motivou esta série de mensagens, que foram pregadas no centésimo aniversário do Grande Avivamento que começou no País de Gales, varreu a Inglaterra e estendeu-se através do Estados Unidos e finalmente aos cantos mais remotos da terra. Como o Dr. Lloyd-Jones reconheceu, é um período raro na história da Igreja quando há um grande derramamento do Espírito Santo - e um período de especial interesse para cada cristão que anseia por avivamento hoje.

Como o Dr. J. I. Packer escreve em seu prefácio, o Dr Lloyd-Jones acreditava na "necessidade de avivamento - ou seja, uma visitação divina vivificadora - como o único evento que pode, em última análise, evitar desastre espiritual. A urgência dos sermões deste livro dá testemunho da profundidade de sua convicção de que sem avivamento na Igreja, não há qualquer esperança para o mundo ocidental."

O Dr. Lloyd-Jones habilmente extrai princípios das vidas de personagens do Velho e Novo Testamento, e também disserta a respeito de algumas das grandes orações da Bíblia. Ele apresenta, de forma clara a vigorosa, uma exposição magistral das circunstâncias que acompanharam os avivamentos do passado, por que cada geração precisa de avivamento, e como ele pode acontecer hoje em dia. Devemos chegar diante da presença do Deus soberano, abandonar nosso pecado, e esperar nEle por este derramamento especial e essencial. Senhor, dá-nos avivamento!

O **Dr. Martyn Lloyd-Jones** é reconhecido como um dos mais talentosos pregadores e escritores deste século. Ele serviu como pastor de Westminster Chapel de Londres por 25 anos, e pregou extensamente nos Estados Unidos e na Europa. Através de seus escritos devocionais, comentários e outros livros, Lloyd-Jones teve uma profunda influência sobre a Igreja e sobre as vidas de milhares ao redor do mundo.

Publicações Evangélicas Selecionadas
Rua 24 de maio, 116 - 3º andar - sala 17 — 01041 São Paulo, SP